



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Tese de Doutorado

A revista "O Jovem Luterano": educação,
doutrinação e sociabilidade na identidade
juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971)

Elias Kruger Albrecht

Pelotas, 2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



Tese de Doutorado

**A revista “O Jovem Luterano”: educação, doutrinação e sociabilidade
na identidade juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971)**

Elias Kruger Albrecht

Pelotas, 2024

Elias Kruger Albrecht

**A revista “O Jovem Luterano”: educação, doutrinação e sociabilidade
na identidade juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação. Área do conhecimento: História da Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Weiduschadt

Pelotas, setembro de 2024

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

A338r Albrecht, Elias Kruger

A revista “O Jovem Luterano” [recurso eletrônico] : educação, doutrinação e sociabilidade na identidade juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971) / Elias Kruger Albrecht ; Patrícia Weiduschadt, orientadora. — Pelotas, 2024.
370 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Revista “O Jovem Luterano”. 2. Sínodo de Missouri. 3. Educação. 4. Sociabilidade. 5. Identidade juvenil. I. Weiduschadt, Patrícia, orient. II. Título.

CDD 370

Elias Kruger Albrecht

A revista “O Jovem Luterano”: educação, doutrinação e sociabilidade na identidade juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971)

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 23 de setembro de 2024

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Patrícia Weiduschadt (Orientadora) – UFPEL
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
Pós-Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Prof. Dr. Elomar Antônio Callegaro Tambara – UFPEL
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

Prof. Dr. Eduardo Arriada – UFPEL
Dr. em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.
Pós-Doutorado na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, nos Estados Unidos; e
Pós-Doutorado na *University of Canterbury* na Nova Zelândia.

Prof.^a Dr.^a Lisiane Sias Manke – UFPEL
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas –UFPEL.
Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Arendt – UNISINOS
Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Dedico esta tese à minha família, principalmente à minha mãe Norma, pelo apoio incondicional; à Prof.^a Dr.^a Patrícia Weiduschadt, pela oportunidade de aprender com ela e por todo o suporte recebido na escrita da tese. Aos meus amigos, em especial ao Dr. Vinícius Da Silveira Ramm, pela assistência fisioterapêutica constante e pela amizade sincera que cultivamos; obrigado por humanizar a minha jornada de tratamento e por tudo que fez e continua fazendo por mim.

Agradecimentos

Esta tese de doutorado é o resultado de um longo processo de pesquisa e amadurecimento de ideias, no qual enfrentei momentos de incertezas, ansiedades e convicções. Desde a escolha do tema de estudo, da busca por fontes, da análise e categorização dos dados, da definição do período estudado, até a expectativa das respostas às questões da pesquisa e a partilha em eventos acadêmicos, diversos foram os passos percorridos no percurso do projeto que culminou na presente tese. Este trabalho representa, portanto, um período significativo da minha existência. Um caminho que não trilhei sozinho, mas sim com o auxílio de familiares, amigos e instituições que estiveram presentes e me apoiaram ao longo da elaboração deste estudo. Acredito que a ajuda e a colaboração são necessárias tanto no plano pessoal quanto no plano acadêmico. Quero agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram e colaboraram para que eu pudesse obter êxito na finalização desta pesquisa. E registrar a minha gratidão também a Deus pelas bênçãos em minha vida.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Patrícia Weiduschadt, fica o meu reconhecimento pela sua contribuição para o meu crescimento intelectual como pesquisador e historiador. Saliento o apoio e incentivo a mim dispensado durante a realização deste trabalho. Obrigado pelas críticas construtivas, discussões e reflexões que foram fundamentais para a conclusão deste projeto.

Aos professores membros da banca examinadora, Prof. Dr. Elomar Tambara, Prof. Dr. Eduardo Arriada, Prof.^a Dr.^a Lisiane Sias Manke e Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Arendt, agradeço pelos pertinentes apontamentos que engrandeceram este estudo.

Agradeço, em especial a minha família, meus pais Paulo e Norma, que me deram a vida e me ensinaram princípios e valores, além de estarem sempre ao meu lado dando suporte e estrutura afetiva para que eu pudesse obter êxito no meio acadêmico. Às minhas irmãs, Elissandra e Paula Daiana, cunhados Eliézer e Leandro, pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida pessoal e acadêmica. Aos meus sobrinhos Mateus, Maiara e Henry Gabriel, tesouros que Deus colocou em minha vida.

Dedico gratidão, ainda, aos meus amigos e amigas, que sempre me incentivaram e acreditaram na minha capacidade de vencer os obstáculos que a vida me impõe. Não

poderei mencionar a todos, mas quero registrar aqui o carinho e a admiração que tenho por cada um de vocês. Obrigado por dividirem comigo as minhas angústias e alegrias, pelas longas conversas, pelos conselhos, pela ajuda, pelo abraço amigo e por nunca me deixarem desistir dos meus sonhos.

Quero registrar também o meu reconhecimento aos colegas do CEIHE — Centro de Estudos e Investigação em História da Educação e aos demais amigos do meio acadêmico, pela amizade e cooperação na construção e socialização do conhecimento.

Agradeço também aos professores e funcionários do programa de pós-graduação em Educação PPGE/UFPEL, e à CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo fomento da minha pesquisa.

Aos cooperados e aos motoristas da COOESC — Cooperativa dos estudantes de Canguçu que não mediram esforços, nem apoio logístico para facilitar o meu embarque e desembarque, fica aqui a minha gratidão pela ajuda e compreensão.

Como pessoa com deficiência física, quero registrar aqui o meu reconhecimento a todos os profissionais da clínica de fisioterapia Inove, de Canguçu-RS, pelo acolhimento excepcional que tenho recebido ao longo desses anos dedicados ao meu bem-estar físico e à melhoria da minha qualidade de vida. Agradeço aos fisioterapeutas Drs. Adriel Coutinho Gomes e Vinicius Da Silveira Ramm, que transformam cada sessão de fisioterapia em um momento repleto não apenas de cuidados, mas também de conexão e empatia que fazem toda a diferença. Cada movimento meu reflete um pouco do trabalho dedicado de vocês.

Para concluir, mas não menos importante, agradeço ao Seminário Concórdia, centro de formação teológica da Igreja Evangélica Luterana do Brasil — IELB situado em São Leopoldo-RS, por possibilitar o acesso, durante a realização da pesquisa ao acervo da revista “O Jovem Luterano” salvaguardado na biblioteca da referida instituição; bem como a todos que gentilmente me concederam acesso aos registros pessoais, em particular, aos participantes da pesquisa, que se mostraram receptivos e contribuíram com suas edições da revista e *insights* valiosos sobre suas experiências e memórias relacionadas ao uso e à apropriação do periódico em sua juventude.

A todos vocês, o meu muito obrigado!

Jovem, aproveite a tua mocidade e seja feliz nos dias da sua juventude. Faça tudo o que quiser e siga os desejos do seu coração. Mas saiba que por todas essas coisas Deus o trará a julgamento.

Bíblia sagrada, Eclesiastes 11:9

“Ser jovem significa: Viver na fase da vida em que se deixa para trás os tempos de infância e se começa a entrar na vida adulta, rumo à maturidade. É tempo de se descobrir a si próprio, o corpo a sexualidade, os sentimentos, as amizades, os namoros, a sociedade. É tempo de amadurecer o caráter e definir as opções vocacionais, profissionais e sentimentais. É tempo de se defrontar com novidades, diferenças, desafios, conflitos. É tempo, enfim, de amadurecer, para uma vida adulta equilibrada”.

Dieter joel Jagnow (2003, p. 9).

Resumo

ALBRECHT, Elias Kruger: A revista “O Jovem Luterano”: educação, doutrinação e sociabilidade na identidade juvenil do Sínodo de Missouri (1929-1971). 2024. 370 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Esta tese tem por objetivo problematizar como a revista “O Jovem Luterano”, produzida sob coordenação do Sínodo de Missouri, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil, influenciou a formação social e religiosa dos jovens pertencentes a essa instituição religiosa. O recorte temporal estudado compreende o período de circulação da revista, que vai de 1929 a 1971. A pesquisa mobiliza a referida publicação como fonte e objeto dentro da perspectiva da análise documental, (Bacellar, 2008; Luca, 2008), e toma, em particular, sete narrativas de leitores da mesma, mobilizadas pela metodologia da História oral (Alberti, 2005). O estudo, assim, encontra-se inserido no campo da História da Educação, sendo analisado na perspectiva teórica da História Cultural. Apoia-se nos conceitos de cultura, civilização e configuração social de Norbert Elias (1993 e 2011), procurando caracterizar os processos civilizatórios de formalização dos costumes, das tradições e redes de sociabilidade em sociedades particulares, concebendo a juventude como uma construção cultural conforme Stuart Hall (2014), que enfatiza a natureza fluída, construída e negociada da identidade. Os preceitos de Michael de Certeau (2011) dão o suporte necessário para decifrar as estratégias e táticas educativas e formativas pensadas e utilizadas pela instituição luterana, provedora do impresso, bem como pelos jovens leitores da revista. A materialidade, circulação e apropriação da revista foram abordados sob a ótica de Roger Chartier (1990, 1999, 2001, 2002) e à luz da teoria transnacional e das histórias cruzadas (Werner; Zimmermann, 2003; Schwriewer; Caruso, 2005) para entender circulação além-fronteiras. Defende-se a tese de que a revista “O Jovem Luterano” foi um espaço de aprendizagem, orientação e integração social criado com o intuito de fortalecer a identidade luterana dos jovens do Sínodo de Missouri. Consolidou-se como um complemento educacional, destinado a aprimorar e expandir os conhecimentos familiares e escolares, aprimorando as experiências da instrução religiosa no período confirmatório. Teve como objetivo contribuir para a formação integral dos jovens luteranos, oferecendo oportunidades para aprofundar a compreensão da doutrina luterana, das relações interpessoais e das questões éticas e morais, enquanto seus leitores desenvolviam habilidades de leitura, escrita e interpretação. Além disso, buscava proporcionar uma base de conhecimentos sociais e culturais, estimulando a interação entre os jovens, sem perder a referência aos princípios doutrinários do Sínodo de Missouri. Por fim, conclui-se que as finalidades educativas, doutrinárias e socializadoras da revista “O Jovem Luterano” refletiam o compromisso da publicação em promover a formação da identidade dos jovens luteranos, que por intermédio das suas páginas tiveram a oportunidade de se conectarem, compartilharem

experiências, trocarem informações e fortalecerem os laços de solidariedade e fraternidade que os unia como membros de uma mesma tradição religiosa.

Palavras chave: Revista “O Jovem Luterano”; Sínodo de Missouri; Educação; Sociabilidade; Identidade juvenil.

Abstract

ALBRECHT, Elias Kruger: “O Jovem Luterano” (The Lutheran Youth Teen) magazine: education, indoctrination and sociability at the youth identity of Missouri Synod (1929-1971). 2024. 370 f. Thesis (Ph.D. in Education) - Postgraduate Program in Education, PPGE, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

This dissertation aims to discuss how the magazine “O Jovem Luterano” (The Lutheran Youth Teen), created under the coordination of Missouri Synod, current Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB (Evangelical Lutheran Church of Brazil), affected social and religious education of the young adults pertaining to that religious institution. The timeline in this case comprehends the period of the magazine circulation, from 1929 to 1971. The research mobilizes the journal as source and object under the perspective of documentary analysis (Bacellar, 2008; Luca, 2008) and refers particularly to seven narratives of its readers, gathered by the methodology of Oral history (Alberti, 2005). The study therefore is inserted in the field of History of education and analyzed under the theoretical perspective of Cultural history. It rests upon the concepts of culture, civilization and social structure of Norbert Elias (1993 and 2011), aiming to mark the civilizing processes of ritual, tradition and social network formalization within communities, designing the youth as a cultural construction according to Stuart Hall (2014), which emphasizes the fluid, constructed and negotiated nature of identity. The precepts of Michael de Certeau (2011) give necessary support to decode strategies as well as educational and training tools designed and used by the Lutheran institution, provider of the publication, and the young readers of the magazine. The materiality, circulation and ownership of the magazine had been considered under the perspective of Roger Chartier (1990, 1999, 2001 and 2002) and according to the transnational theory and intersecting stories (Werner; Zimmermann, 2003; Schwriewer; Caruso, 2005) in order to understand the cross-border circulation. There is a proposition that stands for the “O Jovem Luterano” magazine as a space for learning, guidance and social integration created for the purpose of strengthening the Lutheran identity among the youths within the Missouri Synod community. It was consolidated as a complementary learning, aiming to enhance and expand family and student skills, improving the experiences of religious education during the stage of confirmation. Its goal was to contribute for full vocational training of young Lutherans, offering opportunities to improve the understanding of Lutheran doctrine, interpersonal relations and ethical and moral issues, whereas its readers had been developing reading, writing and interpretive skills. Besides, it pursued to provide a social and cultural knowledge base, encouraging interaction among the youths, without losing reference to the doctrinal principles of Missouri Synod. Lastly, it came to the conclusion that the educational, doctrinal and socializing purposes of “O Jovem Luterano” magazine mirrored the publication commitment in promoting identity formation of young Lutherans, who, by the means of its pages, had the opportunity to connect and share experiences, exchange

information and strengthen bonds of solidarity and fraternity that united them as members of a same religious tradition.

Keywords: “O Jovem Luterano” magazine; Youth; Missouri Synod; Education; Sociability; Identity.

Lista de figuras

Figura 1	Capas da Revista “O Jovem Luterano” das décadas de 1930, 40, 50, 60 e 70.....	31
Figura 2	Registro da pasta de catalogação da revista por assuntos de aproximação.....	59
Figura 3	Registro de exemplo de planilha de catalogação.....	60
Figura 4	Organograma administrativo da IELB.....	73
Figura 5	<i>Waltherliga Brasilians</i> , dez./1928.....	94
Figura 6	<i>Der Waltherliga-Bote</i> , abr./1929.....	94
Figura 7	<i>Der Waltherliga-Bote” jan. 1930</i>	97
Figura 8	<i>Der Waltherliga-Bote” mar. 1934</i>	97
Figura 9	<i>Der Waltherliga-Bote</i> , abr.1934.....	102
Figura 10	<i>Der Waltherliga-Bote</i> , jul. 1938.....	102
Figura 11	<i>Der Waltherliga-Bote set. 1935</i>	103
Figura 12	<i>Der Waltherliga-Bote</i> , set. 1933.....	106
Figura 13	Texto em língua alemã e em língua portuguesa.....	108
Figura 14	Exemplares da revista “O Jovem Luterano”, da década de 1940.....	115
Figura 15	Revista “O Jovem Luterano”, jun. 1954.....	117
Figura 16	Revista “O Jovem Luterano”, set.1968.....	117
Figura 17	Revista O Jovem Luterano”, fev. 1970.....	118

Figura 18	Revista “O Jovem Luterano”, jun. 1971.....	118
Figura 19	Texto censurado pelo conselho da igreja.....	126
Figura 20	Questionário Conhecimentos Bíblicos.....	155
Figura 21	Questionário Conhecimentos Gerais.....	155
Figura 22	Repostas das atividades do mês de mar./abr. de 1961.....	157
Figura 23	Quebra Cabeça Bíblico.....	158
Figura 24	Caixa de segredos e Charada Bíblica	162
Figura 25	A escolha do futuro cônjuge.....	178
Figura 26	Página das moças.....	191
Figura 27	Homenagem ao dia das mães.....	196
Figura 28	Acampamento de carnaval, União Juvenil de São Paulo/SP.....	215
Figura 29	Passeio de verão, União juvenil de Capão Bonito, Canguçu/RS.....	215
Figura 30	Brincadeira de roda.....	223
Figura 31	Brincadeira do Túnel.....	223
Figura 32	Anúncios de contratos de casamento.....	229
Figura 33	Partida de voleibol masculino.....	238
Figura 34	Corrida feminina, promovida pela juventude de Serro Azul.....	241
Figura 35	Equipe feminina de voleibol de Videira, junto com o técnico.....	241
Figura 36	Equipe feminina de futsal de vassoura da Vila Progresso Santa Cruz/RS.....	244
Figura 37	Equipe de futsal masculino de Novo Hamburgo/RS.....	244
Figura 38	Anúncio de concurso cultural.....	251
Figura 39	Coral da juventude de Porto Alegre.....	252

Figura 40	Grupo Teatral e Musical da juventude de Ijuí/RS.....	254
Figura 41	Canto Litúrgico: Emir Lemke e Magda Kunstmann, Juventude de Porto Alegre/RS.....	254
Figura 42	Conjunto folclórico da juventude de Novo Hamburgo/RS.....	259
Figura 43	Peça teatral A Corte Portuguesa.....	261
Figura 44	Festa temática da Juventude Redenção de Pelotas/RS.....	263
Figura 45	Lista de livros.....	280
Figura 46	Concurso o que fazes com O Jovem Luterano, após ler?.....	284
Figura 47	Concurso “Que Figura é essa?”	291
Figura 48	Plano de leitura da Bíblia	296

Lista de quadros

Quadro 1	Dados Biográficos dos entrevistados.....	63
Quadro 2	Estrutura administrativa da Igreja Evangélica Luterana do Brasil	74
Quadro 3	Levantamento das ilustrações presentes nas capas da revista “O Jovem Luterano, organizado por décadas.....	100
Quadro 4	Lista do conselho editorial e dos diretores e redatores chefes da revista “O Jovem Luterano”, em ordem cronológica de atuação.....	121
Quadro 5	Transcrição do texto da Figura 19.....	127
Quadro 6	Relação dos cargos eletivos de jovens, coletados na revista O Jovem Luterano, com base em relatórios de uniões juvenis.....	173
Quadro 7	Relação dos países, situação e das práticas veiculadas pela revista “O Jovem Luterano”	294
Quadro 8	Lista de teses e dissertações encontradas com base nos descritores “juventude e religiosidade” e “juventude e luteranismo”, organizadas em ordem cronológica, indicando a instituição religiosa pesquisada.	366

Lista de abreviaturas e siglas

ALA	Associação dos jovens luteranos da Argentina
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Código de Endereçamento Postal
DICANPI	Distrito Canguçuense e Piratinense de jovens luteranos
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EE	Encarte especial
EUA	Estados Unidos da América
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
JELB	Juventude Evangélica Luterana do Brasil
LLLB	Liga de Leigos Luteranos do Brasil
LSLB	Liga de Servas Luteranas do Brasil
MG	Minas Gerais
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PE	Pernambuco
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SNES	Serviço Nacional de Educação Sanitária
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sumário

Introdução	19
1 – A construção do campo do conhecimento	35
1. 1 – Juventude, um conceito cultural: algumas contribuições	35
1. 2 – Imprensa educacional e religiosa	41
1. 3 – Referencial teórico-metodológico	48
2 – O contexto institucional e organizacional da revista	67
2. 1 – O Sínodo de Missouri e a formação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil ..	67
2. 2 – O Sínodo de Missouri e educação luterana	75
2. 3 – Juventude Evangélica Luterana do Brasil: propósitos e história.....	82
3 – A Revista “O Jovem Luterano”: materialidade, apresentação e organização ..	90
3. 1 – Projeções visuais e linguísticas: uma análise da materialidade do impresso ...	91
3. 2 – Os agentes envolvidos na produção do impresso	121
3. 3 – Projeções sobre a circularidade da revista	131
4 – Formação doutrinária, religiosa e secular juvenil na sociedade	140
4. 1 – Educação religiosa e integral: ensinando valores, fé e conhecimento	141
4. 2 – Educando corpos e construindo bases sólidas para um casamento harmonioso	175
5 – A sociabilidade juvenil no controle do corpo e das relações sociais e afetivas	199
5. 1 – A pedagogia da sociabilidade juvenil na formação do comportamento luterano	200
5. 2 – A arte a serviço da sociabilidade: harmonizando vozes, palcos e identidade luterana.....	247
6 – A revista na formação de uma rede de leitura e controle juvenil	265
6. 1 – Estratégias de gerenciamento de leitura e supervisão juvenil	265
6. 2 – Circulação e conexões transnacionais promovidas pelo impresso juvenil	292
Considerações finais	320
Fontes documentais	333
Fontes orais	346
Referências	347
Anexo 1	366
Anexo 2	369

Introdução

A presente tese tem por objetivo investigar a revista “O Jovem Luterano”, produzida sob coordenação do Sínodo de Missouri, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB. Esta organização religiosa chegou ao Brasil no ano de 1900, motivada por um projeto missionário enviado pelo *Synode von Missouri/EUA*¹. Em 1904, o Sínodo foi oficializado como igreja no Brasil como *Der Brasilianische District der Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten*². Em 1920, passou a denominar-se *Synodo Evangélico Lutherano* do Brasil e, a partir de 1953, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, (Buss, 2006)³. Entretanto, ao considerar as origens históricas da instituição religiosa, optou-se pelo uso da expressão “Sínodo de Missouri” na redação da tese. Essa escolha tem como objetivo distinguir os jovens da IELB, uma vez que há outras denominações luteranas no Brasil, cada uma com suas características distintas.

Como igreja missionária, o Sínodo de Missouri autodenominou-se como instituição Luterana confessional, que vai ao encontro das necessidades das pessoas. Atuou em diferentes frentes de trabalho⁴, como ensino, educação cristã, ação social, comunicação e missão, com o objetivo de alcançar o maior número de fiéis.

Apesar das divergências doutrinárias com outras orientações luteranas, o Sínodo de Missouri operou de forma semelhante às instituições luteranas radicadas na Alemanha, tendo como características principais a preocupação com a organização comunitária, centrando-se no binômio escola e igreja, e no fomento de material impresso circulante para adultos, crianças e jovens, bem como na produção e circulação de

¹ Sínodo de Missouri dos Estados Unidos da América- EUA

² Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Lutherano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados.

³ O subcapítulo 3.1, é dedicado a apresentar a história do Sínodo de Missouri e a formação da Igreja evangélica luterana do Brasil (IELB). Para um maior aprofundamento, ver Walter O. Steyer (1999) e Mario L. Rehfeldt (2003).

⁴ Para maiores esclarecimentos, no subcapítulo 3.1 será disponibilizada a estrutura administrativa da instituição.

materiais didáticos e doutrinários (Weiduschadt, 2007; 2012; Albrecht, 2019). Assim evidenciou-se, naquele contexto, a necessidade de fomentar a esfera educacional, expressa pela criação de estabelecimentos de ensino e pela produção de literatura religiosa fundamentada nos preceitos do reformador Martinho Lutero⁵. Nesse sentido, uma das formas de expansão encontradas pelas instituições religiosas luteranas, que operaram em diferentes partes do mundo, foi a circulação de materiais impressos. Mesmo no século XIX era intensa a produção, a circulação e a edição de tais materiais.

O Sínodo de Missouri buscou alcançar diferentes segmentos dentro da igreja por meio da organização de escolas e departamentos auxiliares, incluindo servas⁶, leigos⁷ e escola dominical⁸, e priorizou a educação dos adolescentes no ensino confirmatório, momento em que são ressaltados os principais ensinamentos da fé cristã sob a perspectiva luterana, o que denota um interesse particular na educação da juventude. Desde o início, assim, a instituição religiosa reconheceu a importância de concentrar-se de maneira especial com o público jovem.

Estudos de John Pahl⁹ (2003), realizados na realidade norte-americana, consideram que a juventude, ao final do século XIX e início do XX, foi uma das fases da vida mais controladas e direcionadas por instituições religiosas e laicas. Pahl (2003), ainda, afirma que foram os cristãos que inventaram a adolescência e tentaram moldar a fase juvenil aos seus preceitos conservadores em relação à sexualidade, gênero e comportamento, bem como no que diz respeito às mudanças sociais¹⁰. Mas o que se viu, segundo o referido autor, é que tais jovens, nestes movimentos, souberam resistir e aproveitar os intercâmbios de conhecimento e experiências de diferentes lugares.

⁵ Martinho Lutero protagonizou a Reforma Protestante, movimento de renovação da Igreja ocorrido no século XVI, na Europa Central, que levou a importantes transformações na sociedade, operando mudanças nos campos educacional e religioso. Assim, aqueles que se identificam com os ensinamentos de Martinho Lutero acabaram sendo chamados de luteranos. Para saber mais sobre ver Bárbara Ferreira Russo (2012), “Os impactos da reforma protestante na educação”.

⁶ Organização das sociedades de senhoras luteranas (Carlos Henrique Warth, 1979).

⁷ Organização das sociedades de homens luteranos (Warth, 1979).

⁸ As escolas dominicais são um costume das igrejas luteranas em que se aproveitava o momento em que os adultos estão assistindo ao culto para a educação das crianças. Então as crianças de todas as idades, até o momento do rito confirmatório, assistem em um espaço separado, na escola dominical, histórias bíblicas e recebem orientação religiosa, conforme observa Patrícia Weiduschadt (2007).

⁹ A cada vez que uma nova referência for mencionada diretamente ao longo do texto, o nome completo da referência será apresentado para identificar o autor.

¹⁰ Há o surgimento da Associação Cristã de Moços, Associação de Jovens Trabalhadores (Pahl, 1977), forçando, em certa medida, o investimento do meio luterano em associações juvenis.

Um exemplo desta resistência seria a juventude do Sínodo de Missouri, a primeira organização congregacional sistematizada, denominada *The Internacional Walther League*¹¹ (Walther Liga Internacional), a qual contou com uma rede integrada entre vários estados norte-americanos e foi responsável por agregar o público feminino à organização administrativa, contrariando, inclusive, as orientações gerais do Sínodo. Foram as estratégias dos jovens e das jovens que permitiram consolidar essa união juvenil na igreja-mãe e que ela se interconectasse com vários lugares através das suas proposições (Pahl, 2006). O estudo de tal autor defende que os jovens acompanharam as mudanças ao longo do tempo, desde a fundação da liga em 1897. A interconexão e atuação dessas ideias ressoou em diferentes partes do mundo em que a igreja luterana do Missouri tinha pontos de expansão, originando desde a organização de grupos de jovens até a produção de impressos. Em tais publicações há orientações para atividades lúdicas, como também para a condução dos relacionamentos amorosos e o estímulo do convívio de forma endógena no grupo religioso, havendo preceitos de atividades consideradas lícitas e ilícitas para serem realizadas por jovens luteranos.

Como veículo de comunicação vinculado à imprensa religiosa, a revista “O Jovem Luterano”, de circulação nacional, tinha por objetivo orientar a vida social e religiosa dos jovens e adolescentes segundo as recomendações da Igreja Cristã Luterana (Warth, 1979), além de ser um espaço para promover a socialização de atividades culturais e recreativas desenvolvidas com e pela juventude. Desta maneira, entende-se que esse periódico, como meio de comunicação e difusão doutrinária, serviu como uma importante ferramenta educativa destinada a influenciar a formação do pensamento sociocultural de adolescentes e jovens por meio de discursos construtivos, dialógicos e interativos, envolvendo a participação do público leitor.

Como lugar de memória do cotidiano (Nora, 1993)¹², os impressos jornalísticos, educacionais e religiosos desempenham o papel de fornecer referências sobre uma realidade específica. Isso ocorre porque eles trafegavam pelos mesmos espaços onde

¹¹ O nome da liga foi uma homenagem ao fundador da igreja de Missouri nos Estados Unidos, chamado Carl Ferdinand Wilhelm Walter (Weiduschadt, 2012).

¹² De acordo com Pierre Nora (1993, p. 7), os lugares de memória representam suportes materiais que consolidam e protegem a memória de um grupo. São os espaços “onde a memória se cristaliza e se refugia”.

indivíduos fizeram escolhas relevantes no que diz respeito às suas concepções de vida, crenças e papel na sociedade. Assim sendo, a revista "O Jovem Luterano" representa uma perspectiva particular do mundo ideologicamente mediada pela esfera religiosa. Seu conteúdo compartilhado permite entender o impacto cultural e social exercido por ela na sociedade em que circulou.

O interesse em pesquisar a revista "O Jovem Luterano" se deve à minha trajetória acadêmica dedicada aos estudos relacionados à temática educacional teuto-brasileira no âmbito do luteranismo. Justifica-se, ainda, pelas relações sociais estabelecidas com o grupo social investigado. Dessa maneira, a escolha do tema não se encontra totalmente deslocada das vivências acadêmicas e pessoais anteriormente estabelecidas.

Nascido e criado em uma família luterana, fui¹³ educado por um conjunto de ensinamentos, rituais e tradições desta instituição religiosa, que marcaram de forma significativa o meu cotidiano e contribuíram para minha formação como sujeito. Fui batizado, frequentei a escola dominical, o ensino confirmatório, passei pelo ritual da confirmação¹⁴ e frequentei os encontros semanais da juventude, além de manter frequência regular nos cultos.

No departamento de jovens, ocupei cargos de liderança como presidente, secretário e tesoureiro. Também fui presidente, tesoureiro e membro do departamento de cultura do Distrito Canguçuense e Piratinense de jovens luteranos - DICANPI¹⁵. Estar inserido no contexto da Juventude Luterana me permitiu organizar e participar de eventos juvenis de cunho espiritual, cultural e esportivo à nível local e distrital, além de congressos

¹³ Embora o trabalho esteja majoritariamente redigido de forma impessoal, a personalidade deverá surgir em alguns momentos pois o fazer da pesquisa não prescinde da experiência pessoal do autor/pesquisador.

¹⁴ Confirmação é um ritual praticado pelos luteranos equivalente à crisma católica, em que o jovem, após passar por um período preparatório que enfatiza a educação dos principais temas inerentes à fé cristã segundo a perspectiva luterana, é submetido a um exame de aptidão para fazer a primeira comunhão e prestar votos de fidelidade à religião. Esse ritual é praticado entre 12 e 14 anos, aproximadamente. Para saber mais sobre ver Karen Laiz Krause Romig (2021).

¹⁵ Conforme organização da IELB, as Uniãoes Juvenis que integram a JELB são organizadas em Distritos ou Regiões Juvenis geograficamente delimitadas, formando um núcleo administrativo, orientador e socializador. Segundo a última atualização do estatuto da JELB realizada em 2015, a Juventude Evangélica Luterana do Brasil é composta por 59 distritos espalhados por todo o Brasil. O DICANPI é um desses distritos e atualmente congrega 24 Uniãoes Juvenis das cidades de Canguçu/RS e Piratini/RS, que além de desenvolverem atividades semanais internas, reúnem-se pelo menos três à quatro vezes ao ano para encontros espirituais, culturais e esportivos.

regionais e nacionais que me oportunizaram conviver e estabelecer laços de amizade com jovens luteranos de diferentes regiões do Brasil.

Logo, por ser descendente de pomeranos¹⁶ e estar inserido em uma comunidade luterana, cresci cercado pelas tradições étnicas-culturais e religiosas e vivencio essas práticas culturais cotidianamente no âmbito familiar, social e religioso. Antes mesmo de ingressar na vida acadêmica, os mecanismos educacionais luteranos já despertavam a minha atenção por meio das memórias dos meus avós, que estudaram em escolas sinodais¹⁷ e frequentaram os grupos de jovens; sendo a minha avó uma leitora da revista “O Jovem Luterano”, o que contribuiu para o meu interesse em estudar o periódico juvenil, pois o “comportamento luterano” era um termo muito presente nas narrativas cotidianas contadas por ela.

Durante a graduação em Licenciatura em História me aproximei da temática educacional teuto-brasileira, tendo a oportunidade de problematizar e dar visibilidade para alguns materiais didáticos usados nas práticas de ensino das escolas que funcionavam junto às igrejas luteranas. Tais materiais didáticos motivaram o trabalho de conclusão de curso¹⁸, que versou sobre cartilhas em língua alemã, mostrando-me haver fôlego para ampliação da pesquisa durante o mestrado.

Saber me comunicar na língua pomerana e ter significativa inserção nas comunidades luteranas e pomeranas contribuiu e possibilitou o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado¹⁹ em História da Educação, que teve como motivação problematizar usos e memórias de cartilhas escolares em língua alemã utilizadas em escolas sinodais luteranas. Com tal investigação pude observar a preocupação dos editores das cartilhas em relacionar os conteúdos didáticos com as práticas sociais do cotidiano do aluno.

¹⁶ Pomeranos é o nome dado aos imigrantes que vieram ao Brasil da antiga Pomerânia que se situava nas costas do mar Báltico, território atualmente incorporado pela Alemanha e Polônia. Hoje a sua cultura praticamente está extinta naquela região mantendo-se viva entre algumas comunidades no Brasil que ainda preservam a língua e algumas práticas culturais e religiosas, sendo grande parte delas praticantes do luteranismo. Ver: Schirlei C. Barth Schaffer (2012).

¹⁷ Escolas particulares ligadas a instituição religiosas que funcionavam junto a igrejas.

¹⁸ Entre textos e imagens: o método de ensino e aprendizagem em cartilhas alemãs. Trabalho de Conclusão de Curso em História Licenciatura (2017). Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

¹⁹ Cartilhas em língua alemã produzidas pelos Sínodos Luteranos no Rio Grande do Sul: usos e memórias (1923-1945). Dissertação de Mestrado em Educação com ênfase em História da educação (2019). Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

Leituras preliminares²⁰ apontavam para a existência de significativa quantidade de estudos dedicados ao campo educacional e religioso teuto-brasileiro²¹ e luterano a partir do impresso. Estes estudos, além de contribuírem para o entendimento da cultura educacional e religiosa teuto-brasileira, influenciaram na escolha da revista “O Jovem Luterano” como objeto de pesquisa, tendo em vista que vários deles apontam para uma intensiva circulação de literatura secular e religiosa tutorada pelos sínodos luteranos²². Por conseguinte, nenhuma destas pesquisas teve como fonte as revistas dedicadas especificamente ao público jovem²³. Com isso, percebeu-se nelas um grande potencial para estudo, no sentido de buscar entender as recomendações e direcionamentos da revista “O Jovem Luterano” para os jovens e adolescentes leitores deste periódico e as suas possíveis influências na vivência destes sujeitos, além de compreender as práticas educacionais e os processos de socialização religiosa e cultural dos jovens luteranos.

A pesquisa nasce, dessa forma, com a problematização central de investigar como a revista “O Jovem Luterano” influenciou a formação social e religiosa da identidade da Juventude Luterana, pautada nos princípios da instituição do Sínodo de Missouri.

Para responder a esse questionamento, realizou-se uma catalogação dos principais temas abordados pela revista, categorizando os elementos mais recorrentes no folhetim juvenil para: traçar a relação da revista com os princípios defendidos pelo Sínodo de Missouri; identificar os direcionamentos para a formação da identidade dos jovens luteranos; analisar as recomendações sobre relações de sociabilidades de moças

²⁰ Entre estes, destacam-se os estudos de Arend (2005), Albrecht (2017; 2019), Barreto (2022), Dreher (1984; 2014), Fonseca (2017), Kolling (2000), Kuhn (2015), Kreutz (1994; 1996; 2004; 2010), Mauro (2005), Oswald (2014), Steyer (1999), Teichmann (1996), Rehfeldt (2003), Romig (2021), Warth (1979), Weiduschadt (2007; 2012), Wille (2011).

²¹ Indivíduo descendente de alemães e pomeranos nascido no Brasil.

²² Além do Sínodo de Missouri, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), foram atuantes nesse contexto dois outros sínodos:

*Sínodo Rio-Grandense, atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Para aprofundar no assunto, ver: Martin Norberto Dreher (1984).

*Igrejas independentes, Instituições religiosas que atuam de forma autônoma sem vinculação a nenhum sínodo. Para aprofundar no assunto, ver: Eliseu Teichmann (1996) e Tamara Oswald (2014).

²³ A referência às “revistas para jovens” justifica-se pelo Sínodo de Missouri manter a revista “O Jovem Luterano” dedicada exclusivamente para os jovens e os adolescentes, semelhantemente ao Sínodo Rio-Grandense, que também provia uma revista nos mesmos moldes do sínodo concorrente. Segundo Sandra Cristina Donner (2001), a primeira revista do Sínodo Rio-Grandense exclusiva para jovens circulou em língua alemã entre 1936 e 1940. Após um período sem nenhuma publicação, foi lançada em julho de 1954 a Revista da Juventude Evangélica, com publicação mensal até 1969, quando alterou o nome para Revista Presença, porém mantendo a mesma linha editorial.

e rapazes; verificar a influência da revista no cotidiano dos seus leitores e discutir o controle e as práticas de sociabilidade na juventude.

Entretanto, vale ressaltar que essas indagações não puderam ser respondidas em um único capítulo, já que o fato de existir a intenção de formar uma juventude comprovada aos princípios éticos, morais e sociais da instituição religiosa provedora da revista denota claramente que os temas abordados estão intrinsecamente ligados e entrelaçados. Por isso, é necessário retomar e contrapor tais interrogações a cada novo capítulo.

Também para compreender o que se pretende, é preciso levar em conta que o ponto central da doutrina luterana reside na concepção da justificação pela fé, tendo o livro de Romanos, 1.17²⁴ como o centro de sua teologia. Os luteranos da IELB sustentam que apenas a graça de Deus mediante à fé é suficiente para assegurar a salvação de uma pessoa, sem obras ou méritos próprios. A doutrina luterana ensina que aqueles que receberam a fé pelo batismo e pelo ouvir, que são justificados, andam no caminho da nova obediência (Confissão de Augsburgo, 1530). As boas obras e a vivência do cristão luterano são tidas como uma consequência da fé, visto que a salvação é dada pela graça de Deus.

A doutrina luterana defende assim, que não são as obras que salvam a humanidade, mas sim a aceitação pessoal de Jesus Cristo como único, suficiente e perfeito Salvador. Consequentemente, os luteranos da IELB devem viver de acordo com os ensinamentos cuja a Bíblia²⁵, dada por inspiração de Deus, constitui a norma de fé e vida. Assim, o cristão luterano deve aceitar como exposição correta os ensinamentos Bíblicos e os livros simbólicos da Igreja Evangélica Luterana reunidos no Livro de

²⁴ “Porque o Evangelho mostra que Deus nos aceita por meio da fé, do começo ao fim. Como dizem as escrituras Sagradas: “Viverá aquele que, por meio da fé, é aceito por Deus””. Bíblia Sagrada. Novo Testamento, Rom. 1-17, Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, p. 191.

²⁵ A Igreja Evangélica Luterana do Brasil aceita todos os livros canônicos das Escrituras Sagradas, do Antigo e do Novo Testamento, como palavra infalível revelada por Deus. Como única exposição correta da Escritura Sagrada, ela aceita os livros simbólicos da Igreja Evangélica Luterana, reunidos no Livro de Concórdia de 1580, e não admitirá alteração alguma desta norma. (Estatutos e Regimentos da IELB..., edição 1998, art. 3. p. 15).

Concórdia²⁶, de 1580, que subscreve os principais documentos²⁷ que estruturam e esclarecem a fé cristã luterana.

Para a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a doutrina e prática estão intrinsicamente unidas. A prática luterana reflete, ensina e confessa a doutrina luterana (Mensageiro Luterano, fev. 2021). Portanto, a existência e a conduta do fiel luterano devem espelhar a sua crença. Sendo assim, cada seguidor tem o compromisso de viver em conformidade com os princípios ensinados por Cristo.

Deste modo, defendo a tese de que a revista “O Jovem Luterano” foi um espaço de aprendizagem, orientação e integração social criado com o intuito de fortalecer a identidade luterana dos jovens do Sínodo de Missouri. Consolidou-se como um complemento educacional destinado a aprimorar e expandir os conhecimentos familiares e escolares, aprofundando as experiências da instrução religiosa no período confirmatório. Teve como objetivo contribuir para a formação integral dos jovens luteranos, oferecendo oportunidades para aprofundar a compreensão da doutrina luterana, das relações interpessoais e das questões éticas e morais, enquanto estes desenvolviam habilidades de leitura, escrita e interpretação. Além disso, buscou proporcionar uma base de conhecimentos sociais e culturais, estimulando a interação entre os jovens sem perder a referência aos princípios doutrinários do Sínodo de Missouri.

Tendo isso em vista, a investigação está centrada em duas tipologias de fontes: a revista “O Jovem Luterano²⁸”, aqui mobilizada como fonte e objeto, e entrevistas, portanto fontes orais, sendo analisadas, respectivamente, a partir da metodologia da Análise

²⁶ Segundo o livro de Concórdia, a Lei é uma doutrina divina que instrui sobre o que é justo e agradável a Deus, e reprova tudo o que é pecado e contrário à vontade divina. No evangelho, a doutrina ensina que aquele que não obedeceu à lei teve seus pecados expiados por Deus, pagando por eles, e conseguindo o perdão dos pecados e a vida eterna (Livro de Concórdia, 2021).

²⁷ Elaborado e subscrito após a Reforma de Martinho Lutero, O Livro de Concórdia reúne os princípios documentos confessionais da Igreja Luterana, que são os três credos que se originaram na Igreja primitiva: o Credo Apostólico, o Credo Niceno e o Credo Atanasiano. E os escritos da Reforma Luterana conhecidos como a Confissão de Augsburgo (1530); a Apologia da Confissão de Augsburgo (1531); os Artigos de Esmalcalde (1537); o Tratado sobre o Poder e o Primado do Papa (1537); o Catecismo Menor (1529); Catecismo Maior (1529) e a Fórmula de Concórdia (1577); escrita após a morte de Lutero, ela sintetizada os princípios da fé luterana. Ver: QUEM SÃO OS LUTERANOS. Portal eletrônico, Brasil. Especiais. Acessado em 17 set. 2023. Disponível online em: <https://www.ielb.org.br/500anos/luteranos>,

²⁸ O arquivo completo da revista “O Jovem Luterano” encontra-se salvo guardado para pesquisa junto à biblioteca do Seminário Concórdia na cidade de São Leopoldo/RS.

Documental²⁹ e da História Oral³⁰. Foram entrevistados³¹ sete sujeitos leitores da revista à sua época de publicação e que frequentaram os grupos juvenis do Sínodo de Missouri durante a sua juventude. O acesso a cada um dos participantes ocorreu por intermédio de indicações realizadas por leitores do periódico juvenil seguindo a técnica de amostragem não probabilística, que utiliza redes de referência, conforme Juliana Vinuto (2014). Tal abordagem torna-se adequada em pesquisas que envolvem grupos de difícil acesso, e também quando não há precisão sobre sua quantidade.

A primeira entrevistada foi selecionada a partir da publicação na revista “O Jovem Luterano” de um relatório juvenil por ela assinado. Ela fazia parte de um grupo de leitores do periódico que estabeleceram algum tipo de contato por meio dele, tornando-se a informante chave no acesso aos demais leitores, pois ainda possui relações de amizade com alguns dos entrevistados que, por sua vez, indicaram os demais participantes da pesquisa.

Essas memórias trouxeram importantes contribuições no sentido de se aproximar do contexto de uso e dos espaços de circulação da revista e de verificar as possíveis influências do periódico no cotidiano dos seus leitores. No entanto, é preciso ter em conta que o conteúdo de seus relatos é baseado em suas experiências nos dias atuais. Sendo assim, é fundamental entender as narrativas como uma interpretação sobre o real e considerar a importância das experiências de vida e da subjetividade dos participantes (Halbwachs, 2003; Candau, 2016; Bosi, 2016).

Por se tratar de uma temática ainda pouco explorada no meio acadêmico, este estudo inspirado pelo que se discorreu almeja contribuir com a produção científica acerca da atuação de instituições religiosas na educação de jovens. Além disso, a escassez de pesquisas sobre isso exigiu uma reflexão mais aprofundada sobre o conteúdo e os métodos de ensino apresentados na revista, que se assemelham aos de um veículo de educação não formal. A educação não formal, apesar de não estar integrada ao sistema

²⁹ Bacellar (2008), Cellard (2010), Luca (2008), Samara; Tupy (2010) entre outros.

³⁰ Amado; Ferreira (2006), Alberti (2005), Portelli (1997), entre outros.

³¹ As entrevistas seguiram as normativas estabelecidas pela resolução n. 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Protocolo de pesquisa, versão 2, CAAE: 70171823.7.0000.5316, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da UFPel em conformidade com a legislação vigente, Resoluções 466/12 e 510/16.

escolar, proporciona a aprendizagem de conteúdos em locais onde as atividades são planejadas de forma direcionada e com objetivos definidos (Trilla, 2008). Isso ocorre quando instituições e indivíduos procuram ou criam formação complementar fora do ensino formal. Esses espaços educativos, de caráter complementar, integrativo ou paliativo, têm o potencial de promover a educabilidade humana em resposta às demandas dos contextos sociais em que os indivíduos estão inseridos (Severo, 2015, p. 566).

As direções educacionais no periódico podem ser consideradas, portanto, de um lugar de educação não escolar (Severo, 2015), que tem como objetivo potencializar o contexto histórico, cultural, social e intersubjetivo no qual os sujeitos estão inseridos. A educação não escolar, apesar de não ter um currículo, é mobilizada por um processo de aprendizagem organizado com metas educativas em que a avaliação está inerente ao próprio processo de desenvolvimento das atividades, que visam auxiliar na construção da identidade coletiva do grupo.

No que diz respeito à produção social da identidade, Stuart Hall (2014) observa que ela reflete as relações de poder, as práticas discursivas e as representações simbólicas presentes na sociedade. A abordagem de Hall sobre a identidade enfatiza a natureza fluída, construída e negociada da mesma, destacando a importância de considerar as múltiplas dimensões e influências que moldam a forma como os sujeitos se percebem e são percebidos no contexto social e cultural em que estão inseridos. Isso nos leva a pensar sobre o quão a revista "O Jovem Luterano" estava carregada de ideais que buscavam moldar uma identidade luterana coletiva. Suas páginas refletiam normas, valores, discursos e práticas sociais e culturais consideradas relevantes para aquele determinado grupo religioso-social.

Cabe destacar que, até o momento, não foram realizadas pesquisas acadêmicas voltadas a estudar o periódico "O Jovem Luterano", conforme busca realizada usando como descritores as palavras "juventude, religiosidade e luteranismo" junto às duas principais plataformas acadêmicas do Brasil, que são o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES³² - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - e a BDTD

³² Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Disponível online em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acessado em 04 abr. 2022.

- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações³³. Por meio de tais buscas foram localizadas 18 dissertações e 7 teses produzidas em diferentes campos das ciências humanas³⁴, que de algum modo dialogam com a religiosidade juvenil e suas ramificações.

Os estudos³⁵ levantados foram produzidos entre os anos de 2000 e 2020³⁶, no campo das ciências humanas, e discutem os entrelaçamentos da vivência de parcela da juventude brasileira com sua religiosidade. São pesquisas que buscaram esclarecer como jovens em diferentes contextos sociais e históricos, inclusive contemporâneos, viveram e/ou vivenciaram suas experiências religiosas segundo as orientações das instituições religiosas com as quais eles se identificam.

Em âmbito geral, os trabalhos analisados possibilitaram verificar aspectos comuns entre os discursos religiosos com relação à moralidade religiosa, saúde, e ao cotidiano da juventude. Mostraram as potencialidades de compreender os jovens, no campo da religiosidade institucionalizada, como agentes de mudanças e continuidades, porém numa visão de mundo que está centralizada em Deus. Já os grupos juvenis aparecem como sendo uma das principais formas de congregar jovens para fins religiosos na atualidade.

Em síntese, as experiências empreendidas pelos autores dos referidos estudos tendem a mostrar que o grupo juvenil não é somente um espaço de exercício de uma prática religiosa e institucional da igreja, mas é também repleto de vivências e múltiplas possibilidades de trocas, de diálogos, de amizade, de acolhimento e de crítica formativa. Portanto, o grupo juvenil é percebido como um espaço de educabilidade voltado para a formação humana e social (Gohn, 2016), servindo também como estratégia de captação de novos fiéis (Goulart, 2010).

A observância das pesquisas mostrou que há uma lacuna no que se refere a estudos relacionados ao campo educacional e doutrinário de jovens luteranos da IELB.

³³ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível online em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Content/whatIs>. Acessado em 05 abr. 2022.

³⁴ Antropologia 2; Ciências da Religião 4; Educação 9; História 1; Psicologia Social 1; Serviço Social 1; Sociologia 1; Sociologia da Religião 1 e Teologia 1.

³⁵ A lista de teses e dissertações levantadas teve como base os descritores “juventude, religiosidade e luteranismo”, e está disponibilizada no anexo 1 deste trabalho, p. 366.

³⁶ O recorte temporal trata-se de uma escolha do autor, orientado pela metodologia de pesquisa de Antônio Carlos Gil (2010) ao preconizar que o pesquisador deve estabelecer limites temporais e usar descritores que atendem as suas indagações, uma vez que não é possível apropriar-se de tudo o que foi produzido sobre o assunto ao longo do tempo.

Das vinte e cinco dissertações e teses localizadas, apenas duas dissertações constroem interlocuções étnico-religiosas e sociais envolvendo uniões matrimoniais de jovens ligados à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (Helfenstein, 2014) e o caráter ecumênico e social de periódicos juvenis luteranos produzidos pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB (Donner, 2001). Por isso, esse levantamento mostra que há folego para novas pesquisas, especialmente no que diz respeito aos processos formativos da Juventude Luterana, visto que as instituições luteranas apresentam significativa inserção no campo educacional e doutrinário, (Warth, 1979; Weiduschadt, 2007, 2012; Albrecht, 2019; Blank, 2020; Romig, 2021; Barreto, 2022). Reforça-se, ainda nesse sentido, que o impresso religioso se apresenta como potencial referencial para pesquisas no âmbito da História da Educação, tendo como objetivo compreender os processos formativos juvenis através de instituições religiosas.

Pensando nisso, as primeiras aproximações com a fonte sempre dizem respeito à sua materialidade. Segundo Roger Chartier (2002, p. 61- 62), é preciso lembrar que os textos não existem fora dos suportes materiais e que “[..] as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados”. Sua natureza, forma de apresentação e organização sempre antecipam algumas informações e desdobramentos com relação ao que iremos nos deparar ao fazer a leitura do texto. Dito isto, entende-se conveniente apresentar algumas capas da revista produzidas em diferentes momentos históricos (Figura 01) para melhor visualizar o campo empírico do trabalho.

Figura 1 – Capas da Revista “O Jovem Luterano” das décadas de 1930, 40, 50, 60 e 70.



Fonte: Biblioteca do Seminário Concórdia. São Leopoldo /RS

A revista teve circulação contínua, de 1929, ano que iniciou a ser editada, até 1971, quando foi extinta nos moldes que vinha sendo produzida, passando a ser anexada à revista Mensageiro Luterano³⁷ como um caderno dentro desse periódico³⁸. Por isso, optou-se por ser este o recorte temporal compreendido para o desenvolvimento dessa pesquisa: 1929 a 1971.

Cabe frisar que a edição dos primeiros dez anos da revista “O Jovem Luterano” deu-se em língua alemã e a mesma se chamava “*Der Waltherligabote*”³⁹ (Mensageiro da Walther Liga). No ano de 1940, por consequência da nacionalização⁴⁰ do ensino e

³⁷ Periódico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Considerada a revista da ‘família luterana brasileira’, sua edição teve início em 1917 e se mantém ininterrupta, com publicações mensais até os dias atuais.

³⁸ Segundo Paulo Wille Buss (2006, p. 210), para contenção de custos com publicações, “a 43ª Convenção Nacional da IELB, decidiu que O Mensageiro Luterano, passaria a ter o subtítulo de ‘A revista da família’, englobando os periódicos O Jovem Luterano; O Pequeno Luterano e Criança Feliz”.

³⁹ O nome da revista era uma homenagem ao fundador da igreja de Missouri nos Estados Unidos, chamado Carl Ferdinand Wilhelm Walter (Weiduschadt, 2012).

⁴⁰ Conjunto de medidas adotadas durante o governo de Getúlio Vargas, como a proibição da fala e da circulação da literatura estrangeira, entre outras, para diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira. Ver Geralda Seyferth (1997).

proibição da circulação da literatura estrangeira, a revista passou a ser redigida em língua portuguesa sob o título “O Jovem Luterano”.

Com edições mensais, a revista era um meio utilizado pelo Sínodo de Missouri para educar e doutrinar a juventude⁴¹. Quanto ao conteúdo da revista, no que tange às instruções para a vivência de jovens e adolescentes, observa-se que eles são convidados a refletir sobre temas variados relacionados à vida, ao corpo e à alma. Entre essas instruções estão meditações, conhecimentos bíblicos e catequéticos, o papel do jovem na igreja, cuidados com a saúde e o bem-estar físico e social, recomendações para as moças e rapazes sobre seu papel na sociedade, vida matrimonial e família. Traz também atividades de recreação para serem desenvolvidas nos encontros de jovens⁴², bem como trocas de experiências em espaço dedicado para os leitores compartilharem assuntos variados relacionados ao cotidiano dos departamentos juvenis, além do caderno de cultura e curiosidades históricas e contemporâneas. São, portanto, atividades educativas e recreativas que se confrontam com os outros processos educativos, estabelecendo diálogos, conflitos, ações e considerações, “julgados como adequados” para aquele grupo específico, que nos permitem conhecer a visão de mundo que estão construindo, os valores defendidos e os que são rejeitados, conforme esclarece Maria da Glória Gohn (2016).

É por perceber que a revista “O Jovem Luterano” teve um papel complementar na formação dos sujeitos que foram leitores desse periódico e entender que ela manteve um relacionamento próximo entre a religiosidade e a cultura escolar, que se concorda com Marília Scalzo (2004, p. 13) quando esta afirma que a imprensa periódica por muito tempo auxiliou “[...] na formação e na educação de grandes fatias da população que necessitavam de informações específicas, mas que não queriam ou não podiam dedicar-se aos livros”. Dessa maneira, é possível inferir que as revistas e demais periódicos tiveram uma significativa contribuição na circulação de saberes entre as comunidades

⁴¹ A instituição religiosa compreendia a juventude como o espaço de tempo entre a confirmação, que ocorria aproximadamente entre 12 e 14 anos, (Romig, 2021), e o casamento, que sugestivamente deveria ocorrer em “torno de vinte e três a vinte e cinco anos, dando uma margem de alguns anos para baixo e para cima conforme as circunstâncias” (O Jovem Luterano, nov., 1943, p. 168).

⁴² Também chamado de “departamento de jovens”, são encontros geralmente semanais em que os jovens, após serem confirmados, se reúnem na igreja para momentos de estudo, reflexão e comunhão. Estas atividades são geralmente mediadas pelo pastor ou por algum líder jovem. Além desses encontros, são também promovidas pelo sínodo encontros distritais, regionais e nacionais direcionados ao jovem luterano.

luteranas teuto-brasileiras e foram importantes disseminadoras dos códigos culturais, sociais e religiosos considerados necessários à formação educacional de indivíduos em diferentes tempos e espaços.

Assim, com o intuito de problematizar a questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, a tese encontra-se estruturada em introdução, seis capítulos e considerações finais:

Na introdução, foram expostas as motivações pessoais e profissionais, a definição do tema, o histórico do problema, os objetivos geral e específico, que serão respondidos na tese, bem como a justificativa, a relevância deste estudo para o campo da História de Educação, e uma breve apresentação do objeto de estudo e do contexto institucional e social no qual foi produzido e circulou.

O primeiro capítulo, definido como “a construção do campo do conhecimento”, tem como objetivo apresentar algumas contribuições de autores que definem e sustentam o uso do termo juventude como um conceito cultural. Além disso, realiza uma discussão sobre a imprensa educacional e religiosa como fonte e objeto de pesquisa e apresenta o percurso teórico e metodológico utilizado na pesquisa, quando são abordados os principais conceitos mobilizados para esclarecer a questão central deste estudo, que consistiu em compreender a influência da revista “O Jovem Luterano” na formação social e religiosa de seus leitores.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação do contexto institucional e social na qual a revista “O Jovem Luterano” foi produzida e circulou. Busca-se trazer algumas definições que caracterizam o Sínodo de Missouri e a formação da Igreja evangélica luterana do Brasil-IELB. São também pontuados os princípios gerais que norteiam a educação luterana, assim como a história e os propósitos educacionais e sociais envolvidos na constituição da Juventude Evangélica Luterana do Brasil – JELB – como um departamento dentro do Sínodo.

O terceiro capítulo atém-se às primeiras aproximações com a revista “O Jovem Luterano”. Nessa seção, é apresentado o contexto do qual a revista emergiu, suas finalidades, conteúdo e princípios norteadores. Dá-se uma atenção especial a alguns aspectos relativos à materialidade, apresentação e organização do periódico. Também

são apresentados os agentes envolvidos na produção do impresso, bem como algumas projeções sobre sua circulação.

O quarto capítulo, intitulado “A formação doutrinária, religiosa e secular juvenil na sociedade”, investiga o processo de disciplinamento da juventude luterana através do qual foram mobilizadas as recorrências de mecanismos educacionais estrategicamente pensados para uma educação sociocultural e religiosa de acordo com os princípios da instituição provedora da revista.

O quinto capítulo, que tem como título “A sociabilidade juvenil no controle do corpo e das relações sociais e afetivas”, objetiva promover um debate acerca da tentativa de controle das relações sociais e afetivas de jovens luteranos por meio dos conteúdos da revista “O Jovem Luterano”, a fim de entender o quanto a revista influenciou os modos de ser, viver e pensar dos jovens e adolescentes luteranos leitores do periódico.

O sexto e último capítulo, denominado: “A revista na formação de uma rede de leitura e controle juvenil”, discute a formação de uma rede de leitores da revista “O Jovem Luterano” dentro do espaço comunitário da igreja, como uma tentativa da instituição religiosa luterana de homogeneizar a formação cultural, educativa e moral das uniões juvenis. Ressalta a existência de um possível intercâmbio cultural entre jovens luteranos, observado por intermédio de algumas iniciativas de cooperação e interação de ideias e indivíduos, que ultrapassam as barreiras físicas das fronteiras de seus territórios de origem.

Por fim, realiza-se reflexões com base nos resultados da pesquisa, reiterando certas ideias e observações que levaram à conclusão de que a revista “O Jovem Luterano” apresentava uma abordagem educacional, doutrinária e socializadora com metas específicas de influenciar os comportamentos, estilos de vida e pensamentos dos leitores, visando formação da identidade da juventude luterana.

1 – A construção do campo do conhecimento

Os estudos culturais são conceitualmente relevantes, pois abrangem os significados e valores que surgem em espaços específicos e se espalham por grupos sociais através de práticas efetivas. Com base nisso, este capítulo tem o objetivo de trazer algumas contribuições de autores que defendem a abordagem da juventude como um conceito cultural. Além disso, considerando que os estudos relacionados aos objetos de comunicação dos indivíduos como espaços de negociação entre práticas comunicativas revelam como as relações entre diferentes culturas estão permeadas por vínculos de poder e hierarquia, será realizada uma discussão sobre imprensa educacional e religiosa como fonte e objeto de pesquisa. Assim como será apresentado o percurso teórico e metodológico utilizado na construção desta pesquisa e os conceitos mobilizados para esclarecer a principal problemática deste estudo, que é compreender a influência da revista "O Jovem Luterano" na formação social e religiosa de seus leitores.

1.1 - Juventude, um conceito cultural: algumas contribuições

É preciso ressaltar que se buscou respaldo no campo da sociologia para promover essa discussão sobre como o conceito de juventude se constituiu ao longo da história, pontuando como sua construção vem sendo determinada por tempos e processos sociais específicos. Apesar de a legislação brasileira definir como "adolescente"⁴³ aquela pessoa que tem entre doze e dezoito anos de idade, considerar "jovem"⁴⁴ o sujeito que tem de quinze até vinte e nove anos de idade, e a Organização das Nações Unidas - ONU - em

⁴³ Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ver: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%202%C2%BA%20Considera%2Dse%20crian%C3%A7a,e%20um%20anos%20de%20idade. Acessado em 23, maio de 2024.

⁴⁴ Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens. Ver: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acessado em 23, maio de 2024.

âmbito internacional estabelecer a "juventude"⁴⁵ como sendo a faixa etária que abrange pessoas entre quinze e vinte e quatro anos de idade, eles mesmos reconhecem que o contexto é sempre um guia importante para a definição de juventude em ocasiões singulares, devido à complexidade de se conceituar o jovem apenas sob critérios de ordem biológica.

José Machado Pais (1990) observa que não existe um denominador comum em relação ao conceito de juventude: para algumas correntes teóricas ela é definida em termos etários, enquanto para outras é definida por questões sociais e suas ramificações. Porém, segundo o autor, para a grande maioria, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado:

[...] aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista) (Pais, 1990, p. 140).

Dessa maneira, em concordância com os estudos que apresentam indícios de uma juventude que se modifica e se difere conforme o contexto social vivenciado, este subcapítulo se ocupará em discorrer acerca do sujeito jovem, sendo que essa constituição juvenil perpassa por uma construção social, sem desconsiderar os fatores biológicos que, segundo alguns autores, são marcados pelas transformações no corpo. Porém, segundo Mirian Abramovay, Eliane Andrade e Luiz Esteves (2007), a realidade social demonstra que não existe uma juventude homogênea, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades e de poder nas sociedades.

A juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas

⁴⁵ PARRA, Jorge Barrientos. O Estatuto da Juventude Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. Revista de Informação Legislativa. Brasília a. 41 n. 163, jul./set. 2004. Disponível online em: <https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/28336-28347-1-PB.pdf>. Acessado em 23 maio de 2024.

situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (Abramovay; Andrade; Esteves, 2007, p. 21).

Logo, ser jovem, segundo Janice T. de Sousa (2006), é viver um contato original com a herança social e cultural. Por conseguinte, pondera-se que tanto a experiência de ser jovem como o conceito de juventude é flexível e pode variar entre países, regiões e lugares, portanto uma categoria fluida e mutável. As autoras Karin Schwarzbold e Patrícia Weiduschadt (2022) realizaram um balanço histórico da presença social juvenil, com base em estudos sociológicos, e argumentaram que os fatos sociais, econômicos, culturais, midiáticos e estéticos influenciaram nas alterações do comportamento juvenil ao longo do tempo, conforme o espaço geopolítico, uma vez que a juventude é uma categoria sujeita a manipulação de interesses associados à estrutura de poder em épocas e sociedades distintas.

Ana Luiza Sallas e Tarcisa Silva Bega (2006) observam que tomar a juventude como objeto de estudo implica pensá-la dentro do contexto de relações no qual está inserida. Para as autoras,

Pensar numa cultura juvenil significa levar em conta, de imediato, a multiplicidade de formas de sociabilidade existentes para a vida cotidiana dos jovens, marcada por relações grupais na escola, igreja, família – para mencionar aqui aquelas instituições socializadoras tradicionais e outros agrupamentos, (Sallas; Bega, 2006, p. 54).

Assim, o contexto é considerado um fator importante no delineamento da juventude em cenários específicos. Pensar a sociologia da juventude é considerar as similaridades e também as diferenças, pois os jovens procuram agrupar-se por afinidades em torno dos mais diferentes interesses. Por isso, o conceito de juventude para Luís Antônio Groppo (2000) não se define somente pela faixa etária, é preciso considerar a representação sociocultural que a categoria assume conforme a situação social em que o jovem se encontra inserido. Assim, compreender a juventude a partir da sua realidade social e cultural pode possibilitar conhecer o que se passa na sociedade e como ela se renova e se recria como organização social. É identificar os meios que a juventude encontra para se inserir socialmente no contexto em que vive, apropriando-se de hábitos e valores específicos, de acordo com as configurações sociais que lhes são impostas.

No caso da juventude luterana, o jovem passa por um período de preparação, denominado como instrução ou ensino confirmatório, que consiste no ato de prepará-lo para o ingresso na vida social e religiosa (Romig, 2021). Trata-se de um processo pedagógico que tem por objetivo influenciar a índole dos jovens nas referências da ética cristã luterana⁴⁶. Após esse aprendizado com base na tradição religiosa, o jovem é submetido ao ato da confirmação, que é um ritual de passagem para a vida adulta.

Segundo a crença luterana, com a confirmação o jovem passa a conhecer toda a lei da vida e seus valores, podendo então a partir deste saber moral e técnico traçar os caminhos de sua vida (Bahia, 2011). O ato da confirmação é assim marcado por mudanças na sociedade alemã pomerana de base luterana, pois a partir do seu momento o jovem adquire certas liberdades e também passa a ser visto como um adulto em formação detentor de responsabilidades. Em contrapartida, a própria Igreja cria estratégias para que o jovem não se afaste do convívio religioso. Um desses meios era justamente a revista “O Jovem Luterano”, mobilizada neste estudo.

Como dito, então, a juventude tem sido marcada na sociedade por diferentes visões conceituais, carregadas de valores e características do grupo social que os define. Logo é preciso observar como estas instituições grupais se mobilizam para garantir que a sua juventude se movimente dentro do tecido social em que estão inseridas. Tal movimento mostra que o jovem está sujeito às influências familiares, étnicas, institucionais, entre outras configurações sociais, que orientam maneiras distintas de ser. Conforme Maria de Fátima Paz Alves (2009), as sociedades culturais elaboram regras que definem em que momento e por meio de quais rituais ocorrem as transições etárias no curso da vida, assim o que pode ser associado à juventude em uma dada sociedade pode não necessariamente ter a mesma conotação em outra configuração social.

Segundo Lourival Rodrigues da Silva (2006), apesar de organizações mundiais buscarem conceituar a juventude com base em relações biológicas, o entendimento sobre a mesma passa por uma situação polissêmica que envolve aspectos biológicos: marcados pela questão das transformações no corpo; psicológicos: que são as vivências

⁴⁶ A ética luterana considera Os Dez Mandamentos como a base para a convivência humana de forma justa e ordeira. Pode ser resumida em “amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Tem por base o livro “Das Boas Obras”, escrito por Martim Lutero e traduzido na versão atualizada como “Ética Cristã”. Ver Martim Carlos Warth (2002).

e emoções que vão influenciar na construção da identidade do jovem; sociológicos: questões que envolvem adaptação e inserção social, lugar onde tecem suas redes simbólicas e perpetuam suas organizações; e antropológicos: que são as concepções do agrupamento cultural e social do qual o jovem se origina.

É preciso ter em vista, então, que as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas, variam intensamente e são objeto de manipulações (Bourdieu, 1983). Para Pierre Bourdieu (1983), a realidade de cada jovem é determinada pelas possibilidades que lhe são oferecidas, pelas posições que ocupa no espaço social, pelo estilo de vida de cada indivíduo, pela (re)tradução simbólica das distintas condições de existência e, também, pelas práticas culturais inerentes aos subgrupos de sua pertença.

Devido a amplitude da discussão, muitas são as definições que têm como pretensão demarcar e fixar um conceito para a juventude. Para Abramovay (2006, p. 3), juventude é:

[...] o período da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, e durante o qual produzem mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que se realizam em condições diferenciadas, segundo as sociedades, as culturas, as etnias-raça, as classes sociais e o gênero, bem como outras referências objetivas e subjetivamente relevantes para os que a vivenciam.

Sob a perspectiva da autora, a juventude é, portanto, decorrente de uma vivência em determinado período histórico e social, que traz os dados da cultura onde ela é estabelecida e o tempo pelo qual ela é concebida. Assim, referenciando o campo da história, Gilselene Garcia Guimarães e Mírian Paura S. Grinspun (2008, p. 3) afirmam que “a juventude não pode ser definida porque depende de fatores temporais, espaciais e culturais, dentro do período que a sociedade está sendo estudada”. As autoras complementam, ainda, dizendo que pensar a juventude dentro deste contexto, “[...] como uma simples manifestação de atitudes e comportamentos resultante do desenvolvimento da natureza humana, é aprisioná-la em moldes vazios de valores, emoções e expressões características de sua inserção nos paradigmas sociais e culturais” (Guimarães; Grinspun, 2008, p. 5).

Para Sousa (2006), a teoria das gerações auxilia na compreensão da juventude no contexto de uma sociabilidade constituída em seu grupo de referência e na sua relação

com aquela sociabilidade já constituída. A autora observa que “a criação e a acumulação culturais nunca são realizadas pelos mesmos indivíduos, pois cada grupo entra de maneira diferente em contato com a herança cultural acumulada” (Sousa, 2006, p. 12). Portanto, por mais que o jovem seja influenciado pela memória comunitária, o seu contato com a vida social sempre será original; ainda que venham a prevalecer os modos culturais das gerações anteriores, a experiência individual é o elemento fundamental a balizar o processo de socialização dos jovens e da própria sociedade.

Concorda-se, então, com os argumentos de Alcimar E. Rocha Trancoso e Adélia A. Souto Oliveira (2016), que concluem que o conceito de juventude é polissêmico, interdisciplinar e constricto à realidade social, histórica e cultural da experiência humana. Segundo eles, existem conceitos que pertencem à própria condição juvenil, constituindo-se por si mesmos a partir da livre estruturação de elementos sociais e culturais disponíveis.

A juventude é, portanto, uma construção cultural repleta de sentidos e significados relacionados às regras de comportamento e costumes dados pela sociedade em que está inserida (Elias, 1993). Ela se desenvolve de forma diferente dentro do processo de formação humana, conforme as relações intersubjetivas estabelecidas em cada contexto social.

Nesse sentido, Alves (2009, p. 40) observa que “a periodização da vida procura demonstrar como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente, com rituais que marcam fronteiras por onde os indivíduos passam”. Reforça-se, assim, que, da mesma forma como os demais conceitos são definidos no contexto social, cultural e histórico, a juventude também se constitui no ambiente sociopolítico de cada sociedade

Isto posto, após refletir sobre o conceito de juventude e observar que existem diferentes formas de vivenciar essa etapa da vida, concorda-se aqui que a sua definição se encontra muito mais associada ao contexto social, cultural e histórico do que a uma faixa etária. Buscar-se-á discutir, a seguir, a imprensa educacional e religiosa fonte para como pesquisas que visam entender processos educacionais e doutrinários em contextos específicos.

1. 2 - Imprensa educacional e religiosa

A cada ano surge um grande número de novas pesquisas realizadas no âmbito acadêmico, seja em nível de mestrado, doutorado, entre outras produções. Essas pesquisas representam para o pesquisador em busca de um tema novo ou inédito uma fonte de apoio e, em muitos casos, um direcionamento para assuntos que instigam outras possibilidades de estudo. Nesse sentido, José D'Assunção Barros (2005) auxilia o historiador ao afirmar que, por mais que existam pesquisas sobre um determinado assunto, sempre haverá lacunas que permitirão a ele inovar em seu tema, seja pela apresentação de novas fontes, pelas hipóteses levantadas ou pelos procedimentos adotados no decorrer da pesquisa. Assim, quando se propõe uma contribuição para o avanço no estudo de determinada área do conhecimento, entende-se que as lacunas nas pesquisas já realizadas podem ser supridas com a nova investigação proposta, ao mesmo tempo que as pesquisas finalizadas podem contribuir dando suporte ao estudo.

As pesquisas realizadas sob a perspectiva da História Cultural consideram importante a utilização de impressos em estudos históricos que visam analisar determinados interesses inseridos em um contexto histórico específico. Concorde-se com essa perspectiva quando afirma que os impressos oferecem informações essenciais para quem busca compreender as diversas conexões existentes entre produção, circulação e apropriação de um escrito produzido a partir das “[...] configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço” (Chartier, 1990, p. 27). O mesmo autor também destaca a relevância da imprensa em pesquisas histórico-educacionais, uma vez que ela constitui uma fonte fundamental para revelar os discursos, hábitos e valores morais e sociais de comunidades particulares.

A imprensa educativa, em específico, é destacada por Maria Helena Câmara Bastos (2002) como uma fonte privilegiada nos estudos relacionados à História da Educação. Para a autora a imprensa,

[...] é um instrumento privilegiado de pesquisa para a construção do conhecimento em história da educação. A imprensa pedagógica jornais, boletins, revistas, magazines feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou por outras instituições;

sindicatos, partidos políticos, associações de classe, igrejas contém e oferecem muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, as práticas educativas (Bastos, 2002, p. 153).

A autora destaca, assim, a importância do impresso como fonte de pesquisa quando se objetiva investigar a cultura educacional e as diferentes esferas que exercem influências na formação do pensamento em contextos específicos e em épocas distintas.

Classificada por Denise Bárbara Catani e Bastos (2002) como um excelente observatório, a imprensa educacional permite ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico e social de determinados grupos da sociedade a partir da análise dos discursos veiculados. Nessa mesma perspectiva, António Nóvoa (2002) faz referência à diversidade de conhecimentos que podem ser adquiridos sobre o processo educacional por intermédio da análise dos impressos oriundos de diferentes setores do campo social no qual o indivíduo se encontra.

A imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo (Nóvoa, 2002, p. 13).

A imprensa passou a ser entendida, assim, como uma importante ferramenta de pesquisa, principalmente no que se refere aos estudos relacionados à História da Educação. Tal campo evidenciou que os impressos deixaram de ser percebidos apenas como fontes de pesquisa, mas também como objetos de estudo para o entendimento de temas relacionados à educação em diferentes contextos.

Os teóricos relacionados à imprensa educacional e religiosa do contexto da imigração alemã e pomerana apontam para a existência de vasta circulação de jornais, revistas, almanaques, entre outras produções didáticas e literárias, balizadas, em grande parte, pela Igreja Católica e pelos sínodos luteranos (Rambo; 2003; Gertz, 2004; Kreutz, 1994, 2007). Estes impressos contribuíram significativamente para os estudos de imigração alemã no Rio Grande do Sul, sendo que são recursos e fontes importantes que permitem problematizar o poder estabelecido, em suas diferentes esferas e perspectivas institucionais, em épocas e contextos distintos. René Gertz (2004), ao fazer um

levantamento sobre as principais referências em imprensa alemã no RS, observa que apesar dos autores apontarem divergências quanto ao valor e a influência das suas publicações entre os teuto-brasileiros, todos concordam que elas contribuíram de alguma forma na formação cidadã desta população.

Arthur Basílio Rambo (2003), também, argumenta que os impressos como almanaques, revistas, entre outros periódicos de fácil leitura, por muito tempo constituíram-se como um meio de informação e formação das comunidades teuto-brasileiras no RS. Era por intermédio dos impressos que essas comunidades conheciam a história, a geografia e o clima do lugar onde viviam e também buscavam orientações sobre agricultura, informações sobre doenças, feriados religiosos e civis, bem como acontecimentos de repercussão nacional, regional e internacional.

Lúcio Kreutz (2007) ressalta a importância dos periódicos educacionais católicos e luteranos que circularam no contexto da imigração teuto-brasileira quando se objetiva localizar dados ou informações relacionadas à educação e à religiosidade. Salienta que de forma alguma se trata de uma imprensa produzida em um vazio histórico, isenta de interesses conflitantes; pelo contrário: tanto católicos quanto luteranos imprimiram nela suas perspectivas e seus princípios religiosos em relação à organização político-social e cultural. A imprensa pedagógica pode ser, assim, tomada como um poderoso instrumento para ajudar a conformar determinado modo de sociabilidade, sendo posto em convergência com outras estratégias políticas e culturais (Chartier, 1990).

Os estudos de Isabel Cristina Arendt (2005) sobre as representações da germanidade⁴⁷ tendo como fonte um periódico educacional de nome *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul* (Jornal Geral para o Professor no Rio Grande do Sul), editado e publicado entre 1901 e 1939 pela *Deutscher Evangelischer Lehrerverein von Rio Grande do Sul* (Associação dos Professores Alemães e Evangélicos do Rio Grande do Sul), são bastante esclarecedores nesse sentido. Segundo a autora, a partir desse impresso foi possível observar que a escola teuto-brasileira era intensamente trabalhada nas páginas do periódico, em que o professor era chamado a formar cidadãos brasileiros, mas que mantivessem a essência alemã. O periódico visava, assim, gerenciar

⁴⁷ Trata-se da preservação de características, hábitos, estilo, língua, e outras influências da cultura do povo alemão.

a identidade do professor e da escola através de publicações de artigos, resenhas, sugestões de leituras e materiais didáticos, entre outros.

Ainda relacionando questões étnicas e a imprensa, Dagmar Meyer (2000) observa a importância atribuída à escola e à Igreja Evangélica Luterana na gestão da vida dos imigrantes e seus descendentes. Segundo ela,

a leitura dos jornais da época permite dizer que estas duas instituições estiveram profundamente enredadas na produção, manutenção e transformação dessa cultura e das identidades que ela colocou em circulação. De maneira especial e variada, essa discussão posicionou a escola comunitária rural e seus professores como agentes legítimos de preservação da cultura e da fé (Meyer, 2000, p. 107).

Meyer (2000), ademais, ressalta o papel central que o tripé igreja, escola e imprensa ocuparam na vida dos imigrantes e de seus descendentes, atuando principalmente na produção, preservação e reformulação da cultura, mantendo a unidade étnica ao mesmo tempo que trabalhavam em prol da inserção na cidadania brasileira. A educação seria o elemento principal da instrumentalização daqueles sujeitos, uma vez que ela era um meio para a vivência da fé.

Para Márcio Barreto e Weiduschadt (2019), que estudam o impresso infantil “O Amigo das Crianças”, produzido pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB –, estudar impressos vinculados ao luteranismo implica em transitar diretamente pelas relações históricas e culturais em que eles foram gestados. Elaborados com a finalidade de comunicar lições e princípios cristãos de maneira acessível e cativante para o público infantil, esses materiais eram empregados pelos professores que trabalhavam no contexto educacional luterano como instrumentos pedagógicos para aprimorar suas aulas, incentivar o envolvimento das crianças e facilitar a compreensão dos conceitos da fé cristã (Barreto, 2023).

Segundo Weiduschadt (2012), a difusão da imprensa educativa e religiosa promovida pelos sínodos luteranos através de livros, cartilhas, revistas infantis, juvenis e jornais dos professores, entre outros, representou o investimento destas instituições para se firmar como importantes lideranças frente às comunidades alemãs e pomeranas. Ao pesquisar a revista infantil “O Pequeno Luterano”, produzida pelo Sínodo de Missouri entre 1931 a 1966, Weiduschadt (2012) observou que a revista era organizada no sentido de relacionar os conteúdos seculares e o aprendizado ao pensamento cristão.

Nos impressos a noção religiosa e doutrinaria não é desviada em nenhum momento do seu propósito, isto é, os textos de História Factual, ciências e geografia não se desprendem em nenhum momento da função religiosa e moral pregada pelo sínodo (Weiduschadt, 2012, p. 150).

Weiduschadt (2012) salientou, ainda, que a revista serviu como uma importante ferramenta de educação formal e informal⁴⁸ de seus leitores, considerando que a sua circulação se dava tanto em âmbito escolar como doméstico. A autora ressaltou, desse modo, a eficiência do Sínodo de Missouri em fazer uso da imprensa para disseminar conteúdos religiosos e doutrinários que serviam como balizas na formação do pensamento secular e religioso. Em acordo com Weiduschadt (2012), Marcus C. Kuhn e Arno Bayer (2018), ao estudarem o periódico pedagógico “*Unsere Schule*” (Nossa escola), editado pelo Sínodo de Missouri para orientar as escolas luteranas, observam a preocupação do Sínodo de Missouri com as questões educacionais, não somente no sentido de oferecer uma educação de qualidade, mas que também os diferenciasses como instituição religiosa luterana de ensino. Nele eram discutidos temas variados relacionados ao campo educacional, como formação de professores e orientações didáticas para o uso das cartilhas escolares, entre outras abordagens pedagógicas.

Segundo André Droogeres (2008), o fator religioso teve grande relevância na difusão da imprensa escrita entre os imigrantes alemães e pomeranos, principalmente entre aqueles de confessionalidade luterana, em que a leitura foi incentivada e disseminada desde os primórdios da Reforma Protestante, que teve na imprensa de Gutenberg⁴⁹ sua grande aliada para mudar a história da leitura e da circulação de ideias.

Já Lúcio e Sophya Kreutz (2002) ressaltam a importância da imprensa quando se busca conhecer a história da imigração no Rio Grande do Sul. Segundo os autores, em 1929 circulavam no RS trinta e sete publicações periódicas em língua alemã. Entre elas,

⁴⁸ A Educação informal decorre de processos naturais e espontâneos, segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados. Geralmente transmitida pelos pais, amigos e ou pessoas próximas, é demarcada por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião entre outros (Gohn, 2006).

⁴⁹ Máquina de impressão tipográfica inventada pelo alemão Johann Gutenberg (1400-1468), no século XV, que impulsionou a produção de livros, que deixaram de ser confeccionados manual e artesanalmente e se tornaram uma produção em série mecanizada, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da Reforma Protestante. Ver: HISTÓRIA DO MUNDO. Invenção da Imprensa. Portal eletrônico, Brasil. Especiais. Acessado em 16 jan. 2019, Online. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/invencao-imprensa.htm>.

pelo menos cinco⁵⁰ jornais propriamente ditos, sete⁵¹ órgãos especializados em publicações semanais e mensais direcionadas para professores, seis⁵² almanaques que eram muito usados junto às escolas, além de outras dezenove publicações variadas que abordavam assuntos referentes às comunidades alemãs. Estes periódicos eram gerenciados principalmente pelas instituições católicas e evangélicas luteranas. Segundo Haike Roselane da Silva e Arendt (2000), estes impressos influenciaram de maneira significativa a vida de seus leitores, considerando que o projeto familiar, religioso e escolar estava continuamente vinculado às páginas dos jornais e das revistas que circulavam entre estas comunidades.

Os impressos religiosos também serviram de base para Sandra Cristina Donner (2001), que observou os posicionamentos dos estudantes luteranos porto-alegrenses durante a Campanha da Legalidade⁵³. A partir de discursos publicados pela Associação Cristã de Acadêmicos e pela Revista da Juventude Evangélica, foi possível refletir sobre a politização desses estudantes e suas relações com a família e a igreja. Já Sandra Cristina da Silva (2009a) destaca a atuação da imprensa protestante na educação de mulheres no começo do século XX no Recife/PE. Observa que os impressos por ela analisados podem ser percebidos como espaços educativos não formais, porém repletos de intencionalidade no que concerne à divulgação dos modos de ser e proceder da mulher naquele contexto histórico. Ainda conclui que a imprensa, por se tratar de uma configuração social, é responsável tanto por introduzir mudanças como por consolidar modelos de comportamentos sociais em épocas distintas.

Conforme ponderado, os impressos foram uma das estratégias adotadas, tanto pelas instituições luteranas quanto pela católica para divulgar seus posicionamentos e

⁵⁰ Entre estes, Kreutz (2002) destaca o *Deutsche Zeitung*, (Jornal alemão); o *Deutsche Post* (Correio alemão) e o *Deutsches Volksblatt* (Folha do Povo Alemão).

⁵¹ Entre estes, Kreutz (2002) destaca o *Lehrerzeitung* (Jornal do Professor); *Vereinsblatt des deutschen katholischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul* (Jornal da Associação de Professores Católicos Alemães do Rio Grande do Sul); *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul* (Jornal Geral para os Professores do Rio Grande do Sul); *Vereinsblatt des deutschen evangelischen Lehrervereins in Rio Grande do Sul* (Jornal da Associação dos Professores Evangélicos Alemães do Rio Grande do Sul); *Das Schulbuch* (O livro escolar).

⁵² Entre estes, Kreutz (2002) destaca o *Familienfreundkalender* (Calendário amigo da família); *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* (Koseritz calendário folclórico alemão para o Brasil) e o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Calendário para os alemães no Brasil).

⁵³ Mobilização civil e militar liderada pelo governador do Rio Grande do Sul, em 1961, para garantir a posse de João Goulart como Presidente do Brasil.,

recomendações frente à sociedade a qual representavam, conforme se observa em Mauro Passos (1986, p. 94), ao afirmar que “a imprensa católica era um dos recursos significativos e eficientes para viabilizar a missão eclesiástica, instruindo, educando, defendendo a fé e difundindo a doutrina católica”. Sendo estas também as observações feitas por Ana Luzia Santos (2006, p. 37), que ressalta que “os impressos católicos além de promover a formação e a consolidação de uma mentalidade cristã calcada nos princípios católicos vigentes naquele momento histórico”, visavam combater periódicos que traziam ideias consideradas ímpias frente ao catolicismo, colocando em polos opostos os impressos católicos e os laicos.

Patrícia Machado Vieira (2014), ao estudar a imprensa estudantil católica do Estado do Rio Grande do Sul através dos periódicos “Psiu” e “Fermento”, observa que estes impressos estavam mobilizados por um processo educativo intenso e extenso, destacando o papel formativo desempenhado por eles e os modos de circulação de ideias e informações dos grupos juvenis ligados às Pastorais da Juventude. Com isso, evidencia-se que o impresso foi um dos veículos de comunicação mais utilizado pelas instituições religiosas, tanto luteranas quanto católicas, para difundir seus propósitos educacionais, sociais e religiosos.

No mesmo sentido, o livro “Imigração & Imprensa” (2004), organizado por Martin Dreher, Artur Blásio Rambo e Marcos Tramontini, reúne um número significativo de pesquisas de diferentes autores dedicados a estudar a difusão de ideias por intermédio da chamada “imprensa da imigração alemã e italiana”.

É possível observar que, desde o começo da imigração no século XIX, estes imigrantes já demonstravam empenho e preocupação com a circulação de informações e outros ideais, principalmente por meio da comunicação escrita. Logo, é notório que os principais responsáveis por essa importante produção de materiais impressos não tenham sido simples camponeses, mas indivíduos com certo grau de letramento que ansiavam por se comunicar através da imprensa escrita.

Em relação à valorização da escolarização, Dreher (2000a) ressalta em seu artigo que a iniciativa comunitária foi fundamental para a incorporação do aspecto religioso no processo educativo. Os ideais basilares dos descendentes de alemães e pomeranos

estavam alinhados com o movimento religioso e educacional protestante iniciado por Martinho Lutero, que defendia a premissa “Ao lado de cada igreja, uma escola”.

Essa aproximação com teóricos imersos no campo da pesquisa educacional e religiosa revela que a utilização de periódicos como fonte e objeto de estudo em pesquisas acadêmicas tem se mostrado uma abordagem relevante e enriquecedora para a compreensão de processos educativos em sociedades específicas, especialmente quando se trata de publicações educacionais e religiosas. A partir destes estudos foi possível observar que as imprensas educacional e religiosa desempenharam um papel fundamental na divulgação de ideias, valores e práticas pedagógicas, refletindo não apenas as políticas educacionais e religiosas de determinada época, mas também as concepções, os discursos e as representações sociais presentes na sociedade daquele tempo.

Assim, após compreender as dinâmicas sociais, culturais e políticas que influenciam o campo educacional e religioso, buscar-se-á a seguir apresentando o percurso teórico-metodológico utilizado na pesquisa, em que são elencados os principais conceitos mobilizados para esclarecer a questão central deste estudo, que consiste em compreender a influência da revista "O Jovem Luterano" na formação social e religiosa de sujeitos que foram leitores do periódico durante a sua juventude.

1. 3 - Referencial teórico-metodológico

Os caminhos metodológicos que norteiam o percurso desta investigação foram assumidos na busca por respostas à problemática anunciada e envolvem diferentes momentos, alguns percorridos logo no início, visando explorar o cenário da investigação, e outros trilhados durante a trajetória de pesquisa.

O *corpus* da pesquisa encontra-se imerso na área de História da Educação e irá privilegiar duas tipologias de fontes: a revista “O Jovem Luterano” e as fontes orais, oriundas de entrevistas com sujeitos que foram leitores do periódico. As fontes foram analisadas a partir de uma abordagem qualitativa, tendo como suporte, respectivamente, as metodologias de análise documental e de História oral.

Desta maneira, antes de dissertar sobre as técnicas utilizadas na seleção e análise das fontes, buscar-se-á apresentar o embasamento teórico-metodológico sob o qual o estudo se norteia, a fim de construir um diálogo entre a teoria de autores que visam orientar processos metodológicos e o uso dessas orientações durante a investigação.

Primeiramente, os estudos de Chartier (1990, 1999 e 2002) serviram como base para compreender questões relacionadas à materialidade, circulação e apropriação da revista “O Jovem Luterano”. Principalmente no que diz respeito às práticas de leitura e do uso do impresso como ferramenta educativa, que são vistas por Chartier (1990) como mecanismos culturalmente construídos. Segundo o autor, cada comunidade de leitores desenvolve meios e práticas de leitura que são singulares e diferenciadas. Para ele, existem

Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler (Chartier, 1991, p. 179).

A apropriação é, portanto, uma história social dos usos e das interpretações inscrita nas práticas específicas de cada comunidade de leitores. Tais grupos são definidos por Chartier (1994, p. 216) como sendo “aquelas comunidades interpretativas, cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação”. Cabe aos historiadores analisar os modos de leitura e os documentos como representações culturais de grupos sociais particulares para poder identificar as matrizes e as disputas envolvidas na articulação entre o mundo do texto e o mundo do leitor.

Por conseguinte, os estudos de Michael de Certeau (2011) que buscam decifrar normas culturais através do cotidiano serviram como base para refletir as estratégias educativas e formativas pensadas e utilizadas pela instituição luterana provedora do impresso com o objetivo de influenciar a vida e a sociabilidade da juventude luterana. Do mesmo modo, foram mobilizadas as táticas utilizadas pelos jovens, leitores da revista, para preencher suas necessidades, estabelecendo uma (re)apropriação do uso da revista de modo individual e singular, sem deixar de manter uma aparente conformidade com a instituição provedora do periódico.

Para pensar as relações sociais e a formação do comportamento da juventude luterana, dialoga-se com os conceitos de cultura, civilização e configuração social de Norbert Elias (1993 e 2011), procurando caracterizar os processos civilizatórios de formalização dos costumes e das tradições em sociedades particulares a partir de reflexões sobre a constituição dos códigos de sociabilidade inscritos nos textos da revista “O Jovem Luterano”.

Como as abordagens da revista caminham em direção à formação de redes de sociabilidade e comunicação que visavam aproximar realidades juvenis, observou-se que o periódico teve um papel importante na mediação da comunicação e de conexões entre diferentes realidades juvenis luteranas. Por meio de suas páginas, disseminaram-se estratégias, como planos de leituras, círculo de amizades, viagens de jovens, entre outras intermediações de comunicação, como a troca de correspondências, que possibilitaram conexões entre jovens luteranos de diferentes partes do mundo. Por isso, também é profícuo fazer uso dos conceitos do transnacional e das histórias cruzadas (Werner; Zimmermann, 2003; Schwriewer; Caruso, 2005) para entender, dentro de tal perspectiva teórica, estratégias de circulação e expansão que consistiram em propagandear campanhas e projetos tendo como mediação as revistas juvenis organizadas pelos grupos de jovens da instituição luterana do Sínodo de Missouri.

Pelos estudos de Michael Werner e Bénédicte Zimmermann (2003), pode-se entender estes cruzamentos como configurações. A ênfase, assim, não deve recair em entender os pontos de partida e de chegada, mas, segundo os pesquisadores acima citados, em colocar em evidência as interconexões. Essas interconexões não partem de um ponto fixo, mas sim da noção de intersecção. Essa noção do entrecruzamento está no princípio da história cruzada e transnacional, rompendo com uma perspectiva unidimensional, simplificadora e homogeneizadora, em benefício de uma abordagem multidimensional que reconheça a pluralidade e as configurações complexas que daí resultam (relações, interações e circulação).

Logo, é relevante observar a circulação desses argumentos e sua reinterpretação em diferentes contextos nacionais e sociais. De acordo com Alves (2009), a juventude na sociedade contemporânea é concebida como um período de vigilância, disciplinarização e socialização. Indícios mostram que essa era também a concepção dos idealizadores

da revista “O Jovem Luterano”, conforme abordado no exemplar de janeiro de 1940, que discute estratégias para controlar as liberdades mundanas e influenciar a sociabilidade dos jovens luteranos. Portanto, entende-se necessário trazer uma reflexão teórica sobre a complexidade social do termo “sociabilidade”.

Elias (2011; 1993), nesse sentido, concebe a sociedade como uma rede de relações, composta por indivíduos interdependentes, chamada por ele de configuração social. Para o autor, o sujeito encontra-se imerso neste espaço de interação atuando a partir de um contexto social e histórico onde é moldado pelas tradições institucionalizadas. Seria a partir deste sistema de disposições socialmente constituídas que emergiriam as características pessoais pelas quais um indivíduo e/ou grupo social se difere dos outros membros da sociedade (Elias, 1993). Para Elias, assim como para Bourdieu (1989), cada sujeito é um corpo socializado, investido por princípios organizadores, construídos e adquiridos no decorrer de uma experiência social situada e datada. Tão logo, ambos concebem a socialização como o resultado de processos educativos em que são incutidos nos sujeitos os traços culturais relativos ao meio no qual eles estão inseridos.

A socialização seria assim mobilizada pelas estruturas familiares, sociais e institucionais, em que os valores, as crenças, as tradições, entre outros fatores, atuam na modelagem do comportamento do sujeito em sociedade. Porém, segundo Marco Antônio Santos (2021), esse sujeito não pode ser visto como um mero receptor e sim como um ser atuante dentro desta rede de sociabilidade de múltiplas negociações e de fronteiras transitórias. Em concordância com Georg Simmel⁵⁴, Santos (2021) ressalta que a ética da sociabilidade é fazer a junção e a separação dos indivíduos, por impulsos ou finalidades de interesses.

Luiz Afonso Salturi (2016) observa, com base na obra de Georg Simmel, que a sociabilidade não é algo natural, mas sim um produto cultural que consiste da elaboração individual e coletiva dos comportamentos e atitudes através da mediação entre a expressão e o pertencimento. Para o autor, a sociabilidade e a cultura se fundem em

⁵⁴ Georg Simmel (1858-1918), sociólogo e filósofo alemão, considerado o fundador da Sociologia Formal ou Sociologia das Formas Sociais.

sua forma de interação. Ele define a sociabilidade como sendo aquela que acontece a partir da interação entre iguais.

Os processos socializadores são, com base em Maria da Graça J. Setton (2009), a origem da construção de relações sociais mais complexas, dos laços que unem os indivíduos e que são capazes de dar coerência e coesão aos grupos sociais. A autora ressalta que o processo de socialização é articulado pela configuração social e envolve valores culturais e referências identitárias e varia segundo a origem social, étnica, religiosa. A socialização seria, assim, o resultado de ações educativas de várias instâncias produtoras de bens simbólicos, muito semelhante ao que Bourdieu (1989) chamou de *habitus*, e é aqui compreendida como unificação das práticas e de representações.

Enfatizando o papel do simbólico na reprodução das estruturas sociais, Luciana de Oliveira e Vanrochris Helbert Vieira (2015) destacam a cultura como o substrato no qual os indivíduos buscam elementos para agir em sociedade. A sociabilidade se daria por intermédio de uma costura do social e do cultural, envolvendo processos simultâneos de incorporação, mediação, aprendizado e transmissão de um conjunto de normas e comportamentos, ordenadores das maneiras de ser, agir e pensar dos indivíduos. Essa costura sociocultural seria responsável pelo enquadramento do indivíduo dentro de uma realidade social de valores morais e costumes que irão influenciar os conceitos e as visões de mundo do sujeito. O processo de socialização é, portanto, frequentemente influenciado pelo convívio da pessoa no contexto social ao qual está inserida.

Conforme Elias (2011), o ser humano nasce dentro de um contexto familiar e cultural e este, por sua vez, reflete a consciência de si mesmo e suas fronteiras tanto no sentido social, político, como no espiritual. Ele delimita, compartilha uma tradição e dá ênfase às diferenças e à identidade de grupos. A cultura está diretamente vinculada à produção e ao compartilhamento de significados (Hall, 1997), e estes regulam e organizam nossas condutas e práticas auxiliando no estabelecimento de regras, normas e convenções que ordenam e governam a vida social.

Para Elias, a educação civilizadora é pautada na formação de comportamentos sociais; ou seja, quanto mais os indivíduos se educam, mais eles se tornam capazes de controlar seus impulsos, suas emoções:

o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada (Elias, 1993, p. 193).

O desenvolvimento destas regulações comportamentais caminha, na visão de Elias, entrelaçado a um processo de normas reguladoras que são culturalmente redefinidas e reavaliadas na prática cotidiana da vida em sociedade. Para Elias (2011), o indivíduo se constrói a partir de uma forma particular de entrelaçamento social onde é moldado pelas tradições institucionalizadas. Neste caso, para poder fazer parte, ser reconhecido como parte integrante daquela sociedade, o indivíduo precisa se adaptar a certos padrões sociais tidos como importantes para aquele grupo social, tão logo precisaria submeter-se às normas da sociedade onde vive.

Elias (1993) observa que não podemos pensar o indivíduo sem que este esteja inscrito simbolicamente em uma rede social com suas figurações, que compreendem as organizações sociais, como famílias, igreja, estado, escolas, cidades ou grupos sociais. É a partir da experiência obtida no interior do próprio grupo que os indivíduos modelam seus conceitos.

Em termos de critérios de análise, entende-se necessário ponderar que a revista "O Jovem Luterano" pode ter atuado como mobilizadora das representações sociais e religiosas em torno dos quais os jovens iriam construir a sua identidade. Neste contexto, as reflexões de Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward (2014) sobre identidade e diferença são relevantes, destacando a interligação e influência mútua destes conceitos na formação da percepção e experiência dos sujeitos no contexto social e cultural. Esses conceitos poderão contribuir para promover uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder, interações sociais e práticas culturais presentes na revista, que objetivavam moldar uma identidade luterana.

Há fortes indícios de que a revista "O Jovem Luterano" tenha buscado, de certa maneira, incentivar os jovens a se posicionarem diante das estruturas sociais e culturais, promovendo a construção de comportamentos e narrativas identitárias que representassem suas experiências, visões de mundo e autoimagem, bem como suas

percepções sobre os outros. O que pode ter impactado diretamente na forma como os jovens se reconheciam e eram reconhecidos pela sociedade (Hall, 2014). Sabendo que para Hall a identidade é construída a partir da diferença, foi preciso atentar-se para as especificidades da revista, pois a intencionalidade em buscar uma uniformização doutrinária, ética, moral e social das práticas luteranas pode ser vista também como uma tentativa de distinguir a Juventude Luterana Ielbiana⁵⁵ perante os demais jovens da sociedade.

Para tanto, os critérios metodológicos adotados para a construção da pesquisa tomaram por base a análise documental e a História oral, por entender que ambas dialogam, possibilitando assim questionamentos de interlocução entre as recomendações da revista e a maneira como os jovens se apropriavam dela e ressignificavam o seu conteúdo. Subjaz a isso a concepção de que é preciso considerar os modos de ler, os processos, as trajetórias e as escolhas dos sujeitos em diferentes práticas leitoras (Chartier, 1991).

Também é preciso lembrar que o campo de investigação está circunscrito por um espaço temporal, geográfico, social e cultural que, segundo Eni de Mesquita Samara e Ismênia S. Silveira Tupy (2010), precisa ser considerado, pois todo o documento é antes de qualquer coisa uma representação da sociedade no qual foi forjado: “O historiador precisa estudar o objeto em simbiose com a sociedade que o criou, com o mercado que o distribuiu e com a economia que permitiu a sua existência funcional” (Samara; Tupy, 2010, p. 63 - 64).

Em relação à criação de grupos sociais, os documentos apresentam elementos estruturais implícitos que caracterizam componentes que permitem compreender as singularidades de diferentes estratos grupais. É devido a essa representação cultural exercida sobre o objeto, que Carlos Bacellar (2008) chama a atenção para a importância de se contextualizar o documento a ser analisado, pois ele nunca é totalmente neutro, sempre carrega consigo a intencionalidade de quem o produziu. Para Bacellar (2008, p. 63- 64),

Um dos pontos cruciais do uso de fontes reside na necessidade imperiosa de se entender o texto no contexto de sua época, e isso diz respeito, também, ao

⁵⁵ Jovens pertencentes à Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

significado das palavras e das expressões [...] o historiador não pode se submeter à sua fonte, julgar que o documento é a verdade, [...] ser historiador exige que se desconfie das fontes, das intenções de quem a produziu, somente entendidas com o olhar crítico e a correta contextualização do documento que se tem em mãos.

O autor observa que os documentos provenientes do passado certamente não foram elaborados pensando no trabalho dos futuros historiadores, mas sim para atender às exigências ou necessidades específicas de um determinado momento histórico. Portanto, eles devem ser entendidos em suas particularidades.

Também é preciso tecer algumas considerações sobre a contribuição da imprensa para aqueles que buscam informações sobre o que era escrito e a forma como pensava e escrevia a sociedade ao longo do tempo, nas mais diferentes esferas do conhecimento. Como um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, a imprensa serviu, e ainda serve, como um espaço de formação de opinião, legitimação de conhecimentos, educação e doutrinação da sociedade.

Quando se trata de imprensa, Tania de Luca ressalta que:

Os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tão pouco se dissociam do público que o jornal ou a revista pretende atingir (Luca, 2008, p. 140).

Com isso, a autora chama a atenção para importância da realização de uma análise circunstanciada do impresso em seu lugar de inserção. Complementa que entender o contexto no qual o impresso foi produzido é fundamental para interpretar o seu conteúdo dentro das relações sociais estabelecidas, visto que “os impressos são uma forma de construção discursiva que se consolida como parte constituinte das práticas sociais”, conforme esclarece Adriana Duarte Leon (2012, p. 303). E como se trata de uma revista produzida especificamente para jovens, é preciso estabelecer a inserção, a organização e a representação destes sujeitos na igreja e reciprocamente. Para tanto, necessita-se fazer um mapeamento dos principais conteúdos abarcados pela revista “O Jovem Luterano”, uma vez que os textos não estão fora dos materiais de que são veículos.

Além disso, é necessário observar as estratégias textuais presentes na revista, pois, segundo Umberto Eco (2004), o autor, ao escrever o seu texto, leva em

consideração o contexto social e deixa um espaço para o leitor estabelecer sua intervenção. Sendo assim, é preciso primeiro identificar quais foram as estratégias textuais utilizadas nestes impressos, para, num segundo momento, poder dialogar com as representações expressas e saber qual a sua significação na prática social e como estão relacionadas com a intervenção no campo educacional.

Igualmente, o documento histórico oriundo da imprensa não pode ser considerado o reflexo da realidade, mas sim uma representação tutelada pelo olhar da instituição provedora do impresso. Para Maria Rolim Capelato (1988, p. 24- 25),

Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas.

Por conseguinte, cabe lembrar que as fontes estão sempre condicionadas ao seu próprio contexto de produção; aos que as conservaram ou deixaram rastros de uma destruição, intencional ou não; aos que organizaram essas fontes em acervos; à força implacável do tempo e, sobretudo, ao teor das análises que são realizadas e são derivadas de percepções humanas e, portanto, são subjetivas. Fruto de relações sociais contraditórias que evocam relações de poder, o documento, conforme nos mostra Jaques Le Goff (2003), não é inócuo de interferências, mas sim:

o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (Le Goff, 2003, p. 538).

Para Eliane M. Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira e Galvão (2005), a história será sempre um “conhecimento mutilado”, pois só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber. E quando se trata de História da Educação, as autoras observam que a seleção das fontes documentais já foi feita, e que é preciso propor uma busca por esses objetos.

Dito isso, foi garimpando fontes escolares durante o meu mestrado em História da Educação que me deparei com a revista “O Jovem Luterano”; provida de significações e de possibilidades para uma investigação histórica, me instigou a fazer uma busca por

mais exemplares do periódico. O primeiro passo foi localizar possíveis leitores das revistas entre as comunidades luteranas de minha convivência, o que me possibilitou achar alguns exemplares, e, por conseguinte, através de um amigo seminarista⁵⁶ chegar ao acervo completo da revista, disponibilizado para pesquisa junto à biblioteca do Seminário Concórdia na cidade de São Leopoldo/RS.

Como já foi apontado, a análise documental teve como foco principal a revista “O Jovem Luterano”, que foi a fonte e o objeto deste estudo. Foram analisadas a revista piloto lançada em dezembro de 1928, que traz as motivações imbricadas na criação do periódico, e os 42 anos (1929 – 1971) de edições mensais do folhetim, que resultam em cerca de 500 revistas, aproximadamente. Considerando que as mesmas não tiveram grandes oscilações em número de páginas, gerando em torno de 16 a 18 laudas por edição, somou-se uma média aproximada de 8.500 páginas analisadas.

O estudo também contou com fontes complementares⁵⁷, consultadas conforme o andamento da pesquisa, como o “Mensageiro Luterano”⁵⁸, o “Pequeno Luterano”⁵⁹, o “Lar Cristão”⁶⁰, “*Nostra Vitta*”⁶¹, todas publicadas pelo Sínodo de Missouri e disponibilizadas para pesquisa na biblioteca mencionada, além de serem encontradas salvaguardadas por famílias luteranas. Além destas, estudos sobre outros periódicos evangélicos e mesmo católicos contemporâneos à revista foram confrontados com o que se inferia sobre o objeto, contribuindo para a problematização do conteúdo obtido a partir da análise das fontes.

Cabe lembrar que “[...] é impossível eliminar do trabalho historiográfico as ideologias que nele habitam” (Certeau, 2011, p. 40). Dessa maneira, é preciso considerar as orientações educacionais, sociais e religiosas da instituição provedora da revista. Por isso, foi também necessário promover uma aproximação com estudos sobre a

⁵⁶ Aluno do Seminário Concórdia, estabelecimento religioso da IELB que prepara jovens para a vida eclesial.

⁵⁷ Todas essas fontes estão disponíveis para pesquisa junto a biblioteca do Seminário Concórdia na cidade de São Leopoldo/RS.

⁵⁸ Considerada a revista da família luterana brasileira, sua edição teve início em 1917 e se mantém interrompida com publicações mensais até os dias atuais. Várias das revistas extintas ao longo dos anos entre elas o “O Pequeno Luterano” e “O Jovem Luterano” foram englobadas a revista.

⁵⁹ Periódico infantil produzido de 1931 a 1966, destinado às crianças luteranas. Ver Weiduschadt (2012).

⁶⁰ Almanaque anual com as principais informações do Sínodo, além, de textos teológicos, históricos e estudos. Ver Weiduschadt (2012).

⁶¹ A Revista relatava a vida e o cotidiano dos estudantes do Seminário Concórdia.

confessionalidade luterana (Rehfeldt, 2003) e com documentos oficiais do Sínodo de Missouri, principalmente no que diz respeito às orientações para jovens. Esses documentos foram buscados junto à instituição religiosa e também no arquivo do Instituto Histórico da IELB, localizado em Porto Alegre/RS.

Portanto, é imprescindível, para realizar a análise documental, integrar uma série de elementos. É necessário analisar o contexto no qual o *corpus* documental se formou, buscar saber quem eram os autores, qual a espécie do documento e o modo como foi produzido, qual a destinação e circulação, entre outros elementos que possam ter exercido influências sobre o escrito, a fim de analisar de forma completa as fontes da pesquisa. Para tanto, é também imprescindível mergulhar no campo editorial da revista, buscar saber quem eram esses sujeitos que mobilizavam o conteúdo do periódico e qual a sua relação com a instituição religiosa mantenedora da revista.

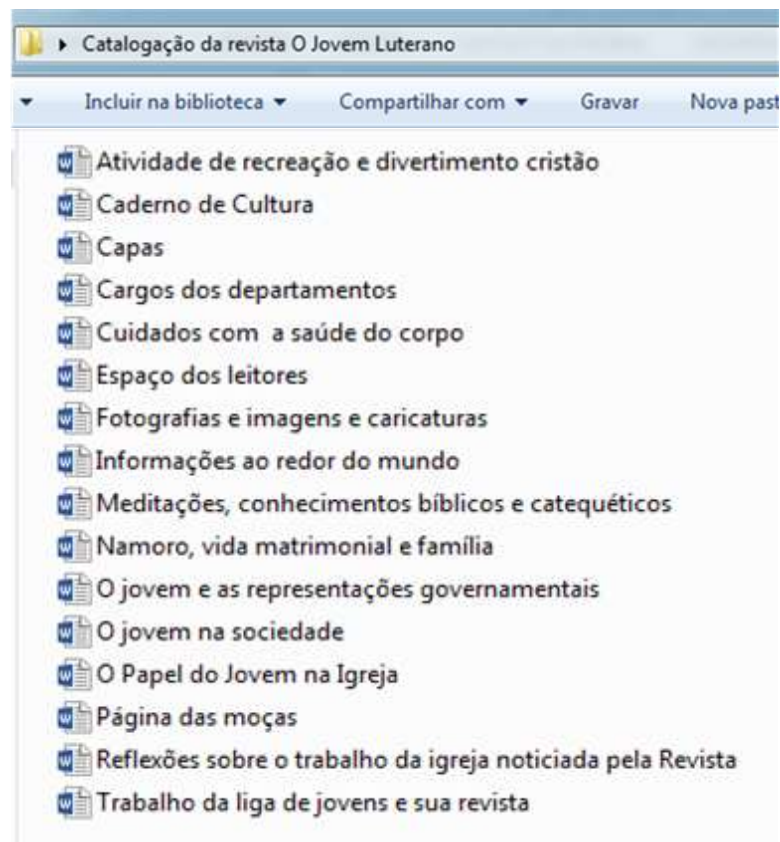
Nesse sentido, concorda-se com os pesquisadores da história da educação (Arendt, 2000; Bastos, 2002; Kreutz, 1994) quando afirmam que os impressos oferecem informações essenciais para quem busca compreender as diversas conexões existentes entre produção, circulação e apropriação de um escrito produzido a partir das “[...] configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço” (Chartier, 1990, p. 27). A revista “O Jovem Luterano” permite a problematização de aspectos sociais, culturais, materiais e, também, da representação religiosa e cultural exercida sobre o periódico. André Cellard (2010) afirma que o documento escrito se constitui como uma fonte preciosa para todo o pesquisador por oferecer elementos que permitem uma aproximação com o passado. Muitas vezes, “[...] ele permanece como único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente” (Cellard, 2010, p. 295).

Com isso, a Análise Documental, que é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca dos sentidos de um documento escrito, permitiu observar os posicionamentos oficiais do Sínodo de Missouri com relação aos jovens. Para tanto, a coleta de dados está estruturada de forma que as informações foram buscadas diretamente da revista “O Jovem Luterano”, que é a fonte principal e também o objeto desta pesquisa. A revista era o meio utilizado pela instituição religiosa para educar e doutrinar um segmento luterano juvenil. Desta maneira, o emprego da metodologia da análise documental possibilitou observar os elementos socioculturais no

qual a revista foi produzida e compreender as diferentes abordagens utilizadas pela instituição luterana para controlar as vaidades e liberdades mundanas de seus jovens e adolescentes.

Com base na observância do que dizem os teóricos sobre Análise Documental e considerando os posicionamentos oficiais da instituição religiosa provedora da revista, realizou-se em um primeiro momento a leitura e a catalogação dos principais temas abordados. As informações coletadas a partir da leitura da revista foram registradas por meio de alocações eletrônicas no *word*, por aproximação de assunto, conforme imagem abaixo.

Figura 2 – registro da pasta de catalogação da revista por assuntos de aproximação.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Estes conteúdos, tematicamente agrupados, foram registrados em planilhas observando: o ano, o mês, as páginas e o assunto que abordam, não necessariamente sendo o título da reflexão, mas o tema centralizador da discussão. Buscou-se também

marcar com um asterisco (*) as abordagens percebidas como relevantes, conforme mostra a imagem a seguir, que ilustra a maneira como estes argumentos foram organizados para facilitar a localização do conteúdo a ser analisada junto à fonte, no caso, a revista “O Jovem Luterano”.

Figura 3 – registro de exemplo de planilha de catalogação.

O jovem cristão na sociedade			
Ano	Mês	Página	Assunto
1940	Fev./Mar	19, 20	*A Educação do(a) jovem
-	-	44	*Prazeres mundanos
-	Abril	49, 50	Trabalho
-	-	55, 56, 57	*O jovem Luterano deve dar o exemplo
-	Maio	65, 66	O jovem pós confirmação
-	Junho	98, 99, 100	Os jovens e os perigos da adolescência
-	Julho	107, 108	Aptidões
-	Agosto	122	*Como o jovem cristão é visto pelos outros
-	-	128, 129,	*A necessidade de auxiliar o jovem após a confirmação
-	Setembro	144, 145	*Objetivo da revista JL
-	-	148, 149, 150	*Jogos de sorte, e os anos após confirmação
-	Outubro	165	*Jovens que se desviam da igreja entre os 14 e 16 anos
-	Nov/dez	179	*Tu e teus divertimentos
1941	Fevereiro	27	O perigo da juventude no tempo presente
-	Março	36, 38	Teu sucesso
-	Abr./maio	51, 52, 53	*Teus Amigos
-	-	72	*A sensualidade e o mundo dos prazeres

Fonte: arquivo pessoal do autor.

Em um segundo momento, com base na observância dos conteúdos elencados na categorização inicial e considerando os posicionamentos oficiais da instituição religiosa provedora da revista, bem como os questionamentos propostos pela pesquisa, buscou-se traçar a relação do periódico com os princípios defendidos pelo Sínodo de Missouri, bem como identificar os direcionamentos para a formação dos jovens luteranos segundo as recomendações da instituição religiosa.

Por conseguinte, buscou-se analisar as recomendações para a vivência de moças e rapazes no sentido de verificar a influência da revista no cotidiano dos seus leitores.

Para tanto, utilizou-se do subsidio da História oral (Amado; Ferreira, 2006) para observar como essas orientações eram ressignificadas, bem como para discutir a juventude no controle das práticas de sociabilidade a partir das memórias de sujeitos que foram leitores da revista, observando ainda os relatórios juvenis publicados no periódico; e, assim, viabilizar respostas ao questionamento da pesquisa que busca saber como a revista “O Jovem Luterano” influenciou a formação social e religiosa da juventude luterana, pautada nos princípios da instituição do Sínodo de Missouri.

No que diz respeito ao emprego da metodologia de História oral é preciso salientar que se trata de “um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam formular um entendimento de determinada situação destacada na vivência social” (Meihy; Holanda, 2014, p. 64). Para tal, é fundamental entender as narrativas como uma interpretação sobre o real e considerar a importância das experiências de vida e da subjetividade dos participantes. Entende-se, assim, que as representações do passado obtidas a partir das entrevistas irão contribuir para pensar as estratégias e táticas (Certeau, 2011) usadas na relação entre a instituição luterana, provedora do impresso, e a maneira como os leitores se apropriavam e ressignificavam o conteúdo da revista. Pois, conforme Certeau (2011), os modos de apropriação nem sempre coincidem com a força balizadora, como no caso a revista “O Jovem Luterano”.

O emprego da metodologia de História oral, que tem como objetivo a constituição de fontes para o estudo da história (Alberti, 2005), pode proporcionar a obtenção de informações que, associadas aos documentos escritos, podem permitir um melhor entendimento sobre os usos e apropriações do periódico. Mediante as memórias dos sujeitos leitores da revista, selecionados a partir dos relatórios juvenis publicados no periódico, e por busca feita junto às instituições religiosas, foi possível conhecer as peculiaridades sobre como estes se apropriavam do conteúdo do periódico e as influências que estes tiveram na vida de cada um dos entrevistados (Portelli, 1997). Estas entrevistas, cientificamente articuladas com o objeto de investigação, irão permitir construir argumentos sobre as ações envolvidas na doutrinação da juventude luterana através do periódico juvenil.

É preciso observar que a História oral, como as demais metodologias de pesquisa, estabelece e ordena os procedimentos de um trabalho acadêmico (Amado; Ferreira,

2006). É um método que visa estudar determinados eventos ou situações a serem esclarecidos de acordo com o estabelecimento de questionários orientados para fins específicos. A História oral pode ser, assim, entendida como um evento motivado por um encontro entre entrevistado e entrevistador, com o objetivo de produzir um texto/documento gerado por um processo dialógico, em que a lembrança do passado de um é motivada pelas questões apresentadas pelo outro. No entanto, cabe lembrar, conforme Verena Alberti (2005), que a entrevista é uma fonte de pesquisa e não a história propriamente dita e, como as demais fontes, necessita de interpretação e análise para produzir o conhecimento histórico a partir do conteúdo da narrativa.

Cabe observar, nesse sentido, que o relato oral é uma representação sobre o acontecimento a partir do olhar do entrevistado, em que este se auto representa como sujeito individual e coletivo. Ecléia Bosi (2016) chama a atenção para a importância em considerar as experiências de vida e a subjetividade dos participantes de uma pesquisa. Para a autora, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a este indivíduo” (Bosi, 2016, p. 17). Ressalta-se, assim, que a memória está sempre ressignificada a partir das relações estabelecidas com o meio social no qual o indivíduo está inserido (Halbwachs, 2003).

Semelhantemente, ao analisar entrevistas, é importante lembrar que os sujeitos da pesquisa estão falando de um lugar no presente, logo não irão rememorar totalmente o passado e, sim, falar sobre ele ressignificando-o. O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo de tempo; igualmente, ele reelaborou o que viveu a partir do tempo transcorrido. Joël Candau (2016) vai se referir a um processo de organização e categorização da memória em que “[...] o narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento da narrativa” (Candau, 2016, p. 71). Assim, é importante levar em consideração a forma como essas memórias se constituíram ao longo do tempo e a maneira como foram expressas no momento da narrativa.

Ao considerar esses procedimentos metodológicos entende-se que as memórias e narrativas de sujeitos leitores da revista “O Jovem Luterano” contribuirão não somente para a compreensão dos usos do periódico para fins doutrinários e educacionais da

juventude luterana, mas também para o entendimento de como o Sínodo de Missouri utilizou o impresso na formação dos futuros membros da instituição religiosa. Pois, conforme Weiduschadt (2012), o Sínodo manteve publicações com conteúdo não apenas direcionados aos adultos mas também ao público infantil e juvenil, considerado em formação.

Para fins de apresentação de algumas informações sobre o perfil dos colaboradores da pesquisa, segue um quadro com alguns dados biográficos fornecidos no momento da entrevista.

Quadro 1 – Dados biográficos dos entrevistados⁶².

Biografia dos entrevistados
Alvacir Gustavo Manke tem 75 anos, é natural de Passo do Vieira, distrito de Cerrito/RS. É nascido em família luterana e membro fundador da Juventude da Comunidade Luterana Santíssima Trindade daquela localidade. Atualmente reside na cidade de Morro Redondo/RS, é agricultor aposentado e membro ativo da Congregação Cristo de Morro Redondo, onde chegou a ocupar cargos de liderança da igreja como tesoureiro e conselheiro fiscal.
Darli Müller Quandt tem 73 anos, nasceu na localidade do Iguatemi, 2ª distrito de Canguçu/RS, onde morou até o seu casamento com Edgar Wille Quandt, pastor da IELB. Foi batizada na Igreja Independente e ainda na sua infância passou a frequentar a Igreja da IELB - São Paulo de Capão Bonito. Estudou na escola da referida comunidade, e logo após a sua confirmação ingressou na Juventude, ocupando funções de liderança como presidente, secretária e tesoureira. Ainda em sua juventude, tornou-se professora de escola bíblica, um trabalho voluntário que manteve por mais de 30 anos, ao mesmo tempo que cuidava da casa e costurava para complementar a renda da família. Atualmente reside no Posto Branco, 1º distrito de Canguçu/RS e participa das atividades da Igreja Evangélica Luterana Concórdia, localizada na região onde vive.
Edgar Wille Quandt tem 72 anos, nasceu em São Lourenço do Sul/RS e é casado Darli Müller Quandt. Ainda na infância mudou-se com seus pais para o Iguatemi, 2ª distrito de Canguçu/RS. Estudou na escola paroquial da Igreja Luterana daquela localidade até os 13 anos, quando se confirmou e foi conduzido para o Seminário, onde fez o colegial e cursou teologia. Frequentou grupos juvenis em Porto Alegre, São Leopoldo e Canguçu. Exerceu o ministério pastoral durante 43 anos; atualmente é pastor emérito (aposentado). Reside na localidade de Posto Branco, 1º distrito de Canguçu/RS e é membro da Igreja Evangélica Luterana Concórdia.

⁶² Os dados biográficos expostos no quadro (1) foram fornecidos pelos entrevistados durante as entrevistas realizadas entre junho de 2022 e outubro de 2023. Assim, a idade identificada no quadro corresponde a idade informada pela pessoa no momento da entrevista.

Iria Albrecht Rediss tem 82 anos. Filha de pastor, nasceu na localidade do Iguatemi, 2ª distrito de Canguçu/RS, no mesmo local onde mora até hoje. Desde a sua infância frequenta a Igreja Evangélica Luterana São Paulo de Capão Bonito, onde cumpriu todos os rituais religiosos e frequentou a escola paroquial. Durante 44 anos conciliou suas responsabilidades domésticas e agrícolas com o papel de professora voluntária na escola bíblica da comunidade. Atualmente, aposentada, dedica seu tempo livre ao departamento de servas da congregação, além de manter assiduidade nos cultos.

Loni Neunfeld Weiduschadt tem 77 anos, nasceu na Colônia Triunfo, interior de Pelotas/RS. Com um ano de idade mudou-se com seu pai para Solidez, interior de Canguçu/RS, e estudou na escola paroquial da igreja luterana daquela localidade até os 12 anos, quando se confirmou e passou a frequentar a Juventude até o dia do seu casamento com o Pastor Herbert Weiduschadt. Formada em Pedagogia, atuou como professora de escola particular e de escola dominical, além de cuidar do lar. Atualmente está aposentada, reside na cidade de Canguçu/RS e frequenta a Igreja Evangélica Luterana São João, no referido município.

Luiz Seyfert Wille tem 75 anos. Natural de Canguçu/RS, nasceu em família luterana e foi confirmado na Igreja Evangélica Luterana Cristo da Florida II, interior de Canguçu, onde também vivenciou boa parte da sua juventude, época em que, ainda, mudou-se para área urbana do município para trabalhar e estudar. Por consequência da mudança, transferiu-se para a Igreja Evangélica Luterana São João de Canguçu e passou a frequentar a União Juvenil daquela comunidade. Membro ativo da juventude, atuou em diversos cargos no departamento juvenil, entre estes presidente e secretário, sendo eleito também presidente do Distrito Sul por dois mandatos. Sempre trabalhou como comerciante onde morou – Canguçu/RS, Curitiba/PA e Pelotas/RS onde mantém residência. Atualmente, aposentado, complementa a sua renda revendendo cosméticos e perfumarias. É membro da Igreja Evangélica Luterana Cristo Redentor de Pelotas/RS.

Mario Tailor Almeida tem 73 anos e reside na cidade de Canoas/RS. Natural de Canguçu/RS, nasceu em família luterana e foi confirmado na Igreja Evangélica Luterana São João de Canguçu. Iniciou a sua trajetória na Juventude na Cidade de Canguçu/RS; posteriormente, por consequência da sua profissão de bancário, foi transferido para trabalhar em Panambi/RS, onde passou a frequentar a juventude da cidade vizinha, Cruz Alta/RS, por não haver igreja da IELB em Panambi onde trabalhava e residia. Ainda em sua juventude foi membro fundador de uma igreja da IELB no município de Panambi. Posteriormente foi transferido para Porto Alegre/RS, passando a frequentar a Juventude da Comunidade Concórdia na referida cidade. Por último, frequentou a Juventude da cidade de Guarapuava/PR, onde também trabalhou e conheceu a sua esposa. Como leigo, chegou a ocupar cargos relevantes na Igreja a nível nacional, como líder leigo e presidente da Editora Concórdia. Atualmente é bancário aposentado e trabalha como voluntário na secretaria da Igreja Evangélica Luterana de Canoas/RS, comunidade a qual frequenta com a sua família.

O acesso a cada um dos participantes ocorreu seguindo o modelo de amostragem não probabilístico, que utiliza cadeias de referência denominado “bola de neve” (Vinuto, 2014). Tal estratégia consiste em utilizar a rede de relacionamentos dos participantes iniciais para obter acesso ao conjunto dos possíveis entrevistados. Para tanto, buscou-se em um primeiro momento,

Por documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisado (Vinuto, 2014, p. 203).

Seguindo esta metodologia, a primeira leitora participante foi selecionada a partir da publicação na revista “O Jovem Luterano” de um relatório juvenil por ela assinado. Ela fazia parte de um grupo de leitores do periódico que estabeleceu algum tipo de contato no período destacado pela pesquisa, tornando-se a informante-chave no acesso aos demais leitores, pois ainda possui relações de amizade com alguns dos entrevistados, que por sua vez indicaram os demais participantes da pesquisa.

Vale salientar que a iniciativa e a disponibilidade de indicar o próximo leitor da revista foi manifestada por cada entrevistado, cabendo ao entrevistador averiguar a possibilidade de o leitor indicado aceitar a vir a ser um colaborador da pesquisa. Além disso, é relevante mencionar que alguns entrevistados indicaram mais de um leitor que fazia parte de sua rede de relacionamentos. Portanto, nem todos os leitores indicados foram entrevistados, pois optou-se por entrevistar apenas um indivíduo indicado por cada leitor. Como resultado, todos os indivíduos convidados aceitaram participar da pesquisa por meio do compartilhamento de suas memórias como leitores da revista “O Jovem Luterano” e frequentadores de grupos juvenis.

Todos os entrevistados, de alguma forma, têm uma relação próxima com o contexto geral desta pesquisa: seja por serem luteranos por nascimento ou por terem se tornado luteranos através da confirmação, foram membros ativos da União Juvenil das congregações onde estavam inseridos e leitores da revista “O Jovem Luterano”, além de

frequentarem regularmente as comunidades e outros espaços da IELB. Desse modo, a seleção desses colaboradores orais não foi feita de forma aleatória, foram utilizados critérios específicos de avaliação para determinar essa ação.

Ademais, é importante ressaltar que os entrevistados vivenciaram a juventude entre as décadas de 1950 e 1970, portanto, tornaram-se leitores do periódico em algum momento durante esse intervalo de tempo. Dessa forma, as memórias envolvidas neste estudo não abrangem todo o período em que a revista esteve em circulação, pois não foi possível encontrar, ainda em vida, leitores do folhetim juvenil correspondentes às primeiras décadas em que foi produzido.

Desta maneira, observando as referências teóricas, os conceitos e a metodologia adotada na elaboração do projeto, percebe-se a necessidade de investigação histórica do contexto institucional na qual a revista foi produzida. Partindo desse pressuposto, o próximo capítulo dedica-se, em um primeiro momento, a entender a constituição do Sínodo de Missouri, por intermédio de teóricos que irão ajudar a compreender o contexto institucional e sociocultural da referida instituição religiosa. Serão também discutidos os princípios filosóficos e educacionais que regem a educação luterana, bem como a formação da Juventude Luterana do Brasil e suas finalidades formativas e socializadoras.

2 – O contexto institucional e organizacional da revista

Conforme mencionado por Bacellar (2008), é sabido que nenhum documento se constitui de forma neutra e aleatória. O autor ressalta a importância de não generalizar suas informações, pois elas são fruto de uma época e de um contexto específico, carregando as intenções da sociedade em que foram produzidas. Dessa forma, toda e qualquer fonte deve ser lida e analisada criticamente, levando em consideração o contexto em que foi gerada. Portanto, este capítulo tem como objetivo apresentar o contexto institucional e social no qual a revista "O Jovem Luterano" foi produzida e circulou. Busca-se trazer algumas definições que caracterizam o Sínodo de Missouri e a formação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil -IELB. Além disso, são pontuados também os princípios gerais que norteiam a educação luterana, assim como a história e os propósitos educacionais e sociais envolvidos na constituição da Juventude Evangélica Luterana do Brasil -JELB, como um departamento dentro do Sínodo com o objetivo de proporcionar espaços de aprendizagem, de diálogo e de convivência entre jovens luteranos.

2. 1 – O Sínodo de Missouri e a formação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil

O Sínodo de Missouri foi uma instituição religiosa confessional luterana fundada nos Estados Unidos no ano de 1847 por imigrantes alemães oriundos da Saxônia. Esses luteranos migraram da Alemanha devido a uma série de fatores econômicos e religiosos (Steyer, 1999).

Embora essa migração tenha ocorrido em um processo no qual múltiplas forças colaboraram, como a expansão capitalista, a superpopulação, a fome e a miséria material que assolavam a Alemanha no começo do século XVIII, foram os fatores religiosos que

exerceram influência direta e definitiva na formação do movimento migratório que deu origem ao Sínodo de Missouri (Huff, 2006).

A revista “O Jovem Luterano”, ao lembrar a história da instituição Sínodo de Missouri, observa que os pastores M. Stephan e C. F. W. Walther, entre outros fiéis seguidores da igreja Luterana, teriam se levantado em protesto contra a unificação das instituições oriundas da Reforma Protestante imposta pelo governo prussiano. Porém, sem forças para resistir por muito tempo,

O reverendo Martin Stephan, pastor da igreja São João em Pirna, subúrbio de Dresden, estado da Saxônia teve o seu direito de pregar suspenso, não podendo continuar como pastor da igreja oficial. Agora ele e seus correligionários bem sabiam que só lhes restava um recurso, emigrar para uma terra onde podiam louvar a Deus segundo as instruções da Bíblia. Eles queriam ir a uma terra onde havia liberdade religiosa. Afinal eles decidiram emigrar para a América do Norte, pois ali a liberdade religiosa era garantida (O Jovem Luterano, out. 1946, p. 148).

No ano de 1838, 634 pessoas decididas a não abrirem mão de suas crenças religiosas embarcaram em cinco navios fretados em direção à América, estabelecendo colônia na cidade de São Luís, estado de Missouri (O Jovem Luterano, out. 1946).

Já em terras norte-americanas, esse pequeno grupo de fiéis, sob a orientação do pastor C. F. W. Walther, idealizador do Sínodo Missouri, “começou a se organizar de forma modesta, sem grandes recursos, mas com o propósito de restaurar a “legítima” Igreja da Reforma” (O Jovem Luterano, mar. 1947, p. 36). Para atingir seus objetivos, precisaram contar com a ajuda de outros luteranos norte-americanos que simpatizavam com as convicções luteranas fiéis à Reforma.

No ano de 1847, assim, fundaram a *Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten*⁶³ – ou Sínodo Evangélico Luterano de Missouri, Ohio e outros estados (Warth, 1979). Com sua identidade definida através da doutrina, reconheciam-se como detentores do puro luteranismo, posicionando-se de forma clara e objetiva a seguir apenas os preceitos confessionais luteranos e a Bíblia, adotando como princípio norteador: “sem unidade doutrinária não pode haver unidade sinodal. E fiel a esta norma, não se alia com outras igrejas enquanto estas não se posicionarem doutrinária e confessionalmente com ela” (Steyer, 1999, p. 20).

⁶³ Atualmente conhecida nos Estados Unidos como; *Lutheran Church Missouri Synod* (LCMS).

Após expandir suas fronteiras dentro dos Estados Unidos, o Sínodo, que tinha o viés missionário em sua essência, começou a dedicar-se à expansão do seu campo de missão em direção a outros países. A América do Sul, especialmente o Brasil e a Argentina, apresentava-se como um terreno fecundo para as pretensões missionárias do Sínodo de Missouri. Já existia, a essa altura, uma conscientização de que havia no Rio Grande do Sul milhares de descendentes de alemães necessitados de atendimento educacional e confessional luterano. O que estava faltando era o momento certo para iniciar os trabalhos do Sínodo de Missouri no Brasil (Rehfeldt, 2003).

Segundo Steyer (1999), o descontentamento de alguns seguimentos isolados do Sínodo Rio-Grandense, que defendiam um luteranismo mais confessional, com os desdobramentos doutrinários que a igreja vinha adotando em solo brasileiro resultou no desligamento voluntário do pastor Johann Friedrich Brutschin⁶⁴, que conhecia o Sínodo de Missouri pelas revistas e publicações que recebia de um amigo alemão que havia se tornado pastor daquela instituição religiosa nos Estados Unidos. Assim, conforme Steyer (1999), simpatizante do luteranismo missuriano, Brutschin nos anos finais do século XIX, teria solicitado em carta ao Sínodo de Missouri o envio de um pastor para substituí-lo à frente de sua paróquia, pois estava com a saúde debilitada pelos longos anos de trabalho e desejava retornar à Alemanha, mas queria deixar as suas congregações aos cuidados de um pastor que fosse fiel às confissões luteranas. Estava, assim, aberta a porta para a entrada do Sínodo de Missouri no cenário do luteranismo brasileiro.

Segundo Carlos Henrique Warth (1979), o pedido formal de Brutschin teria sido o meio usado por Deus para mostrar claramente que era chegado o momento oportuno para iniciar a missão no Brasil. A carta de Brutschin ao Sínodo de Missouri pedindo um pastor substituto teria sido decisiva para que o trabalho missionário se iniciasse no Rio Grande Sul e não em outro lugar da América. Além disso, aqui não seria preciso aprender outra língua para ensinar a palavra de Deus, tampouco procurar famílias isoladas, visto

⁶⁴ Nascido em Dossenbach, na Alemanha, Johann Friedrich Brutschin (1844- 1919) formou-se em teologia pelo Instituto Missionário de Crischona na Suíça. No ano de 1867 foi enviado pela sociedade evangélica de Barmen, Alemanha, para atuar como pastor no Brasil. Aqui, atuou inicialmente como assistente do pastor Borchard e, num momento posterior, exerceu o pastorado em diferentes cidades do RS e fundou uma escola particular em Novo Hamburgo. Defensor de um luteranismo mais ortodoxo, acabou desfilando-se do Sínodo Rio-Grandense na década de 1890 por incompatibilidade doutrinária e passou a atuar de forma autônoma, iniciando aproximação com o Sínodo de Missouri. Para saber mais sobre ver Steyer (1999).

que as mesmas já se encontravam organizadas em pequenas comunidades (Steyer, 1999).

No ano de 1900, após deliberações a respeito dos relatos do pastor Brutschin sobre a situação em que se encontrava a igreja no Brasil (Warth, 1979), a Comissão Geral de Missão decidiu enviar o pastor Christian J. Broders⁶⁵ para o sul do nosso país, mais precisamente para o Rio Grande do Sul. Broders veio com a função de prospector, sua tarefa era avaliar as oportunidades missionárias por aqui. Caberia a ele conhecer a real situação religiosa e espiritual das comunidades de imigrantes e seus descendentes, e “averiguar as condições que o Brasil, mais especificamente o Rio Grande do Sul, apresentava para a instalação de uma organização religiosa” (Weiduschadt, 2007, p. 75).

Segundo Janaina C. da Silva Helfenstein (2014, p. 36),

Era preciso justificar a real necessidade de um investimento missionário no Brasil, visto que o sínodo precisaria auxiliar financeiramente a organização religiosa. Sua missão teria um tempo determinado de no máximo dois anos, e suas impressões seriam decisivas para o estabelecimento ou não dos trabalhos do Sínodo em território brasileiro.

A princípio, o trabalho proposto pelo Sínodo não teve um caráter de missão entre não cristãos, ou entre cristãos católicos e evangélicos. A preocupação inicial não foi converter pessoas à fé luterana, mas sim atender aqueles que se reconheciam luteranos (Rehfeldt, 2003); não importava o número de fiéis, mas sim a qualidade destes para a expansão dos seus projetos. Portanto, o momento inicial do trabalho de missão do Sínodo de Missouri em solo brasileiro teve um caráter seletivo e excludente.

O prospector iniciou os seus trabalhos pelo norte do Rio Grande do Sul, e suas primeiras impressões não foram animadoras⁶⁶ (Rehfeldt, 2003). Foi somente com sua ida ao sul do estado que o missionário norte-americano observou que, apesar dos esforços empreendidos pelo Sínodo Rio-Grandense, este ainda não tinha conseguido ocupar

⁶⁵Christian J. Broders (1867-1932) foi um pastor e missionário norte-americano ligado à Igreja Luterana Missouriana. Foi enviado ao Brasil pela Comissão Geral de Missão Interna L. Lochner “*Innere Mission in Suedamérica*” e foi fundador do Sínodo de Missouri no Brasil. Foi também capelão do exército americano na Guerra Hispano-Americana (1898), trabalhando em Cuba, e pastor na cidade americana de Scranton, no estado Pensilvânia. Para saber mais sobre ver: Warth (1979).

⁶⁶ Para maiores informações a respeito das primeiras impressões de Christian J. Broders no Brasil, ver: Rehfeldt (2003 p. 39-47).

pastoralmente a região meridional do Rio Grande do Sul. Segundo Mario L. Rehfeldt (2003),

[...] no sul do estado, nos municípios de Pelotas e São Lourenço, havia um assentamento de mais de 10 mil alemães, a maioria de origem pomerana. Eles haviam organizado cerca de 30 escolas paroquiais as quais serviam como templos. Lá o Sínodo Rio-Grandense ainda não havia iniciado o trabalho. A única orientação espiritual que esses imigrantes tinham era de pseudo-pastores (Rehfeldt, 2003, p. 42).

Este seria, portanto, o lugar ideal para iniciar os trabalhos; mais especificamente nos arredores da cidade de Pelotas/RS, na localidade de São Pedro, atual município de Morro Redondo, onde o pastor Broders localizou um grupo de pomeranos e teuto-russos que ainda mantinham um comportamento alinhado com o que ele considerava como a verdadeira confessionalidade luterana, pois demonstraram interesse aos preceitos doutrinários do Sínodo de Missouri. A justificativa para o investimento na missão era a necessidade de um guia espiritual que conhecesse a doutrina luterana.

Em julho de 1900, o Sínodo de Missouri fundou a sua primeira congregação em solo brasileiro, que contou, inicialmente, com a adesão de 17 famílias congregadas e, simultaneamente, com a instituição de uma escola com 22 alunos. O binômio igreja e escola sempre foi o campo de atuação do Sínodo de Missouri, desde sua fundação em 1847, nos Estados Unidos. Ao lado de cada congregação, uma escola. No Brasil, a abordagem não foi diferente. Segundo o relatório do pastor Broders, a escola deveria ser o carro-chefe: “[...] se realmente quisermos fixar-nos e expandir-nos, devemos dar ênfase especial à escola” (Steyer, 1999, p. 36).

Com essa perspectiva missionária e confessional, o Sínodo iniciou seus trabalhos no Brasil utilizando a educação para propagar seus ideais. Como afirma Weiduschadt (2007, p. 18), era preciso

[...] diferenciar-se no contexto, apregoando uma religião doutrinária ortodoxa, pautada numa educação religiosa dos fiéis para os ensinamentos doutrinários e o ensinamento secular. Apostavam em pastores e professores preparados com formação pedagógica e teológica para suprir o projeto educativo e religioso que iria ser instaurado nas comunidades pertencentes ao Sínodo.

O Sínodo detinha, assim, especial atenção à educação religiosa e moral. Em sua primeira avaliação sobre o empreendimento missionário iniciado na região Sul do Rio

Grande do Sul, observam que a falta de uma assistência espiritual adequada teria levado os descendentes germânicos e pomeranos a desacostumarem-se com uma vida biblicamente cristã; com isso, não se sentiam atraídos pela doutrina e praxe luteranas (Warht, 1979). Os “[...] fiéis precisavam ser educados e admoestados na fé e doutrina verdadeira [...] também, possuir modos de conduta desejáveis que coincidissem com os preceitos do Sínodo” (Weiduschadt, 2007, p. 108). Devido a essa ortodoxia, o Sínodo de Missouri, num primeiro momento, sofreu com a desconfiança e a resistência das comunidades em relação às suas reais intenções. A relutância dessas comunidades se dava frente a uma igreja institucional disposta a interferir não somente na gestão do credo e da educação, mas em toda a dinâmica comunitária.

Dessa forma, foi possível compreender o contexto de fundação do Sínodo de Missouri, além de explorar os caminhos missionários adotados por esta instituição religiosa para se consolidar como Igreja Luterana no Brasil a partir do Rio Grande do Sul. Neste estado, foi estabelecido e consolidado um projeto religioso e doutrinário que se disseminou por toda a América do Sul, utilizando como estratégia principal a oferta de um ensino básico, tanto secular quanto religioso, com profissionais qualificados, buscando se destacar em relação a outras organizações religiosas.

Assim é pertinente apresentar de forma resumida a estrutura administrativa da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB, nome que o Sínodo passou a adotar desde 1953. “O organograma abaixo apresenta a estrutura da IELB, não em termos de subordinação, mas de integração, na qual as partes trabalham para a realização conjunta da tarefa, com o objetivo de levar Cristo para todos” (IELB- Estrutura administrativa. p. 2, s/a):

Figura 4 – Organograma administrativo da IELB.



Fonte: Estrutura administrativa. p. 2.

Apresentar o quadro administrativo e suas ramificações possibilita visualizar não somente o campo de trabalho da igreja, mas também compreender o modo como essa instituição religiosa se organiza e atua no sentido de atingir o maior número de fiéis. É, assim, formada por uma diretoria nacional composta por um presidente e seis vice-presidentes⁶⁷, cabendo a eles coordenar o trabalho da igreja em suas diferentes áreas atuação, em estreita cooperação com os conselhos e as comissões deliberativas que compõem o quadro seu administrativo.

⁶⁷ Cada vice-presidente é responsável por coordenar um dos departamentos.

Quadro 2 – Estrutura administrativa da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Estrutura Administrativa IELB	
Convenção Nacional	Convenção Nacional: composta por pastores filiados e ativos e congregações filiadas, é o órgão deliberativo e legislativo máximo da IELB. Reúnem-se a cada quatro anos.
Conselho Diretor	Formado pelos conselheiros e líderes leigos(as) dos 59 distritos da IELB, além dos presidentes da IELB, LLLB, LSLB e JELB. É o órgão administrativo da IELB e pode alterar o Regimento. Reúne-se anualmente
Diretoria Nacional	Composta pelo presidente e pelos vice-presidentes de Ensino, Expansão Missionária, Educação Cristã, Ação Social, Comunicação e Administração, tem função executiva e pastoral, atuando de forma colegiada de acordo com as decisões da Convenção Nacional e do Conselho Diretor.
Comissões e Conselhos	Eleitos pela Convenção Nacional ou pelo Conselho Diretor, são auxiliares na execução de tarefas específicas, atuando conjuntamente com a Diretoria Nacional.
Departamentos	Cada Departamento tem um conselho que atua visando o cumprimento dos objetivos regimentais. São seis Departamentos, coordenados pelos respectivos(as) vice-presidentes. • Departamento de Ensino; • Departamento de Expansão Missionária; • Departamento de Educação Cristã; • Departamento de Ação Social; • Departamento de Comunicação; • Departamento de Administração.
Conselho Distrital	Composto pelos pastores filiados e ativos, por três representantes de cada congregação filiada e pelas organizações auxiliares da IELB. Atua com o objetivo de unir esforços na realização das atividades em determinada área geográfica.
Paróquias e Congregações	Congregações sob a mesma jurisdição espiritual e administrativa se unem em paróquia, com o objetivo de proclamar o Evangelho de Cristo e administrar os sacramentos junto ao povo de Deus.

Fonte: Quadro organizado pelo autor com base em informações fornecidas pela vice-presidente⁶⁸ de Comunicação da IELB.

⁶⁸ Aline Gehm Koller Albrecht. Possui formação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC (2007). Foi *trainee* na redação brasileira online da *Deutsche Welle*, em Bonn, Alemanha, repórter em programas jornalísticos do Grupo GRPCom, em Curitiba, PR, e na RIC TV Record,

Após esta apresentação de como a instituição religiosa encontra-se organizada administrativamente, o próximo subcapítulo dedica-se a discorrer sobre o projeto pedagógico luterano que orienta o trabalho do Sínodo de Missouri entrelaçado com a experiência luterana pregada por Martinho Lutero.

2. 2 - O Sínodo de Missouri e educação luterana

A história da Igreja e a história da Educação encontram-se articuladas como fontes de influência recíprocas desde muito antes de Martinho Lutero, porém o advento da Reforma operou uma acentuada revolução nesse sentido. A Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, transformou conceitos, valores e visões de mundo, sendo um dos aspectos dessa mudança aquele com relação à educação, vista pelo reformista como atividade do “corpo cristão” (Beck, 1988).

De acordo com a revista “O Jovem Luterano”,

Lutero lutou incansavelmente pela instrução “dos queridos filhos”, da infância, da meninice e da mocidade, por meio da Bíblia e num ambiente cristão. Estimava muito o valor das matérias seculares nas escolas, dedicando-se ele mesmo com zelo ao estudo das línguas e ciências gerais (nov./dez., 1947, p. 162).

Lutero traçou os princípios gerais para a educação, assim não há como distinguir o projeto pedagógico luterano da experiência luterana. Para compreender a ação pedagógica do luteranismo é preciso primeiro conhecer os escritos de Lutero⁶⁹, que reforçam a preocupação do reformador com a educação, para assim refletir sobre como os preceitos luteranos acerca da educação permaneceram latentes entre os adeptos ao

em Curitiba, PR. Foi presidente nacional da Juventude Evangélica Luterana do Brasil (2005-2007), editora-chefe do Jornal da JELB (2005-2007), assistente-editorial na Editora Concórdia (2009) e coordenadora editorial da Revista *EscoLAR*, publicação da Associação Nacional de Escolas Luteranas (2011 a 2012). Em 2014, foi eleita vice-presidente de Comunicação da IELB, sendo reeleita em 2018.

⁶⁹ Sobre Educação, destacamos a “A Nobreza cristã da Nação Alemã, que trata da melhoria do Estamento Cristão - 1520”, em que a ênfase recai sobre a necessidade da organização de um sistema escolar; e “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs (1524)”, no qual o Reformador exorta as cidades alemãs a organizarem a educação e a investirem na educação popular para as crianças. Para ler essas obras, ver Lutero, Martinho. Obras selecionadas, o programa da Reforma, escritos de 1520. v. 2 Comissão Interluterana de Literatura Sinodal, São Leopoldo/RS 2011.

luteranismo, principalmente na preocupação da preservação dos vínculos comunitários sobretudo a partir da educação e da religiosidade.

Assim, César Nunes (2018, p. 12) esclarece:

Além da preocupação fundamental em instruir as pessoas para conhecer a verdade Bíblica. Lutero valoriza a educação a ponto de considerá-la meio e instrumento de Deus. Esclarece em sua obra sobre o papel fundamental e decisivo da educação cristã, para o futuro da igreja e da sociedade. Deus através da educação cristã prepara seus colaboradores para promover o bem espiritual e material da humanidade e criação.

Lutero entendia que o homem, para exercer o domínio responsável da criação de Deus, necessitava de uma educação religiosa e secular. Somente assim ele estaria preparado para atuar de forma consciente na preservação do Evangelho, da Igreja e do mundo. Lutero visualizava o aprendizado como um instrumento para garantir a liberdade do cristão ao conhecimento. A instrução da sociedade era necessária tanto para que houvesse um desenvolvimento intelectual que levasse o povo a compreender as escrituras sagradas, quanto para colaborar com a construção de um mundo melhor.

Em publicação na revista “O Jovem Luterano” (abr., 1971, p. 9), alguns teólogos, ao falarem sobre o ensino cristão, aduzem que “Lutero foi o grande paladino da instrução popular e das escolas primárias, a fim de que se processasse a formação religiosa do povo”. Segundo eles, a educação tinha por finalidade levar até as crianças e jovens uma interpretação cristã da vida: “A educação se fazia necessária para o desenvolvimento do caráter e do sentimento de responsabilidade para com Deus, consigo mesmo e para com o próximo” (O Jovem Luterano, abr. 1971, p. 10). Assim, a escola não podia ser apenas um espaço que distribuía conhecimentos sobre o mundo, mas também era seu papel aconselhar as crianças e jovens como viver de forma plena.

Sob essa perspectiva, educar era: “guiar a criança e o jovem para mais próximo de fazer as determinações corretas, com relação aos valores da vida, particularmente com referência à orientação de um ideal na vida” (O Jovem Luterano, abr. 1971, p. 10). Tamanho era interesse de Lutero pelo alinhamento da juventude que procurou dar condições para que todos os jovens tivessem a oportunidade de ter uma formação: “Defendia a ideia de que as cidades seriam prósperas e justas à medida que seus habitantes fossem intelectualmente instruídos” (Pires, 2017, p. 49). Para se tornarem

cidadãos abastecidos de conhecimento o suficiente para compreenderem a Bíblia e tonarem-se protagonistas da própria história.

Lutero orientou os governantes da época a construírem “escolas para os nossos meninos e meninas, afim de que o homem se torne capaz de exercer convenientemente a sua profissão e a mulher de dirigir sua casa e educar seus filhos” (O Jovem Luterano, nov./dez. 1942. 137). Para a revista, Lutero tinha uma visão positiva em relação às mudanças sociais e comportamentais que a educação poderia trazer para a sociedade da época.

Lutero via a construção de escolas como uma forma de promover a educação, o desenvolvimento espiritual e intelectual, a formação de cidadãos responsáveis e uma ferramenta de luta contra a ignorância, visto que o esclarecimento ajudaria as pessoas a discernirem a verdade e se libertarem de falsas doutrinas. A educação era essencial para o crescimento individual e para o progresso da sociedade como um todo.

A revista “O Jovem Luterano”, ao falar sobre os impactos da reforma protestante na educação, observa que:

Na reforma a igreja e a escola caminharam pari-passu. O gênio do protestantismo favoreceu a instrução popular, que antes não existia. A reforma pôs a serviço da instrução o interesse religioso, associou o saber e a fé, e eis porque, há três séculos, as nações protestantes marcham à frente da humanidade no que diz respeito à instrução primária (O Jovem Luterano nov./dez.1942, p. 137).

É preciso considerar que, por se tratar de um periódico luterano, a revista busca enaltecer o protagonismo protestante perante à educação primária. Porém, o que se quer destacar é que a ênfase dada por Lutero à educação teve um impacto duradouro na história de educação e na disseminação dos princípios reformadores.

Lutero acreditava que a educação era tarefa secular e religiosa, por isso aos poucos ele foi moldando uma pedagogia luterana de escola para o trabalho. Para ele, a educação, embora cristã, deveria ir além da formação eclesial, proporcionando a aprendizagem de um ofício profissional e artesanal. Caberia à escola “colocar a criança em condições intelectuais e morais de exercer a sua função na sociedade, no trabalho e na construção de um novo mundo” (Jardilino, 2009, p. 75). Isso fez com que Lutero propusesse um novo currículo. A Bíblia continuaria o cerne do ensino, mas o reformista

indicava, também, o ensino das línguas, da escrita, da gramática, da retórica e do canto lúdico, conforme é reforçado no discurso abaixo:

[...] a juventude tem que dançar e pular e estar sempre à procura de algo que cause prazer. Nisso não se podia impedi-la nem seria bom proibir tudo. Por que então não criar escolas desse tipo e oferecer-lhes estas disciplinas? Visto que, pela graça de Deus, está tudo preparado para que as crianças possam estudar línguas, outras disciplinas e História com prazer e brincando. Pois as escolas de hoje já não são mais o inferno e purgatório de nossas escolas, nas quais éramos torturados com declinações e conjugações, e de tantos açoites, tremor, pavor e sofrimento não aprendemos simplesmente nada [...]. Falo por mim mesmo, se eu tivesse filhos e tivesse condições não deveriam aprender apenas as línguas e a História, mas também deveriam aprender a cantar e estudar música com matemática. Pois o que é tudo isso a não ser meras brincadeiras de crianças nas quais os gregos outrora educaram suas crianças e do que resultavam pessoas excelentes, preparadas para toda sorte de atividades (Lutero, 2011, p. 319).

Além disso, Lutero defendia a educação como base de inserção social, ou seja, sustentava que a escola deveria preparar a criança e o jovem para viver em sociedade, dando a eles o mínimo de instrução para que tenham autonomia de tomar decisões de forma consciente. Todo o ensino deveria estar voltado para o bem da sociedade, pois somente assim algo de bom poderia deixar raízes, brotar e frutificar, de tal modo que se desenvolvessem pessoas que fossem de proveito e alegria para um país (Lemke, 2001).

Conforme Marli Dockhorn Lemke (2001), a perspectiva de Lutero apontava que a educação deveria estar focada na formação espiritual para a salvação eterna e no preparo para enfrentar a vida neste mundo. Assim, a referida autora ressalta que a filosofia da educação luterana considera relevante que os ministros, isto é, professores e pastores, sejam levados a um conhecimento do mundo e do seu tempo, tornando-se capacitados para um estudo acurado da sociedade moderna, principalmente sobre como ela vive e se apresenta no local de sua atividade (Lemke, 2011). Para Lutero, a preparação daqueles que ensinam deveria ser igual à daqueles que iriam ocupar funções pastorais, uma vez que “[...] ao lado do ministério da pregação, esse ministério [o de ensinar] é o mais útil, o mais importante e o melhor. (Lutero, 2011, p. 359). Ressalta, assim, a importância da qualificação daqueles que irão conduzir a construção do conhecimento.

As premissas da educação luterana encontram-se subsidiadas pelas ações de Lutero, com a proposta de ensino das crianças e dos jovens, centrada na aproximação

dos conteúdos com as experiências sociais do seu tempo. Assim, pode-se dizer que a pedagogia luterana buscou estar alinhada com o tempo presente, podendo-se considerar que os princípios educacionais e doutrinários defendidos pelo Sínodo de Missouri advêm dos ideais propostos por Lutero; portanto, a instituição se reconhece como herdeira da reforma. Logo, entende-se educação luterana como as teorias, os métodos, a literatura educacional e as instituições de ensino atuantes inspiradas no modelo educacional proposto pelo reformador Martinho Lutero.

Elias Kruger Albrecht (2019), ao analisar cartilhas escolares produzidas por instituições luteranas, observou que as produções didáticas do Sínodo de Missouri apresentam uma maior preocupação em alinhar a formação religiosa, secular e moral dos seus educandos. Os materiais analisados deixam subentendido que a conduta humana deve ser inspirada na moral teológica e que esta abrange toda a vida do cristão. As narrativas e atividades didáticas reforçam o reconhecimento da autoridade dos pais e superiores, enfatizam virtudes cristãs e preceitos de retidão no agir, cujas representações buscavam mostrar modelos de austeridade, bons costumes, além de atentar, também, para as mazelas cotidianas. Esses preceitos vão ao encontro das ideias de Lutero sobre a educação ser algo útil para a vida em sociedade.

Os mesmos preceitos também foram abordados por Weiduschadt (2007, p. 235), ao afirmar que

O Sínodo de Missouri procurou no seu projeto educacional e religioso formar uma identidade alinhada aos princípios hierárquicos de uma igreja que deveria estar preocupada em formar, através da educação, alunos e fiéis nos conhecimentos ortodoxos da religião luterana e promover uma conduta moral aceitável na vida pessoal.

As colocações da autora supracitada reforçam que o projeto educacional do Sínodo de Missouri não visava somente dar uma educação básica e formal, mas uma instrução que os diferenciasse, tanto na questão comportamental quanto nos aspectos confessionais. Portanto, uma educação voltada para os interesses e as necessidades de quem dela participa (Gohn, 2006). Assim, o Sínodo foi construindo referenciais identitários por meio da religião e da escolarização, acentuando uma educação orientada pelos dogmas religiosos.

O Sínodo de Missouri procurou enfatizar a formação de um campo religioso a fim de demarcar uma escolarização expressiva entre os sujeitos das comunidades. Para o projeto da instituição religiosa, era necessário propagar suas doutrinas através da educação. A escola foi um dos meios para alcançar esse objetivo (Weiduschadt, 2007).

Conforme Warth (1979), os periódicos serviram como importantes disseminadores dos propósitos e divulgação das ideias e princípios defendidos pelo Sínodo de Missouri. Tão logo, a revista “O Jovem Luterano” é aqui percebida como uma ferramenta de educação continuada de jovens após a sua confirmação, pois, segundo Warth (1979), a educação e a instrução do jovem não terminavam com a confirmação:

Os adolescentes confirmados não devem pensar que agora sabem tudo o que um cristão precisa saber. Também os pais não devem nutrir a opinião de que seus filhos confirmados agora sabem se comportar, como cristãos, dando-lhe plena liberdade de ação. A responsabilidade dos pais na esfera espiritual continua sempre (Warth, 1979, p. 200).

Com relação à preocupação com a educação da Juventude Luterana, a revista “O Jovem Luterano” observa que “o programa de educação cristão da Liga Walther suplementa o da escola paroquial, continua a edificação da fé dos jovens e ensina a servir a nossa amada igreja” (abr./maio 1941, p. 58). A esse respeito, José L. Rolim de Lima Severo (2015) observa que não se aprende exclusivamente em uma única fase da vida, nem sob a orientação de um currículo reduzido às aprendizagens escolares. Assim, o programa de educação de jovens promovido pela instituição luterana em questão visava uma educação em valores éticos, morais e comportamentais que devem ser assumidos pelo sujeito cristão luterano. Conforme observado pela revista “O Jovem Luterano”, em dezembro de 1941, p. 173:

A educação religiosa, ética e moral é uma das finalidades urgidas pelo nosso sistema de educação estadual e pública. E tem sido a finalidade principal na educação paroquial luterana. Nossa revista traz exemplos disso, que os leitores examinem tudo e quadrem o que é bom.

Já Nunes (2018) complementa que a IELB, entre outras estratégias de ação, utiliza-se da educação confessional

Como meio para levar as pessoas para o conhecimento de Jesus Cristo. Procura formas de intensificar o treinamento de professores de religião. Sustenta que todo o educando precisa reconhecer a Deus como criador redentor e sustentador do

universo. Quer seja cristão ou não, precisa viver de acordo com os mandamentos de Deus para o seu bem e da sociedade. A educação não pode reduzir-se a simples aquisição de conhecimentos científicos e habilidades. Consiste acima de tudo na formação do caráter na presença de Deus (Nunes, 2018, p. 20).

Assim, ao refletir sobre a natureza pedagógica da educação luterana é preciso entender que tão importante quanto a formação humana nos conhecimentos gerais é a transmissão dos valores e comportamentos que são referências para que a instituição religiosa se afirme enquanto mantenedora da experiência educacional protestante, que tinha como proposta uma educação moral e pedagógica estreitamente ligada com a religiosidade. Portanto,

A pedagogia luterana constitui-se como um projeto educativo, e como projeto educativo ele tem ideais, defende valores, organiza procedimentos, pressupõem compreensões comuns, ao mesmo tempo que dispõem de estruturas materiais e didáticas que deveriam representar esse núcleo reflexivo e teórico que lhe confere sustentação. (Nunes, 2018, p. 83).

Em suma, a pedagogia luterana se configura como um projeto educativo abrangente e significativo, que vai além da mera transmissão de conhecimentos e que visa formar indivíduos conscientes, críticos e comprometidos com os valores do Evangelho, proporcionando-lhes uma educação de qualidade que os prepara para uma vida de significado, serviço e contribuição para a sociedade. Esses valores e ideais são incorporados nos procedimentos e práticas educativas apoiadas por estruturas materiais e didáticas que buscam representar e materializar esse núcleo reflexivo e teórico que lhe confere sustentação.

Desta maneira, após discorrer sobre a filosofia educacional luterana que se encontra fundamentada em valores e comportamentos cristãos, o subcapítulo a seguir é voltado a apresentar a Juventude Evangélica Luterana do Brasil - JELB, organização grupal de jovens dedicada a congregar e orientar a vida social e religiosa dos jovens e adolescentes segundo as recomendações da igreja cristã luterana; sendo que esse foi também o principal espaço de circulação da revista “O Jovem Luterano”, objeto deste estudo.

2. 3 - Juventude Evangélica Luterana do Brasil: propósitos e história

A organização grupal de jovens é parte constituinte de diferentes segmentos religiosos, incluindo católicos, evangélicos e luteranos. Flávio Munhoz Sofiati (2004) observa que as instituições religiosas, devido à sua capacidade de inserção nos diversos espaços da sociedade, consolidaram-se como uma das principais mobilizadoras de organizações juvenis nos tempos atuais. A articulação de grupos juvenis nas igrejas é estimulada principalmente pela formação de lideranças jovens que assumem o protagonismo no desenvolvimento das ações sociais, tanto no sentido material quanto espiritual. Além disso, segundo Mauricio Perondi (2008), os grupos juvenis não se constituem somente como um espaço para o exercício de uma prática religiosa e institucional da igreja, mas também como ambientes que oferecem múltiplas possibilidades de vivências, acolhida e escuta, identificação e pertencimento. Esses grupos vislumbram projetos presentes e futuros, tanto para os jovens quanto para a instituição religiosa mobilizadora.

Assim, pode-se observar que a organização juvenil não é uma exclusividade da religiosidade luterana, e muito menos do Sínodo de Missouri. Porém, como instituição missionária, ela sempre prezou pela qualificação dos seus fiéis para que auxiliem no trabalho congregacional e, também, atuem na manutenção e crescimento da instituição religiosa e do luteranismo. Para tanto, umas das metodologias de trabalho mais incentivadas pelo Sínodo são os departamentos, que são organizações auxiliares dentro da Igreja dedicadas a congregar sujeitos por hierarquias de aproximação etária e status civil: “Tem como um dos seus objetivos primordiais auxiliar a IELB em seus programas, especialmente no que se refere à missão, educação, ação social e expansão” (Das Organizações auxiliares..., Art. 126 – IV, 2015).

Dentro desses espaços são desenvolvidos projetos variados em harmonia com o programa de IELB. São também trabalhadas questões éticas, doutrinárias, educacionais, comportamentais, entre outras convenções sociais, como esporte, cultura e lazer, pensados e direcionados para cada público específico. Conforme o Art. 128 – IV e V, atuam de “acordo com a doutrina e praxe da IELB e em conformidade com a Bíblia e as confissões luteranas”. Essas organizações, então, devem fazer uso de periódicos da

IELB para a divulgação de materiais de seu interesse. Dentro desse objetivo está a promoção e o desenvolvimento do ensino, do aprendizado e a integração dos fiéis ligados à instituição religiosa, possibilitando “crescimento cristão saudável”, o amadurecimento espiritual dos jovens e o melhor relacionamento destes com Deus, a família e a Igreja.

Para minimizar a pouca participação dos jovens nos atos religiosos após a confirmação, a própria Igreja Luterana traçava estratégias para manter e reaproximar os adolescentes da instituição eclesial, dos cultos e demais atividades religiosas. Entre essas estratégias estão os direcionamentos educativos aos grupos de jovens. A esse, respeito Elmar Reimnitz (1947, p. 15) observa:

A Igreja luterana, porém, não se contenta com a confirmação dos seus jovens membros, para depois os entregar a seus caminhos sem se importar mais com eles. A igreja mãe ainda tem a Liga Walther, “WaltherLeague” cuja tarefa suprema é orientar os jovens da igreja e levar avante o seu conhecimento Cristão.

Preocupados com o futuro dos seus jovens recém-confirmados em solo brasileiro, o Sínodo iniciou junto à comunidade Cristo de Porto Alegre/RS, no ano de 1906, o trabalho dedicado exclusivamente ao público jovem, nos moldes do que já vinha sendo feito nos Estados Unidos. Assim, é possível afirmar que a história da JELB⁷⁰ se confunde com a história da instituição luterana Sínodo de Missouri no Brasil, sendo que as uniões Juvenis são um verdadeiro laboratório das futuras lideranças da igreja (Cruz, 2003).

Em concordância com tais afirmativas, Mario Tailor Almeida (2023) destaca que a Juventude desempenhou um papel significativo em sua formação e foi fundamental para sua permanência na igreja.

A união Juvenil, para mim foi muito importante, eu gostava muito. E assim, a partir da hora que eu comecei a participar da Juventude eu comecei a me envolver mais com o restante das coisas da igreja. [...]. Me lembro de ir nas assembleias, mesmo antes de ser membro votante, antes de ter 18 anos já ia na assembleia. Como ocupei cargos de liderança na Juventude, como presidente, vice-presidente entre outros, eu fui pegando o costume de falar em público. Minha primeira escola de falar em público foi a Juventude, depois eu fui desenvolvendo isso, até pelo meu trabalho, mas essa foi uma influência grande da Juventude (Mario, 2023).

⁷⁰ Abreviatura de Juventude Evangélica Luterana do Brasil – nome pelo qual a organização juvenil auxiliar da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) se identifica.

Frequentar a União Juvenil teria sido um divisor de águas na vida do narrador. Além de passar a gostar de frequentar o espaço, passou a se envolver nas demais atividades promovidas pela Igreja. Reconheceu o departamento juvenil como o lugar que colaborou para sua formação como sujeito e também para o trabalho. Sendo que, nas palavras dele: “na juventude eu apreendi a me comunicar e nunca mais deixei de trabalhar na e pela igreja”. Porém, é relevante lembrar, conforme Bosi (2016), que as memórias da infância e da juventude, embora mais vívidas, costumam ser mais amplas e passam por uma ressignificação através do convívio social. Assim sendo, é preciso levar em consideração a tática do lugar de fala e o modo como o narrador se relaciona com o espaço da instituição em sua vida cotidiana (Certeau, 2011).

A revista “O Jovem Luterano”, ao abordar a importância de a instituição religiosa investir na manutenção dos grupos juvenis, observa que “o investimento é necessário porque a juventude de hoje é a comunidade do amanhã, o Sínodo dos dias vindouros, a sociedade luterana viva, progressiva e frutífera do porvir” (O Jovem Luterano, nov./dez., 1940, p. 174). Ou seja, não se tratava apenas de dar continuidade à educação dos jovens iniciada ainda na infância, mas também de garantir o futuro do Sínodo em solo brasileiro. Assim reforça:

Por isso não se esqueçam da finalidade da Liga Walther, não tenham medo do trabalho que exige; não deixem de reconhecer a necessidade de uma mocidade luterana fiel, instruída, inteligente, fundada e arraigada na palavra de Deus, membros futuros que conhecem as suas responsabilidades tanto quanto os seus privilégios (O Jovem Luterano, nov./dez., 1942, p. 143).

A promoção das uniões juvenis era vista pelas lideranças da igreja como relevante para o progresso da instituição religiosa em solo brasileiro. Era preciso “induzir os jovens a tomarem interesse direto nos assuntos de sua comunidade; a contribuírem para o Reino de Deus; a se interessarem pelo trabalho missionário no país e no mundo” (Convenção..., 1963, p. 21, apud Buss, 2006. p. 125). Ainda, Luiz A. Pinto Cruz (2003) observa que a função da união juvenil foi muito importante nesse sentido:

Era a única forma de manter os jovens ainda ligados a congregação após a sua confirmação. A igreja luterana concentrou esforços para que os jovens se afastassem dos divertimentos mundanos, para que evitassem igrejas de doutrinas errôneas, que não procurassem cônjuge entre outras igrejas (Cruz, 2003. p. 22).

Existia uma preocupação com certos círculos de amizades que poderiam vir a desviar os jovens do conjunto de ensinamentos e princípios entendidos pela Igreja Luterana como verdadeiros. A juventude luterana deveria “cultivar uma sociabilidade cristã entre si e ser prevenida do matrimônio misto” (O Jovem Luterano, mai. 1940, p. 84). Entendiam que para um casamento ser bem-sucedido era importante que o casal professasse uma mesma fé religiosa e frequentasse junto a igreja.

Para manter a influência da Igreja sobre os jovens após a confirmação, a revista “O Jovem Luterano” lembra que é necessário envolvê-los em programas de cunho educativo e recreativo. Era preciso “promover atividades que incentivem os jovens a permanecer na igreja, após a sua confirmação⁷¹” (*Der Waltherliga-Bote*, out. 1929, p. 49). Assim, o trabalho estava centrado em fazer com que os jovens se afiliassem a uma sociedade juvenil logo após a confirmação. Visto que:

as tentações para a nossa juventude depois da confirmação, são muito fortes. Já muitos dos nossos jovens caíram no pecado da impudicícia e da indecência. Frequentando o cinema com os seus filmes indecentes, por má leitura, por má companhia, pelos bailes, pelo jogo, pela bebedice etc. [...] depois da confirmação eles entram no mundo que os atrai com as suas tentações e seduções e a União Juvenil tem o objetivo de guiar os jovens durante a idade crítica [...] entre a confirmação e o casamento (O Jovem Luterano, jan. 1940. p. 6 -7)

Com isso, nota-se a preocupação da Igreja em introduzir os jovens no programa da Liga Juvenil logo após a confirmação. Não somente para aprimorar os conhecimentos adquiridos durante os anos que frequentaram o ensino confirmatório, mas também para resguardá-los daquilo que era visto pela instituição religiosa como um gatilho para levar o jovem luterano a desviar-se do seu cristianismo. Havia certo receio de que os jovens “[...] passassem a frequentar as pistas de dança, onde estão localizados os bares e casas de espetáculos, e passem ali seu precioso tempo na companhia de pessoas de índole duvidosa” (*Der Waltherliga-Bote*, mar. 1933, p. 38). O objetivo na formação dos grupos

⁷¹ Considerando que de 1928 a 1939 a revista era redigida em língua alemã, a tradução dos textos referentes à “*Waltherliga Brasilans*” e “*Der Waltherliga-Bote*” para a língua portuguesa foi realizada pelo autor e revisada pela Prof^a. Gisléia Simone Devantir Blank, que possui graduação em Letras – Português/Alemão pelo Instituto de Formação de professores de Língua alemã – IFPLA da Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS, e Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas- UFPEL.

juvenis era, portanto, “afastar a mocidade dos caminhos mundanos⁷² e uni-los através de laços de amizade fraternal e ensinar moças e rapazes a viver em coletividade no seio da igreja” (Cruz, 2003, p. 19). Assim, a União Juvenil também tinha uma finalidade recreativa, afinal o jovem deveria ter ambiente e oportunidade para se divertir e desenvolver laços de amizade cristã (*Der Waltherliga-Bote*, jan./fev. 1934).

O trabalho iniciado na Capital do Rio Grande do Sul logo se estendeu pelo interior do estado. Em 1925, num vilarejo chamado *Hartzpikade* (Picada Hartz), na época pertencente ao município de Sapiranga-RS, - hoje, emancipado, Nova Hartz-RS – jovens de diferentes cidades do estado se reuniram com lideranças da Igreja para criar a *Waltherliga Brasilans*, sendo também a primeira Liga Juvenil Luterana na América Latina e a primeira organização auxiliar⁷³ da instituição religiosa oficializada em solo brasileiro. Isso cinco anos após o distrito brasileiro do Sínodo de Missouri adotar o nome de *Synodo Evangélico Lutherano* do Brasil, o que ocorreu em 1920 (Buss, 2006).

A primeira diretoria, eleita no momento da fundação da entidade juvenil, foi a seguinte: Presidente, Profº. Karl August Rupp; Vice-presidente, Rev. Edmundo Neumann; Secretário, Profº. Hans Maack; e tesoureira, Srta. Leonara Klein⁷⁴. Cabe observar, neste primeiro momento, a liderança de professores e pastores encabeçando o projeto. Destaca-se a atuação feminina em cargo de liderança de um departamento ligado a uma instituição religiosa em um período em que a mulher ainda era socialmente

⁷² Os termos, “caminhos mundanos”, “divertimentos mundanos”, “prazeres mundanos” eram utilizados pela revista para referir-se a certos comportamentos e espaços vistos pela Igreja como vulgares, indecentes, imorais e impuros. Entre estes, a frequência a salões de baile, bares, prostíbulos, festas carnavalescas, uso abusivo de bebidas alcoólicas, cigarro, drogas e etc. Estes eram alguns dos “prazeres temporários do mundo”, que atentavam contra a alma do cristão, levando-o ao pecado.

⁷³ As outras organizações auxiliares da IELB, também conhecidos como departamentos, são:

*Liga de Servas Luteranas do Brasil (LSLB); embora tenha sido fundada oficialmente 1957 como uma organização nacional, a organização das sociedades de senhoras já vinha atuando junto à instituição desde 1909 (Warth, 1979).

* Liga de Leigos Luteranos do Brasil (LLLb); embora tenha sido fundada oficialmente em 1971 como uma organização nacional, a atuação dos departamentos de leigos esteve presente nas comunidades, principalmente do RS e do ES, desde a década de 1940 (Warth, 1979).

*Escola Bíblica Infantil (IELB), também chamado de Escola Dominical; foi oficializada como organização nacional no ano de 1966, porém o seu funcionamento junto à Igreja remonta aos primeiros anos de atuação do Sínodo em solo brasileiro, ligando-se à escola paroquial (<https://www.ielb.org.br/organizacao/inicio/crian%C3%A7as>). A sua organização como departamento foi influenciada pelo processo de municipalização das escolas paroquiais, momento em que a Igreja passou a dedicar-se com mais intensidade ao ensino doutrinário da criança por intermédio das Escolas Dominicais, deixando o ensino secular para as instituições públicas (Mensageiro Luterano, jan/fev, 1980).

⁷⁴ Maack, Hans. “*Protokolle der Watlher-Liga von Süd-Amerika, Soli Deo Gloria*”. Ata de fundação da *Waltherliga*, Picada Hartz, 31 mai. 1925.

percebida como subalterna ao homem. Já em 1927, momento da eleição da segunda diretoria, a Srta. Maria Goerl é eleita secretária da *Waltherliga Brasilians*, ao lado dos jovens Hugo Wagner, eleito presidente, e R. Schoen, eleito tesoureiro, e do Rev. Carlos H. Warth, eleito correspondente geral (Warth, 1979). Já sendo possível, assim, perceber o trabalho liderado pelos jovens, conforme proposto, bem como a participação feminina.

É bem provável que a presença feminina no setor administrativo da *Waltherliga Brasilians* logo nos primeiros anos de sua criação seja resultado da influência da *Walther League* dos EUA. De acordo com Pahl (2003), a liga de jovens luteranos norte-americanos, desde sua fundação em 1893, tem conduzido negociações complexas entre diferentes gerações da instituição religiosa, em níveis local e nacional. Um exemplo disso é que, em 1900, a *Walther League* dos EUA teria desafiado as recomendações de parte das lideranças mais conservadores da igreja luterana que:

[...] recomendaram que a Liga não permitisse que as mulheres votassem ou falassem nas convenções anuais. Os membros da Liga rejeitaram esta recomendação e as mulheres participaram como membros oradores e votantes da Wather Liga vinte anos antes de votarem nas eleições federais dos EUA (Pahl, 2023, p. 10, tradução do autor).

Como membros ativos na comunidade religiosa, a Juventude Luterana vem atuando ao longo da história da instituição religiosa como uma ponte entre a tradição conservadora e os avanços no seio da igreja. Com uma visão e determinação únicas, busca promover mudanças e avanços que são fundamentais para a renovação e vitalidade da instituição religiosa, ao mesmo tempo que mantêm respeito e apreço pelas tradições e ensinamentos conservadores da fé luterana.

Inicialmente chamada *Waltherliga Brasilians*, a entidade juvenil recebeu diferentes nomes ao longo do tempo, mas manteve o mesmo sentido de congregar as uniões juvenis ligadas ao Sínodo. Em 1940, por consequência do processo de nacionalização, passou a denominar-se Liga Walther, nome que manteve até 1945, quando a organização foi temporariamente interrompida; porém o trabalho juvenil se manteve, ficando a cargo de uma Comissão Pró-Juventude gerenciada pela IELB. Em janeiro de 1950, a Liga Juvenil foi reorganizada com o nome de Juventude Luterana do Brasil e, finalmente, em 1960, para ter uma maior identificação com a IELB, passou a se chamar Juventude Evangélica Luterana do Brasil – JELB (Cruz, 2003).

Segundo Warth, (1979), entre outras finalidades, a *Waltherliga Brasilians* teve por objetivo contribuir para a conservação dos jovens no seio da Igreja, bem como promover a socialização entre as uniões juvenis e ganhar novos jovens para o luteranismo. Como organização grupal, cabia a ela promover publicações no sentido de promover os interesses da Igreja e também preparar material para a instrução e o entretenimento das uniões juvenis. A esse respeito, a revista observa que era dever da *Waltherliga* fornecer aos jovens “material de cunho educacional, recreativo, administrativo e materiais para educar dirigentes progressivos e dedicados a sociedade juvenil” (*Der Waltherliga-Bote*, abr./mai. 1930, p. 1).

A criação de uma revista foi, assim, o meio encontrado pela liga para colaborar no sentido de levar até os jovens uma leitura jovial de bases religiosas com ênfase na educação e instrução da juventude, para que viessem a se tornar membros da Igreja bem informados (Warth, 1979). A revista seria também o veículo de comunicação e aproximação entre os jovens luteranos de diferentes regiões do país, além de servir como material de apoio para o trabalho nos encontros juvenis. Como órgão oficial de comunicação da juventude luterana do Brasil, a revista “O Jovem Luterano”:

além da cooperação educacional e recreativa, é o meio por onde serão dados os conselhos para o trabalho entre os jovens, divulgadas informações no tocante a tarefa da instrução da mocidade confirmada na nossa querida igreja. E meio de difundir informações, avisos, relatórios, boa leitura, novidades, fatos interessantes bem como tratar de assuntos de cultura em geral (out. 1950, p. 125).

Produzida sob perspectiva doutrinária e com fins educacionais específicos, a revista se coloca como colaboradora na formação ética, moral e social dos jovens e adolescentes leitores do impresso. Trabalhava com a subjetividade do grupo juvenil, contribuindo para sua construção identitária através de programações e articulações específicas envolvendo a comunidade educativa (Gohn, 2006). Assim, a revista encontrava-se em perfeita harmonia com os propósitos educacionais envoltos na organização das Uniões Juvenis, que tinham por finalidade “cooperar para educar e instruir os futuros membros da igreja” (O Jovem Luterano, jan. 1940, p. 9).

Cabe ressaltar que mesmo a revista deixando de circular em 1971, os propósitos educacionais e doutrinários não cessaram e, sim, ganharam novos veículos de comunicação, por onde, até os dias de hoje, são divulgados os projetos desenvolvidos

pela JELB. Entre eles, suportes impressos, portais eletrônicos, *website* e redes sociais, entre outras plataformas digitais.

Conforme observa o Regimento atual da JELB, cabe ao Vice-presidente da JELB, responsável pela Educação, em conjunto com o Vice-presidente de Comunicação:

Coordenar e estimular o desenvolvimento de projetos relacionados à Educação e Educação Continuada dos jovens. [...]. Manter-se atualizado com relação as novas técnicas de ensino para jovens, buscando aprimorar os projetos educacionais da JELB a realidade atual. [...]. Zelar pelos portais da JELB, buscando novas ferramentas e modernização do sistema educacional dos jovens, mantendo-os atualizado de conteúdo saudável. [...]. Fazer circular, notícias sobre retiros, congressos, encontros e atividades realizadas nas uniões juvenis, distritos e regiões. E organizar encontros de capacitação e aperfeiçoamento de lideranças da JELB (Art. 22 e 25, Regimento- JELB..., 2015, p. 5 -7).

Logo, é possível inferir que o trabalho da JELB continua alinhado com o propósito inicial para o qual foi criada, que é zelar pela formação de uma juventude luterana, perfilada com os discursos e interesses da instituição religiosa. Deste modo, a extinção da revista não encerra a circulação do conteúdo. O que se tem é um processo de realocação desse conteúdo, inicialmente publicando notícias da União Juvenil em outras revistas da Igreja, como na revista “O Mensageiro Luterano”, e com o passar do tempo ganhando as plataformas digitais.

Após esta apresentação da história e da trajetória da Juventude Luterana do Brasil, que, entre outras finalidades, visava manter o jovem ligado à Igreja após a sua confirmação, oferecendo a ele formação complementar e divertimento orientado, o próximo capítulo aborda as primeiras aproximações com a revista “O Jovem Luterano”, observando a sua materialidade, apresentação, organização, bem como seus princípios norteadores e os sujeitos envolvidos na produção da revista.

3 – A Revista “O Jovem Luterano”: materialidade, apresentação e organização

A educação, historicamente falando, não se restringiu aos espaços formais, podendo ocorrer em diferentes locais e com suportes variados, que envolvem os valores e a cultura própria de cada lugar. À vista disso, Margarida Louro Felgueiras (2005, p. 92) ressalta que “a cultura material e a memória emergem em contextos sociais específicos e toda a consideração da herança educativa tem de ser contextualizada para ser compreendida.”

É importante destacar que o estudo não tem como foco central a discussão da materialidade da revista “O Jovem Luterano”, mas, sim, privilegia-se a análise das práticas educativas, doutrinárias e de sociabilidade que são promovidas por meio dela. Entretanto, é fundamental levar em conta a materialidade da revista como um meio que veicula essas ideias voltando-se ao público jovem, visto que a forma e estrutura da publicação têm um papel crucial na transmissão e na representação desses conteúdos educativos e socioculturais. Além disso, Certeau (2011, p. 65) diz que “cada sociedade se pensa historicamente com os instrumentos que lhe são próprios”. Neste caso, a revista “O Jovem Luterano” é mobilizada como um instrumento condutor dos ideais Luteranos com relação aos jovens leitores do impresso.

A proposta deste capítulo, então, é fazer uma aproximação inicial com a revista “O Jovem Luterano”, e mobilizá-la como uma testemunha memorável do seu tempo, tendo em vista que para Felgueiras (2005, 89) “os acontecimentos passados inscrevem as suas marcas no espaço físico, social, cultural, bem como na corporeidade e na consciência individuais de cada sujeito”. Desta maneira, entende-se que os conteúdos observados na revista são a expressão de pensamentos e vontades humanas, isto é, são as concepções formativas não escolares para jovens a respeito o *ethos* religioso de um Sínodo Luterano. A materialidade da revista ressalta as intencionalidades da instituição provedora em reger a vida em sociedade dos jovens luteranos. Logo, o seu valor cultural está na

representatividade que tais objetos têm dentro de um grupo social devido aos valores por eles acentuados.

Para Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1998), os objetos materiais funcionam como veículos de qualificação social, são registros que orientam leituras e carregam métodos, técnicas e práticas de ensino que nos permitem conhecer tanto a materialidade como a subjetividade histórica do objeto. Ou seja, a revista “O Jovem Luterano” tem muito a dizer sobre a sociedade que a produziu e também sobre aqueles que se apropriaram do seu conteúdo.

Outrossim, Bosi (2016) e Candau (2016) concebem os objetos materiais como ativadores de memórias e testemunhas memoráveis de seu tempo. Dito isso, vários aspectos relevantes da organização da cultura juvenil luterana podem ser compreendidos a partir do que está representado na revista. Em conformidade, a configuração do suporte material contribui, segundo Chartier (1990), para o pesquisador estabelecer conexões entre a estrutura do escrito e o pensamento refletido. Para o autor, o formato do impresso classifica o texto, sugere uma leitura e constrói um significado, o que incute a percepção de que no mundo dos impressos, características específicas são criadas para orientar determinados comportamentos humanos.

Portanto, este capítulo objetiva inicialmente fazer algumas aproximações com a materialidade da revista, focalizando tanto os aspectos visuais, quanto linguísticos e organizacionais presentes no impresso. Em seguida, procura-se identificar os principais colaboradores envolvidos na produção da revista, assim como as influências internas e externas a qual foi submetida. Por fim, aborda-se alguns aspectos sobre a circulação da revista em diferentes momentos de sua história.

3.1 – Projeções visuais e linguísticas: uma análise da materialidade do impresso

Antes de discorrer sobre a revista “O Jovem Luterano”, será preciso entender o contexto no qual ela emergiu. O campo educacional teuto-brasileiro logo foi percebido pelos missionários do Sínodo de Missouri como um meio de propagar seus ideais confessionais. Segundo Rehfeldt (2003), o investimento na educação garantiria o sucesso da missão. Tão logo, passaram a investir em escolas, professores, materiais

didáticos, paradidáticos⁷⁵, entre outras literaturas, possibilitando a aproximação entre a Igreja e a escolarização. Assim, a educação ocupou um lugar central na adesão dos fiéis (Weiduschadt, 2007).

Conforme já mencionado por Weiduschadt (2012) e Albrecht (2019), Igreja e escola sempre foram o campo de atuação do Sínodo de Missouri. Seu projeto consistia em difundir a doutrina luterana baseada em princípios doutrinários e ortodoxos. Logo, a sua preocupação era influenciar a educação secular e religiosa. Afinal, era através de uma escolarização doutrinária fortemente institucionalizada que o Sínodo propagava seus ideais confessionais e arregimentava seus fiéis.

A preocupação em propagar seus ideais confessionais e se firmar como igreja no Brasil fez com que o Sínodo de Missouri começasse a publicar o seu primeiro periódico local antes mesmo de se oficializar como instituição religiosa brasileira, o que ocorreu em 1904. Criado em 1903, o periódico foi chamado de *Evangelish-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suadamérica* (Jornal da Igreja Evangélica Luterana para América do Sul) e tinha o propósito fornecer aos missionários no Brasil um instrumento para apresentar a posição doutrinária e eclesiástica do Sínodo de Missouri (Rehfeldt, 2003).

Weiduschadt (2012), ao estudar a revista “O Pequeno Luterano”, produzida pelo Sínodo de Missouri e dirigida ao público infantil, chama a atenção para a existência de uma linearidade na produção bibliográfica fundamentada nos preceitos da doutrina luterana, com uma linguagem específica para cada seguimento da família atendida por aquela instituição religiosa. A autora ressalta, assim, o investimento do Sínodo em impressos para regimentar e orientar os seus fiéis e colaboradores. Entre estes, podemos citar o “Mensagemiro Luterano”, o “Lar Cristão”, “*Nostra Vitta*”, “*Unsere Schule*”, Igreja Luterana e “O Jovem Luterano” (revista objeto desse estudo), dedicada a orientar o público juvenil, entre outros impressos editados por estudantes do Seminário Concórdia; estes, em suas horas de folga, quando não estavam estudando para o ministério pastoral, dedicavam-se a produzir materiais para informar e instruir os fiéis, sob a orientação do tipógrafo Ludwig Kaminski⁷⁶ (Albrecht, 2019).

⁷⁵ Instrumentos produzidos para fins de ensino, porém sem as características funcionais de composição do manual didático. Para saber mais sobre ver: Kazumi Munakata (1997).

⁷⁶ Nascido na cidade de Neidenburg, na Alemanha, em 1883, imigrou para o Brasil com a sua família em 1898. Trabalhou como tipógrafo e repórter de jornal em Porto Alegre até 1918, ano em que entrou no

Outro fator que reforça o investimento do Sínodo de Missouri no campo editorial é a criação, em 1911, de uma pequena tipografia. Improvisada junto ao Seminário Concórdia, iniciou com uma única máquina de composição manual trazida dos Estados Unidos e operada por estudantes do seminário em suas horas de folga, sob a orientação de um tipógrafo (Kaminski, 1949). Eram impressos hinos, programas e versículos bíblicos usados nas escolas dominicais, além de alguns periódicos de circulação local, como a revista para jovens “*Der Jugendfreund*” (O amigo da juventude), que circulou de 1909, até o seu desaparecimento com a Primeira Guerra Mundial (Warth, 1979). Apesar do curto período de circulação, o periódico serviu de inspiração para a criação da revista “O Jovem Luterano”, anos mais tarde. Nesse momento, a pequena tipografia já tinha se fundido com a agência de livros que atendia as comunidades do Sínodo de Missouri no Brasil e se transformado na Casa Publicadora Concórdia, criada em 1923 para atender a demanda editorial do Sínodo no Brasil (Albrecht, 2019).

O Sínodo de Missouri sempre mostrou grande preocupação com as liberdades que os jovens alcançavam com a confirmação de fé, que no luteranismo simbolizava o ingresso na vida adulta (Romig, 2021). Segundo a crença luterana, o jovem já tinha conhecimento o bastante sobre a lei da vida e seus valores, podendo a partir desse saber moral e técnico traçar os caminhos de sua vida (Bahia, 2011). Porém, muitas vezes isso acarretava em um afastamento da vida regrada pelas comunidades e pelos ensinamentos da Igreja, e este livre arbítrio suscitava preocupação, pois tal “poder de decisão” poderia fomentar escolhas que não a vida em comunhão de fé.

Motivados em auxiliar os jovens a manterem o juramento de fidelidade a Deus feito no momento de sua confirmação e a contribuir para que fossem preservados dentro dos muros da igreja, o Sínodo Missouri firmou um acordo com a *Waltherliga*, como era chamado o agrupamento dos jovens ligados à referida instituição religiosa, para a criação de uma revista que viesse a “oferecer instrução e entretenimento a todos os jovens” (*Waltherliga Brasilans*, dez. 1928, p. 1). Assim, em dezembro de 1928 surge um

Seminário Concórdia para se formar pastor da IELB. Durante esse período, nos turnos inversos das aulas, trabalhou como tipógrafo na tipografia do Seminário, ajudando na edição do *Kirchenblatt*, do Mensageiro Luterano entre outros impressos. Exerceu o pastorado de 1921 a 1949, quando passou a trabalhar na editora Concórdia como redator e revisor de revistas da igreja, como a *Luther-Kalender* e o *Kirchenblatt* (Warth, 1979).

exemplar piloto da revista (Figura 5), apresentando as motivações envolvidas na criação do periódico, que seria mensalmente publicado a partir de 1929 sob o nome de “*Der Waltherliga-Bote*” (Figura 6). O objetivo era promover programas para instruir a juventude nos princípios da instituição, preservá-la das “armadilhas mundanas” e orientar atividades recreativas e divertimentos que não ofendessem a religião e dignificassem o jovem perante Deus e a sociedade.

Figura 5 – “*Waltherliga Brasilians*”, dez. 1928.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

Figura 6– “*Der Waltherliga-Bote*”, mai. 1929.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

As primeiras aproximações com exemplares da revista permitem observar quatro momentos distintos quanto a sua materialidade, apresentação e organização. Os primeiros exemplares apresentam poucos recursos gráficos, mostrando-se bastante simples, conforme pode ser observado nas figuras acima – que fazem referência aos primeiros passos da revista –, padrão editorial que se manteve durante a década de 1930. Os textos eram organizados em duas colunas, sendo o título realçado em negrito. A primeira página trazia os nomes dos gestores da “*Waltherliga Brasilians*” e dos integrantes

do comitê editorial responsável pela revista, além do sumário e do endereço e caixa postal da revista para recebimento de conteúdo.

A partir de 1933 começam a ser observados na última página da revista anúncios de artigos religiosos para venda, como castiçais, kits para santa ceia (cálice e patena para hóstia), Bíblia, catecismos e outras literaturas religiosas. Também, propagandas e anúncios de instrumentos musicais, papelaria, câmeras fotográficas e rádio.

Como um veículo de comunicação juvenil, a revista se coloca como o elo de ligação entre o jovem e a igreja, contribuindo para a sua formação identitária como sujeito cristão luterano, proporcionando conhecimento sobre o mundo que envolve os indivíduos e suas relações sociais. Cumpre o papel de mostrar aos jovens “oportunidades de cumprir os mandamentos e como evitar a transgressão” (O Jovem Luterano, jan. 1943, p. 7).

Desde as primeiras edições, a revista traz como encarte fixo as cinco finalidades que a organização juvenil luterana objetivava atingir com o auxílio do periódico, que eram, respectivamente:

- 1ª, contribuir para que a juventude luterana permaneça fiel à igreja;
- 2ª, intensificar o estudo da Bíblia;
- 3ª, cooperar na educação e instrução dos futuros membros da igreja;
- 4ª, cultivar esportes, organizar horas recreativas e divertimentos que não ofendam a religião;
- 5ª, unir toda a juventude luterana do Brasil para um trabalho geral e profícuo no seio da igreja. (*Der Waltherliga* - Bote, abr./mai. 1930, contracapa).

Essas cinco finalidades norteavam tanto a produção da revista quanto o trabalho da *Waltherliga*. Segundo a “*Waltherliga Brasiliens*” (1928), era importante que todos os jovens fossem orientados por um programa uniforme, tanto no material de leitura, ensino, entretenimento, bem como no trabalho das associações de jovens, que até poderiam fazer adaptações às condições locais para uma melhor compreensão, mas que deveriam seguir essas orientações.

Na década de 1950, os artigos 3, 4 e 5 sofreram uma pequena remodelação na escrita do texto, porém mantiveram a sua intenção inicial. Os dois primeiros se mantiveram iguais, conforme é possível observar:

- 1ª, contribuir para que a juventude luterana permaneça fiel à igreja;
- 2ª, intensificar o estudo da Bíblia;

3ª, cooperar na educação e formação dos membros da igreja, especialmente estimular o zelo missionário;

4ª, cultivar o convívio cristão da mocidade, organizar horas recreativas e promover atividades culturais, literárias, artísticas e esportivas;

5ª, unir todas as uniões juvenis existentes no seio das comunidades evangélicas luteranas para um trabalho geral e profícuo no seio da sua igreja, do Sínodo Evangélico Luterano do Brasil (O Jovem Luterano, jun. 1954, contracapa).

Quanto ao conteúdo da revista, no que tange às instruções para a vivência de jovens e adolescentes, observa-se que nela os jovens são convidados a refletir sobre temas variados relacionados à vida, ao corpo e à alma. Entre estes estão meditações, conhecimentos bíblicos e catequéticos, o papel do jovem na Igreja, cuidados com o corpo, recomendações para a sociabilidade de moças e rapazes, e seu papel na sociedade; namoro, vida matrimonial, família e os tradicionais relatórios dos grupos juvenis.

Traz também atividades de recreação para serem desenvolvidas nos encontros de jovens, bem como trocas de experiências, que era um espaço dedicado para os leitores compartilharem assuntos variados relacionados ao cotidiano da juventude. Além disso, continha caderno de cultura e curiosidades históricas e contemporâneas, com conteúdo variado focado em orientar o cotidiano da comunidade leitora. Cabe destacar que este conteúdo não sofreu grandes variações durante os 42 anos em que a revista circulou, sendo que os 10 primeiros foram em língua alemã. São abordagens que ressaltam a preocupação e o cuidado da editoração em influenciar todos os espaços da vida do jovem luterano. Eram conteúdos produzidos a partir da realidade da comunidade leitora, acrescida do parecer da Igreja, que orientava como a sociedade juvenil deveria se portar em diferentes momentos históricos. Logo, observa-se em Bacellar (2008) a importância da contextualização do documento com o tempo e o contexto no qual foi produzido.

Com relação ao corpo da revista, percebe-se que durante quatro décadas, 1929 a 1969, a mesma manteve uma unidade de tamanho 15 x 22, não havendo grandes oscilações em número de páginas, que giravam em torno de 16 a 18 páginas por edição⁷⁷. As folhas da revista, até meados da década de 1950, assemelhavam-se ao papel jornal, mas com uma textura um pouco mais densa, tendo sua impressão em preto e branco.

⁷⁷ Cabe observar que até o ano de 1953 a contagem das páginas da revista era anual ou continua. Ou seja, a numeração do mês seguinte seguia a ordem numerológica do mês atual e assim subsequentemente. Em 1954 a sua contagem passou a ser mensal, sendo reiniciada a cada mês na página 1.

Esse padrão editorial não sofreu grandes mudanças nos vinte primeiros anos da revista com relação a sua materialidade.

Apesar de manter uma linha editorial ortodoxa, observa-se que a revista, a partir do segundo ano, 1930, é submetida a um investimento em recursos materiais e visuais. Conforme pode ser observado na edição de janeiro de 1930 (Figura 7), que é a primeira publicação do periódico que contém uma capa levemente colorida, condizente com a realidade do mercado editorial da época (Cardoso, 2005); um projeto gráfico que mistura elementos religiosos, paisagísticos e litúrgicos, revelando informações explícitas e implícitas das relações contextuais e sociais envolvidos.

Figura 7 – “Der Waltherliga-Bote” jan. 1930.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

Figura 8 – “Der Waltherliga-Bote” mar. 1934



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

A Figura 7 traz, no centro da capa, uma fotografia em preto e branco; segundo descrição⁷⁸ abaixo da foto tratava-se da igreja nova de Três Saltos, que é uma localidade no interior do Rio Grande do Sul. Além do templo religioso, é possível observar uma

⁷⁸ Die neue kirche zu Tres Saltos (A nova igreja de Três Saltos).

pequena casa ao lado da igreja. É bem provável que a referida construção tenha sido a escola da comunidade, pois, segundo Rehfeldt (2003), a construção simultânea da igreja e da escola era uma prerrogativa do Sínodo de Missouri. Observação esta que é reforçada por Weiduschadt (2007) e Albrecht (2019), que em suas pesquisas confirmaram a existência destas escolas que geralmente funcionavam em pequenas construções ao lado da igreja, quando não ocupavam o mesmo espaço. Além destes dois elementos, que entendemos ser a igreja e a escola da comunidade, é possível observar que as construções estão cercadas por uma densa vegetação e que não há outras habitações aparentes, o que evidencia tratar-se de uma localidade rural.

Outra característica das capas do *“Der Waltherliga-Bote”* é a mistura de textos e paisagens, conforme observado na Figura 8. Em sua maioria, traziam imagens paisagísticas e arquitetônicas acompanhadas por um pequeno texto descrevendo a representação, ou alguma reflexão bíblica.

Uma característica comum das igrejas luteranas do início do século XX era a ocupação de uma mesma área pela igreja, escola e cemitério. Pode-se dizer que a fé, a educação e a memória eram consideradas pilares essenciais para o fortalecimento da comunidade e para o crescimento espiritual e moral de seus membros. Tratava-se de uma manifestação da importância que a comunidade luterana atribuía à educação, à fé e à memória dos seus antepassados.

A igreja representava o centro espiritual da comunidade luterana. Era o local onde os fiéis se reuniam para cultos, celebrações e momentos de reflexão. Era o espaço onde a palavra de Deus era pregada e a comunhão entre os membros da comunidade era fortalecida. A presença da igreja nessa mesma área demonstrava a centralidade da fé na vida dos luteranos.

Ao lado da igreja, estava a escola. A educação era valorizada pelos luteranos como um caminho para o desenvolvimento pessoal e para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a comunidade, como já discutido. A escola luterana fornecia uma educação com base nos princípios cristãos e na tradição luterana, a rememorar. Assim, a proximidade física entre a igreja e a escola reforçava a importância da educação religiosa e moral na formação dos jovens luteranos.

Por fim, o cemitério ocupava uma área próxima à igreja e à escola, uma vez que, para a comunidade luterana, era essencial ser sepultado em um cemitério que fosse propriedade da própria comunidade, pois de outra forma poderia ser interpretado como uma ruptura com o sentido de pertencimento àquele grupo de fé (Farofa, 2018). Em outras palavras, a ideia de fazer parte do luteranismo precisava ser reafirmada com a morte. Além disso, a preservação dos cemitérios luteranos era uma forma peculiar pela qual a comunidade de fé reforçava a memória e a história de seus antepassados. Isso não estava diretamente relacionado com a doutrina luterana, mas sim com a comunidade de fé, em querer manter viva a memória daqueles que contribuíram para a comunidade.

Com relação ao texto da Figura 8, trata-se de uma descrição saudosista da igreja e da geografia onde estava situada a comunidade luterana de Dois Irmãos, que até então era considerada um distrito de São Leopoldo/RS, visto que a sua emancipação e elevação a município do estado do RS data do ano de 1959⁷⁹.

“O Jovem Luterano”, ou “*Der Waltherliga-Bote*” como era chamado na época, não somente passou a ter uma capa de apresentação com o logotipo que identificava a Liga de jovens luteranos nacional e internacionalmente, bem como o nome e o ano da edição também estavam presentes. Além disso, recebe o acréscimo dos dizeres “*Pro aris et focis*” (por altares e lareiras); em outras palavras, “para igreja e o lar”, lema criado pela Liga Juvenil Luterana Americana em 1890 e adotada pelos jovens de onde o Sínodo de Missouri expandiu a sua ação missionária religiosa.

Outro acontecimento que chama a atenção, com exceção dos primeiros exemplares, é o fato da revista “*Der Waltherliga-Bote*” já apresentar capas ilustradas e coloridas a partir do segundo ano de edição. A este respeito, Albrecht (2019), ao estudar o uso da linguagem visual no processo de ensino e aprendizagem em cartilhas alemãs produzidas pelos Sínodos luteranos, observa que as imagens têm um importante papel no processo de ressignificação étnico-cultural e social da sociedade que as produziram e as reconhecem como parte integrante de sua cultura. Segundo ele, as imagens são importantes códigos de conhecimentos e comportamentos a serem transmitidos. Tão logo, se entende necessário fazer um levantamento das ilustrações que ornamentam as

⁷⁹ Lei Estadual nº 3.823, 10/09/1959, fonte: IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

capas da revista “O Jovem Luterano” no sentido de buscar uma aproximação com as possíveis mensagens e ideias expressas na capa da revista.

Quadro 3 – Levantamento das ilustrações presentes nas capas da revista “O Jovem Luterano”, organizado por décadas.

Períodos	Ilustração na capa	Quantidade
1929	Sem ilustrações	0
1930-1939	Religiosos	47
	Matinho Lutero	6
	Paisagens/ambientes	23
	Textos	21
	Pessoas	12
	Pátrios	9
1940-1949	Capa padrão	113
	Religiosos	1
	Paisagem/ambientes	1
	Textos	1
	Emblema da JL	1
1950 - 1959	Religiosos	17
	Matinho Lutero	2
	Paisagens/ambientes	20
	Textos	14
	Pessoas	30
	Emblema da JL	8
	Objetos	1
1960-1969	Religiosos	26
	Martinho Lutero	7
	Paisagens/ambientes	7

	Textos	10
	Pessoas	39
	Objetos	2
1970 -1971	Paisagens/ambientes	4
	Texto	1
	Pessoas	15
	Objetos	4

Fonte: Quadro organizado pelo autor.

A mensagem visual exprime as ideias de quem a pensou e reproduziu com o objetivo de provocar atitudes interpretativas em quem a observa. Logo, Samara e Tupy (2010) esclarecem que, como veículos de ideias e informações, as ilustrações transmitem uma mensagem que se configura como uma representação das estruturas sociais vigentes em um determinado período histórico. Dessa maneira, o quadro acima busca verbalizar quais eram os discursos ilustrativos mobilizados pela revista, no sentido de prover os valores e as expectativas do social com relação ao conteúdo do periódico.

Nancy Campos Muniz (2010) observa o uso simbólico da imagem na sociedade como instrumento transmissor de determinada mensagem. Segundo ela,

os símbolos relacionam-se com os valores impregnados no imaginário de uma sociedade, de uma comunidade, de um grupo de indivíduos, refletindo aspirações, ideias, utopias, produzindo sentimentos de pertença, enfim produzindo identidade (Muniz, 2010, p. 127).

Portanto, as imagens da revista não se tratam de ilustrações aleatórias, mas de representações que integram um sistema simbólico que conduz a uma forma de ver e de pensar, e também a uma maneira de ser e se reconhecer como parte integrante de um espaço social e cultural. A função destas representações nas capas da revista era aproximar o leitor do objeto de leitura. Assim, além de pensar o contexto de produção e circulação da revista, é preciso considerar as relações entre religião, ciência e moral de cada época (Chartier, 1990).

Com exceção da década de 1940, quando a revista opta por adotar uma capa padrão, provavelmente para não se indispor frente ao DIP- Departamento de Imprensa e

Propaganda⁸⁰, órgão governamental encarregado pela fiscalização da imprensa da época, é possível observar a partir do Quadro 3 a predominância de ilustrações religiosas⁸¹ e de pessoas⁸² representadas em suas diferentes formas e simbolismos. Outro aspecto a se considerar são as representações de paisagens e ambientes rurais, urbanos e/ou representativos para o contexto e a sociedade da época, destacando principalmente aspectos religiosos, culturais e geográficos do Brasil. Conforme mostram as duas capas abaixo, apresentando, respectivamente, uma representação da ponte sobre o arroio Pelotas/RS e do Cristo Redentor/RJ.

Figura 9 – “Der Waltherliga-Bote” abr. 1934.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

Figura 10 – “Der Waltherliga-Bote”, jul. 1938.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

⁸⁰ Decreto-lei 1.915, de 27 de dezembro de 1939.

⁸¹ Definimos como ilustrações religiosas a representação de Jesus, imagens que simbolizam fatos relacionados ao nascimento, vida e morte de Jesus, imagens sacras que simbolizam o cristianismo, como: templos, religiosos, cruz, sinos, castiçais, Bíblia, anjos entre outros elementos.

⁸² O campo “Pessoas” engloba diferentes formas de representação humana, entre elas desenhos gráficos e caricatura de sujeitos, bem como fotografias posadas, individuais e coletivas em situações cotidianas, e também retratações realizadas em eventos oficiais da JELB.

O uso dessas ilustrações do espaço brasileiro nas capas da revista pode ser hipoteticamente percebido como uma tática política e social. Se for considerado o que estava em voga naquele período histórico, ela reflete o empenho da Instituição religiosa Sínodo de Missouri em se integrar a sociedade brasileira.

Porém, observa-se também a presença das representações pátrias nos primeiros 10 anos da revista, momento em que ela ainda era editada em língua alemã sob o nome “*Der Waltherliga-Bote*”. Entre estas representações fotográficas estavam aquelas de sujeitos que exerciam algum poder público, como Getúlio Vargas (1882-1954), presidente do Brasil, e Oswaldo Aranha (1894-1960), ministro do interior na época, entre outros espaços materiais e ambientais brasileiros e/ou representativos para o contexto e a sociedade da época. Por exemplo, a reprodução do Hino Nacional Brasileiro na capa da revista de setembro de 1935, conforme observado na figura abaixo.

Figura 11 – “*Der Waltherliga-Bote*” set. 1935.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

Mesmo se tratando de uma revista redigida em língua alemã, é notório o uso da língua portuguesa e de elementos alusivos à pátria brasileira principalmente nos meses de setembro e novembro, referenciando assim, respectivamente, à “Independência do Brasil”⁸³ e à “Proclamação da República brasileira”⁸⁴. O que nos traz indícios da preocupação que a instituição provedora da revista tinha em se integrar ao contexto nacional para apresentá-lo ao seu público leitor que, apesar de nascido em solo brasileiro, pouco sabia sobre a língua, a cultura, a história e a geografia do país.

A revista buscava despertar nos jovens uma identidade brasileira e, ao mesmo tempo, sensibilizar os setores governamentais brasileiros do seu empenho em inteirar-se na conjuntura do país, apesar de fazer uso da língua alemã. Conforme indica o exemplar do “*Der Waltherliga-Bote*” de junho de 1929, p. 24: “o uso da língua alemã se faz necessária devido as dificuldades que os jovens enfrentam para a compreensão da escrita portuguesa”. O que nos permite afirmar que a maioria dos leitores da revista, em um primeiro momento, era pertencente às comunidades teuto-brasileiras nas quais o Sínodo estava inserido.

É preciso lembrar que os primeiros anos da edição da revista “*Der Waltherliga-Bote*” coincidem com os primeiros anos da Revolução de 1930⁸⁵. Esse foi um momento conturbado da história do Brasil durante o período republicano, dando início à chamada Era Vargas, que se estende até o ano de 1945.

A insegurança com a continuidade da revista, considerando o momento político e social em que o Brasil se encontrava, fez com que as lideranças da *Waltherliga*, provavelmente orientadas pela igreja, se antecipassem a uma possível intervenção dos órgãos governamentais no periódico juvenil, posicionando-se favoráveis ao intervencionismo. Conforme carta⁸⁶ enviada aos governantes da época e reproduzida na revista “*Der Waltherliga-Bote*” em dois idiomas, português e alemão:

⁸³ Ocorrida em 7 de setembro de 1822.

⁸⁴ Ocorrida em 15 de novembro de 1889.

⁸⁵ A Revolução de 1930 foi um golpe de estado liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que encerrou o período republicano brasileiro. E pode ser considerada um divisor de águas entre a República Velha e o poder centralizador da Era Vargas, que teve início, exatamente, com o êxito da Revolução (Schawrcz; Starling, 2015).

⁸⁶ Por questões de padronização e pelo fato de que a maioria dos artigos da revista, com exceção dos relatórios juvenis assinados geralmente pela secretária/o e presidente/a e dos textos religiosos e doutrinários que mencionavam o pastor ou professor responsável, não apresentam a autoria, decidiu-se mencionar apenas a página, o mês e o ano de publicação.

Aos ilustríssimos Libertadores da Pátria!

A mocidade da igreja evangélica luterana do Brasil, por seu órgão oficial o “*Waltherliga-Bote*” vem felicitar aos ilustríssimos libertadores da Pátria asseverando-lhe todo o respeito e perseverança.

Cientes da atitude dos dignos restauradores em prol da defesa das instituições liberais da Pátria, estamos convencidos que hão de esforçar-se fiel observação também das seguintes disposições da nossa Constituição Federal.

Secção II art. 72, § 30. Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esses fins e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

§ 7º. Nenhum culto ou igreja gozará de subversão oficial nem relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados.

§ 28º. Por motivo de crença ou de função religiosa nenhum cidadão brasileiro poderá ser privado de seus direitos civis e políticos e nem se abster do cumprimento de qualquer dever cívico (*Der Waltherliga-Bote*, nov. 1930, p. 120).

Apesar de se colocarem favoráveis ao governo intervencionista, o texto deixa claro que a principal preocupação da *Waltherliga* e dos redatores da revista era com a liberdade religiosa. Ou seja, com “o direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder público” (Decreto nº 119-A..., art. 3º, 1890)⁸⁷. Direito esse que havia sido assegurado com o início da república e que agora poderia estar ameaçado conforme o seu entendimento.

Além disso, cabe observar que a revista, desde o princípio, fez uso de fotografias para ilustrar acontecimentos importantes que eram socializados pelo periódico, como eventos religiosos, sociais, culturais e esportivos, organizados pela *Waltherliga*. Porém, a grande maioria dessas fotografias são em preto em branco, a primeira imagem que apresenta várias tonalidades de cores é a reprodução da bandeira do Brasil na capa do exemplar de setembro de 1933, em homenagem ao Dia da Bandeira⁸⁸, seguido por um pequeno texto falando sobre a beleza da flâmula brasileira, escrito por Olavo Bilac⁸⁹ e reproduzido em língua portuguesa na revista.

⁸⁷ Decreto Nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados Federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acessado em 21 ago. 2023.

⁸⁸ Comemorado anualmente no dia 19 de novembro, é uma homenagem à bandeira brasileira, que foi oficialmente apresentada nesta data em 1889, logo após a Proclamação da República Federativa do Brasil ocorrida em 15 de novembro daquele ano.

⁸⁹ Olavo Bilac (1865-1918) foi poeta, contista e jornalista brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras e autor da letra do Hino à Bandeira.

Figura 12 – “Der Waltherliga-Bote” set. 1933.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

A bandeira brasileira é um símbolo carregado de significado e representatividade do nacionalismo exacerbado do período. Homenagear a bandeira era uma maneira da revista demonstrar interesse pela pátria brasileira e incentivar os jovens a se envolverem ativamente na construção do Brasil, alinhando-se à forma ideológica proposta pelo governo. Nesse sentido, com essa alusão aos símbolos nacionais o Sínodo poderia evitar também perseguições do regime do Estado Novo. Era importante que “O Jovem Luterano” buscasse referenciar e celebrar símbolos patrióticos brasileiros, como a bandeira e o hino nacional, nos meses de setembro e novembro. Esses símbolos representam a identidade e a história do Brasil, e era essencial que os jovens luteranos valorizassem e apreciassem esses elementos de sua nação.

Ao valorizar e entoar o Hino Nacional, os jovens luteranos estariam se conectando com a história e os ideais do Brasil, reafirmando seu compromisso com a nação e seus princípios (*Der Waltherliga-Bote*, set. 1939). Embora tenha demonstrado esforço em despertar o interesse dos jovens pelas questões do Brasil, parece que, neste momento,

o principal interesse da instituição religiosa por trás da revista eram os dogmas religiosos transmitidos aos jovens, e não exatamente o amor pela pátria. Seria essa uma estratégia para evitar que as autoridades interrompessem a circulação do impresso? É uma possibilidade que pode ser considerada dentro do contexto histórico e social em que a revista foi publicada.

Assim como nos demais periódicos e outras literaturas em língua estrangeira do Sínodo, a revista “O Jovem Luterano” também teve que se submeter à política de nacionalização do Estado Novo⁹⁰, que tinha como objetivo “[...], transformar usos e costumes, mudar uma tradição cultural e social a partir da observação sociológica” (Seyferth, 1997, p. 118). Porém, diferentemente dos demais periódicos, entre outras literaturas produzidas pela instituição religiosa, que passam pelo processo de nacionalização linguística até 1939, somente em 1940 a “*Der Waltherliga-Bote*” passa a ser redigida em língua portuguesa, passando a se chamar “O Jovem Luterano”. Outrossim, observa-se a presença de textos em língua alemã camuflados entre as páginas da revista, principalmente escritas de cunho religioso, no primeiro ano de transição do periódico.

De acordo com a figura subsequente, é possível constatar que inicialmente (p. 38-39) são apresentadas as diretrizes regulamentares da *Walther-Liga* em língua portuguesa, seguidas por um estudo bíblico em língua alemã (p. 39-40), e, na sequência, lições bíblicas em língua portuguesa (p. 40-41). É importante notar que não será feita uma análise do conteúdo da Figura 13, para além dos enunciados acima mencionados, pois sua utilização aqui é apenas ilustrativa para exemplificar o uso simultâneo das duas línguas na produção da revista durante o ano de 1940.

⁹⁰ Regime político brasileiro de cunho autoritário e centralizador fundado por Getúlio Vargas em 1937, e que durou até 1945.

Observa-se que a presença de textos religiosos em língua alemã é uma constante durante o primeiro ano em que a revista passou a ser editada em língua portuguesa. Cabe ressaltar também que esses textos estavam acompanhados por uma versão em língua portuguesa. Isso mostra a preocupação do Sínodo em manter pelo menos as leituras de cunho religioso dos seus leitores, pois era de seu conhecimento que a grande maioria dos jovens consumidores da revista eram de origem teuto-brasileira e que poucos destes dominavam a língua portuguesa. Assim, a revista ganhava tempo para pensar estratégias formativas para que os jovens se familiarizassem com a língua portuguesa.

A exemplo disso, em maio de 1930 o “*Der Waltherliga-Bote*” traz um texto no qual argumenta com os seus leitores questões em relação à cidadania brasileira, ressaltando direitos e obrigações do cidadão brasileiro com o seu país; entre elas, as vantagens de saber se comunicar na língua do país. A revista também noticia, tanto no idioma alemão como em língua portuguesa, a implementação do novo sistema ortográfico do Brasil:

Em virtude do decreto 28.028, fica o novo sistema não apenas adotado oficialmente, como torna obrigatório em todos os documentos que forem encaminhados para as repartições públicas e no ensino dos estabelecimentos escolares oficiais e fiscalizados pelo governo. Dentro de pouco tempo ninguém no Brasil, escrevera pelo sistema antigo. Com isso só teremos a lucrar, porque desaparecerá de vez a confusão ortográfica que sempre reinou no país e que ainda insiste em se manter (*Der Waltherliga-Bote*, set. 1933, p. 145).

O texto também destaca a incompreensão em relação à resistência dos jovens luteranos em querer aprender a língua brasileira, sendo que ressaltavam ser de extrema importância aprender a língua e a ortografia do país. A compreensão da língua portuguesa e o domínio das regras ortográficas eram indispensáveis para uma comunicação eficaz e uma plena participação na sociedade brasileira, argumentava a revista (*Der Waltherliga-Bote*, set. 1933).

Por conseguinte, quase uma década depois, em maio de 1939, quando o processo de nacionalização já estava consolidado, restringindo a circulação de literatura estrangeira em solo brasileiro e impondo a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa em espaços públicos, a revista “O Jovem Luterano” continuava a circular em língua alemã, trazendo novamente um texto com o intuito de convencer os jovens luteranos

sobre sua cidadania brasileira⁹¹. Argumentava, ainda, que o fato de terem nascido no Brasil os naturalizava cidadãos deste país. Reforçava que como cidadãos brasileiros que eram, tinham assegurada a sua segurança pessoal; o direito de propriedade para usufruto pessoal; de escolher uma profissão; a liberdade de culto, onde “todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto”; o “direito de expressar livre e tranquilamente a sua opinião, dentro dos limites da lei” e que, em momentos especiais, as restrições individuais poderiam ser interpretadas pela lei. Concluía dizendo que “aqueles que gozam de direitos também têm obrigações a cumprir⁹²” (*Der Waltherliga-Bote* mai. 1939, p. 75 - 77).

Os benefícios da cidadania brasileira serviram como argumentos, então, em uma tentativa de convencer a juventude da época com relação às suas obrigações como cidadãos brasileiros. Aprender a língua do país que assegurava a eles todos esses benefícios, não deveria ser percebido como uma imposição e sim como uma oportunidade de ampliar os seus conhecimento e relações interpessoais. Afinal, a grande maioria dos leitores da revista eram descendentes de imigrantes que voluntariamente deixaram a sua terra natal e adotaram o Brasil com sua nova Pátria, logo, “A maioria dos leitores já nasceram no Brasil, sendo assim são brasileiros legítimos. E, portanto, é evidente que devem amar a sua pátria, orar por ela e trabalhar para o seu progresso e isto inclui aprender a língua” (*Waltherliga-Bote*, set. 1939, p. 154).

Aprender o idioma do Brasil não se tratava meramente de uma questão de leitura, como muitos jovens afirmavam. Além de facilitar a comunicação e a integração social, o domínio do idioma abriria portas para oportunidades educacionais e profissionais, promovendo, assim, uma conexão mais profunda com o país em que estavam inseridos. Tratava-se de um investimento valioso, que traria benefícios tanto a curto quanto a longo prazo, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e para o progresso do Brasil.

Porém, apesar do empenho em convencer os jovens em aprender o idioma brasileiro, é notório e também notificado pela própria revista a queda drástica no número de assinantes nesse período. A tiragem, que era de dois mil e duzentas revistas por mês, caiu para pouco mais de mil exemplares. Ao longo do ano de 1940, no corpo da revista

⁹¹ *Du bist ein Bürger Brasiliens* -Você é um cidadão do Brasil. (*Der Waltherliga-Bote* mai. 1939, p. 75).

⁹² *Wer rechte genießt, hat auch Pflichten erfüllen* (*Der Waltherliga-Bote* mai. 1939, p. 77).

há várias reclamações de jovens luteranos que deixaram de assiná-la por não dominarem a leitura em português. Ciente dos acontecimentos em voga, a revista expõe que “o problema da língua não deve nos desanimar, é nosso desejo de nos tornar capazes de nos experimentar na língua do país de modo a podermos testificar e anunciar a boa nova” (O Jovem Luterano, set. 1940, p. 149).

Em contrapartida, a Liga Juvenil iniciou um processo de aconselhamento das juventudes a retomarem as suas atividades e aceitarem o uso da língua portuguesa (Warth, 1979). Buscou-se alternativas para auxiliar os jovens a se adaptarem à mudança linguística, entre elas foram ofertados, por exemplo, cursos noturnos em comunidades urbanas de Porto Alegre/RS. Já para as juventudes interioranas, a sugestão era a leitura coletiva nos grupos de jovens, feita por algum jovem que dominasse a língua, conforme observado no exemplar de junho de 1940, que aborda os problemas com a adaptação da nova linguagem.

Em discurso proferido pelo então presidente da Liga Walther, o jovem Guilherme Goerl, na convenção anual da referida instituição juvenil, ocorrida em Toropi/RS, ao falar sobre as objeções enfrentadas pelos jovens luteranos, argumenta que:

As novas dificuldades que surgem com a mudança do idioma da revista Waltherliga-Bote, que agora se chama O jovem luterano, como também nas reuniões não nos farão esmorecer. Também dessa vez iremos demonstrar do que é capaz uma juventude luterana por convicção e brasileira de coração. [...]. Também por esse novo estado das cousas, enquadradas no programa de nacionalização do ensino de nosso governo. Temos motivos para render graças a Deus. Pois o campo que se abre ante nossas vistas deslumbra pela imensidão. Nossa amada pátria Brasileira precisa do evangelho. (O Jovem Luterano, jun. 1940, p. 96-97).

Concomitantemente a isso, observa que o governo, por sua vez, iria proporcionar aos jovens a devida instrução e garantir a segurança dos seus bens e propriedades, possibilitando a eles uma vida pacífica, próspera e em constante crescimento. E complementa dizendo que, “como cristãos, devemos assumir responsabilidades mútuas e colaborar com as autoridades governamentais”, (O Jovem Luterano, jun. 1940, p. 97). Com isso, buscava convencer os jovens de que aprender o idioma nacional era uma ótima oportunidade para assumir definitivamente a sua identidade brasileira de fato e de direito, uma vez que eram brasileiros de nascimento e nada mais justo do que assumirem obrigações recíprocas para com o seu país.

Durante a convenção nacional da Liga Walther realizada em fevereiro de 1941, em Santa Rosa/RS, o pastor C. Raschke teria se pronunciado sobre a necessidade eminente da juventude luterana aprender o idioma nacional o quanto antes, não apenas por motivos de leitura, mas também por razões de trabalho e de integração na sociedade (O Jovem Luterano, mar. 1941). Segundo o texto, aprender a língua portuguesa não era mais apenas uma questão de leitura, mas também de trabalho e sociabilidade. Os jovens precisariam se empenhar em buscar ações formativas e se conscientizar sobre a importância de aprender a língua do país, pois isso só lhes traria benefícios.

Mesmo não sendo sua intencionalidade, a revista “O Jovem Luterano” tornou-se, indiretamente, uma colaboradora da campanha de nacionalização, visto que o seu trabalho no sentido de sensibilizar os jovens sobre a necessidade de aprenderem o idioma nacional serviu para inculcá-los “o sentimento de brasilidade, transformando alemães e outros estranhos, imbuídos de ideias erradas sobre sua pátria, em brasileiros de fato (e não, apenas, de direito)” (Seyferth, 1997, p. 115).

Aos poucos, as questões linguísticas e patrióticas foram sendo introduzidas nos departamentos juvenis. Alguns relatórios juvenis trazem indícios de como essas mudanças foram recebidos pelos jovens. No relatório publicado em agosto de 1940, pelas uniões juvenis de Nova Palmeira/RS e Rolante/RS, é observado que ambas estiveram reunidas em maio daquele ano. Esse encontro ficou marcado pela introdução do Hino Nacional Brasileiro na programação oficial da juventude. Além disso, é destacado que: “como os jovens ainda estão se adaptando às transições linguísticas, optou-se por realizar dois cultos, sendo o primeiro em língua portuguesa e o segundo em língua alemã” (O Jovem Luterano, ago. 1940. p. 132).

Já o exemplar de nov./dez de 1940, é mencionada a ocorrência de uma reunião conjunta da Liga Walther com lideranças jovens do Distrito Sul, realizada em Solidez, município de Canguçu/RS. Além das lideranças juvenis, a reunião também teria contado com a “presença de autoridades públicas e civis”. Entre os assuntos discutidos, foram abordadas “questões patrióticas, como os aspectos linguísticos e o canto do Hino Nacional nos eventos oficiais do distrito” (O Jovem Luterano, nov./dez de 1940, p. 190).

Isto posto, o que se percebe é que uma parcela da juventude luterana não recebeu de maneira tranquila as mudanças linguísticas, apresentando resistência diante dessas

transformações, precisando a Liga Walther realizar negociações e ajustes temporários, como a realização de celebrações simultâneas em português e alemão e a promoção de reuniões com autoridades governamentais para convencer os jovens a aderirem à nacionalização.

Apesar da resistência por parte de alguns jovens, aos poucos os grupos juvenis foram buscando alternativas para aprender o idioma português. Os excertos abaixo são trechos de relatórios da juventude da localidade de Morreira/RS, e mostram a mobilização dos jovens daquela localidade em aprender o novo idioma.

[...] visto que o jovem luterano traz agora a maioria dos artigos em língua portuguesa e nós ainda não dominamos bem o idioma do país, lemos alguns artigos da revista durante as seções com a ajuda do professor Alberto Brückmann que é o único que tem domínio da língua. Estamos empenhados em aprender. Nesses meses de inverno em que o trabalho na roça não é tão apertado, todas as quartas-feiras à tarde 20 a 25 jovens, moças e moços vamos ao colégio para nos aperfeiçoar no estudo da língua portuguesa. (O Jovem Luterano, jul. 1940, p.115).

Com o auxílio do professor, todo o primeiro e terceiro domingo do mês aprendemos a língua do País. Nesse tivemos muita dificuldade. Felizmente depois de árduo trabalho, hoje já falamos todos o português e com um pouco de dificuldade já conseguimos ler a nossa revista. Quase todos já tem uma Bíblia ou ao menos um Novo Testamento na Língua do país. (O Jovem Luterano, jul./ago. 1942, p. 86).

Cientes da necessidade de aprender a língua portuguesa, os jovens, aos poucos, foram buscar auxílio de professores, criando estratégias, metodologias e horários para se dedicar ao aprendizado do idioma. Ao comparar os relatórios, considerando o ano das publicações, é possível observar um crescimento no domínio linguístico do português brasileiro por parte dos jovens, os quais, depois de dois anos de estudo da língua e da gramática portuguesa, já conseguem retomar as suas leituras, entre elas a revista “O Jovem Luterano”.

Por outro lado, é interessante observar o fato de eles não se perceberem como pertencentes à nacionalidade brasileira, visto que, ao se referirem ao idioma português usam o termo “língua do país”. À vista disso, Fredrik Barth (2011, p. 188) compreende que as “distinções étnicas não dependem de uma interação social e aceitação”. Segundo ele, os grupos étnicos devem ser vistos como uma forma de organização social, já que a interação com o sistema social e o contato Inter-étnico não eliminam as diferenças

culturais; os membros se identificam com categorias que se distinguem de outras. Essa relação identitária fica ainda mais acentuada quando se refere aos teuto-brasileiros e seus descendentes, conforme observa Giralda Seyferth (1997).

No entanto, durante a década de 1940 algumas alterações na organização dos textos podem ser observadas. No referido período, eles foram publicados em uma única coluna que ocupavam toda a página. Além disso, é perceptível a redução quase total de fotografias de jovens e outras figuras que eram muito presentes na década anterior. É também notável a redução de publicações de relatórios, sobretudo provenientes de União Juvenil do interior do país. A maior parte das publicações sobre os grupos juvenis limitou-se a relatórios enviados pelas União Juvenil dos grandes centros urbanos e raramente mencionavam o número de leitores da revista "O Jovem Luterano".

É provável que a questão linguística e a situação política enfrentada na época tenham influenciado a queda no envio de relatórios das juventudes do interior, onde os teuto-brasileiros eram maioria e não tinham domínio da escrita em língua portuguesa, o que dificultava a elaboração dos relatórios. Por outro lado, a omissão do número de assinaturas da revista nos relatórios das juventudes pode ser reflexo da diminuição significativa de leitores do periódico no período, podendo ainda ser resquício da repressão política à literatura estrangeira vivenciada no Brasil naquele momento histórico. Embora a revista já estivesse nacionalizada, é possível que os jovens não se sentissem seguros para revelar a existência de leitores do periódico no departamento juvenil, ocultando suas leituras como uma forma de proteção diante da perseguição política direcionada àqueles que não eram vistos como genuínos cidadãos brasileiros (Albrecht, 2019).

No mesmo período, também desaparecem das páginas da publicação os nomes dos membros da diretoria da "*Waltherliga Brasiliana*" e do comitê editorial responsável pela revista. Apenas o nome do editor-chefe, o endereço e a caixa postal da revista foram mantidos. O sumário, que antes estava na primeira página, foi transferido para a última página, dando lugar à ficha catalográfica que então incluía o número do registro no Departamento de Imprensa e Propaganda-DIP. As tradicionais propagandas de empresas e produtos comerciais também desaparecem, sendo mantidos apenas os anúncios de literatura religiosa. No entanto, a mudança mais significativa da revista se

deu por consequência da nacionalização do ensino e proibição da circulação da literatura estrangeira, momento em que ela passa a ser redigida em língua portuguesa sob o título “O Jovem Luterano”.

Outra constatação que talvez possa estar relacionada ao momento histórico dessa transição linguística diz respeito à capa da revista, que se mantém colorida, porém diferentemente do primeiro decênio, em que ela trouxe ilustrações em quase todas as edições, em 1940 passou a adotar um único padrão gráfico com a imagem da cruz, símbolo da igreja, e do logotipo da Juventude Luterana, que precisou ser nacionalizado para “*Liga Walther*”, nome que passou a ser adotado pela organização juvenil (O Jovem Luterano, 1942). Ao traduzir seu nome para o português, a instituição se submetia à ordem vigente sem perder a sua identidade criadora. Em outras palavras, a revista ajustou sua identidade física com base nas condições sociais e materiais disponíveis, revelando, dessa forma, sua relação com o mundo ao seu redor (Woodward, 2014).

Figura 14 – exemplares da revista “O Jovem Luterano”, da década de 1940.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

Conforme os exemplares acima, as revistas da década de 1940 possuem uma capa padrão, sem variações gráficas, porém com alternância de cores. Podem ser observadas pelo menos cinco variações de cores anuais: azul, roxo, verde, vermelho e

branco gelo, o que provavelmente está relacionado com a liturgia da instituição religiosa à qual a revista estava vinculada, uma vez que a Igreja Evangélica Luterana, simbolicamente referencia os períodos⁹³ importantes do calendário cristão por intermédio dos paramentos nos altares.

Também durante esse período começaram a aparecer as primeiras edições conjuntas alegando atrasos devido à situação política vivenciada no Brasil, pois havia necessidade de a revista passar pelo crivo do DIP. Outrossim, o conteúdo mensal era mantido, as publicações conjuntas tinham entre 32 e 36 páginas, não havendo prejuízo de informação para quem assinava uma revista mensal (*O Jovem Luterano*, jan./fev. 1942).

Em meados da década de 1950, a revista havia novamente recuperado o seu prestígio entre os jovens, chegando perto de três mil exemplares mensais, o que equivale ao número de assinantes anterior ao período da nacionalização. A partir desse período, observam-se mudanças graduais da revista, além de apresentar uma leitura textual e gráfica mais icônica que na década anterior, ela vai ficando mais colorida, com capas diversificadas, inclusive com caricaturas ingênuas e simbólicas para o contexto juvenil, trazendo também algumas impressões coloridas no corpo da revista.

A organização textual passou a ser alternada entre uma ou duas colunas, dependendo do tema abordado. A maioria dos títulos dos textos passou a ser impresso em letras maiúsculas, destacando-se também a gradual reintrodução de imagens e fotografias que acompanham o texto, especialmente fotografias não posadas, dando à revista uma atmosfera mais casual e descontraída. Nesse período, houve também o retorno dos anúncios comerciais, como produtos farmacêuticos, bazar e confecções, além de literatura e artigos religiosos. O sumário voltou para a primeira página, ocupando um espaço semelhante ao que era a ele dedicado na década de 1930, porém agora dividindo espaço com a ficha catalográfica.

Outra mudança significativa observada em relação à materialidade da revista diz respeito ao papel utilizado, as folhas passaram a ser mais lisas e com um aspecto mais

⁹³ Advento - Azul ou roxo; -Natal - Branco; Epifania - Verde; Quaresma-roxo; Sexta-feira santa; preto; Páscoa-Branco; Domingo de Pentecostes-vermelho; Domingo da Trindade-Branco; Após pentecostes-Verde; Datas festivas e dias de mártires-vermelho. Ver: David Karnopp (2003).

brilhante, muito próximo ao papel couchê⁹⁴. Essa mudança editorial aflora ainda mais na década de 1960, quando a revista já passa a ter um aspecto mais despojado, suas capas geralmente ilustram encartes que estão em destaque, conforme podemos observar nas Figuras 15 e 16, a seguir. Apesar de manter uma organização e distribuição textual semelhante à da década anterior, apresenta algumas mudanças gráficas como o acréscimo de caixa de texto destacando o enfoque do tema abordado.

Figura 15 – “O Jovem Luterano”, jun. 1954.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

Figura 16 – “O Jovem Luterano” set. 1968.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia.

Para de Luca (2008), a materialidade dos impressos e seus suportes tem muito a dizer sobre a época de sua produção e funções sociais operadas através deles. Em relação a isso, é observado que ao longo da década de 1960 a revista dá início a um processo de modernização gradual que culmina em uma significativa mudança em sua

⁹⁴ Recebe esse nome após passar por um processo químico que envolve produtos como carbonato de cálcio, caulim, látex e outras, que protegem as fibras do papel e por consequência deixam o papel mais resistente, com uma superfície lisa e uniforme.

materialidade, se equiparada ao contexto editorial da década de 1970, passando a medir 21 x 28 centímetros, apesar de manter o número de páginas. Ela, também, torna-se mais ilustrativa e seus textos ganham um tom mais jornalístico e modernizado, porém mantendo a ética luterana.

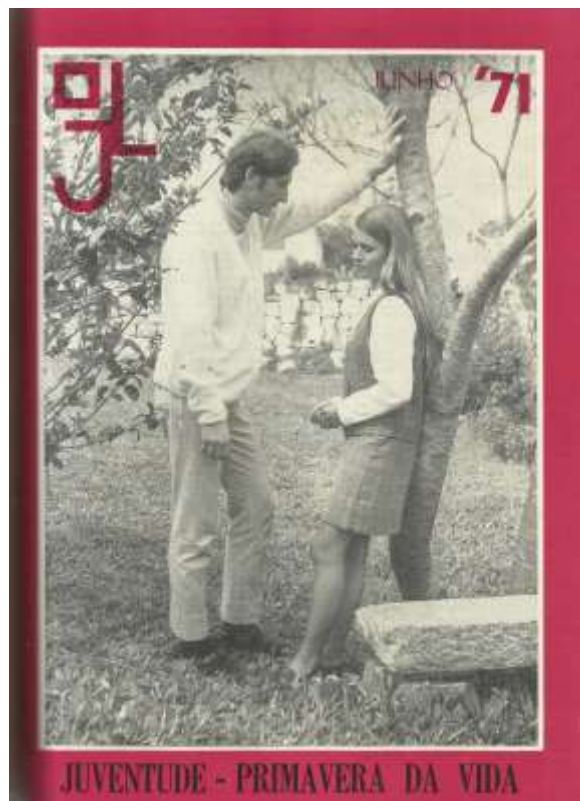
“O Jovem Luterano”, assim, procurou romper com padrões mais tradicionais e adotar uma abordagem mais ousada e contemporânea em seu *design*, fazendo uso de elementos gráficos modernos e *layouts* mais arrojados, deixando a publicação mais atraente, com combinações criativas de textos e imagens coloridas que capturavam a atenção dos leitores de forma visualmente impactante. Tais aspectos contribuíram para torná-la uma publicação envolvente e atualizada sem deixar de acompanhar as mudanças e demandas da juventude luterana da época, oferecendo conteúdo de qualidade e uma abordagem editorial que refletia a realidade e os interesses dos seus leitores. As Figuras 17 e 18 são um demonstrativo disso.

Figura 17 – “O Jovem Luterano”, fev. 1970.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 18 – “O Jovem Luterano”, jun. 1971.



Fonte: Biblioteca Seminário Concórdia

Cabe observar que a remodelação do periódico juvenil na década de 1970 é fruto de uma tentativa de manter a revista em circulação, uma vez que a sua continuidade estava ameaçada devido a uma crise financeira provocada, segundo eles, pelo “desamparo geral por parte de pessoas que poderiam melhorar a situação da revista” (O Jovem Luterano, nov./dez. 1969, p. 8). A remodelação da revista foi assim uma tentativa de recuperar o seu prestígio junto à juventude luterana, que havia perdido o interesse em assinar revista devido a atrasos nas edições dos últimos anos e também pela falta de investimento em conteúdos novos e recursos visuais. Além disso, a revista “O Jovem Luterano” precisava adotar uma abordagem mais moderna, reflexo dos novos tempos. Os textos precisavam ser escritos de forma dinâmica e acessível, utilizando uma linguagem mais próxima aos jovens leitores da época. A nova revista precisava se conectar com a juventude luterana abordando assuntos que eram relevantes para a sua realidade e trazendo uma perspectiva contemporânea sobre a fé e a vida.

No momento em que a revista chega ao auge no número de edições, com quatro mil e quinhentos exemplares mensais, a rebeldia juvenil dos anos 70, bem como as representações artísticas e culturais do mundo moderno, passam a repercutir nas páginas do periódico. As transformações políticas, econômicas e sociais e o novo perfil do jovem luterano, questionador, rebelde e com um forte senso crítico, são refletidos pela revista. Além disso, o campo editorial modernizado expressa em seus traços a alegria e o cotidiano dos jovens luteranos. São registros de ambientes informais que expressam uma sensação de liberdade através do modo de vestir, dos sorrisos soltos e do corte de cabelo que mostra a influência do movimento da contracultura⁹⁵ sobre a Juventude Luterana.

Com base nas observações tecidas, e considerando que a revista era o órgão oficial da Juventude Evangélica Luterana do Brasil, é possível inferir que ela foi o principal recurso utilizado pelo Sínodo de Missouri para orientar e doutrinar a juventude. Além de

⁹⁵ O movimento da contracultura foi um estilo de mobilização e contestação social no qual os jovens com um espírito mais liberal adotavam estilos inovadores e utilizam novos meios de comunicação em massa para questionar a cultura vigente, quebrar tabus e contrariar normas e padrões culturais, focando na transformação da consciência, dos valores e do comportamento. Ver: MUNDO DA EDUCAÇÃO. Contracultura. Portal eletrônico, Brasil. Especiais. Acessado em 18 maio. 2020, Online. <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/contracultura.htm#:~:text=Contracultura%20%C3%A9%20um%20movimento%20de,padr%C3%B5es%20estabelecidos%20por%20seus%20pais>.

cobrir as atividades e eventos da juventude luterana, suas matérias abordando questões sociais, culturais e religiosas buscaram trazer informações e análises aprofundadas, oferecendo aos leitores uma visão abrangente dos acontecimentos e desafios da época.

Por meio de uma análise geral e panorâmica da revista, pode-se depreender que a instituição luterana tinha a pretensão de, por meio das recomendações do periódico “O Jovem Luterano”, controlar as vaidades e liberdades mundanas de seus jovens e adolescentes. O impresso parece tentar confrontar o/a jovem com o evangelho de Cristo e contribuir para que a juventude permanecesse fiel à Igreja, mediante atividades reflexivas, engajamento e aprofundamento cristão, e divertimento tutorado pela instituição religiosa, além de integrar os jovens na vida da comunidade.

Por ser um condutor de intencionalidades, a revista “O Jovem Luterano” torna-se um instrumento significativo para analisar o processo de disciplinamento da juventude luterana. Suas narrativas irão permitir compreender as influências sofridas pelo contexto no qual ela foi produzida e a função social exercida sobre os sujeitos, pois os objetos materiais funcionam como veículos de qualificação social, são registros que orientam leituras e carregam métodos, técnicas e práticas de ensino que nos permitem conhecer tanto a materialidade como a subjetividade histórica do objeto (Meneses, 1998). A revista não somente guarda as marcas de sua historicidade, mas oferece subsídios para refletir sobre determinados “tipos de aprendizagem que são oferecidos a subgrupos específicos, mediante procedimentos educativos diferenciados” (Trilla, 2008, p. 33).

Buscou-se, ao longo deste subcapítulo, apresentar a trajetória da revista elencando aspectos gráficos e linguísticos que marcaram a organização material, assim como a interferência da política nacional no periódico. Discutiu-se, também, a partir das capas a relação visual da revista com o contexto histórico em que foi produzida, tendo sido possível observar que sua materialidade reflete a qualidade e o cuidado editorial, com uma apresentação visual contemporânea e atrativa, que busca dialogar com o público-alvo de forma dinâmica e atualizada em relação ao contexto histórico em que foi produzida e circulou.

Com base nesse primeiro contato com a materialidade da revista, a próxima etapa consiste em investigar a identidade dos sujeitos envolvidos na elaboração do periódico, com o objetivo de compreender sua conexão com a instituição religiosa provedora do

impresso, examinando as potenciais influências internas e externas em seu processo de produção.

3.2 – Os agentes envolvidos na produção do impresso

Tão importante como conhecer a materialidade da revista é identificar o espaço em que ela foi elaborada. Cabe observar que boa parte dos diretores e redatores da revista “O Jovem Luterano” eram pastores, professores e seminaristas ligados à Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Esses indivíduos, direcionados pelos interesses institucionais da Igreja, desempenharam um importante papel na produção editorial da revista, possibilitando uma comunicação para além do conteúdo escrito, sensibilizando os leitores sobre as potencialidades educacionais, informativas e visuais do periódico juvenil. Assim, é relevante identificar os profissionais envolvidos na produção da revista, bem como conhecer suas qualificações, experiências profissionais e outras características, a fim de conhecer e dar visibilidade aos mesmos no contexto da história da educação religiosa e social. Dessa maneira, no quadro a seguir são apresentados os membros do conselho editorial, bem como os diretores e redatores-chefes da revista.

Quadro 4⁹⁶ – Lista do conselho editorial e dos diretores e redatores chefes da revista “O Jovem Luterano”, em ordem cronológica de atuação.

Luis Carlos Rehfeldt (1884 - 1966)⁹⁷ nasceu em Granville, Iowa, Estados Unidos. Formou-se no Seminário de Springfield. Considerado um dos destaques da ação missionária do Sínodo de Missouri no Brasil, chegou aqui no ano de 1907 para atuar como professor e pastor em Dois Irmãos/RS. Em 1918, foi designado para ministrar as cadeiras de português, matemática e história no Seminário Concórdia, atividade que exerceu até o ano de 1958. Foi também um dos editores responsáveis pela criação da

⁹⁶ As informações expostas no quadro 4 foram organizadas a partir dos livros “Crônicas da Igreja” (Warth, 1979) e “Crônicas da Igreja, edição ampliada” (Marquardt, 2006); da dissertação de mestrado “Cartilhas em língua alemã produzidas pelos sínodos luteranos no Rio Grande do Sul: usos e memórias (1923-1945)” (Albrecht, 2019); do memorial do Colégio Concórdia/PA, disponível online em: <http://colegioconcordia.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Historia-Colegio-Concordia-Porto-Alegre.pdf>. Do memorial alusivo a Martinho Lutero Hasse, disponível online em: <http://www.martinholutherohasse.com/home.php>. No site da IELB, <https://www.ielb.org.br/>. E também do currículo Lattes de pastores/professores que atuaram em instituições de ensino superior.

⁹⁷ As datas entre parênteses junto ao nome do redator correspondem, respectivamente, ao ano de nascimento e morte dos já falecidos.

revista “Mensageiro Luterano” em 1917, periódico ainda em circulação nos dias atuais. Entusiasta do trabalho entre os jovens, atuou na comissão editorial da revista “*Der Waltherliga- Bote*” (1929 - 1939), e de 1940 a 1950 foi editor-chefe do periódico, após este passar pela nacionalização quando mudou o título para “O Jovem Luterano”. Foi também um dos fundadores da Casa Publicadora Concórdia, atual editora Concórdia, onde atuou como revisor de texto e no controle das revistas da instituição até o dia da sua morte, em 1966.

Otto Henrique Beer (1897 - 1988) nasceu em Fairbank, Iowa, Estados Unidos, e chegou ao Brasil em 1920, para atuar como pastor em São Leopoldo/RS. Foi vice-presidente do Sínodo Brasileiro entre 1924 - 1930, presidente do conselho administrativo do Seminário Concórdia, além de ter uma breve passagem pelo comitê editorial da revista “*Der Waltherliga-Bote*” entre 1929 e 1931. Retornou aos EUA em 1964, após a sua aposentadoria.

Carlos Henrique Warth (1902- 1976), nascido em Sertão da Mata/RS, formou-se pastor em 1921, atuando nas comunidades de Moreira e Novo Hamburgo até 1964. Ocupou vários cargos na Igreja, entre eles secretário, conselheiro, presidente e vice-presidente. Foi secretário geral da *Waltherliga* entre 1927- 1939; como diretor e colaborador de revistas da IELB, esteve à frente de importantes periódicos da instituição, entre eles “O Jovem Luterano”, em que atuou no comitê editorial entre 1932 e 1939, quando ainda era editado em língua alemã sob o nome “*Der Waltherliga- Bote*”. Em 1940, assumiu a direção geral da revista, cargo que ocupou até 1969. Autor do livro *Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil* (1900 – 1974), que narra os primeiros 75 anos da atuação do Sínodo de Missouri no Brasil.

Ludwig Kaminski (1893 – 1965), nascido em Neidenburg, Prússia Oriental, Alemanha, imigrou para o Brasil juntamente com seus pais em 1898, estabelecendo residência em Barra do Ribeiro/RS. Já adulto, mudou-se para Porto Alegre, onde exerceu a profissão de tipógrafo e repórter de jornal até 1918, quando ingressou no Seminário Concórdia para formar-se pastor. Durante o período de estudos, trabalhou como tipógrafo e auxiliar de edição de impressos da instituição religiosa. Integrou o comitê editorial da revista “O Jovem Luterano” entre 1932 e 1939. Colaborador da Casa Publicadora Concórdia, atuou como redator e revisor das revistas da Igreja e na escrita de artigos doutrinários.

Edmund Neumann (1891 – 1966), nascido em Lodz, na Polônia, imigrou para o Brasil com sua família no ano de 1901, estabelecendo residência em Porto Alegre/RS, posteriormente mudando-se para Anitápolis/SC. Coursou magistério e lecionou em uma escola particular em Santa Catarina, também foi professor em uma escola paroquial no Paraná até resolver entrar no Seminário Concórdia e estudar teologia. Já formado, foi transferido para Picada Hartz/RS, onde serviu como pastor e professor. Foi um dos fundadores da “*Waltherliga- Brasilans*”, em 1925, atuando ainda na comissão editorial da revista “*Der Waltherliga- Bote*” durante a primeira década do periódico.

Guilherme Goerl (1893-1963) era torneiro mecânico em uma empresa de Porto Alegre. No ano de 1921, com a saída do professor G. Rauter do Sínodo de Missouri, assumiu a agência de livros mantida pela instituição em Porto Alegre. Em 1923, tornou-se gerente da Casa Publicadora Concórdia, editora que ajudou a criar, cargo que ocupou até 1963, ano de sua morte. Goerl foi diretor da revista durante o primeiro semestre de 1940. Tudo indica que a sua rápida passagem pela direção de “O Jovem Luterano” deve-se ao fato de ele ser o presidente geral da *Waltherliga-Brasiliens*/Juventude Evangélica Luterana do Brasil, cargo que ocupou entre 1937 e 1942, e estar gerenciando a Casa Publicadora Concórdia no momento em que a revista passava pela transição linguística. Além disso, Goerl atuou também na tesouraria do Sínodo entre 1948 -1951.

Werner Karl Wandewitz (1912 - 2002) nasceu em Wallbach, Saxônia, Alemanha, mas mudou-se para os EUA, onde se formou pastor. Em 1937 chegou ao Brasil para atuar como pastor em Porto Alegre/RS e professor do Seminário Concórdia, onde lecionou até 1958, ano em que retornou aos EUA. Wandewitz foi redator da revista “O Jovem Luterano” entre 1950 e 1953. Fez parte da comissão de estudantes e também da Juventude, integrou os conselhos administrativos do Seminário Concórdia e da Casa Publicadora Concórdia.

Guido Goerl, nascido em 1928, é natural de Porto Alegre/RS. Era sobrinho de Guilherme Goerl, diretor da revista no momento da transição linguística. Trabalhou na editora Concórdia, na área de publicações da Igreja, foi redator-chefe da revista “O Jovem Luterano” entre 1954 e 1958, ano em que se formou em teologia e se tornou pastor da IELB.

Donaldo Schüller, nascido em 1932, é natural de Videira/SC. Formado em teologia, foi pastor em Porto Alegre/RS (1956 -1961), professor no Seminário Concórdia (1961 - 1969) e redator da revista “O Jovem Luterano” entre 1957 e 1959. É doutor em Letras e Livre-Docente pela UFRGS e pela PUCRS. É professor titular aposentado em Língua e Literatura Grega da UFRGS. Escritor renomado, publicou livros e ensaios variados, além de traduções literárias como o romance *Finnegans Wake*, de James Joyce, tragédias gregas e a *Odisseia* de Homero. Recebeu o Prêmio Fato Literário em 2003. Em 2004, o Prêmio Jabuti e o Prêmio Açorianos de Literatura na categoria de tradução, entre outros reconhecimentos pela sua contribuição para a literatura brasileira.

Rosemarie Kunstmann, nascida em 1937 é, respectivamente, filha e neta de Walter Kunstmann e Johannes F. Kunstmann; ambos foram pastores do Sínodo e diretores do Colégio Concórdia em Porto Alegre entre os anos de 1922 e 1953. É autora de alguns livros com viés religioso, como “Eu Nem Havia Pensado Nisso” (2003); “Vidas no Singular” (2008), “Somos uma Família” (2008), “Idosos e Felizes” (2010), todos publicados pela Editora Concórdia. Rosemarie atuou na redação da revista no ano de 1959 ao lado de Donaldo Schüller e Bruno Sonntag.

Bruno Sonntag nasceu em 1936 em Picada Cruz/RS e formou-se em teologia no Seminário Concórdia em 1960. Durante o seu período de estudo trabalhou como auxiliar de redação e redator da revista “O Jovem Luterano”. Como Pastor, atuou no conselho orientador da Juventude Luterana.

Paulo Winterle (1935 -2021) foi professor de matemática do Colégio Concórdia, integrante do Conselho Administrativo e também codiretor da mantenedora, ao lado de Bruno Rieth, diretor da instituição de ensino no período de 1964 e 1968. Winterle atuou como redator da revista “O Jovem Luterano” de 1959 a 1967. Foi também professor universitário na PUCRS (1964 – 1972) e na UFRGS (1965 – 1992), atuando nas áreas do ensino e da economia, ministrando disciplinas no campo da Matemática, Geometria Analítica e Álgebra Linear, além de autor de produções bibliográficas na área, como: “Vetores e Geometria Analítica” (2000), de autoria própria; “Introdução à Álgebra Linear” (1990); “Álgebra Linear” (1987); e “Geometria Analítica” (1987), em coautoria com Alfredo Steinbruch.

Martinho L. Hasse, (1919 - 2004) nasceu em Lagoa Vermelha/RS. Formado em teologia pelo Seminário Concórdia, foi pastor em Joinville/SC e Curitiba/PR. No campo literário atuou no departamento de Artes Sacras da IELB e se destacou como poeta, músico, compositor e tradutor, tendo escrito e traduzido mais de 400 hinos. No Hinário Luterano, cancionário mais utilizado pela instituição, constam mais de 80 hinos de sua autoria. Além dos hinos sacros, compôs também músicas sertanejas e gaúchas, usando o pseudônimo de Martinho Lagoano. Hasse foi redator da revista “O Jovem Luterano” nos anos de 1960/61

Bruno Rieth, nascido em 1937 em Feitoria Velha, RS, formou-se em teologia em 1959, pelo Seminário Concórdia. Além de pastor da IELB, Rieth atuou no departamento de Educação da IELB, onde ocupou o cargo de secretário e redator da revista “O Jovem Luterano” de 1962 a 1965.

Elmer Flor nasceu em 1940, na Colônia São Pedro, Pelotas/RS, e formou-se em teologia no Seminário Concórdia em 1964. Cursou Pós-Graduação em *St. Luis, Mo*, EUA (1965 -1966). Foi Pastor e diretor da Escola Técnica de Candelária/RS e redator da revista “O Jovem Luterano” entre 1967 e 1969.

Martinho Sonntag nasceu em 1943 em Picada Cruz, Tapes/RS. Seguiu os passos do irmão Bruno Sonntag, formando-se em teologia no Seminário Concórdia em 1966. Tem formação em Filosofia pela USC, Florianópolis, SC (1972) e Especialização em “*Campus Ministry*” no *Concordia Seminary, Saint Louis*, EUA (1980). Foi presidente nacional da Juventude Evangélica Luterana do Brasil (JELB), pastor, conselheiro e redator da revista “O Jovem Luterano” a partir de 1970. Foi também diretor do Seminário Concórdia (1985-1988), fundador e coordenador da Associação Nacional de Universitários Luteranos (ANUL). Atualmente é Vice-Presidente de Educação Cristã da IELB, cargo que ocupa desde 2014.

Hans Horsch nasceu em 1941, em Heidelberg, Alemanha. Foi um Pastor Missionário, Dr. em teologia, em Oberusel, Alemanha. Em 1967 foi ordenado pastor no Brasil, em Pomerode/SC. Na Igreja atuou ainda como redator da Revista “O Jovem Luterano” (1970 -1971), como Conselheiro administrativo da Editora Concórdia, Conselheiro da JELB, professor e diretor do Seminário Concórdia, em São Leopoldo/RS, departamento de missão, entre outros conselhos da Igreja. Retornou à Alemanha no ano de 1994 para assumir a Congregação de München.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Durante os 10 primeiros anos, a revista foi organizada por um comitê editorial, tendo como liderança fixa o professor/pastor Luís Carlos Rehfeldt. Além deste, também fizeram parte do comitê editorial os pastores Carlos H. Warth, Otto H. Beer, Ludwig Kaminski e Edmund Neumann. Cabe frisar que todos estes também atuaram no campo educacional da instituição religiosa, em escolas paroquiais ou no Seminário Concórdia.

Conjuntamente ao processo de nacionalização do ensino e proibição da circulação da literatura estrangeira, a revista passou por uma reorganização administrativa, passando a ter um diretor geral e redatores. O primeiro diretor foi Guilherme Goerl, presidente da *Waltherliga-Brasiliens* no momento em que a revista passava pela transição linguística. Goerl teve uma breve passagem pela revista, sendo substituído por Carlos H. Warth, que anteriormente tinha integrado o comitê editorial da versão em língua alemã do periódico. Cabe destacar que ele se manteve como diretor geral da revista durante todo o período da sua circulação em língua portuguesa. Outro nome oriundo da antiga formação da revista é o do professor/pastor Luís Carlos Rehfeldt, que passou a assinar como redator chefe da versão em língua portuguesa do periódico, cargo que ocupou até meados da década de 1950.

Conforme apresentado no quadro, pode-se resumir que fizeram parte da redação da revista o professor Werner Karl Wandewitz, Guido Goerl, Donald Schueler e Bruno Sonntag, estes estudantes de teologia na época. Merece destaque, já na época a estudante do colégio Concórdia Rosemarie Kunstmann, por ser a única mulher a assinar como redatora da revista. Também atuaram na revista o professor Paulo Winterle, que por alguns anos conciliou a redação da revista com a docência junto ao Colégio Concórdia e as Universidades PUCRS e UFRGS, onde trabalhou até a sua aposentadoria; e os pastores Martinho L. Hasse, Bruno Rieth, Elmer Flor, Martinho

Quadro 5 – Transcrição do texto da figura 19

'O Jovem Luterano' 'Se por ventura um dia...' Se porventura um dia eu fosse presidente da República, teria uma meta só no meu governo: EDUCAÇÃO, alfabetizar os analfabetos e educar os alfabetizados. Se porventura um dia eu fosse ministro da educação gastaria todo o dinheiro à disposição da minha pasta, promovendo, incentivando e exigindo, apoiado por todas as leis invocáveis, o RESPEITO dos educandos para com os seus mestres e superiores. O respeito e a obediência absoluta de filhos para com os seus pais, de operários para com os seus patrões, de comandados para com seus comandantes, de súditos para com suas autoridades. Se porventura um dia eu fosse diretor de uma instituição de ensino, permitiria que os meus alunos apenas estudassem e aprendessem no tempo para tal destinado, na sala de aula, no preparo das lições, no campo de esportes e em qualquer outro setor. Os que outra coisa procurasse de cedro com a moda atual das greves, das afrontas, do desrespeito, da vadiagem, da preguiça, da má vontade e dos manifestos. A estes eu reprovava a todos de uma só vez com um grande "O" "O" "O". da volta ao juízo, da volta a ordem instituída por Deus e do progresso indispensável a sobrevivência dos homens. A estes eu entregaria de volta a seus pais para que repetissem o primeiro estágio da educação que se processa dentro do lar e sobre o método medieval, selvagem, desumano e antipedagógico, mais expressamente autorizado por Deus o supremo Educador – o método da vara. Muitos vales, com efeito, estão à espera de solução neste mundo e especialmente em nossa pátria. Há gente passando fome na rua. Há gente roubando o dinheiro que foi dado pelo povo para alimentar as criancinhas. Há preguiçosos e malandros promovendo agitação e subversão. Mas a volta do RESPEITO e da EDUCAÇÃO são indispensáveis para que se possa ter alguma esperança de resolver de modo satisfatório os nossos problemas, políticos, econômicos e sociais. A EDUCAÇÃO é a base do edifício da nação. O RESPEITO é material indispensável na sua construção. Se os jovens de hoje não respeitam os anciões, se os alunos não respeitam os seus mestres, os universitários (que tem menos juízo do que muita gente pensa) mandam nas universidades e nos professores, porque ainda temos universidades? Não há mais o que ensinar, a não ser que os alunos ocupem a cátedra e os professores as carteiras O que será de nós quando esses filhos forem pais e quando estes alu-	Fevereiro de 63

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

A análise do documento permite observar que o texto foi enviado para a redação da revista em fevereiro de 1963. Conforme realçado em caixa alta pelo autor do texto submetido aos pareceristas da revista, a discussão apresentada pelo proponente tinha como tema a educação e o respeito. Apesar de reconhecer haver uma necessidade de um investimento maior no campo do ensino, o autor defendia uma educação autoritária, rígida e disciplinar de sujeição do aluno aos seus superiores, reforçando para tal o uso da violência física e psicológica. Conforme circulado no texto, a incitação ao uso da

violência na educação dos jovens justificada pela autoridade de Deus não foi bem recebida pelo conselho editorial da revista, que considerou o texto impróprio para ser publicado. Por mais que Igreja concordasse que a disciplina e o bom comportamento deveriam fazer parte da vivência do jovem luterano, entendiam que o caráter era fruto de uma educação construída com diálogo e observância (O Jovem Luterano, abr./maio, 1941). Além disso, em momento algum foram localizadas publicações no periódico que incitassem o uso da violência física.

É importante destacar que o objetivo da mobilização do documento censurado é demonstrar que a revista possuía um comitê responsável pela avaliação dos materiais a serem publicados. Portanto, optou-se por não estender a análise do documento. No entanto, vale ressaltar que, além das concepções medievais de ensino, existem outros elementos passíveis de problematização, como as críticas direcionadas pelo autor às mobilizações juvenis em voga no Brasil e no mundo naquele momento. É bastante provável que o proponente estivesse se referindo ao movimento de contestação aos padrões culturais estabelecidos pela sociedade daquela época, responsável por moldar os hábitos, costumes, valores e tradições, também conhecido como "contracultura", que atingiu seu auge no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Esse movimento foi duramente criticado pela revista "O Jovem Luterano", pois temiam que os jovens fossem influenciados pelos "iê-iê-iê, oh-oh-oh" daquela época (jun./jul., 1969).

Além das interferências da própria instituição religiosa que tinha autoridade sobre as publicações da revista, decidindo o que podia ou não ser publicado, é preciso considerar também as interferências externas às quais a revista foi submetida a partir da criação, durante a vigência do Estado Novo, do decreto-lei nº 1.915⁹⁸, de 27 de dezembro de 1939 do DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão governamental encarregado pela fiscalização da imprensa da época. O DIP tinha como objetivo centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir como elemento

⁹⁸ Diário Oficial da União - Seção 1 - 29/12/1939, Página 29362. Disponível online em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 20, nov. 2023.

auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas⁹⁹. Entre outras atribuições, sua principal função era a censura à imprensa.

Apesar de não serem encontrados textos censurados pelo DIP, é possível observar vestígios de sua interferência na padronização da revista ao longo da década de 1940, conforme constatado na análise da materialidade da publicação. Além disso, é viável verificar a presença do número do protocolo 55/9406, sob o qual a revista estava registrada junto ao órgão de fiscalização, em cada exemplar da publicação durante de vigência do decreto (1939- 1945) e nos anos subsequentes, até pelo menos dezembro de 1969.

Não se tem informação se essa fiscalização persistiu mesmo após a extinção do decreto, também não é a motivação deste trabalho entrar nessa seara. Porém, o que se quer evidenciar é que influenciado ou não pelo órgão governamental, “O Jovem Luterano” manteve um padrão visual, linguístico e estrutural durante toda a década de 1940. E mesmo após o início da redemocratização do governo brasileiro em 1945, a revista continuou expondo em sua ficha catalográfica o seu número de registro junto ao DIP.

Conforme alegações do próprio periódico, um dos principais problemas enfrentados pela revista no período foi o atraso na edição das publicações. Durante esse período começaram a circular as primeiras edições conjuntas, reunindo o conteúdo de dois meses. A justificativa pelo atraso das edições mensais deu-se devido a situação política vivenciada no Brasil, entre elas a necessidade de a revista passar pelo crivo do DIP, situação que se estendeu até pelo menos 1945, quando conseguem retomar as suas impressões mensais.

Em jun./jul. de 1941, a revista “O Jovem Luterano” observa que a demora na autorização para publicação fez com que o conselho editorial decidisse lançar edições conjuntas. Dessa forma, mesmo com os atrasos, não haveria nenhum prejuízo para o leitor, que receberia o conteúdo planejado em folhetins agrupados. Porém, na década de 1950 novas edições conjuntas podem ser observadas, principalmente nas edições de início e fim de ano. Essa prática, que já se mostrava corriqueira, tornou-se oficial no ano de 1965 sob a alegação de que devido às férias dos seminaristas e seus professores,

⁹⁹ Ver: FGV CPDOC: Portal eletrônico. Brasil. Online. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>. Acessado em 20, nov. 2023.

que eram os principais responsáveis pela organização da revista, a partir daquele ano ela passaria a ter 9 edições anuais, sendo que as publicações de nov./dez., jun./jul. e jan./fev. seriam conjuntas.

Duas parcerias significativas, consideradas também como mecanismos de controle do governo estadonovista, podem ser observadas a partir da segunda metade da década de 1940. Um exemplo é a coluna "História do Brasil", assinada pelo DIP, com textos que narram fatos e acontecimentos a partir dos "grandes vultos" que marcaram a história e a geografia do Brasil. Outro, é a coluna "Conselhos de Saúde", que abordava os temas relacionados aos cuidados com o corpo: como higiene, alimentação, e saúde do jovem luterano. Esta estava sob a orientação do SNES - Serviço Nacional de Educação Sanitária¹⁰⁰. Porém, não se tem uma confirmação se essas colunas eram escritas diretamente para a revista por estes órgãos governamentais da época, ou se esses textos eram reproduzidos de outros periódicos ligados ao governo. Se este for o caso, a informação foi ocultada pela revista, uma vez que não informam de onde foi retirada.

Porém, ao abordar temas relacionados à higiene, alimentação e saúde, a revista "O Jovem Luterano" contribuía com o SNES disseminando informações importantes sobre práticas saudáveis e cuidados básicos que os jovens deveriam adotar em seu dia a dia. Esses textos forneciam orientações sobre higiene pessoal, como lavar as mãos corretamente, cuidados com a pele e os cabelos, bem como informações sobre uma alimentação saudável e equilibrada, e a importância da prática regular de exercícios físicos. Eram orientações simples e objetivas, mas fundamentais para a prevenção de doenças e a promoção de uma vida saudável no contexto da época.

Durante os anos 1960, as seções "História do Brasil" e "Conselhos de Saúde" gradualmente foram deixando de existir, dando lugar a discussões sobre assuntos do dia a dia tanto do Brasil quanto do mundo. Essa mudança para temas mais contemporâneos resultou em um aumento de textos proibidos pelo conselho editorial da Igreja de serem

¹⁰⁰ Criado em 1941, o SNES era o órgão federal encarregado de elaborar e supervisionar atividades destinadas especificamente à educação em saúde. Ele deveria também articular-se com outros serviços e organizações estatais, paraestatais e privadas. Ver: Invivo Fiocruz: Portal eletrônico. Brasil. Online. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=922&sid=7>. Acessado em 23, mar. 2022.

publicados, como evidenciado em documentos arquivados no Instituto Histórico da IELB em Porto Alegre/RS. Nesse acervo, estão preservados vários textos enviados para a revista ao longo dos anos 1960 que foram vetados para publicação pela instituição religiosa, com os motivos da censura geralmente indicados à caneta no corpo do texto submetido à apreciação do conselho editorial da revista, composto por lideranças da Igreja. A Figura 19, acima mencionada, é uma demonstração de texto que teve sua publicação vetada.

Assim, ao traçar o perfil dos editores e redatores da revista, é possível notar que todos tinham alguma ligação com o poder institucional, administrativo e educacional da igreja. Isso evidencia o controle da instituição religiosa sobre o periódico destinado ao público juvenil. É perceptível que "O Jovem Luterano" não tinha autonomia editorial, já que sofria influências internas, como orientações da liderança da Igreja, e externas, como as demandas dos leitores, os contextos sociais e culturais em constante mudança, que de certa forma impactaram na escolha e na abordagem dos temas abordados.

Outrossim, é bem provável que as mudanças sociais, culturais e linguísticas impactaram também na circulação do periódico, cuja a temática será abordada no subcapítulo a seguir, que irá discutir a tiragem e a periodicidade do folhetim.

3. 3 – Projeções sobre a circularidade da revista

Tratava-se de uma revista com assinatura anual, tendo sua renovação realizada a cada final de ano. Era responsabilidade do Conselho Geral promover a circulação do "O Jovem Luterano", por intermédio de anúncios na referida publicação e em outros periódicos da igreja. Cabia também a esse Conselho intermediar as assinaturas do folhetim e angariar agentes para o recebimento e distribuição da revista (O Jovem Luterano, ago. 1951). De acordo com o entrevistado Mario (2023), "havia representantes do Conselho Geral que vinham nos eventos juvenis fazer campanha de assinatura do O Jovem Luterano". Além de confirmar o envolvimento do Conselho Geral na circulação da revista, o participante reconhece que a divulgação do periódico era feita também presencialmente em eventos da Juventude Luterana.

Com relação à logística de assinatura e entrega das revistas, o entrevistado Luiz (2023) lembra que encomendava a revista com o pastor, que era o agente responsável pela circulação do periódico na comunidade da qual fazia parte: “Ele recolhia os pedidos e os encaminhava ao Conselho Geral usando o seu endereço, e realizava posteriormente a distribuição aos jovens” (Luiz, 2023). Assim como Luiz, a entrevistada Loni (2022) recorda que “a assinatura da revista era feita pelo pastor, ele que recebia os valores e realizava a encomenda, mas não era o pastor que entregava [...] todos os meses ela era entregue ali no comércio, ao lado da igreja, a gente pegava a revista ali”. Mesmo sem um aprofundamento extensivo no assunto, esses relatos contribuem para a compreensão sobre a circulação do periódico, o que segundo Chartier (2001), leva em conta a realidade do emissor e do receptor.

Não se tem uma exatidão de qual era o valor da anuidade da revista nos seus primeiros anos de circulação. O primeiro registro do valor de uma assinatura anual da revista é observado no exemplar de janeiro de 1930, informando que a mesma é “publicada mensalmente a um custo 5\$000¹⁰¹ (Mil-Réis) por ano, pagos antecipadamente” (*Der Waltherliga-Bote*, jul. 1930, p. 70), valor que ainda se mantinha inalterado em julho de 1938. Já no ano de 1948, a anuidade da revista era de Cr\$ 12,00¹⁰² (Cruzeiro).

Na década de 1950, observa-se que a revista sofre um processo de reajustamento quase anual no custo da assinatura, passando de Cr\$ 15,00¹⁰³, em 1950, a Cr\$ 75,00¹⁰⁴, em 1959. Já em janeiro de 1966, a assinatura anual da revista era realizada a um custo de Cr\$ 1.500,00¹⁰⁵. A partir de 1967, com a mudança da moeda corrente, a revista passa

¹⁰¹ Aproximadamente R\$ 125,00 nos dias atuais, conforme Dinizmusimática. Conversão de réis para o real Disponível em: <https://www.diniznumismatica.com/p/conversao-de-reis-para-o-real.html>. Acessado em 08, mar. 2024.

¹⁰² Com o objetivo de comparar com o custo da anuidade da revista, foi pesquisado o preço de venda de certos alimentos em jornais da época. Por exemplo, em maio de 1948, dez quilos de açúcar eram vendidos por Cr\$ 32,50. (*Correio da Manhã*, RJ, 18 mai. 1948). Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pagfis=41496. Acessado 12/03/2024.

¹⁰³ Em 1950, um quilo de feijão era comercializado a Cr\$ 2,50 (*O Momento Feminino*, RJ, 1950). Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=118800&pagfis=0>. Acessado em 12, mar. 2024.

¹⁰⁴ Em fevereiro de 1959, o saco de feijão preto era comercializado a Cr\$ 30,00. (*O Semeador*, RJ, 11 mar. 1959). Disponível online em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=149322&pagfis=2303>. Acessado em 12, mar. 2024.

¹⁰⁵ Em abril de 1964, o quilo do feijão preto era comercializado a Cr\$ 185; (*Correio da Manhã*, RJ, 19 mar. 1967) Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=80634. Acessado em 12, mar. 2024.

a circular a um valor de NCr\$ 4,00¹⁰⁶ (Cruzeiro Novo), chegando a custar Cr\$ 12,00¹⁰⁷ (Cruzeiro) em 1971, último ano de sua circulação.

A partir de 1950 é possível observar um valor fixado para a estrangeiros, cuja a assinatura anual era realizada a 1,00U\$S (dólar) na década de 1950, passado a U\$S 1,50U\$S na década de 1960 e a 3,00U\$S em 1971, trazendo assim indícios de que a revista mantinha sua circulação internacional. Porém, não é possível afirmar que essa prática esteve presente durante todo o período de circulação da revista, uma vez que não foram localizados registros nas décadas anteriores a 1950, embora a disseminação de cópias da revista em diferentes países e a criação de conexões transnacionais promovidas pela publicação juvenil tenham desempenhado um papel significativo na troca de informações e na formação de laços internacionais entre os jovens luteranos, conforme verificado no capítulo 6. 2.

Com relação à tiragem, não se tem uma exatidão de quantas revistas circularam nas décadas de 1930 e 1940, uma vez que não era notificado pela revista o número de exemplares impressos. O que se tem são informações parciais pinçadas entre o conteúdo da revista que dão uma ideia sobre o número de revistas em circulação naquele período. Por exemplo, em junho de 1940 a revista lamenta a queda expressiva do número de assinantes para pouco mais de mil exemplares distribuídos. Tão logo, subtemde-se que a tiragem da revista na década de 1930 pode ter se aproximado de algo em torno de dois mil exemplares. A justificativa para essa diminuição no número de assinantes pode ser observada ao longo dos anos de 1940/41, em que a revista noticia várias reclamações de jovens luteranos que deixaram de assinar a revista por não dominarem a leitura. O que é um indício de que boa parte dos leitores da revista era de origem teuto-brasileira, que não tinha o domínio da língua portuguesa e, assim, não conseguia mais se apropriar do conteúdo da revista como antes.

¹⁰⁶ Em março de 1967 o quilo do arroz era comercializado a NCr\$ 1, 00; (Correio da Manhã, RJ, 19 mar. 1967). Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=80634. Acessado em 12, mar. 2024.

¹⁰⁷ Em setembro de 1971, sessenta quilos de açúcar eram comercializados a Cr\$ 41,42; (Correio da Manhã, RJ, 24 set. 1971). Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_08&pagfis=24498. Acessado em 12, mar. 2024.

Em setembro de 1945, a revista começa a mostrar sinais de um aumento na sua circulação em uma propaganda que tinha como *slogan* “cada um ganha um e chegaremos a três mil exemplares” (O Jovem Luterano, set. 1945, p. 143). Seguindo a lógica desse raciocínio, tudo indica que a revista contava naquele momento com algo em torno de mil e quinhentos assinantes. Porém, não se tem notificação de que a revista tenha alcançado o objetivo de chegar a três mil assinantes naquele período. O que se sabe é que a partir da década de 1950, quando ela passa por uma remodelação e o número de tiragem começa a ser informado mensalmente, pode constatar-se que o número de assinantes oscilou durante aquele período entre dois mil e duzentos a dois mil e seiscentos. Índice que se manteve em boa parte da década de 1960, chegando a duas mil e novecentas revistas em 1967.

A partir de 1968 é novamente observada uma queda no número de assinantes, indicando uma tiragem de duas mil e duzentas assinaturas em agosto daquele ano. Em abril de 1969 “O jovem Luterano” notícia que a revista estava passando por uma crise financeira que já vinha se arrastando por alguns anos, sendo que o número de assinantes não cobria o custo de produção. Já em dezembro de 1969, a revista observa um “déficit, cerca de Cr\$ 500, 00 de prejuízo por edição” (O Jovem Luterano, nov./dez. 1969. p. 8). Em tons de desabafo, o então presidente da JELB informa que o fechamento está cada vez mais iminente, sendo que “será encaminhada a Convenção uma moção pelo C.P. C. no sentido de acoplar O JOVEM LUTERANO ao Mensageiro – o que não representa o interesse da juventude” (Ibidem). Desta maneira, numa tentativa de evitar a extinção da revista, propõe uma remodelação completa do periódico e apela para a sensibilidade dos jovens para que “ajudem O Jovem Luterano a não desaparecer” (O Jovem Luterano, nov./dez. 1969. p. 8).

[...] entendemos que A JUVENTUDE EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL deve CONTINUAR a possuir a sua revista. Desta feita com a sua ajuda queremos encetar uma campanha REVOLUCIONÁRIA. Não cremos que outra solução seja possível. Precisamos de dinheiro, de idéias, de trabalho arrojado, de horas de abnegação a fim de concretizar o objetivo desejado. Como resultado visamos uma revista inteiramente REVOLUCIONADA, com artigos melhores, com uma melhor apresentação e com um número bem maior de assinantes. O JOVEM LUTERANO NÃO PODE DESAPARECER. Porque no nosso entender ele não é um privilégio de ninguém, mas um direito indiscutível da juventude. Entendemos também que ele é um órgão de comunicação imprescindível entre nossos jovens. Entendemos também que O JOVEM LUTERANO é defensor, um

baluarte, um PROPAGADOR dos ideais cristãos que norteiam a mocidade luterana (O Jovem Luterano, nov./dez. 1969, p. 8).

Para evitar o fechamento da revista, é apresentado um plano de remodelação completa da revista:

I – Planos da nova estrutura

- a) Desfazer os números duplos (de nove passa para 12 edições).
- b) Aumentar o número de páginas de 12 para 20 (em 12 edições isso representa um acréscimo de 132 páginas por ano, contra 108 das 8 edições atuais. Portanto o número total de páginas por ano será de 240).
- c) Capa com papel ‘Coche’ (melhor papel existente).
- d) Aumento de ilustrações (NCr\$ 500, 00 por edição por clichê).
- e) Formato – tamanho do Mensageiro Luterano.
- f) Tiragem – (variável a 4.000 números).

II – Meta

- a) Oferecer uma revista que eduque e transmita os ideais cristãos.
- b) Atingir de 3.000 a 4.000 assinantes.

III – Como atingir a meta desejada?

A – Formação de uma equipe

- a) Trabalhar com esforço conjunto para fazer subsistir O JOVEM LUTERANO e dar-lhe cunho NOVO.
- b) Funções – As funções estão compreendidas nas responsabilidades que seguem:
 - Garantir o funcionamento por tempo indeterminado até que venha substituir a anterior;
 - Garantir a finanças;
 - Garantir as assinaturas.

B – Campanhas

- 1 – Levar a efeito as seguintes medidas para conscientizar todos os jovens do presente planejamento:
 - a) O presidente e o vice do C. G. encetarão nos meses de janeiro e fevereiro uma visita às principais UU.JJ. do Brasil para garantir a campanha.
 - b) Solicitar junto a igreja um fundo (nesse sentido a igreja já se prontificou a financiar as duas primeiras edições).
 - c) Recorrer a todos os meios possíveis, inclusive a entidades fora do país.
- 2 – Nomear em cada U.J. um correspondente que exercerá as seguintes funções:
 - a) Ponte de ligação entre a U. J. e a redação.
 - b) Responsável pelas assinaturas perante a redação.
 - c) Informar sempre a redação sobre qualquer fato relevante (já foram nomeados em alguns distritos) (O Jovem Luterano, nov./dez. 1969, p. 9, grifos nossos).

De acordo com esse planejamento, salvo alguns acréscimos circunstanciais, a remodelação do periódico estava orçada pela “Casa publicadora Concórdia em NCr\$ 41.088.000,00 para a tiragem de 4.500 exemplares com 12 edições; NCr\$ 32.522.000,00 para a tiragem de 3000 exemplares” (O Jovem Luterano, nov./dez. 1969, p. 9). É observado que o objetivo mínimo é atingir 3000 assinantes, para tanto conclama-se as juventudes a trabalharem no sentido de aumentar o número de assinaturas para que a

revista possa se pagar, sendo assim possível evitar o encerramento das suas atividades. Complementa-se dizendo que se houvesse uma duplicação no número de assinantes ou se as juventudes enviassem uma contribuição anual de NCr\$ 20, 00, a segunda cifra seria atingida.

Em março de 1970, é informado que a crise financeira que afetou a Revista “O Jovem Luterano” foi temporariamente contornada, graças ao apoio e o comprometimento das uniões juvenis. E que o esforço conjunto já havia superado o desafio inicial, chegando a quatro mil assinantes. Outrossim, é observado que na 42ª Convenção nacional da Igreja, realizada em São Paulo/SP, resolveu-se por manter a revista com a seguinte objeção: de que as suas páginas fossem reduzidas para 16, por motivos de economia e para não onerar demais o orçamento das juventudes devido ao custo elevado da revista, cuja assinatura anual estava orçada em NCr\$ 10, 00 para brasileiros e U\$\$ 2,50 para estrangeiros; o que foi aceito pelos editores da revista (O Jovem Luterano, mar. 1970).

Com a remodelação editorial e gráfica, a revista alcançou o auge da sua circulação na década de 1970. Com sua nova roupagem, chegou a registrar uma tiragem de quatro mil e quinhentas revistas em fevereiro de 1970 e quatro mil em 1971, ano que marcou o encerramento da sua circulação. Apesar de não se localizar uma justificativa aparente para o encerramento das atividades da revista nos moldes que vinha sendo impressa, há alguns indícios de que uma possível nova crise financeira possa ter comprometido a sua continuidade, entre elas a volta das edições conjuntas em ago./set. de 1971 e a queda da tiragem para três mil exemplares em nov./dez de 1971. Como era de praxe, em nov./dez de 1971 ainda promoveu-se uma campanha de renovação das assinaturas para 1972; apesar disso, a revista não retomou as suas atividades em 1972, passando a ser um caderno dentro do “Mensageiro Luterano”, assim como já havia acontecido com “O Pequeno Luterano”, anos antes.

Ainda com relação à tiragem da revista “O Jovem Luterano”, os relatórios juvenis fornecem dados importantes no que diz respeito à circulação e ao alcance dessa publicação entre os jovens da comunidade luterana. Através desses relatórios, é possível obter uma visão mais ampla sobre o impacto e a penetração da revista na juventude luterana, bem como sobre sua relevância e aceitação dentro desse público-alvo.

Por exemplo, em janeiro de 1936 a União Juvenil de Nova Palmeira/RS informou que sua juventude possuía quinze jovens inscritos, dos quais seis tinham uma assinatura da revista “*Waltherliga-Bote*”. Esses jovens costumavam compartilhar o periódico com aqueles que não tinham condições de manter uma assinatura.

Essas mesmas observações são relatadas pela União Juvenil Paz do Rio de Janeiro/RJ em junho de 1938. Eles relataram que após um ano de fundação do grupo de jovens os resultados já eram visíveis, com uma frequência média de vinte jovens por encontro e várias assinaturas do “*Waltherliga-Bote*” que circulavam entre os jovens da comunidade.

Embora esses sejam relatórios pontuais de grupos de jovens localizados em diferentes regiões do Brasil, eles indicam que a maioria dos jovens luteranos que frequentavam uma União Juvenil se apropriava do conteúdo da revista.

Em relatório publicado em abr./mai. de 1941, a Juventude de Dois Irmãos/RS informa que possui um total de “26 jovens inscritos, destes 15 são assinantes da revista “O Jovem Luterano” (p. 68). De maneira semelhante, em nov. de 1959 a União Juvenil de Belo Horizonte/MG comunica a alegria de estar escrevendo para a revista pela primeira vez, após fundar oficialmente o “seu grupo de jovens no corrente ano com 12 jovens inscritos, sendo que destes 5 possuem a assinatura da revista O Jovem Luterano”, (p. 10). A Juventude Trindade de Santa Rosa/RS, em relatório publicado em jan./fev. 1963, comunica que “conta atualmente com 30 jovens inscritos e 22 assinaturas da revista O Jovem Luterano” (p. 12). Já o departamento de Santo Ângelo/RS informa que “em nossa juventude a revista O Jovem Luterano conta com 44 assinaturas” (O Jovem Luterano, set. 1964, p. 13). O que sugere que havia um interesse significativo por parte dos jovens em acompanhar e se engajar com o conteúdo oferecido pela revista “O Jovem Luterano”.

Outrossim, as memórias dos entrevistados trazem elementos de que o número de leitores da revista era bem maior que o de assinantes. A exemplo disso, a entrevistada Iria Albrecht Rediss¹⁰⁸ (2023) explica que como as famílias naquele período eram numerosas, não se tinha condições de manter assinaturas individuais, pois isso

¹⁰⁸ Por escolha do autor, o nome completo dos entrevistados será utilizado apenas na primeira referência ao narrador(a) no texto; nas interlocuções subsequentes, optou-se em por usar apenas o primeiro nome dos colaboradores

impossibilitaria a aquisição de outras literaturas. Segundo ela, além da revista “O Jovem Luterano”, a família mantinha também a assinatura de outros periódicos da Igreja como ‘O Pequeno Luterano’, o ‘*Nostra Vitta*’ e o ‘Mensageiro Luterano’ e outras leituras seculares porque a minha mãe gostava muito de ler” (Iria, 2023). Assim, para ter condições financeiras para diversificar a leitura da família “se fazia uma única assinatura de cada revista que a gente tinha, e todos a liam; a gente se revezava, éramos 6 irmãos e partilhávamos a mesma revista¹⁰⁹” (Iria, 2023).

A narradora, que ainda mantém um acervo pessoal com boa parte das revistas por ela citadas, alega que o gosto pela leitura de “O Jovem Luterano” foi herdado da sua mãe, a primeira pessoa da família a assinar a revista, ainda na sua adolescência, cuja leitura manteve mesmo após casada.

Na época dela ainda era em língua alemã, depois em 1944 a minha mãe passou a assinatura para meu irmão o falecido Ivo, que passou para o Irió que passou para mim. Todos os anos algum dos irmãos assinava a revista. Então ela sempre fez parte da literatura da casa (Iria, 2023).

As memórias que acompanham um acervo material de todo o tempo em que a revista circulava revelam que o periódico desempenhou um papel significativo nas conexões familiares, que foram além da simples partilha da revista. É evidente a formação de um gosto coletivo pela leitura da revista, que também pode ser denominado de hábito literário originado pela mãe e disseminado pelos irmãos.

Doravante, é relevante pensar a circulação do periódico em âmbito familiar e comunitário. Os relatos dos entrevistados convergem para um objeto de uso coletivo, pois as ponderações acima em relação à circulação da revista em âmbito familiar também se fizeram presentes na narrativa de outros entrevistados. Darli Müller Quandt (2023) recorda que também a sua família mantinha uma única assinatura da revista, que era compartilhada entre os irmãos: “Éramos duas irmãs e três irmãos, só um assinava a revista, mas todos a liam, ela circulava entre todos os jovens da casa”. No entanto, é importante destacar que o objetivo desses relatos é mostrar que a circulação da revista não se limitava ao número de assinantes, pois o percentual de leitores era significativamente maior. Contudo, se faz necessário ressaltar que são relatos que

¹⁰⁹ Para ser fiel ao relato oral, optou-se em não realizar correção linguística na transcrição das narrativas.

evocam o conceito de prática de leitura intensiva, conforme descrita por Chartier (1990), em que o mesmo material é lido e relido várias vezes, ou de maneira coletiva. Por isso, é essencial compreender esses objetos em sua interação social, relacionando-os com os diferentes modos de uso, com as práticas de leitura, escrita, produção e circulação, bem como com as questões relacionadas à acessibilidade desses materiais.

Dessa forma, além de observar os aspectos financeiros envolvidos na produção e distribuição da revista, os relatórios juvenis em conjunto com as lembranças dos leitores juvenis revelaram que o número de leitores da publicação era consideravelmente superior ao número de assinantes. Além disso, também foi observado que as variações na tiragem da revista estavam vinculadas ao contexto histórico de cada período. Um exemplo disso foi a brusca queda no número de assinaturas durante a primeira metade da década de 1940, que não estava ligada às questões financeiras, mas sim às mudanças linguísticas do alemão para o português.

Após essa primeira análise, que abordou aspectos relacionados à materialidade, produção e circulação da revista "O Jovem Luterano", o próximo capítulo se dedicará a discutir a educação religiosa, moral e social da juventude luterana conforme as diretrizes da publicação.

4 – Formação doutrinária, religiosa e secular juvenil na sociedade

Para os luteranos, a formação doutrinária, religiosa e secular desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos seus jovens, fornecendo-lhes uma base sólida de valores, fé e conhecimento. Entendem que nesta fase da vida, os jovens estão em busca de identidade, significado e propósito, e a formação nessas três áreas fundamentais pode ajudá-los a navegar por esse período de transição com confiança e clareza. Desta maneira, na formação dos jovens luteranos, a doutrina luterana é transmitida juntamente com a compreensão das práticas religiosas e a exploração de conhecimentos seculares relevantes. Ao integrar elementos da doutrina, da religião e das diversas áreas do conhecimento secular, além de promover uma compreensão profunda e pessoal das Escrituras Sagradas e da fé luterana, ela capacita os jovens a vivenciarem essa fé em sua vida cotidiana. Tal formação abrange a exploração de questões éticas e morais com o objetivo de capacitar os jovens a assumirem um papel ativo e responsável na comunidade de fé, aprofundando sua relação com Deus e com o próximo, além de capacitá-los em conhecimentos gerais para que possam enfrentar os desafios do mundo com sabedoria e discernimento.

Esse processo educativo caracterizado por um conjunto de ações e procedimentos específicos de ensino e aprendizagem desenvolvidos em espaços e com materiais formativos próprios compreende aquilo que Maria da Glória Gohn (2008) vai chamar de educação não formal, com objetivos formativos onde os resultados são voltados para os interesses e as necessidades de quem dele participa. Dito isto, este capítulo tem como objetivo compreender como o Sínodo Luterano mobilizava, por intermédio do periódico “O Jovem Luterano”, ações educativas que abrangiam aspectos religiosos, doutrinários e seculares com o objetivo de fornecer aos seus jovens uma base sólida em termos de valores morais, desenvolvimento espiritual e conhecimento sobre si mesmo, suas emoções e dinâmicas interpessoais e sociais aplicadas ao cotidiano.

Para tanto, buscar-se-á, em um primeiro momento, mobilizar a recorrência de mecanismos educacionais estrategicamente pensados para uma educação sociocultural e religiosa de acordo com as diretrizes da instituição provedora da revista. E em um segundo momento, considerando os princípios da instituição religiosa em questão, serão abordadas orientações comportamentais, éticas e sociais voltadas à educação do corpo e preparação para o casamento.

4.1- Educação religiosa e integral: ensinando valores, fé e conhecimento

A estrutura material da revista “O Jovem Luterano” permite visualizar que ela se colocava como uma produtora de conhecimento em potencial, abarcando vários âmbitos educacionais e informacionais. A revista é, aqui, observada como um meio de articulação que condiciona as relações sociais a partir de um determinado espaço institucional, considerando que para Certeau (2011) toda estratégia é racional, previsível e oportuna. Logo, tem-se uma deliberação que indica uma relação de estabilidade e poder que sustenta e controla um espaço social.

A intencionalidade de educar e informar a juventude luterana de forma condicionada é observada no momento em que lideranças jovens e da Igreja se reuniram para decidir sobre a criação de “um jornal juvenil que deveria oferecer instrução e entretenimento a todos os jovens e nele deveriam constar todas as notícias sobre o trabalho da liga” (*Walterliga Brasiliens*, dez. 1928, p. 1). Eles observaram que era direito e dever de todo cristão ser feliz, e que a proposta de “fornecer instrução e entretenimento justos [...] é contribuir para que a juventude em crescimento seja preservada para as congregações e, portanto, para a igreja” (*Walterliga Brasiliens*, dez. 1928, p. 1).

Através da educação cristã e do serviço cristão, a *Waltherliga* iria contribuir para a edificação das congregações e, assim, da Igreja. Por meio de suas publicações, orientadas por um viés religioso e doutrinário, ela buscava estimular o interesse dos jovens pelas discussões de caráter educacional, social e missionário, no sentido de atraí-los para a vivência congregacional.

Os propósitos educacionais da instituição, de promover uma instrução doutrinária voltada para a formação cristã luterana, encontram-se expressos nas páginas da revista,

como no excerto: “É importante, o jovem ter um ensino e aprendizagem fundamentado em bases Bíblicas” (*Der Waltherliga-Bote*, jan. 1932, p. 8). Muito mais que educados, os jovens precisavam ser informados, motivados e orientados a desenvolver uma consciência luterana. A revista cumpriria, assim, esse papel de servir como um guia especial de orientação no tempo de caminhada da vida juvenil. “O Jovem Luterano” seria:

Um meio propagador da união juvenil que vincula as uniões juvenis num certo sentido e que deve se tornar mais e mais a expressão dos sentimentos, pensamentos, das experiências, alegrias, e amarguras das uniões juvenis, as quais aqui pode dar vós a sua opinião. Serve como veículo de ideias no intercâmbio de bons conselhos e na discussão de assuntos palpitantes (O Jovem Luterano, jul. 1944, p. 107).

Como um veículo de comunicação, ensino e doutrinação, a revista aproximava as Uniãoes Juvenis, uma vez que circulava as atividades nas quais as juventudes luteranas se envolviam em nível de Brasil. Ainda, fornecia as informações entendidas como necessárias, para formar um ideal de jovem cristão que iria trabalhar em prol da comunidade em que estava inserido. Preocupava-se em fomentar os princípios luteranos por intermédio das ações e do comportamento. Sua finalidade era promover a identidade e as predileções da instituição luterana Sínodo de Missouri. Conforme ecoa Scalzo (2020), ao afirmar que revistas funcionam como uma espécie de manual de grupos com interesses singulares. Assim, pode-se inferir que muitas das inclinações culturais, sociais e religiosas de uma determinada sociedade podem ser compreendidas a partir das publicações que ela produz e faz circular.

Essa intencionalidade norteadora se encontra refletida na narrativa da entrevistada Darli (2023), ao afirmar: “Eu buscava seguir as orientações da revista, a gente levava essas coisas da religiosidade muito a sério [...] deve ser por isso que a gente nunca abandonou o trabalho na Igreja.” A respeito dessa afirmativa, a revista observa que era finalidade da Liga Juvenil cooperar na “formação de leais luteranos”.

Através da educação cristã e do serviço cristão a *Liga Walther* contribui para edificação das congregações e assim da igreja, para formar na base da instrução doutrinária recebida precedente a confirmação, uma consciência luterana (O Jovem Luterano, dez. 1940, p. 183).

Segundo a revista, a Liga “conserva o equilíbrio entre o saber cristão e o fazer cristão” e que o seu “programa constitui a ponte entre a instrução recebida na escola e a

dos adultos” (O Jovem Luterano, dez. 1940, p. 184). O periódico orientava os jovens a consagrarem a Deus todos os aspectos de suas vidas, apresentando-se como um apoio para suas vidas pessoais. Ele buscava equilibrar os aspectos interiores do ser com os exteriores do fazer. Tais chamamentos buscavam fomentar processos nos jovens para uma aprendizagem do autocontrole da conduta e dos hábitos (Elias, 1993). A partir da revista os jovens iriam encontrar as respostas que norteariam suas ações em direção ao autocontrole dos seus impulsos afetivos e emocionais, formatando com isso comportamentos socialmente aceitos em sua teia de interdependência social e religiosa.

Cabia à Liga Walther, enquanto provedora da revista, “ajudar a educar a juventude na doutrina e na aplicação dos princípios cristãos [...] procurando dar bons conselhos e fornecer materiais para a instrução dos jovens. (O Jovem Luterano, jul. 1940, p. 113)”. Segundo a revista, “a *Liga Walther* não apresentava somente o plano, os materiais e os métodos para trabalhar entre os jovens, mas também dava as diretrizes de como os jovens podem servir a congregação” (Ibidem p. 113). Tratava-se de um programa de educação cristã que tinha como objetivo dar continuidade ao ensino doutrinário iniciado na escola paroquial e sistematizada durante o ensino confirmatório.

Conforme observado no exemplar de outubro de 1948, p. 147, “a nossa educação não terminou e nem terminará, [...] compreendam bem; a palavra educação aqui é tomada num sentido mais amplo, significa, instrução disciplina, treinamento, adaptação, polidez e cortesia”. O desenvolvimento dessas regulações comportamentais caminha, na visão de Elias (1993, p. 202), entrelaçado a um processo de pacificação social, em que “o indivíduo é treinado no autocontrole e no espírito de previsão dos resultados de seus atos”. Ou seja, o homem se constrói a partir da sociedade onde vive, sendo forjado por uma interdependência social grupal e ideológica.

Pressupõe-se, com isso, a mobilização de um processo de educação não formalizado, mas com fins específicos de orientar a vida social e religiosa dos jovens e adolescentes segundo as recomendações da Igreja Cristã Luterana. Esclarece-se que “as lições publicadas mensalmente na revista o jovem luterano hão de contribuir muito para ampliar o saber do jovem em utilidade” (O Jovem Luterano, jun. 1940, p. 100), o que leva a compreender que a revista funcionava como uma espécie de filtro educativo que possibilitava aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista da ética

luterana. Tratava-se de uma ação educacional complementar, apoiada nos valores e na cultura própria de cada lugar e ou instituição, no caso a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, sustentada pela troca de experiências entre indivíduos, promovida em espaços coexistentes ao sistema oficial de ensino, com o objetivo de promover aprendizados complementares (Trilla, 2008). É, portanto, um modelo educativo no qual o decurso interativo gera um processo educacional direcionado para os interesses e as necessidades de quem dele participa. Logo, ela possui a capacidade de envolver os valores e a cultura própria do lugar na qual ocorre.

Ao estabelecer aproximações com temas recorrentes na revista, principalmente no que tange às instruções para a vivência dos jovens após a confirmação, é possível observar que ela aborda diferentes assuntos relacionados à vida em sociedade de jovens cristãos. O que leva a entender que a intencionalidade do periódico era promover condições para que os jovens e adolescentes pudessem elaborar o seu projeto de vida inspirados em princípios cristãos luteranos. Assim, para manter a influência da Igreja sobre os jovens após a confirmação, a revista lembra que é necessário envolvê-los em programas de cunho educativo e recreativo, conforme segue:

Para evitar estagnação espiritual é necessário que os jovens moços e moças, se afilem a uma sociedade juvenil. Somente dessa maneira grande parte deles aprenderá a viver o seu cristianismo e compreenderá o que se espera dum membro vivo e ativo em nossa igreja. Devem começar o quanto antes, logo depois da confirmação a serem introduzidos no programa da liga, isto é, nos dois campos de sua atividade: o saber cristão e o serviço cristão (O Jovem Luterano, ago. 1940, p. 129).

Com isso, nota-se a preocupação da Igreja em envolver os jovens em alguma atividade prática, para que eles pudessem continuar a exercer e aprimorar os conhecimentos adquiridos durante os anos que frequentaram o ensino confirmatório, uma vez que o ritual da confirmação disseminava a ideia nas comunidades luteranas de que os jovens obtinham certa liberdade. Porém, o Sínodo de Missouri entendia que esses jovens precisavam de orientações complementares e de preferência oriundas da Igreja. Para tanto, necessitavam de “um guia especial no tempo de caminhada da juventude”, e a revista iria “ajudar os jovens a manter o juramento de fidelidade a Deus feito no momento da confirmação, [...] aumentar seus conhecimentos e auxiliar para se tornarem membros melhor instruídos” (*Der Waltherliga-Bote*, abr. 1929, p. 2). Tais perspectivas de

transmissão de conhecimentos são, na visão de Elias (2011), interdições psicossociais e comportamentais que figuram um modo civilizado de ser, cujo objetivo é tornar automático o comportamento socialmente desejável.

Para Elias (2011, p. 10), “a moralidade não é um traço natural, nem legado da graça de Deus – ela foi adquirida por um processo de adestramento”. Isto é, não nascemos civilizados, e sim somos disciplinados e ensinados na propagação das regras de conduta que são incorporadas aos nossos hábitos cotidianos por meio de um processo educativo modelador e adaptado ao círculo de convivência. Logo, a revista “O Jovem Luterano” pode ser percebida como um compêndio educativo utilizado pelo Sínodo de Missouri com fins de propagar regras de conduta percebidas como importantes para a formação do jovem luterano. Tinha como objetivo “cooperar com a formação de leais luteranos com vivo interesse na sua igreja, que reconhecem os privilégios e deveres de cada cristão no reino de Deus” (O Jovem Luterano, nov./dez 1940, p. 184). À vista disso, Certeau (1982) reforça que se trata de dar um novo significado para a educação, “como um instrumento de coesão, onde o saber se torna, para a sociedade religiosa na sua catequese ou nas controvérsias, um meio de se definir” (Certeau, 1982, p. 128). Para o autor, um grupo religioso se define pela maneira de representar, difundir e se centralizar naquilo em que acredita.

Para a revista, o jovem que procurava viver conforme o molde da palavra de Deus teria uma vida de valor e de proveito. Ao se colocar a serviço de Deus seus dons corporais e espirituais, o participante estaria reconhecendo o autor da sua vida. Tal ideia é reforçada na argumentação propagada no impresso:

Deus vos deu corpo e alma, ele vos salvou por Jesus Cristo do pecado da morte e do poder do diabo. Muitos de vos tiveram o privilégio de terem pais cristãos, que vos criaram na doutrina e admoestação do senhor, que fostes matriculados numa escola cristã, onde foste instruído no catecismo e nas histórias bíblicas e assim chegaste ao conhecimento de vosso Salvador Jesus Cristo. Tiveste o privilégio de receber um suficiente ensino religioso, antes de ser confirmado. Tivestes o privilégio de ser membro da Igreja Luterana a qual pela graça de Deus ensina a palavra de Deus clara e puramente e que administra os santos sacramentos segundo a instituição cristã. (O Jovem Luterano, mai. 1948, p. 68).

Uma vez que o jovem reconhecesse as bases religiosas em que sua educação foi fundamentada, ele poderia procurar aprofundar os seus conhecimentos sem se desviar dos propósitos de Deus, ao mesmo tempo que estaria focando em seus planos pessoais.

Era considerado comportamento desviante submeter-se a outras experiências educativas antes de colocar em prática os ensinamentos aprendidos na instrução do catecismo, que era o manual oficial da Igreja e modelo para orientar as relações cotidianas após a confirmação.

A revista lembra que a confirmação é o momento em que “[...] começa para estes jovens cristãos a época mais crítica da sua vida. Terão que pôr em prática os conhecimentos adquiridos na escola paroquial e durante o ensino confirmatório” (O Jovem Luterano, maio, 1940, p. 66). Enfatiza, ainda, que esse é o momento no qual a vida espiritual do jovem corre mais perigo, pois em toda a parte ele encontrará inimigos da sua fé, como festas desordeiras e imorais aos olhos da igreja. Dessa forma, “O Jovem Luterano” destaca a importância dos ensinamentos da igreja, pois considera a adolescência como um momento de fragilidade para os jovens, no qual suas ideias e convicções podem ser facilmente abaladas. O seu objetivo era “proporcionar uma educação básica em nossa fé e nos orientar mais seguramente na fase da vida que se inicia com a confirmação” (O Jovem Luterano, dez. 1952, p. 148). Uma vez que,

A instrução para a confirmação não significa a formação final do cristão, antes constitui simplesmente o começo da instrução do crente, é a instrução elementar, deve-lhe seguir ainda a instrução secundária e superior. Cada união juvenil deve ser um posto avançado de recrutamento e aperfeiçoamento destes jovens combatentes (O Jovem Luterano, mar. 1947, p. 37).

Contrária ao entendimento de muitos, a revista deixa claro que não é porque os jovens tenham sido devidamente instruídos no ensino elementar, aprendido o catecismo e as histórias bíblicas, que eles poderiam considerar a confirmação o fim do preparo para a vida cristã. Alega que “o estudo iniciado na instrução de confirmandos deve progredir para a nossa salvação e também para o nosso crescimento intelectual” (O Jovem Luterano, ago. 1970, p. 12). Tão logo, os jovens deveriam se ater mais ao valor de uma União Juvenil, pois ser um participante ativo traria a eles oportunidades preciosíssimas de melhorar o seu conhecimento, principalmente no que dizia respeito a sua formação ética e moral. Conforme observado pelo periódico,

Nesta fase da vida o jovem está dando os últimos retoques em seu caráter de homem, de mulher: ainda não sabe bem o que pensar, o que sentir, o que escolher. E ninguém duvida que esta é a função mais importante de líderes da

mocidade, sejam pastores, sejam professores, sejam leigos; inspirar nos caracteres em formação discernimentos corretos do que somos na qualidade de cristão em relação ao mundo (O Jovem Luterano, abr. 1964, p. 10).

O pensamento era o de que o jovem precisava de orientação complementar para criar disposições próprias e atitudes cristãs em relação à humanidade. Desse modo, o trabalho realizado pela União juvenil era de vital importância, tanto na formação do caráter do jovem recém confirmado quanto no assentamento das bases para o futuro da igreja. De igual modo, expõem que a revista “O Jovem Luterano” apresentava mensalmente um apanhado de estudos e informações pertinentes para instruir as escolhas cotidianas da juventude luterana (O Jovem Luterano, jan. 1946), ressaltando assim que:

A revista oferece um copioso material educativo e tem merecido calorosa acolhida pelo esmero com que apresenta tanto o seu conteúdo com a sua forma – conteúdo conservador, como convém a uma publicação genuinamente luterana. E forma dentro dos modernos padrões do jornalismo como bem merece a juventude de uma igreja que experimenta extraordinário progresso (O Jovem Luterano, mar./abr. 1961, p. 2).

Salienta-se no texto que a revista faz empenho no sentido de proporcionar o melhor material de leitura possível para educar e amparar o espírito e o coração do jovem luterano e assim deseja cooperar para o bem da juventude presente e do futuro da Igreja. Fica exposto que o periódico “faz parte integral do trabalho entre os jovens no seio da nossa igreja e contribui, de sua parte para que seja fomentado entre os jovens o estudo bíblico e a sociabilidade cristã” (O Jovem Luterano, mar. 1949, p. 67).

Havia um empenho em levar até o jovem um conteúdo informacional, educacional, espiritual e recreativo estritamente conduzido segundo orientações bíblicas. Nas páginas do impresso evidencia-se a motivação de orientar a vivência juvenil em sua totalidade. Tal intencionalidade tem respaldo na narrativa da entrevistada Darli (2023), ao afirmar: “eu acredito que a revista influenciou sim a minha formação, porque era por lá que a gente recebia as informações, ficava sabendo o que os outros jovens estavam fazendo. A gente seguir aquilo ali porque achava interessante, aquela regra ali”. Suas memórias deixam transparecer as ações estratégicas (Certeau, 2011) da instituição religiosa de perpetuar um discurso totalizante em uma tentativa de articular uma identidade luterana e estabelecer conexões entre jovens que professavam a mesma fé. Assim, ressalta-se a

característica maleável, elaborada e discutida da identidade, tal como delineada por Hall (2014), como um processo contínuo de construção e negociação, que se desenvolve ao longo do tempo por meio dos relacionamentos sociais e influências culturais dos indivíduos.

A revista visava orientar o jovem a resistir ao desejo de se deleitar com prazeres de cunho duvidoso oferecidos pelo mundo e se manter fiel aos ensinamentos aprendidos no catecismo e recomendados na Bíblia e pela Igreja. Assim, a reafirmação do compromisso assumido pelo jovem no momento da confirmação é reforçada a cada edição do periódico, em que o leitor é chamado a refletir sobre as suas práticas diárias. Os textos buscam focar na conduta do jovem luterano, que deveria ser um exemplo para a sociedade, uma vez que “somos influenciados pelo contato e pelo exemplo dos outros, também exercemos uma influência, ou benéfica ou maléfica nos outros” (O Jovem Luterano, jun./jul., 1953, p. 66). Logo, o comportamento do jovem luterano deveria ser uma referência positiva em suas relações sociais. Para a narradora Iria, o jovem luterano era bastante cobrado nesse sentido:

Nossas vivências, comportamentos e atitudes deveriam refletir os ensinamentos da igreja. E eu como era filha de pastor tinha que dar o exemplo, meu pai não permitia que eu frequentasse outros espaços de socialização, a não ser a reunião de jovens e os eventos da igreja como os congressos (Iria, 2023).

A narrativa da Iria ressalta, assim, uma das perspectivas da Igreja Luterana, que era a de zelar pela índole dos seus membros, principalmente, os adolescentes recém confirmados que professaram publicamente sua fé e a decisão de permanecer fiéis à Igreja e aos valores do luteranismo (Maltzahn, 2011).

Para o Sínodo de Missouri, as liberdades alcançadas com a confirmação de fé poderiam acarretar um afastamento da vida regrada pelas comunidades e pelos ensinamentos da Igreja, em que este poder de decisão alcançado a partir do rito poderia fazer com que os jovens fizessem as escolhas erradas para sua própria vida. Assim, para que os jovens não se deixassem envolver pelas liberdades oferecidas pelo mundo, e se levar por conhecimentos que não eram corretos de acordo com seus ensinamentos, a própria igreja criava estratégias para que o jovem não se afastasse do convívio religioso; uma dessas estratégias é justamente a revista “O Jovem Luterano”. Ela:

[...] fornece material para uma instrução sistemática dos jovens depois da confirmação. Complementa de certa forma o ensino religioso dominical [...], conservando o equilíbrio entre o saber e o fazer [...]. As matérias de caráter educacional recreativo e administrativo procedentes da liga são dignas de confiança. São elas preparadas por homens de destaque no nosso Sínodo. A liga por intermédio da revista coopera na formação de leais luteranos [...]. Oferece um programa digno, definitivo, unificado e adequado. Fornece também uma literatura para a juventude de qualidade excelente. [...] oferece as matérias para educar dirigentes progressivos e dedicados a sociedade juvenil [...], estimula pelo seu programa a vida espiritual. Apresenta oportunidades para a comunhão cristã e para a formação de amizades até vitalícias. [...] imbuí os membros com ideais cristãos, contribui para uma filosofia cristã de vida, [...]. Auxilia nas soluções dos problemas da adolescência (O Jovem Luterano, nov./dez., 1940, p. 183 -185).

Com isso, ela formaliza as estratégias educativas (Certeau, 2011) utilizadas para produzir, mapear e impor o modelo ideal de juventude luterana. “O Jovem Luterano” pode ser pensado como um manual de instruções para a vida do jovem, isto é, um tutorial de comportamento adequado às bases confessionais da Igreja Luterana. Essa discussão pode ser corroborada conforme questionamento feito pela própria revista no caderno de janeiro de 1940, o qual traz uma discussão sobre como a juventude confirmada pode ser conservada fiel à Igreja:

Após a instrução nas histórias bíblicas e no catecismo recebido na escola paroquial e a instrução na doutrina para a confirmação, as crianças das nossas comunidades são confirmadas. Diante da comunidade reunida eles dão testemunho da sua fé em Jesus Cristo. Prometem ficar fiéis ao Deus triuno e à sua igreja até a morte. Mas será que todos que fizeram essa promessa continuam fiéis? (O Jovem Luterano, jan. 1940, p. 6).

Conforme se pode observar, o autor do texto elenca todas as esferas educacionais pelas quais a crianças passam até o momento da confirmação; e então, ao levantar a questão sobre como pode ser possível manter esse jovem fiel às doutrinas da igreja, observa que é necessário oferecer subsídios para que permaneçam sob olhar orientador da instituição religiosa, uma vez que “as tentações para a nossa juventude depois da confirmação são muito fortes” (O Jovem Luterano, jan. 1940, p. 6).

O texto também chama a atenção para os perigos por trás dos prazeres oferecidos pelo mundo, e adverte os jovens para que se mantenham dentro dos muros da Igreja, em atividades recreativas e divertimentos que não ofendam a religião e o possam dignificar-se perante Deus e a sociedade. Após fazer um apanhado sobre os prós e os contras das experiências possibilitadas pelo período juvenil, é lembrada a importância de o jovem

continuar aprimorando os seus conhecimentos e desenvolvendo os seus talentos frequentando a União Juvenil, além de recomendar a própria revista como leitura diária, sendo que “o desenvolvimento interior de um jovem que frequenta a educação juvenil, não se perde facilmente e vai refletir as suas atitudes ao longo da vida” (*Der Waltherliga-Bote*, ago. 1936, p. 128).

Conforme publicado, a educação oferecida na União Juvenil estava centrada nas escrituras e nos ensinamentos da Reforma Luterana. Nela, os jovens eram incentivados a estudar e compreender as Escrituras, aprofundar seu relacionamento com Deus e aplicar os princípios cristãos em sua vida diária (*Der Waltherliga-Bote*, ago. 1936). A ênfase do processo de ensino e aprendizagem é colocada na importância de uma fé viva e pessoal, bem como na responsabilidade individual de cada jovem em crescer em sua fé e compartilhá-la com os demais.

Assim, nesse momento da vida em que o jovem estava ocupado com a formação de sua própria personalidade, os diálogos instrutivos proporcionados dentro de um grupo juvenil iriam contribuir não somente para alinhar os valores cristãos priorizados pela instituição religiosa em questão, mas também promover saberes que iriam auxiliar o jovem em suas escolhas para a vida e fortalecer as relações com a comunidade de inserção. Com base nessas ponderações, a União Juvenil pode ser percebida como um espaço de formação voltado para o desenvolvimento humano e social (Gohn, 2016), se configurando como um ambiente essencial para o desenvolvimento integral dos jovens.

Em concordância com o potencial de formação humanística dos grupos juvenis religiosos, alguns estudos auxiliam a corroborar essa assertiva. Rezende (2004), ao investigar o universo religioso da juventude, a partir da Escola Bíblica para Jovens, mostra que a experiência pedagógica de evangelização a qual esses jovens são submetidos resulta no empoderamento espiritual desses sujeitos. Para ele, as informações e os saberes que os jovens recebem e trocam nesses espaços contribuem para as relações consigo mesmos, com a família e com a sociedade a sua volta, além de intensificarem sua relação com Deus. Também nesse sentido, Carmen Z. Vargas Gil de Souza (2003) e Perondi (2008), ao abordarem as práticas educativas e os aprendizados vivenciados em grupos juvenis religiosos, ressaltam o potencial solidário, cooperativo e educativo das organizações juvenis, sendo um espaço de formação pessoal e social que

extrapola os limites do institucional, tecendo saberes que vão além da proposta religiosa e assistencial. Já Carmem Lucia Teixeira (2006), que se ocupou em pesquisar os grupos juvenis enquanto espaço de formação de identidade política e social, expõe que jovens que têm uma passagem por grupos juvenis religiosos, apresentam uma maior maturidade para dialogar sobre realidades diversas e conflituosas, e são constituídos com potencial para planejar ações que alteram a realidade a sua volta.

A importância de frequentar os encontros semanais da juventude e fazer a leitura da revista está representada na narrativa de Loni Neunfeld Weiduschadt (2022), ao observar que essas duas esferas contribuíam para sua “formação espiritual e religiosa e também para ampliar e aprimorar o conhecimento cotidiano”. Segundo ela:

Ler a revista e frequentar a juventude teve uma importância muito grande na minha formação espiritual e cotidiana [...], nas reuniões de jovens eu aprendi muita coisa ainda, além do que eu já tinha visto na instrução, era um estudo mais aprofundado, um complemento daquilo que você aprendeu na instrução. [...] tinha os estudos bíblicos comentados pelo pastor, tinha também algumas discussões Bíblicas e de conhecimentos gerais e outras atividades e orientações [...] promovidas pelo **professor Schmidt**¹¹⁰ a partir da revista. [...] na juventude a gente aprendia muita coisa para aplicar na vida da gente. (Loni, 2022, grifos nossos).

Para a narradora, o conteúdo da revista, debatido nos encontros juvenis, complementava os conhecimentos adquiridos durante o ensino confirmatório. A senhora Loni (2022) reforça, assim, as funções educativas da Sociedade Juvenil Luterana e da sua revista. A esse respeito, a narradora Darli (2023) observa que: “a revista era praticamente a literatura que a gente tinha, e como a juventude tinha também aquela parte educacional, formativa, principalmente educação religiosa [...] ela era bastante usada nas reuniões da juventude”. Assim sendo:

a revista foi muito importante como suporte para a nossa juventude, principalmente quando não tinha a participação do pastor. [...] então como quase todos os jovens tinham a revista, esses jovens liam a revista em casa e preparavam uma devoção ou algum outro assunto e se debatia aquilo que estava apresentado ali. Então a gente lia a revista, apresentava para juventude o que tinha lido, o que tinha compreendido sobre e debatia seu conteúdo em reunião [...] então quando vinha a revista a gente já buscava ler, ficar por dentro dos

¹¹⁰ Professor da escola paroquial da Congregação Evangélica Luterana Redentor da Solidez- Canguçu/RS, comunidade a qual a narradora pertencia. Schmidt auxiliava o pastor a conduzir os departamentos juvenis, prática bastante recorrente entre as comunidades do Sínodo, conforme observado em relatórios juvenis publicados pela revista “O Jovem Luterano”.

assuntos da juventude de todo o Brasil. Porque através dela, você ficava sabendo o que acontecia nos outros lugares também. E se eles faziam uma coisa lá que a gente achava interessante, olha vamos fazer isso aqui também, vamos aplicar isso aqui também na nossa juventude, (Darli, 2023).

Como um instrumento de poder, o emprego estratégico da revista “O Jovem Luterano” assegurava a formação do leitor e contribuía como a disseminação dos interesses religiosos. Assim, para o entrevistado Luiz Seyfert Wille (2023), que em seus relatos também observa que devido à demanda de trabalho o pastor nem sempre estava presente nos momentos em que os jovens se reuniam para fins de estudo, a revista de alguma forma supria essa carência física do pastor:

O Jovem Luterano oferecia uma diversidade de temas e assuntos, então a dinâmica dos estudos se dava em torno dela. Nossas reuniões eram bem dinâmicas a gente aprofundava o conhecimento, e toda a dinâmica da reunião se dava em torno da revista e da Bíblia. A gente discutia bastante em torno disso aí, estudava o tema proposto com precisão, buscávamos os textos Bíblicos, conferíamos. [...]. A gente lia e relia e se apropriava do conteúdo da revista (Luiz, 2023).

Luiz ressalta que a linguagem acessível e atrativa da revista facilitava a identificação dos jovens com o que era proposto, assim como a sua compreensão. Além disso, “a presença de imagens, contribuía para tornar a leitura mais dinâmica e interessante” (Luiz, 2023). A narrativa enfatiza, dessa forma, a potencialidade que a imagem possui em construir aquele que a contempla como sujeito a quem orienta o olhar Chartier, 2002).

Desse modo, a própria revista se colocava como um suporte necessário para as lideranças juvenis conduzirem as reuniões:

Se acontecer uma vez que numa reunião da juventude, na ausência do professor ou do pastor não sabeis o que fazer, a revista O Jovem Luterano, além das perguntas relativas às histórias Bíblicas oferece muita matéria para discussão e troca de opiniões. Além de ótimos artigos que são de muito proveito examinar de perto (O Jovem Luterano, mar. 1941, p. 43).

Uma das carências observadas nos relatórios das juventudes publicados pela revista é justamente a pouca participação dos pastores nas reuniões juvenis, sendo o encontro, geralmente, coordenado por um professor paroquial ou alguma liderança jovem. Entre os motivos da ausência de uma autoridade pastoral nas atividades juvenis, também referendados no impresso juvenil, estava o excesso de trabalho do pároco. De

acordo com suas palavras, a escassez de pastores resultava em uma carga excessiva sobre eles, levando-os a acumular múltiplas responsabilidades em diversas congregações. Isso os obrigava a percorrer longas distâncias entre as comunidades atendidas e a priorizar certas atividades, como cultos, ensino confirmatório e outras tarefas onde a sua presença era indispensável (O Jovem, luterano, mai. 1953).

Havia, nesse período, segundo Paulo Wille Buss (2006), um déficit de mais de cem pastores para poder reduzir pela metade o número de comunidades atendidas por cada pastor, considerando que muitos destes também lecionavam nas escolas das congregações¹¹¹. Corroborando com tais apontamentos, a narradora Iria (2023) lembra que “o pastor tinha quinze comunidades para atender, e elas eram distantes uma da outra, então raramente ele tinha tempo para dirigir as reuniões da juventude, como fazia quando era apenas o professor da comunidade”. Tal assertiva traz indícios de que realmente havia um déficit de mão de obra pastoral em relação à demanda do campo de trabalho naquele período.

Por conseguinte, nas publicações da revista pode-se observar que nos editoriais há um reforço de que sua utilização sirva como material de ensino e aprendizagem e que era “de grande utilidade para pastores e professores, que podem utilizar suas matérias para discussão e leitura” (O Jovem Luterano, nov. 1949, p. 167). Essas ponderações novamente vêm ao encontro da narrativa da dona Iria (2023), que foi designada pelo pai, que era pastor, a ser dirigente da juventude.

Eu usava O Jovem Luterano como uma ferramenta auxiliar para dirigir a juventude. [...]. O Jovem Luterano, além das mensagens e devoções, trazia sempre bons conselhos para os jovens. Então se lia algum artigo da revista, se fazia aquelas atividades de perguntas que os jovens respondiam, tinha também aqueles quebra-cabeça que a gente tinha que achar as respostas na Bíblia. [...], também usávamos a Bíblia, o mensageiro e o *Nostra Vitta*, mas usávamos mais O Jovem Luterano, que já tinha essa finalidade (Iria, 2023).

Ciente do seu conteúdo educativo e doutrinário, como liderança juvenil, Iria (2023) tinha a revista como um suporte didático e um guia auxiliar para conduzir as reuniões da

¹¹¹ Segundo Buss (2006), em 1955, cada pastor era responsável, em média, por 7 locais de atendimento. As distâncias entre uma comunidade e outra chegavam a alcançar 40 a 60 quilômetros, sendo geralmente percorridas a cavalo ou a carroças. Mesmo que algumas paróquias mais abastadas proviessem de automóveis e motocicletas, devido as péssimas condições das estradas brasileiras muitas vezes era impossibilitada a locomoção.

juventude. Em contrapartida a esta narradora, Loni (2022) em seus relatos aponta que as reuniões do grupo Juvenil o qual frequentava eram acompanhadas pelo professor da congregação, que ficava encarregado de promover o estudo e a orientação da juventude, e que o mesmo fazia uso da revista “O Jovem Luterano” “porque tinha uma linguagem mais fácil, era mais didática, [...] ele comentava vários assuntos da revista, aplicava aqueles questionários e outras atividades e conteúdos que a revista oferecia” (Loni, 2022).

As atividades de ensino e pesquisa propostas pela revista se fazem presentes em boa parte das narrativas. Desta maneira, entendeu-se ser necessário apresentar alguns destes exercícios respondidos, pois, segundo a narradora Iria (2023), que ainda mantém salvaguardado junto ao arquivo da família boa parte das revistas: “as atividades de perguntas e repostas, de completar os quadrinhos era uma das primeiras coisas que a gente fazia quando a revista chegava”. Iria recorda que em muitos momentos resolvia os exercícios na companhia da sua mãe, porque “ela também dirigia a juventude e tinha vez que ela organizava algumas dinâmicas com os jovens, a partir dessas atividades”. E quando essas atividades eram pensadas para serem aplicadas na União Juvenil, “a gente resolvia em casa primeiro”. A reflexão deixa transparecer não apenas a *práxis* educativa a qual a revista se propunha, mas também valoriza as problematizações didáticas nelas implicadas. Eram atividades que não se limitavam simplesmente a ocupar os jovens, mas sim fontes de conteúdos estrategicamente elaborados para difundir ensinamentos pertinentes com a doutrina cristã-luterana e vinculados às práticas de leitura e apropriação dos leitores.

As figuras a seguir fazem referência a duas atividades educativas respondidas respectivamente por Ivo Albrecht, irmão de dona Iria, que assinou a revista em momento anterior a ela; e outra resolvida pela própria narradora.

Figura 20 – Questionário Conhecimentos Bíblicos. Figura 21 – Questionário Conhecimentos Gerais.

— 72 —

de amor dum cristão. Neste serviço também somos semelhantes aos a Jesus, o qual andava pelo mundo fazendo bem. Mesmo assim encontrou inimigos, como nós igualmente os encontraremos, mas pelo amor que lhes tem, pôde dizer a Judas, por exemplo: «Amigo, para que vendes a mim por dez bailes, e por sem inimigos ou quando estes, ignorantes, te insultam as mãos e os pés com cravos, dizendo: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem».

«Se vós, porém, vos mordais e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros.» Preservai-vos, pois, ó Pai celestial!

Conheces a tua Bíblia?

Quem sou eu?

- 1 — Batizei Jesus. Confere Mat. 3:13. *João*
- 2 — Foi aquele rei que pediu aos magos que lhe dissessem onde achariam o menino Jesus. Mat. 2:7-8. *Herodes*
- 3 — Sou a mãe que não permitiu que seu filho recebesse o nome do pai. Luc. 1:40. *Isabel*
- 4 — Escrevi o Salmo 23, inspirado pelo Espírito Santo. *David*
- 5 — Armamei muitos videntes para os anos de fome. Gên. 41:48. *Josef*
- 6 — Fiquei mudo ao ouvir que seria pai dum filho. Luc. 1:20. *João Batista*
- 7 — Duvidei da ressurreição de Jesus até poder apalpar as feridas no seu corpo. João 20:25.
- 8 — Sou irmão de Maria e Marta. João 11:1. *Jaqueto*
- 9 — Fui libertado da prisão e preferido pelo povo contra Jesus. Mat. 27:21. *Pedro*
- 10 — Sou avô de Timóteo. 2 Tim. 1:5.
- 11 — Fui achado num cesto, pela filha de Faraó. Ex. 2:3. *Moses*
- 12 — Lidei apresentando porcos e lhes comi sua comida para me saciar. Luc. 15:15-16. *filho Pródigo*
- 13 — Sou aquele discípulo que não aceitou a trinta moedas de prata do que a Jesus. Mat. 26:15. *Judas*
- 14 — Sou o anjo que anunciei a Maria que ela devia ser a mãe de Jesus. Luc. 1:28. *Gabriel*
- 15 — Sou a profetisa que presenciou a apresentação de Jesus no templo. Luc. 2:36.
- 16 — Sou o homeminho que aproveitou uma figueira brava para ver Jesus. Luc. 19:4. *Jaqueto*

Fonte: R. "O Jovem Luterano", mai. 1948, p. 72.

um teste para a **resolva** sua inteligência

Problema a resolver: qual o nome da pessoa?

1. Em 1900, *Paulista* fundou a cidade de 100.000 habitantes.
2. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
3. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
4. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
5. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
6. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
7. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
8. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
9. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
10. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.

Você é forte nos atos?

Problema a resolver: qual o nome da pessoa?

1. Em 1900, *Paulista* fundou a cidade de 100.000 habitantes.
2. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
3. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
4. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
5. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
6. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
7. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
8. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
9. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.
10. Em 1900, *Paulista* foi o primeiro da Independência.

Você tal se surpreender com o resultado: sai distinho a sua idade!

1. Dobre o seu papel e sua idade.
2. Multiplique pelo número de letras do nome dele.
3. Acrescente o número de vogais do nome dele.
4. Divida pelo número de pessoas que estiverem a sua esquerda no salão.
5. Subtraia o número de letras do nome de Eli.
6. Divida pelo número de filhos de Israel que foram destruídos da terra.
7. Confira o resultado e veja se é o número correspondente à sua idade.

Quem Sabe?

Resposta certa — 10 pontos
100 pontos — excelente
50 pontos — bom
20 pontos — ruim
10 pontos — ruim

— quantos sabe? —

1. Abraão nasceu para que Deus pagasse Salomão e Getorria?
2. José interpretou sonhos?
3. Moisés se tornou forte e marca a entrada a terra de Israel?
4. Davi teve Jesus e sua descendência para o reino de Israel?
5. Foi Davi quem deu o nome a Jesus?
6. Jesus nasceu no templo?
7. Jesus nasceu no templo?
8. Jesus nasceu no templo?
9. Jesus nasceu no templo?
10. Jesus nasceu no templo?

Fonte: R. "O Jovem Luterano", mar./abr.1961, p. 27.

A diferença de idade entre um questionário e outro é de 13 anos, evidenciando assim que se tratava de uma prática de ensino regular no periódico. O primeiro questionário (Figura 20) é uma atividade de pesquisa que tem como título "Conheces a tua Bíblia?". Para o jovem poder realizar o exercício, ele precisava necessariamente procurar as respostas na Bíblia. A prática de pesquisa era, assim, um estímulo para o jovem aprofundar os seus conhecimentos em relação às escrituras sagradas. Todavia, é observado que a "Bíblia educa, ensina, corrige e abençoa [...], tornando-se a leitura perfeita para todas as ocasiões" (O Jovem Luterano, nov./dez.1956, p. 9). Dessa forma, a revista valida as potencialidades da Bíblia como um instrumento de leitura e investigação. A Bíblia era considerada uma fonte de conhecimento espiritual e moral, que oferecia orientação e inspiração para a vida, uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de uma identidade cristã sólida (O Jovem Luterano, fev. 1941).

Segundo a revista, a Bíblia tinha a capacidade de fornecer respostas para as questões existenciais e éticas que os jovens enfrentavam. Por meio da leitura e do estudo da Bíblia, os jovens luteranos encontrariam ensinamentos e princípios que os ajudariam a compreender o mundo à sua volta e a tomar decisões baseadas em valores cristãos. Desta maneira, era preconizado que os conhecimentos bíblicos deveriam encorajar os jovens a explorarem os contextos históricos, culturais e evangelizadores dos textos bíblicos para compreender melhor as mensagens e os significados por trás das passagens bíblicas e assim ter um maior entendimento dos ensinamentos e valores cristãos (O Jovem Luterano, fev. 1966).

Cabe salientar que o exercício da Figura 20 é parte de um total de 40 questões, ocupando assim duas páginas da revista. Sendo geralmente este o espaço dedicado a essas atividades, ele reunia, ainda, questionários de conhecimentos gerais, enigmas matemáticos e históricos, textos para completar, quebra-cabeças e palavras cruzadas, entre outros.

Na Figura 21, há quatro tipos de atividades sob o título de “‘Resolva’ um teste para a sua inteligência”. A primeira trata-se de uma atividade de conhecimentos gerais; a segunda refere-se a um exercício de completar usando a letra “J” com base em conhecimentos Bíblicos; a terceira diz respeito a um enigma Bíblico-matemático; e o quarto exercício está relacionado a conhecimentos Bíblicos com respostas numéricas, apresentando em anexo a pontuação para cada resposta correta e adjetivos para os quatro primeiros níveis de pontuação.

Os jovens podiam conferir as respostas das atividades feitas no mês anterior na próxima edição do periódico mensal, conforme ilustrado na imagem abaixo. Apesar de a publicação do gabarito no mês subsequente à atividade ser a de maior incidência, revelou-se que em alguns momentos ambos estão presentes no mesmo exemplar.

Figura 22– Repostas das atividades do mês de mar./abr. de 1961.



Fonte: Revista "O Jovem Luterano", mai. 1961, contracapa.

Assim como as demais revistas da Igreja¹¹², o enfoque educativo religioso e doutrinário é predominante em relação aos outros conteúdos. Havia uma preocupação didática em um saber específico que não anulava a possibilidade de ampliar conhecimentos, e sim tutelar esses novos saberes. O periódico tinha como intuito "auxiliar o jovem a adquirir conhecimentos úteis para a vida, e principalmente compreender melhor a Bíblia" (*Der Waltherliga-Bote*, jan. 1932, p. 8).

É preciso considerar, como já pontuado, que um dos pilares da teologia luterana é a crença na salvação pela fé, cuja doutrina é embasada na interpretação das Escrituras Sagradas. Dessa forma, a Bíblia assume um papel central no ensino religioso nas instituições luteranas, sendo estudada e ensinada como uma fonte de autoridade e orientação espiritual. Dito isso, os textos bíblicos eram explorados na revista "O Jovem Luterano" por intermédio do "*Quiz educativo*", para transmitir ensinamentos morais, éticos e teológicos, bem como ilustrar princípios e valores religiosos.

Mobilizados com o propósito de serem utilizados tanto para estudo individual quanto em atividades de grupos de estudo coletivo em eventos religiosos, representavam uma forma divertida e interativa de avaliar o conhecimento bíblico dos jovens. Além de abrangerem ampla gama de assuntos, como personagens bíblicos, eventos históricos, livros da Bíblia, passagens específicas, doutrinas e outros ensinamentos, as perguntas

¹¹² Confirmados pelo estudo do Pequeno Luterano de Weiduschadt (2012) e de Clóvis Renato Blank (2020), em relação a revista igreja luterana.

variavam em termos de dificuldade, desde questões básicas até desafios mais avançados, para aqueles com um conhecimento mais aprofundado da Bíblia. Tal metodologia de ensino tinha como objetivo incentivar os participantes a estudarem e se familiarizarem com os textos bíblicos, estimulando assim um maior conhecimento e compreensão da Palavra de Deus (O Jovem Luterano, set. 1965). Tratava-se de uma abordagem lúdica para educar os jovens sobre os princípios e valores fundamentais da fé cristã luterana.

Um outro exemplo de abordagem pedagógica religiosa presente na revista consistia no jogo de desvendar enigmas bíblicos (Figura 23). Estruturada com diferentes possibilidades de pesquisa, a atividade visava estimular a criatividade dos jovens e possibilitar a construção de significados e a consolidação dos conceitos bíblicos de forma lúdica e dinâmica.

Figura 23 – Quebra-cabeça Bíblico.

QUEBRA-CABEÇA BÍBLICO

Entre os acertadores será sorteado um «Devo-cionário», recém editado.

A Redação

Para desvendar este quebra-cabeça, de-
vemos, primeiro, preencher os espaços des-
tinados às palavras cujas definições estão na
coluna respectiva. Após isto, transporta-
se cada letra, para o diagrama, cuidando
sempre da numeração. Nunca se en-
trinha vertical, e as casas pretas não
são finais de cada palavra de texto. Quando
o diagrama estiver preenchido, deverão
faltar apenas algumas letras.

DEFINIÇÕES

A. Preposição que indica falta, ausência.
B. Que, ou aquilo que resta.
C. Que tem água.
D. Doença infecciosa, existente no cão e
transmissível ao homem.
E. Transmissor, que perde as forças.
F. Viram a leite.
G. Que anda na se-cureza, pouco, pouco.
H. Pessoa que administra justiça.
I. Arrepende-se pelo crime a alguém.
J. Relativo ao zêzê.
K. Doença que existe constantemente em
defecando, água, acendendo indivi-
duos.
L. Ave, também chamada, parati, dormido.
M. Adorno, jóia.
N. Relativo à cavalaria.
O. Documento, ou, designa-se.
P. Arma, arma, arma.
Q. Bem usado por militares (páreo).
R. nome, individual, (finais).
S. Arreio, arreio, arreio.
T. Completo, inteiro.
U. Semelhante a um véo de galena.
V. Aparelho emissor de (eletricidade sem fio).
X. De-se, das, animais, animais, como
reprodução.
Z. Acumula-se líquido, processo, de, com,
que, em, qualquer, objeto.

PALAVRAS

30 128 45
123 40 32 47 11 110 2 33
38 29 67 7 34 86 64 110
4 71 13 124 146
61 40 86 94 143 9
64 105 81 136 42 57 80 180
36 59 75 106 86 145 102 85 119 1
72 82 63 121 123 142 8 111
73 110 48 88 6 131 97 126
27 74 50 109 118 86 66
119 20 120 75 41 61 31
25 4 57 19 27 35
134 146 10 112
62 114 76 108 140 127 101 46
144 30 44
61 120 104 34
93 115 85 1 28 115
99 33 50
22 80 84 45 37 98
109 80 23 91
132 30 141 88 122 92
137 40 107 69 117 16
79 25 78 120 123 27 46 96 37
25 147 35 6 43

Conforme pode ser observado no quebra-cabeça bíblico acima apresentado, tratava-se de uma atividade que ocupava duas páginas da revista e desafiava o jovem a pensar de forma estratégica, fazer associações e tomar decisões precisas para encontrar soluções para o enigma.

Para decifrar esse quebra-cabeça deve-se primeiro, preencher os espaços destinados as palavras cujas definições estão na coluna respectiva. Após isto transportar cada letra para o diagrama, cuidando sempre da numeração. Nunca a cruzamento vertical, e as casa pretas indicam o final de cada palavra do texto. Quando o diagrama estiver preenchido deve-se ler horizontalmente, (O Jovem Luterano, abr. 1958, p. 13).

Dada a complexidade da atividade, os jovens tinham as suas habilidades de planejamento e concentração estimuladas. Segundo Luiz (2023), “aquelas atividades, eu fazia em casa, palavras cruzadas, charadas bíblicas, tinha outras que não me recordo. Era tudo respondido com base na Bíblia, todas tinham uma fundamentação bíblica”. Eram atividades que, ainda segundo ele, tinham uma importância significativa na compreensão de temas específicos, pois “enquanto a gente pesquisava para responder as perguntas, fixava o conteúdo e não esquecia mais” (Luiz, 2023).

Outro aspecto importante a ser observado é o fato de a atividade vir acompanhada de uma possibilidade de premiação, prática bastante estimulada pela revista. É bem provável que se tratasse de uma estratégia adotada pela revista não somente para estimular a resolução da atividade, mas também como uma forma de avaliar os conhecimentos bíblicos da juventude luterana.

Nota-se, a partir disso tudo, que a formação religiosa e doutrinária do jovem luterano não se encerrava com a confirmação. A confirmação era apenas o exame comprobatório de que ele tinha conhecimentos suficientes para se tornar membro comungante da comunidade luterana. No entanto, isso não o isentava de participar de uma União Juvenil para aprofundar seus conhecimentos bíblicos e doutrinários: “Mesmo que o jovem revise uma lição que já aprendeu na escola e, principalmente, no ensino para a confirmação, a instrução nunca termina em nossas vidas, pois é conveniente repeti-la sempre, para não esquecer” (O Jovem Luterano, fev. 1941, p. 25). Ainda é possível destacar quando o texto da revista diz que “as lições do catecismo e da Bíblia são para a vida toda e que é importante que o jovem responda às lições bíblicas nas

reuniões da juventude e participe ativamente nas lições de doutrina cristã no culto divino” (O Jovem Luterano, fev. 1941, p. 26). E complementa que “as atividades e estudos bíblicos apresentados mensalmente são para uso nas uniões juvenis luteranas e servirão para enriquecer e aumentar os vossos conhecimentos espirituais” (O Jovem Luterano, jan. 1946, p. 5).

Havia o entendimento de que as lições bíblicas auxiliavam os jovens fiéis no estudo e na compressão das Sagradas Escrituras. Isso era fundamental não somente para eles entenderem os princípios e valores da fé cristã luterana, mas também para terem na Bíblia a orientação necessária sobre como viver uma vida de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo e como aplicar esses princípios em situações do dia a dia. Ou seja, as atividades ofereciam um referencial sólido para a construção de uma vida virtuosa e compassiva e ajudavam os jovens na construção da sua identidade religiosa fazendo com que eles se sentissem parte de uma comunidade de fé com participação ativa na vida da igreja. A identificação religiosa surgiria, portanto, de uma bem-sucedida articulação entre o discurso, o jovem e a sociedade (Silva, 2014).

É importante destacar que abordagens semelhantes a essa se fazem presentes em diferentes momentos da revista. Algumas são mais simples e objetivas, enquanto outras são mais complexas, demandando uma análise mais minuciosa para a formulação da resposta. Porém, todas utilizavam enigmas literários e numéricos como método de ensino e aprendizagem. Os jogos educacionais são, para Antunes (1998), ferramentas pedagógicas por excelência, pois oferecem uma série de benefícios para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos jovens. Para o autor, essas atividades lúdicas estimulam diversas habilidades, como concentração, resolução de problemas, percepção visual e espacial, paciência, persistência e trabalho em equipe. Além disso, por ser tratar de uma proposta educativa adaptável a diferentes temas e abordagens, pode ser utilizada tanto para o ensino de conhecimentos gerais quanto para a fixação de conteúdo específicos.

A narradora Iria (2002) lembra que “fazia aquelas atividades de perguntas e respostas e tinha também aqueles quebra-cabeça, palavras cruzadas que a gente tinha que achar as respostas na Bíblia”. Como dirigente da juventude, a entrevistada observa que “eram atividades boas de se trabalhar na juventude”. Eram oportunidades de estudo

que, segundo ela, supriam a carência do pastor para dirigir as reuniões da juventude. Então, “eu compartilhava as atividades da revista com os jovens”. Percebidas pela narradora como material de apoio para conduzir o processo de ensino e aprendizagem de conhecimentos bíblicos dos jovens quando o pastor não se fazia presente nas reuniões. Estratégia também lembrada pelo narrador Luiz (2023) conforme, relato acima, em que recorda que a revista desempenhava a função de intermediadora do conhecimento.

Outrossim, a entrevistada Loni (2022) observa que as atividades lúdicas da revista eram bastante exploradas pelo “professor Schmidt”, que, segundo ela:

[...] fazia gincanas bíblicas e de conhecimentos gerais com nós, organizava os jovens em grupos, rapazes contra moças para ver quem ganhava. A gente resolvia aqueles quebra-cabeça, palavras cruzadas, charadas bíblicas, as perguntas. Era muito bom! a gente se divertia e aprendia muita coisa, (Loni, 2022).

Além de trazerem indicações de como se apropriavam das atividades propostas pela revista, os narradores recordam diferentes formas de utilização do periódico nos grupos juvenis. Eram empregados pelo professor para conduzir o processo de ensino e aprendizagem, como também servindo como material de estudo compartilhado para preencher a carência do mesmo.

Dadas as especificidades nas quais essas atividades eram realizadas dentro do contexto analisado, é perceptível que tais práticas estimulavam o desenvolvimento de aptidões que ultrapassavam o conhecimento bíblico e doutrinário, como a comunicação e a cooperação. Isso acontecia porque o aprendizado se originava de um processo de construção coletiva, no qual as atividades eram realizadas em grupo, permitindo aos jovens compartilhar ideias e aprimorar suas habilidades de trabalho em conjunto.

Outra atividade pedagógica amplamente utilizada pela revista como recurso educativo para jovens era o caça-palavras, também chamado de caixa de segredos; e as charadas bíblicas, conforme pode ser observado na Figura 24, que apresenta as duas atividades.

gente respondia e apresentava, inclusive ele fazia perguntas, para ver se também a gente tinha aprendido, para ver como estavam o nosso conhecimento a respeito da religião”.

As narrativas também convergem no sentido do uso das atividades propostas pela revista nos encontros juvenis. Loni (2022) lembra que “o professor usava aqueles exercícios, os questionários, aquelas perguntas do que é o que é? E outras atividades que tinham, ali nas reuniões dos jovens”. Observa que “os jovens eram divididos em grupos de pesquisa, e aqueles que achavam a resposta primeiro pontuavam”. Ponderações estas que também se fazem presentes nas memórias do entrevistado Mario (2023). Segundo ele, apesar da revista não ser muito usada nas reuniões durante o período em que frequentou a juventude, lembra que a mesma era utilizada quando o pastor não estava:

[...] aí fazia uma leitura de algum artigo do jovem luterano conversava um pouco sobre. Tinha aquelas perguntas e respostas, a gente usou muito aquilo ali, a gente dividia a juventude em dois grupos e fazia competição de perguntas e respostas quando o pastor não estava e não tinha o estudo, a gente buscava uma atividade para substituir (Mario, 2023).

Estas narrativas se assemelham a relatórios de outras uniões juvenis publicados no periódico em questão. Reforçando, assim, os usos da revista como instrumento didático no processo de ensino e aprendizagem em caráter não-formal (Severo, 2015), visto que a troca de experiências entre os jovens promovia o aprendizado do conteúdo proposto no periódico, por meio de ações coletivas no espaço da Igreja.

Em relatório enviado à revista em março de 1949, a União Juvenil de Ijuí/RS informa que “gostamos, utilizamos e recomendamos O jovem luterano, principalmente a parte ‘Conheces a tua Bíblia?’. As atividades de perguntas e respostas são ótimas, especialmente quando o pastor organiza competições de moças contra moços”. (p. 42). Já a União Juvenil Linha das Pedras, de Getúlio Vargas/RS, comunica que:

na ausência do pastor tratamos das perguntas e demais atividades que O jovem luterano nos apresenta, principalmente sob o título: ‘Conheces a tua Bíblia’. Achamos que é uma ótima iniciativa dos prezados editores da nossa revista para incentivar assim o estudo do livro dos livros. (O Jovem Luterano, fev. 1946, p. 28)

Com isso, é possível visualizar não somente a proposta educativa da revista “O Jovem Luterano”, mas também as múltiplas possibilidades formativas, tanto individuais

como coletivas, oferecidas pelo periódico, podendo ainda preencher os espaços vagos deixados pelo pastor/professor.

Apesar do periódico não abordar uma prática escolar em seu sentido literal, havia um projeto de caráter educativo complementar e integrativo ao desenvolvimento social e religioso do jovem luterano contido na revista. As atividades de estudo promovidas por intermédio dos questionários, palavras cruzadas e outras atividades estimulavam o jovem a pesquisar a partir da exposição de um determinado tema. Essas atividades eram percebidas pelos jovens como um estímulo para aquisição mais conhecimento. Edgar Wille Quandt (2023) recorda que naquela época as oportunidades de estudo eram limitadas para a maioria dos jovens: “A revista, assim como a juventude eram um dos poucos espaços que o jovem tinha para aprofundar o conhecimento, principalmente espiritual”.

Cabe, assim, ressaltar o caráter formativo desses espaços, conforme destacado por Vieira (2014) ao identificar um processo educativo intenso e extenso envolvendo impressos religiosos e grupos juvenis católicos. Os impressos por ela estudados não somente estiveram próximos à cultura escolar, como sofreram a sua influência. Segundo a autora, os impressos religiosos seguem uma sequência lógica e didática semelhante à utilizada nos currículos escolares. Através desses impressos, as instituições religiosas buscavam complementar a formação dos jovens, oferecendo conteúdos que dialogavam com os conhecimentos e as práticas vivenciadas no ambiente escolar, porém numa perspectiva religiosa.

São perceptíveis alguns traços da proposta educacional da instituição religiosa que tinham como objetivo promover, por intermédio desses espaços - revista e união juvenil -, a formação intelectual, física, emocional, moral, social e espiritual do jovem luterano, oportunizando a ele o conhecimento referente à existência física e espiritual do ser humano; Sendo este “o espaço ideal para a educação de bons cidadãos não havendo instituição melhor do que esta que instrui nos deveres dos cristãos e exorta a cumpri-los (O Jovem Luterano, maio. 1944, p. 79).

Muito mais que uma leitura, a revista “O Jovem Luterano” era um suporte de ensino e informação. Ela criava condições e oportunidades para os jovens leitores da revista ampliarem e sistematizarem seus conhecimentos, ao mesmo tempo que servia de

material de apoio para professores e lideranças juvenis conduzirem as atividades de estudo coletivo aos jovens. Contribuía, assim, para formação destes jovens como sujeitos e membros da sociedade. Conforme complementa Darli (2023),

a gente se educou foi na igreja, não tinha outros meios de informação e comunicação, então o conhecimento que vinha até nós, vinha pela igreja. Então a revista também tinha essa proposta educacional, porque aonde a gente ia se informar. A gente só tinha o rádio e a leitura.

Com relação à União Juvenil como espaço educativo, a narradora ressalta:

[...] a união juvenil foi tudo na minha formação, porque se eu não tivesse ela, aonde eu iria parar, ia ir só nos bailes, nas festas, o que eu ia aprender, onde ia aprender. Claro a educação religiosa mesmo, eu tive durante a instrução e depois a gente se dedicava muito em casa a gente lia muito, lia a Bíblia, a revista, fazia devoção. Então a gente sempre buscava seguir aquilo que a gente aprendeu e ir melhorando, aprofundando aquele conhecimento e a juventude era uma oportunidade para isso, e também para questões do dia a dia (Darli, 2023).

Como modalidade educativa, a União Juvenil criava espaços e condições que possibilitavam ao jovem envolver-se em atividades direcionadas tanto às questões doutrinárias quanto em discutir demandas cotidianas do universo juvenil. Assim, a revista observa que:

O ensino promovido na união juvenil é a continuação da instrução iniciada durante o período de preparação para a confirmação, serve para aprofundar e aplicar os conhecimentos já armazenados. Esta educação de base religiosa constitui e serve como uma preparação para a vida de membros da congregação e como membro da sociedade humana, como cidadão com o intuito de levar a mocidade a ver e julgar tudo à luz e a palavra de Deus (O Jovem Luterano, mar, 1943, p. 37).

Expõe que o seu “programa de estudo está especialmente adaptado à mentalidade, aos problemas, e ao modo de pensar dos adolescentes, assim como na escola se adapta a palavra à criança” (O Jovem Luterano, mar, 1943, p. 37). Observa que nem sempre o jovem se dá por satisfeito com os conhecimentos adquiridos durante a escola elementar e o ensino confirmatório; assim ressalta que os encontros de jovens, promovidos semanalmente pela Igreja, funcionam como cursos secundários para aquisição de conhecimentos para esse seguimento da comunidade.

[...] lá os jovens aprendem o que é cooperação; auxílio mutuo, trabalho com e para o próximo. Um ensina o outro: há perguntas e respostas, há discursos e debates ninguém fica inativo todos contribuem todos aproveitam. Os jovens têm a oportunidades de desenvolver seus talentos musicais, arte culinários e manual, além de enriquecer os seus conhecimentos em literatura, geografia, história, agricultura, engenharia, e outras matérias sem cursar uma escola secundária e ou superior (O Jovem Luterano, mar. 1943, p. 37- 38).

A revista ressalta que o seu papel é disponibilizar “meios para o aperfeiçoamento do jovem luterano, oferecendo a eles um esboço para discussões nas reuniões, notícias das atividades nos diversos campos, leitura recreativa e comunicação social” (O Jovem Luterano, mar. 1943, p. 38). Logo, entende-se que a revista carrega métodos, técnicas e práticas de ensino de formação complementar que permitem conhecer a subjetividade da cultura juvenil, social e religiosa luterana. Trata-se, portanto, de um meio de educação não formal, voltado para a formação humana e social em um contexto específico (Gohn, 2016). Eram práticas educativas de caráter intencional que buscavam em si, de certa forma, demarcar o espaço da instituição luterana Sínodo de Missouri, e instruir o jovem para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida em conformidade com os propósitos éticos e morais da organização religiosa.

Ao falar sobre a importância e a necessidade do ensino para formação humana, a orientação do periódico adverte que a “educação é um processo social representado por toda e qualquer influência sofrida pelo indivíduo e capaz de modificar-lhe o comportamento”. E que também é para o cristão um “reconstruir ou modificar a experiencia da própria vida” (O Jovem Luterano, abr.1971, p. 8). Sinaliza-se, assim, nas páginas da revista, que como a instituição cristã que iniciou e liderou importantes reformas nos métodos educativos, ainda em uma época relativamente recente ela pôde, à luz dos novos conhecimentos e metodologias de ensino, organizar a obra educativa da igreja amparada nos valores cristãos, buscando formar pessoas que sigam os ensinamentos de Cristo.

“A educação se efetua, fazendo uso, em cada época, dos melhores métodos até então conhecidos, conforme o grau do desenvolvimento dos conceitos e teorias acerca da educação [...] E isto, deverá ser feito continuamente, porque, a mensagem permanece a mesma, mas, conforme as exigências da época, a maneira de transmitir está deve mudar progressivamente, sem deixar de tomar consciência dos ensinamentos de Jesus (O Jovem Luterano, abr.1971, p. 9).

Como um espaço de aprendizagem religioso e social, a revista “O Jovem Luterano” também buscava fazer adequações em seus conteúdos, procurando equiparar-se ao ritmo evolutivo que permeava o cotidiano da juventude luterana. Assim, o comitê pró-juventude observa que “O jovem luterano órgão oficial do sínodo para os jovens deve se tornar cada vez mais órgão de instrução, informação, orientação e estímulo” (O Jovem Luterano, jun. 1945, p. 85). Os jovens estavam ansiosos por mais conhecimento, porém era preciso assegurar o enquadramento apropriado para atender às aspirações e necessidades da juventude luterana. Era preciso ensiná-los a viver a sua liberdade de consciência e de religião tomando o cuidado para que não se deixassem desviar por ideologias estranhas e anticristãs. Para tanto, o comitê pró-juventude ressalta o trabalho na organização de cursos para estudantes, teologandos¹¹³, professores e jovens lideranças, a fim de estudar os métodos, as possibilidades e os materiais a serem usados numa reunião juvenil para instruir os jovens com base em fundamentação teológica. Conforme a revista:

Foram realizadas conferencias de duas semanas com a finalidade de apresentar às guias responsáveis nos diversos distritos do Sínodo, a pastores, professores, leigos e jovens o programa e a maneira de interessar os jovens, conseguir sua colaboração e como leva-los a permanecer fieis a igreja (O Jovem Luterano, jun./jul. 1953, p. 70).

Era importante que houvesse sujeitos que se especializassem em guiar o trabalho entre os jovens nas comunidades. Os cursos de formação de lideranças tinham essa finalidade, a de preparar esses indivíduos para conduzirem as atividades de estudo nas reuniões juvenis. Dessa maneira, esses cursos postulam uma estratégia de convencimento e argumentação para gerir as relações juvenis (Certeau, 2011).

Para o entrevistado Edgar (2023), boa parte dessa formação de líderes juvenis era conduzida por Seminaristas que “se deslocavam até os congressos para difundir atividades de ensino e entretenimento com as lideranças juvenis que depois difundiam nas reuniões juvenis o que aprenderam”. Eram ações educativas que, em alguma proporção, manifestavam um caráter instrutivo e pedagógico com a finalidade de suprir as necessidades contextuais dos jovens em suas comunidades. Diante disso, pode-se

¹¹³ Nome dado aos estudantes do Seminário que estavam cursando Teologia e se preparando para o ministério pastoral.

pensar que a Igreja considerava relevante o jovem ter acesso a outros tipos de conhecimento, mas era importante que esse processo de ensino e aprendizagem ocorresse sob a orientação da instituição religiosa (*Der Waltherliga-Bote*, jan. 1932).

Na conferência realizada durante o Congresso Juvenil distrital na região do Alto-Taquari/RS, que tratou sobre os “deveres da igreja para com os jovens e os deveres do pastor para com os jovens” (*O Jovem Luterano*, mar. 1953, p. 40), é reforçada a ideia da adequada formação juvenil:

Nesta conferência nos foi mostrado e exemplificado como a igreja e o pastor estão trabalhando para a boa formação dos jovens luteranos. Para isso se empenham em reunir material instrutivo e recreativo para os nossos jovens, como, por exemplo, bibliotecas, material para noites recreativas, jogos e diversões, literatura juvenil, etc.

A preocupação da instituição religiosa com a formação do jovem luterano era uma constante, conforme relatório publicado na revista “O jovem Luterano” em tempos remotos. Nele é observado que “lideranças juvenis, professores e pastores estiveram reunidos em conferência distrital onde a maior parte das discussões se ocupou com a educação e o trabalho entre os jovens” (*O Jovem Luterano*, set. 1940, p. 148). Diante de tal preocupação institucional era preciso que os jovens tivessem uma instrução que fosse além das pregações dos cultos e que aperfeiçoasse na juventude o conhecimento da palavra.

Competia à revista “O Jovem Luterano”, então, “ocupar-se primordialmente com atividades da mocidade na igreja”. O relatório de conferência menciona que lideranças da Igreja estiveram reunidas em *Fort Wayne/USA* para tratar sobre investimentos em educação, e que “foi resolvido patrocinar a preparação de materiais educativos para jovens e aprimorar instituições de ensino secundário, visto que a igreja luterana desde a sua fundação sempre se esforçou para fomentar a educação da mocidade” (*O Jovem Luterano*, jun./jul. 1941, p. 93).

Corroborando tais afirmativas, Weiduschadt (2012) observa que a educação escolar e moral de crianças e jovens baseada em elementos doutrinários era um tema bastante debatido nas convenções do Sínodo de Missouri, não somente no sentido de legitimar um campo religioso, mas também de diferenciação frente a outras organizações religiosas. É nesse sentido que Elias (1993) assevera que a educação, como instrumento

de intervenção para a transformação civilizatória, está associada à ideia de identidade e interesse social. A partir das ideias do referido autor, os comportamentos são moldados através de uma racionalização que implica em uma mudança de postura e de emoções.

Com relação ao uso da revista para fins de aprendizagem, a própria publicação destaca:

Estamos organizando um programa educacional, cultural e recreativo, fazendo sugestões para discursos instrutivos, por exemplo, sobre certos pontos na literatura, na música, na história do mundo, do Brasil, da igreja, noções e cousas interessantes acerca da botânica, zoologia, astronomia, mineralogia etc. tudo apresentado e avaliado a luz da palavra de Deus (O Jovem Luterano, jun. 1945, p. 86).

A revista observa que a motivação do seu programa educacional é a “educação do intelecto, do corpo e da alma da juventude brasileira” (O Jovem Luterano, abr./maio, 1941, p. 57). Entendiam que por meio da educação cristã eram lançadas as bases para uma vida feliz e inteligente no mundo e na Igreja. Para tal, a revista abordava também “[...] todos os ramos da ciência e matérias seculares, dando maior importância ao ensino religioso” (idem, p. 57). Ressaltam que a educação cristã da juventude se fazia necessária tanto para o crescimento pessoal do próprio jovem, que iria desenvolver e melhorar as suas faculdades mentais e o seu caráter, como para o progresso do Sínodo no Brasil, que garantiria a formação de futuros membros inteligentes e comprometidos com a obra da igreja, pois,

Estamos fazendo uma grande obra educando a juventude luterana brasileira na fé cristã. [...] com o programa de educação do intelecto, do coração e da alma a igreja e o nosso Sínodo progridem. [...]. O método e o ambiente utilizado, representam o ideal para o desenvolvimento das faculdades mentais e de um bom caráter do jovem luterano, e são próprios para a preparação de bons cristãos e bons cidadãos (O Jovem Luterano, abr./mai. 1941, p. 57-58).

Esses valores que precisavam ser difundidos podem ser referendados pelos estudos de Elias (2011), quando este observa que as mudanças no controle das emoções, atitudes e dos valores de cada sociedade são forjadas com base em expressões corporais coerentes com seus fins. Neste caso, a educação da juventude luterana serviria para capacitar os jovens no que era pertinente à vida cristã e à

manutenção da fé, e, por consequência, estimular comportamentos éticos e sociais que os diferenciasssem dos demais grupos juvenis.

Para propagar e conservar a fé e a doutrina da Igreja Luterana (Sínodo de Missouri), os conhecimentos bíblicos e catequéticos se faziam presentes na revista como vem sendo demonstrado. Outro exemplo disso é uma coluna que focava exclusivamente no Catecismo menor e em como suas aplicações se relacionavam com vida e o cotidiano dos jovens. Os textos expressam, de modo geral, as verdades fundamentais da fé cristã necessárias à salvação. As leituras propostas buscavam associar religião e civilização, visando cimentar valores e controlar os impulsos juvenis. A cada exemplar da revista o jovem era chamado a revisitar os ensinamentos aprendidos durante o ensino confirmatório. Os textos sinalizam que “o perigo da juventude no tempo presente consiste em relaxar no uso do catecismo que sistematiza a palavra de Deus” (O Jovem Luterano, fev. 1941, p. 27). Era certo que, dessa maneira, eles tenderiam a esquecer do aprendizado da escola e da instrução de confirmandos, acarretando prejuízo para o próprio jovem cristão e para a Igreja Luterana em geral. É reiterado que o ensino do catecismo é uma “instrução que nunca na nossa vida termina, pois convém repeti-la sempre de novo para não a esquecer” (O Jovem Luterano, fev. 1941, p. 27).

As atitudes que um membro juvenil deveria assumir em relação ao que aprendeu na escola, e principalmente no ensino para a confirmação, deveriam reverberar em sua vida cotidiana. Diante desta responsabilidade,

a juventude luterana é chamada a assumir uma posição atuante. Para tal ela deve estar cônica do que está acontecendo no mundo. Deve conhecer ao fundo as verdades básicas do Evangelho. Sobremaneira deve ter condições influentes sobre a massa juvenil que ignora a verdade salvadora de cristo (O Jovem Luterano, jan. 1970, p. 3).

As atividades educacionais, culturais e religiosas desenvolvidas nos grupos juvenis deveriam ser um canal de diálogo para formação social e religiosa da juventude luterana. Cabia ao grupo juvenil zelar pela manutenção dos conhecimentos adquiridos, bem como levar até aos jovens conhecimentos atualizados pelo crivo religioso. Era atribuído a eles a tarefa de construir uma sociedade luterana capaz de nortear os valores culturais vigentes segundo a crença luterana. Não menos importante era manter os jovens ligados às congregações após a sua confirmação e, assim, garantir a manutenção

e a sucessão do pensamento educacional, social e religioso luterano. Conforme se observa no excerto abaixo:

Através da educação cristã e do serviço cristão a Liga Walther contribui para edificação das congregações e assim da igreja. [...] colabora na formação, com base na instrução doutrinária, de uma consciência luterana. [...] A sua finalidade é ajudar, para que a juventude luterana permaneça fiel a Cristo e a sua Igreja. [...] enquanto serve da igreja, seu trabalho tem diminuído a porcentagem de perdas anuais de membros. [...], ajuda a instruir lideranças cristãs [...] e coopera na formação de leais luteranos que tem vivo interesse na sua igreja, (O Jovem Luterano, nov./dez. 1940, p. 183 - 184).

Assim, grande parte das discussões promovidas pela revista se ocupava com a educação e o trabalho entre os jovens, estimulando o equilíbrio entre o saber e o fazer do jovem cristão. Suas atividades educacionais trafegam por espaços de escolhas dos jovens referentes ao seu papel social, tanto na família como no trabalho e na religião, entre outros exercícios que possam expressar suas ideias e crenças. O impresso abordava a realidade da juventude contemporânea com base em concepções ideologicamente mediadas pela esfera religiosa.

A revista lembra que “para o progresso e desenvolvimento rítmico e sadio do trabalho entre a mocidade luterana é quase indispensável e certamente de grande utilidade uma revista com o conteúdo instrutivo, como oferece o jovem luterano” (O Jovem Luterano, fev. 1943, p. 27). Ao mesmo tempo chama a atenção das congregações para mobilizarem a propagação desse conteúdo entre seus jovens:

Todo o trabalho entre os jovens se realiza sob a direção da congregação local, diretamente recebendo o material para a instrução educacional e religiosa da juventude luterana brasileira, através do jovem luterano. [...] por meio dessa revista que serão dados os conselhos para o trabalho entre os jovens e que serão divulgadas informações no tocante à tarefa da instrução da mocidade confirmada [...] nela acharão impressos artigos com conteúdo doutrinário, edificante informativo e recreativo. [...] solicitamos estreita colaboração das congregações no trabalho de educação da juventude luterana (O Jovem Luterano, fev. 1943, p. 28).

Assim, a comissão de assuntos juvenis do Sínodo convoca as congregações a assumirem a sua parcela na preparação para a vida dos membros da comunidade.

A comunidade como organização divina tem a obrigação de cuidar dos seus membros: adultos jovens e crianças. Grande erro seria o de uma comunidade se esta tão somente se dedicasse as crianças durante o período escolar, durante a

instrução para a confirmação e as abandonasse depois. É justamente depois da confirmação que o jovem mais necessita do carinho e da orientação da sua comunidade, pois é nas sessões da juventude que o jovem firma o seu caráter para no futuro ser um bom membro da sua congregação (O Jovem Luterano, jan. 1962, p. 9 -10).

Era responsabilidade da Igreja oferecer e estimular, através da revista “O Jovem Luterano”, projetos que contribuíssem para a capacitação dos jovens no que é pertinente à manutenção da fé e da vida cristã, levando até eles informações úteis, necessárias e produtivas. No entanto, cabia às congregações zelarem pela aplicação de tais conhecimentos e cuidarem para que os jovens não se deixassem levar por ensinamentos de fontes duvidosas, além de trabalharem pela sua integração no corpo da comunidade.

A comunidade tinha o papel de promover a educabilidade da juventude luterana atuando como um mecanismo catalisador da articulação de saberes em face das demandas que marcariam o contexto de inserção do jovem no grupo social religioso (Severo, 2015). Isso significava proporcionar um ambiente seguro e adequado para que os jovens pudessem explorar e expressar sua fé, estabelecer conexões com outros jovens que compartilhassem as mesmas crenças e valores, e se envolver de forma ativa na vida da comunidade. Esse ambiente facilitaria o estabelecimento de vínculos identitários com aquele espaço social e religioso.

A revista observa que uma boa estratégia para educar o jovem para o trabalho na Igreja era envolvê-lo em alguma atividade da congregação, incumbindo-o com responsabilidades. Uma discussão a respeito do trabalho de jovens junto às comunidades, publicada no exemplar de fevereiro/março de 1940, ressalta que os jovens têm disposição, iniciativa e coragem, e que é fácil entusiasamá-los por algum empreendimento. Com isso, reforça que nada seria melhor que os envolver em algum trabalho voluntário junto à Igreja. Tal envolvimento faria com que eles se sentissem valorizados e ao mesmo tempo ganhassem gosto pelas coisas da igreja, evitando que se afastassem da comunidade. Entendia que era importante que o jovem tivesse uma ocupação junto à Igreja e principalmente ao departamento juvenil. Tão logo, quanto mais jovens tivessem uma atividade direcional de sua responsabilidade junto à congregação, maior era a participação ativa da juventude na Igreja. Os relatórios das Uniões Juvenis dão conta desta proposta de trabalho, conforme quadro abaixo, que traz uma relação dos

cargos de responsabilidade eletiva para a qual os jovens eram anualmente escolhidos a ocuparem.

Quadro 6 – Relação dos cargos eletivos de jovens, coletados na revista O Jovem Luterano, com base em relatórios de uniões juvenis.

Cargos direcionais eletivos	
Presidente	Comitê para manter a ordem
Vice-presidente	Comitê responsável pela revista O Jovem Luterano
Secretária	Comissão de recepção nos cultos
Vice-secretária	Comissão de excursões
Tesoureiro	Comissão de estímulo
Vice- tesoureiro	Comissão/diretor teatral
Revisor de caixa	Comissão/diretor/dirigente de esportes;
Suplente	Cronistas
Comitê de propaganda	Correspondente
Comitê de visitas	Diretor teatral
Comitê do Saber Cristão	Bibliotecário
Comitê do Serviço Cristão	Repórter
Comitê finanças	Relator
Comitê relações exteriores	Redator
Comitê imprensa	Zelador
Comitê notícias religiosas	Filatelista
Comitê de emprego	Massagista
Comitê das publicações	Guardador de Selos
Comitê das relações entre congêneres	Regente do coro da juventude
Comitê da instrução Cristã	Responsável pela ornamentação do altar da igreja
Comitê/dirigente de programas recreativos/divertimentos	Responsáveis pela limpeza da igreja
Comitê de propaganda e distribuição revistas e livros	Responsáveis pela limpeza do pátio

Fonte: Quadro organizado pelo autor, a partir de dados coletados na revista “O Jovem Luterano”.

O quadro 6 é um demonstrativo de cargos eletivos ocupados por jovens junto ao departamento juvenil e a serviço das congregações. Tal resultado é fruto de um levantamento feito a partir da leitura dos relatórios das Uniãoes Juvenis publicados na revista “O Jovem Luterano”. Cabe ressaltar que os encargos listados não eram constantes em todas as Uniãoes Juvenis, e também variavam de uma região para outra, o que dá a entender que muitas dessas funções eram criadas de acordo com as necessidades das comunidades; porém quanto maior era a juventude, mais incumbências juvenis poderiam ser observadas. Para o entrevistado Alvacir Gustavo Manke (2023), que sempre se envolveu no trabalho da igreja,

uma das coisas mais acertadas é envolver o jovem em alguma atividade da igreja o quanto antes. Tem que ter alguém para cortar a grama da igreja, ornamentar o altar, receber os visitantes e etc... coloca o jovem lá, assim ele vai criando vínculos com aquele espaço. Então o envolvimento do Jovem na igreja, tanto por parte do pastor como dos membros, se faz necessário.

Nas palavras do narrador, encontrar um espaço onde o jovem pudesse se ocupar e contribuir para a Igreja era uma maneira de fazer com que ele criasse um vínculo de pertencimento e identificação com a comunidade.

A Igreja precisava criar oportunidades para o jovem se expressar, “aproveitar o seu entusiasmo, sua energia e seus talentos no trabalho na comunidade” (O Jovem Luterano, set.1946, p. 46). Enfatizava-se, assim, que as ideias e o vigor da juventude não poderiam ser desperdiçados e que “a igreja precisa educar seus filhos para o serviço profícuo e inteligente na congregação, através da arte, da música, da literatura, da missão, pelo esporte” (Idem, p.46). Caberia aos professores, pastores e responsáveis pelas congregações incentivar os seus jovens a não desperdiçar o seu tempo, os seus dons e os seus talentos com coisas terrenas que pouco iriam agregar a sua vida, oferecendo a eles oportunidades de vivenciar suas experiências juvenis junto à comunidade. Assim estariam centralizando a sua vida na Igreja (O Jovem Luterano, set. 1946).

Vista como um laboratório das futuras gerações de lideranças da Igreja, a juventude era um campo de possibilidades a ser explorado; seu otimismo, seus ideais, seu entusiasmo, sua energia e espírito de sacrifício precisavam ser aproveitados pela Igreja (O Jovem Luterano, set./out. 1956). Desta maneira, a União Juvenil deveria dar

oportunidades para o jovem empregar os seus talentos e criar ensejos para que este pudesse servir à Igreja e à sociedade na medida do possível. Era importante para a educação do jovem luterano que este participasse do máximo de atividades sociais, religiosas e administrativas da Igreja, pois entender o funcionamento da instituição iria refletir em seu crescimento em conhecimento e boas obras (O Jovem Luterano, ago. 1944).

Observou-se, mediante o exposto, que um dos propósitos principais da instituição religiosa era fomentar, com o subsídio da revista, a formação completa dos jovens, abrangendo não só a instrução e a assimilação dos valores da fé, da doutrina e da tradição religiosa luterana, mas também capacitar os jovens em conhecimentos gerais, éticos e morais voltados para o desenvolvimento social. Assim, seguindo essa mesma lógica de que a instituição religiosa buscava abranger todas as áreas de formação da juventude, buscar-se-á, no tópico a seguir, problematizar como a Igreja mobilizava a educação dos corpos de acordo com os padrões sociais e comportamentais da época, focando especialmente na preparação dos jovens para o casamento e seus desdobramentos.

4.2 - Educando corpos e construindo bases sólidas para um casamento harmonioso

Outro aspecto a ser considerado é o de que apesar da perspectiva religiosa da revista “O Jovem Luterano”, é possível observar, a partir do folhetim, uma liberdade orientada com base em modelos sociais e comportamentais de cada época, principalmente no que diz respeito à educação do feminino e do masculino. Suas orientações visavam a normatização das práticas do feminino e do masculino dentro do espaço público e privado, funcionando como um espaço pedagógico no sentido de orientar as relações de si para com os outros, e recomendações para nubentes.

Como se tratava de uma revista juvenil, as orientações eram direcionadas para que as moças se tornassem boas donas de casa, esposas e mães, cabendo a elas zelar pela educação dos filhos, assim como pela saúde e aparência da família. Enquanto isso, os jovens rapazes eram orientados a se especializar em uma profissão na qual pudessem

ganhar o suficiente para prover uma família, além de receberem orientações comportamentais masculinas. Em síntese, eram orientações voltadas a preparar os jovens para o casamento e isso perpassava também pela sociabilidade, tema abordado no próximo capítulo, uma vez que existiam recomendações de como proceder em relação à escolha do futuro cônjuge, que vai desde onde procurá-lo, até a como se comportar durante o namoro, noivado casamento e planejamento familiar.

“O Jovem Luterano” destaca, nesse sentido, o importante papel educativo da Igreja, que consistia em orientar tanto as moças quanto os rapazes no que se refere à construção de suas vidas sociais e matrimoniais. De acordo com a revista, era responsabilidade da Igreja contribuir para a educação de seus jovens, reforçando os “aspectos espirituais, morais e éticos da vida matrimonial, sem deixar de oferecer instruções discretas sobre os aspectos fisiológicos relacionados” (O Jovem Luterano, set. 1946. p. 137). Apesar de reconhecer que a Igreja não deveria “começar muito cedo com a inculcação do ideal matrimonial” (p. 137), a revista observa que era importante que as crianças, ainda na escola, recebessem as primeiras orientações. Sua função era ensinar, sobretudo, as bênçãos do matrimônio, buscando incentivar seus jovens a adotarem atitudes cristãs tanto na escolha quanto no desenvolvimento de relacionamentos conjugais. Para isso, a Igreja deveria “dedicar bastante tempo a fim de inculcar nos jovens, moças e moços, a importância de que o matrimônio é uma união vitalícia, santa e abençoada” (O Jovem Luterano, set. 1946, p. 138).

O trabalho desempenhado na União Juvenil era, portanto, considerado de suma importância na formação do caráter dos jovens luteranos, pois a comunidade luterana acreditava que o caráter de uma pessoa se desenvolvia desde a infância até a idade adulta, e era “na juventude que o jovem está dando os últimos retoques em seu caráter de homem/mulher: ainda não sabe bem o que pensar, o que sentir o que escolher” (O Jovem Luterano, abr. 1964. p. 10). Na União Juvenil, o jovem receberia a orientação adequada, de forma a construir os alicerces para seu futuro, tanto dentro da igreja como na sociedade. A formação adquirida dentro desse círculo juvenil influenciaria significativamente o percurso de suas vidas, de forma que não se perderiam facilmente (*Der Waltherliga-Bote*, ago. 1936), além de ser um ambiente propício para os jovens buscarem seus futuros cônjuges (*Der Waltherliga-Bote*, nov./dez. 1933). É nesse sentido

que Alex Branco Fraga (2000) vai dizer que escola, família e igreja, como instituições de direito, trabalham articuladas em linha de força, lapidando corpos e constituído sujeitos investidos pelo contexto social.

Com relação às observações para o casamento, diz que “o matrimonio deve ser premeditado nunca precipitado” (O Jovem. Luterano, jan. 1941, p. 6). O casamento deveria ser algo planejado, sendo assim, enfatiza-se a necessidade de os jovens respeitarem as etapas do relacionamento, como amizade, namoro, noivado, casamento. A aparência física até poderia ser um elemento de aproximação, mas nunca um critério para firmar matrimônio. As pessoas não devem ser valorizadas apenas por sua aparência externa: “O bom raciocínio sempre deve contemporizar com o coração excessivamente apaixonado”, pois “os amores à primeira vista raramente são genuínos e proporcionam felicidade aos casais” (O Jovem Luterano, jan. 1941, p. 6).

A escolha do futuro cônjuge deveria ser a decisão mais bem pensada da vida terrena (O Jovem Luterano, jun. 1959). Com isso, chama-se a atenção para a importância de buscar aconselhamento e orientação antes de decidir iniciar um relacionamento para fins matrimoniais, tema que era bastante trabalhado na revista, conforme ilustra a figura a seguir, que está acompanhada por um texto cuja a explanação diz respeito à escolha do futuro cônjuge.

Figura 25: a escolha do futuro cônjuge



Fonte: Revista "O Jovem Luterano, março/abril, 1966, p. 18-19.

O texto sugere a ideia de que encontrar uma esposa é considerado algo de grande valor, talvez até mesmo o bem mais precioso para um rapaz. Dessa maneira, é reforçada a importância de os jovens buscarem orientação divina ao tomarem decisões relevantes. Porém, recaía sobre o rapaz a responsabilidade de encontrar a sua futura esposa, e era crucial que essa escolha não fosse influenciada por desejos carnis e aparências externas, mas sim pela sinceridade do coração. Embora pareça idealizada, a ilustração que antecede o texto sugere que a chave para um casamento bem-sucedido é que ambos olhassem em uma mesma direção, encarassem a vida em conjunto, compartilhando interesses, discutindo projetos em comum, praticando união e companheirismo, e desfrutando dos momentos de lazer juntos, conforme observado em artigo do "O Jovem Luterano" de agosto de 1958, no qual são destacados os requisitos para uma união matrimonial feliz.

Por essa razão, era tão significativo para a Igreja proporcionar oportunidades de interação social, de modo que os jovens pudessem se conhecer melhor, facilitando a formação de amizades e laços afetivos. Reforça-se que embora a União Juvenil não fosse uma agência matrimonial, era o local ideal para buscar um futuro cônjuge (O Jovem Luterano, set. 1946). Caso não encontrassem alguém compatível nesse ambiente, os jovens ainda tinham a possibilidade de "encontrar um companheiro ou uma companheira sincera de tua própria fé em um congresso juvenil, evento esportivo ou cultural promovido pela igreja" (O Jovem Luterano, dez. 1959, p. 4). Outrossim, também ressaltava-se que "muitos encontraram parceiros através de amigos ou correspondência" (Idem, p.4). Portanto, os jovens não deveriam ter pressa, mas serem pacientes e aproveitarem as oportunidades de convivência cristã oferecidas pela instituição religiosa para encontrarem o par ideal para se unirem em matrimônio.

As ponderações da revista de que estes espaços de sociabilidade juvenil eram tidos pela Igreja como ambientes propícios para a formação de relacionamentos conjugais encontram nas narrativas dos entrevistados o subsídio necessário para corroborar com o êxito das motivações da instituição religiosa. Isto uma vez que a maioria dos entrevistados – exceto um que casou com uma moça católica que posteriormente se converteu ao luteranismo – afirmam terem encontrado o seu cônjuge no grupo de jovens da sua congregação ou em algum evento juvenil promovido pela instituição religiosa: “Era normal, ir na juventude para arrumar uma namorada, aliás era recomendado, eu conheci a minha esposa em uma reunião da juventude” (Mario, 2023). Afirmativas estas que são endossadas também pela narradora Darli (2023) ao rememorar que a união juvenil foi o pano de fundo para o início do seu relacionamento conjugal:

Meu cônjuge eu conheci lá na Igreja mesmo, ele é um ano mais novo que eu, mas a gente se conheceu na juventude, a juventude foi o elo, nós éramos da mesma comunidade e a gente começou o namoro durante a juventude, foram dois anos de namoro e mais dois de noivado. Mas a gente já era paquera há muito tempo, antes de iniciar um namoro (risos) trocávamos olhares, mas não podia namorar ainda.

Nesse sentido, é interessante trazer as observações realizadas por Vidal (2016) ao reconhecer a eficácia das instituições religiosas que discretamente estimulam o namoro entre os seus fiéis, por intermédio de atividades mobilizadas com a finalidade de

promover a aproximação e a identificação juvenil. A esse respeito, o “*Der Waltherliga-bote*” observa que os jovens que se aproximam pela convivência na Igreja tendem a realizar um casamento feliz e duradouro (jun. 1938). O ambiente da Igreja era visto como propício para os jovens conhecerem pessoas com interesses semelhantes e estabelecerem um relacionamento baseado em princípios espirituais. Entendia-se que um casamento bem-sucedido era aquele onde ambos compartilhavam a mesma fé e valores religiosos.

A educação religiosa pré-nupcial não se mantinha apenas na retórica, a Igreja dava orientações sobre como os jovens deveriam se preparar para o casamento. Por isso, era importante e “necessário respeitar a fase do namoro, pois ajuda a conhecer, hábitos, temperamentos, ideias, nível espiritual e moral de cada um (O Jovem. Luterano, out. 1970, p. 8). Sendo assim, os jovens precisavam conviver o suficiente para se conhecerem a ponto de desejarem planejar uma vida em conjunto. Os jovens jamais deveriam se casar motivados pela paixão, mas sim por amor:

A paixão pode motivar-se por características físicas, como um rosto bonito, um sorriso simpático, ou pelo fato de a outra pessoa pertencer ao sexo oposto. Amor, por sua vez está relacionado com a pessoa inteira, com sua história, suas simpatias e antipatias, suas atitudes, convicções e aspirações, com sua família (O Jovem Luterano, mai. 1951, p. 75).

O namoro era visto como um período de experimentação da convivência, “Um contato social de caráter afetuosos e cordial entre um rapaz e uma moça com propósito deliberado de possível união matrimonial futura” (O Jovem Luterano, jun. 1970, p. 9). Este tempo era importante para o jovem conhecer o caráter da outra pessoa, para assim poder decidir se aquela pessoa atendia os pré-requisitos para firmar um noivado. O noivado era um compromisso de casamento, e uma promessa de casamento feita por um jovem cristão deve ser mantida (O Jovem Luterano, jun. 1960):

Aos olhos de Deus e da igreja noivos são marido e mulher, esposo e esposa, cônjuges enfim, que já pela sua promessa se ligaram para uma união vitalícia e que já tem desde o contrato de casamento certos deveres mútuos. [...]. Não se entra no estado matrimonial propriamente dito mediante o casamento civil ou religioso, nem por levar a moça e a moça para a sua casa, coabitando com ela, mas sim pela promessa dada (O Jovem Luterano, dez. 1945, p. 181-182).

O noivado era considerado um compromisso sério e público entre um homem e uma mulher, representando a intenção de se casarem. Era visto como um passo importante nessa jornada, quando o casal se comprometia diante de Deus e da comunidade a se unir em matrimônio. Uma vez tomada a decisão de firmar um contrato de casamento, era recomendado que os noivos buscassem o aconselhamento pré-matrimonial com o pastor, que poderia ajudá-los a explorar questões importantes, como comunicação, expectativas, finanças e compromisso mútuo (O Jovem Luterano, mai. 1966).

O noivado é apresentado como sendo “o período do preparo material e espiritual do casal para o casamento” (O Jovem Luterano, jun. 1960, p.13). Durante esse tempo os jovens deveriam instruir-se nos deveres matrimoniais que os esperavam. Buscar orientação da família, do pastor, ler sobre noivado e casamento. Entre as literaturas sugeridas pela revista para estes fins estava o livro “Torna Feliz o teu matrimonio¹¹⁴”. Tal obra era destinada tanto para casados como para aqueles que pretendiam entrar no estado matrimonial. Além de focalizar diversos aspectos que contribuíram para a harmonia e a felicidade do casal, a revista aduz que o livro “fornece conselhos valiosos no que diz respeito as relações sexuais e, ainda, se esse assunto delicado deve ser tratado com franqueza ou reserva por um jovem par, antes que resolvam casar” (O Jovem Luterano, jan. 1962, p. 15).

Para o entrevistado Luiz, que adquiriu o livro citado durante a sua juventude, as famílias naquele tempo eram muito reservadas:

A gente tinha pouco conhecimento de relacionamento, de casamento, coisa assim. Então ele **(o livro)** chamava a atenção para o relacionamento homem e mulher, eram orientações para o casamento. Era uma coisa muito positiva para a época, era uma escola, porque os pais não tinham essa abertura para falar sobre certos assuntos com os filhos como se tem hoje, então a gente não sabia nada, e na revista e nesse livro a tinham essas orientações (Luiz, 2023, grifos nossos).

Para Luiz, que admite ter se apropriado dessa literatura durante a sua juventude, a proposta do livro era orientar jovens recém-casados ou que pretendiam entrar em um

¹¹⁴ Conforme anúncio publicado pela revista “O Jovem Luterano” em julho de 1958, trata-se de um pequeno livro em brochura, com 74 páginas, escrito por O. A. Geisemman e traduzido para português por E.W. Bergmann e publicado pela Casa publicadora Concórdia a preço de Cr\$, 45, 00.

estado matrimonial sobre comportamento e atribuições do homem e da mulher no casamento.

Outra sugestão era que os nubentes fizessem o curso para noivos, onde era exposto

O conceito bíblico do matrimônio, unidade e bi unidade do matrimônio, o que é felicidade no matrimônio, o que significa o amor, conceito bíblico de sexo e paternidade responsável, incluindo o aspecto ético do controle de natalidade (O Jovem Luterano, out. 1968, p. 7).

Assim como nos cursos para noivos, os jovens também tinham a oportunidade de aprender sobre os direitos e deveres durante as etapas do namoro, noivado e casamento em palestras promovidas pela instituição religiosa em eventos juvenis. De acordo com os relatórios publicados pela revista "O Jovem Luterano", entre julho de 1947 e janeiro de 1967 foram realizadas pelo menos dez palestras abordando diversos aspectos relacionados ao namoro, noivado, casamento, controle de natalidade e orientação sexual em eventos oficiais da juventude luterana em várias regiões do Brasil onde a igreja estava presente. É possível que esse número seja ainda maior, uma vez que nem todos os distritos enviavam relatórios regularmente.

A preocupação com a orientação sexual dos jovens luteranos é observada em um encarte especial anexo à revista "O Jovem Luterano" de set./out. 1969. Nele a igreja se mostra preocupada com o que eles chamam de "libertinagem sexual" que estaria levando muitos jovens, por falta de esclarecimento, a perderem não somente a sua dignidade moral, mas também a comprometerem a sua saúde física e psicológica por se envolverem em aventuras sexuais pré e extraconjugais. Reconhece-se que "o mecanismo sexual humano não existe apenas para efeitos da reprodução da espécie como nos animais. Mas está dosado de funções biológicas e fatores psicológicos ligados a emoções e afetos" (O Jovem Luterano, set./out. 1969. EE). Dessa maneira, é recomendado que os jovens deveriam controlar seus instintos carnis e evitar o sexo antes do casamento. Todavia, reforça-se que "a Bíblia em lugar nenhum condena a sexualidade, o que a Bíblia condena é o mau uso da sexualidade" (Idem).

Com base em ensinamentos bíblicos, enfatizam a castidade e a fidelidade no casamento como parte do plano de Deus para a sexualidade humana.

O que pretendemos mostrar aqui, é que a obsessão do sexo, é um sinal de decadência de um jovem, de uma juventude e de uma nação. Cabe a nós jovens cristãos lutar contra a putrefação moral. O primeiro passo nesse sentido é mostrar as consequências físicas e espirituais provenientes desse gênero de pecado. Na verdade, a imoralidade cria um sentimento de culpa e impureza, que torna o jovem inapto para o cumprimento dos seus deveres tornando-o doente de corpo e de espírito. [...] A libertinagem sexual atrofia as forças físicas e mentais, prejudicando enfim, todo o organismo (O Jovem Luterano, set./out. 1969. EE).

A intenção da abordagem era promover a conscientização e a responsabilidade do jovem em relação à sua liberdade. Embora a castidade antes do casamento fosse encorajada, cada jovem era incentivado a buscar orientação e refletir sobre sua própria conduta sexual em sua relação com Deus e com os princípios cristãos. É importante lembrar que o texto observa também que "preservar a intimidade sexual para o contexto matrimonial era uma forma de honrar a Deus, respeitar a si mesmo e ao cônjuge, além de evitar consequências físicas e emocionais" (set./out. 1969. EE). Além disso, enfatiza a necessidade de haver uma maior abertura para discutir a questão da sexualidade no ambiente familiar e comunitário, pois "um dos principais problemas está na atitude de ocultação por parte de alguns pais, professores e pastores que evitam ter uma conversa sincera e franca sobre o assunto" (O Jovem Luterano, set./out. 1969. EE). Assim, chama a atenção dos responsáveis legais para que desfaçam os estigmas e tabus relacionados à sexualidade e dialoguem com os jovens sobre o assunto.

A Orientação Cristã para o Casamento foi tema central da discussão do Congresso Nacional da JELB realizado em São Paulo/SP em janeiro de 1967. Entre as abordagens estavam a finalidade social¹¹⁵, biológica¹¹⁶ e moral¹¹⁷ do casamento orientadas por princípios bíblicos. É observado que apesar de ser considerado um tabu, para a maioria das famílias, o amor e sexo deveriam ser praticados com naturalidade dentro do casamento, pois se tratava de uma criação de Deus e nada tinha de impuro. Era "a vontade de Deus que no matrimônio os cônjuges encontrem uma fonte de prazer e felicidade" (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967, p. 5). Outrossim, a educação sexual deveria fazer parte das discussões familiares, considerando que era importante o casal

¹¹⁵ Gênesis. 2-18. (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967, p. 5).

¹¹⁶ Gênesis. 1-28. (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967, p. 5).

¹¹⁷ 1 Coríntios. 7-8. (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967, p. 5).

cristão que pretendia entrar em um estado matrimonial receber aconselhamento, informação e instrução no lar.

As observações desses registros evidenciam a existência de um processo de formação em que a igreja utilizava recursos impressos e discursos para orientar os jovens sobre como agir em cada fase de seu relacionamento, desde a busca pelo par ideal até a consumação do casamento e seus desdobramentos conjugais. Era

[...] importante que as pessoas que planejam o estabelecimento de um lar próprio, tenham alcançado um certo grau de maturidade. Evitam-se então muitas infantilidades e futilidades praticadas pelos que ainda não avançaram muitos estágios na rota de sinceridade e da consciência (O Jovem Luterano, set./out. 1959. p. 2).

O planejamento matrimonial era uma organização prévia, feita pelo casal, quando estipulariam as regras e os deveres de cunho matrimonial e também patrimonial. Por isso, o noivado era uma fase importante do período pré-nupcial, momento em que os jovens estabeleceriam os objetivos e as pretensões futuras do casal com relação à constituição familiar e patrimonial.

Por conta disso, a recomendação era de que os jovens alçassem uma certa maturidade antes do casamento. Segundo “O Jovem Luterano”, “a idade ideal para casar é em torno de vinte e três a vinte e cinco anos, dando uma margem de alguns anos para baixo e para cima conforme as circunstâncias” (O Jovem Luterano, nov. 1943. p. 168). Além disso, é observado que o casamento somente poderia ser realizado após os jovens alcançarem o discernimento necessário e a “capacidade física e intelectual de constituir família” (O Jovem Luterano, fev./mar. 1945, p. 24).

Os jovens deveriam ter maturidade o suficiente para realizarem um planejamento familiar antes de entrarem em um estado matrimonial. Sendo assim, “antes de casar os noivos devem cuidar de adquirir as economias necessárias para a constituição do futuro lar” (O Jovem. Luterano, jan. 1941, p. 6). Dito isso, o noivado era posto como sendo “o período de preparação onde o noivo deve aperfeiçoar-se em sua profissão e a noiva cuidar do preparo do enxoval [...] para ambos poderem entrar no matrimônio bem preparados” (O Jovem Luterano, nov. 1943, p. 169). O casamento somente poderia ser realização após o rapaz mostrar ser capaz de sustentar uma família e a moça estar preparada para administrar o lar. À vista disso, caberia ao rapaz

[...] assegurar um emprego para poder sustentar a sua família antes de contratar casamento. O sustento da família cabe ao homem. A esposa não tem o dever de sustentar a família. Ela tem o dever de criar o lar, de tornar aprazível a casa e os arredores da casa. Enquanto o moço não conseguir um emprego que lhe garanta um ordenado adequado, ele não deve pensar em contratar casamento (O Jovem Luterano, nov. 1943. p. 169- 170).

A responsabilidade de sustentar a família recaía sobre o homem. Cabia ao rapaz escolher uma profissão e aperfeiçoar-se ao máximo para estar em condição de enfrentar o orçamento de uma família. A esposa não tinha a obrigação de prover pelo sustento. O papel dela era criar um lar agradável e cuidar da casa e do entorno. Enquanto o rapaz não conseguisse um emprego que lhe proporcionaria um salário suficiente para sustentar sua família, não deveria considerar o casamento como uma opção. Outrossim, a moça somente poderia entrar em um estado matrimonial após estar ciente das suas responsabilidades como esposa, “tornando-se uma boa dona de casa, educadora que saiba cumprir a missão difícil de ser mãe” (O Jovem Luterano, jun. 1962, p. 7). São construções discursivas que tinham por finalidade moldar os jovens de acordo com o que a sociedade daquela época compreendia como sendo os atributos biológicos e sociais naturais do homem e da mulher. Em outras palavras, as diferenças biológicas entre homens e mulheres eram usadas para justificar e determinar seus respectivos papéis sociais. As mulheres eram, assim, frequentemente associadas à maternidade e aos cuidados domésticos; os homens, ao trabalho remunerado e à liderança.

Em acordo com tais afirmativas, o entrevistado Luiz (2023) complementa que a Igreja e a revista

[...] não somente orientavam a parte religiosa no relacionamento homem e mulher, mas também na questão de sustento. Ninguém casava e depois vou ver o que fazer para sustentar a família. Claro, casavam grávidas também, tinha casamento que em a noiva já estava grávida, muitas vezes por falta de esclarecimento e viveram a vida inteira juntos, não sabiam até onde podiam ir, quando se davam conta, ah, estou sentindo uma coisa diferente, nem sabia já estava grávida. Mas não era a praxe, o ideal era o rapaz já ter de onde tirar o sustento da família encaminhado.

Além de enfatizar a importância do jovem rapaz estar pronto para formar uma família e garantir sua subsistência, o narrador observa a existência de casos excepcionais em que os jovens, "por falta de esclarecimento", se viam obrigados a antecipar o casamento devido a uma gravidez não planejada. Ou seja, a gravidez

antecipava as etapas pré-nupciais, fazendo com que o rapaz não precisasse mais provar sua capacidade de sustentar uma família. Naquele momento era importante para ele assumir essa família e viverem juntos, independentemente da situação financeira ou do afeto entre eles. Isso porque a sociedade da época não via com bons olhos pais separados ou mães solteiras.

Outra coisa importante era a saúde, esta não podia faltar: “Pessoas doentes não podem contratar casamento. Primeiro devem procurar curar-se. As exigências da vida matrimonial são tais, que somente pessoas que gozam de boa saúde podem cumprir com estas exigências” (O Jovem Luterano, nov. 1943. p. 168). A preparação pré-nupcial perpassava por exames físicos e laboratoriais. Era conveniente antes de firmar um contato de casamento

[...] fazer um exame geral – pulmões, coração, funções digestivas, etc. e ainda exames dos órgãos genitais para surpreender anomalias, malformações e doenças infectocontagiosas [...] exames laboratoriais, tais como hemograma (verificação de possíveis anemias) exame de urina, provas sorológicas da sífilis [...] determinação do grupo sanguíneo e do fator de Rh, importante para evitar a morte de crianças recém-nascidas portadoras de tais problemas. (O Jovem Luterano, jan. 1963. p. 6).

Apesar de necessários, os dados físicos e laboratoriais não eram o suficiente. De igual forma era preciso fazer uma preparação educacional de base psicológica para uma convivência matrimonial equilibrada. Era preciso que os futuros cônjuges tivessem uma

orientação sadia sobre a conduta e os deveres dentro do casamento. Um certo número de noções teóricas é necessário: Conhecimentos básicos sobre anatomia e fisiologia da natureza física de ambos os sexos, além de dados no setor psicológico e afetivo. Noções sobre gravidez e parto é outro ponto importante, também para a moça como para o rapaz, pois esses problemas dizem respeito igualmente ao marido e à esposa (O Jovem Luterano, jan. 1963. p. 6).

Era necessário que os futuros cônjuges adquirissem orientação saudável acerca do comportamento e dos deveres dentro do casamento. Por conseguinte, a fim de assegurar a estabilidade familiar, era imprescindível realizar um planejamento adequado antes de constituí-la. Várias eram as razões que poderiam justificar o controle da natalidade. Contudo, era essencial que os métodos utilizados fossem recomendados por médicos capacitados (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967). Com isso, quer-se evidenciar

que a revista também se ocupava em abordar aspectos físicos e econômicos relacionados ao planejamento familiar. O bem-estar físico, emocional e financeiro do casal precisava ser levado em consideração ao planejarem constituir uma família. A ideia era de que o casal tomasse decisões embasadas e conscientes sobre o momento e a quantidade de filhos desejados, levando em conta os recursos disponíveis, com o objetivo de garantir uma vida saudável, sustentável e satisfatória tanto para eles próprios como para seus filhos: “Diversas podem ser as razões do controle de natalidade. Porém, os meios de controle devem necessariamente aconselhados por médicos conscienciosos e competentes” (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967, p. 6).

Todavia, a revista reforça que “a família não deve ser constituída somente sobre fundamentos humanos, mas deve ser erguida e alicerçada num plano divino que lhe confere valor, finalidade e moralidade” (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967, p. 6). É observado que Deus atribuiu ao casamento uma finalidade social, biológica e moral. Como uma instituição sagrada, o casamento deveria proporcionar uma base estável para a formação de uma família, criando um ambiente seguro e amoroso para a criação e educação dos filhos. Do ponto de vista biológico, a finalidade fundamental do casamento era a reprodução e a perpetuação da espécie humana, assegurando, assim, a continuidade da vida e a preservação dos genes familiares. O casamento também estava associado a princípios éticos e morais que regem as relações humanas, sendo considerado um compromisso de amor, fidelidade, respeito e apoio mútuo entre um homem e uma mulher. Além disso, o casamento era um ambiente propício para o desenvolvimento espiritual do casal.

Assim, após estarem devidamente instruídos em tudo que diz respeito aos direitos e deveres no matrimônio, os jovens poderiam consumir o compromisso assumido no momento do noivado:

O dia do casamento irá terminar aquele período de preparação, indo constituir a data marcada em que os noivos entram no pleno gozo de todos os direitos do matrimônio. Naquele dia assumem também todos os deveres de cônjuges. Aos olhos de Deus e da igreja cristã os noivos são marido e mulher. Esposo e esposa, cônjuge enfim, que já pela promessa se ligaram para uma união vitalícia e que já tem, desde o contrato do casamento certos deveres mútuos (O Jovem Luterano, dez. 1945. p. 181).

O matrimônio consistia na oficialização da promessa feita no ato do noivado, quando ambos se comprometeram um para com o outro e deram início ao processo de preparação para o casamento. Neste dia, o novo casal declarava publicamente perante o Estado sua intenção de viver juntos como marido e mulher a partir daquele momento. Durante esta ocasião, eles recebiam, em sua igreja, a bênção de Deus para esse passo vital em suas vidas. Além de terem os seus nomes registrados no livro de atas, no registro civil, para garantir os direitos de ambos, uma vez que o matrimônio era “um estado legal de parentesco pessoal permanente, que não pode ser dissolvido a bel prazer das pessoas interessadas” (O Jovem Luterano, dez. 1959. p. 3). Além do dever de fidelidade até a morte, o casamento incluía responsabilidades como filhos, religião e parentesco de ambos as partes (O Jovem Luterano, mai./jun., 1964, p. 5). Sendo assim, para um casamento ser bem-sucedido era importante que os gostos e desejos do casal fossem semelhantes. E que as famílias de ambos pertencessem mais ou menos à mesma camada social.

Entre os requisitos para um bom casamento contavam:

- 1- Unidade de religião e interesse ativo pela mesma.
- 2- Caráter cristão, compreensão e maturidade.
- 3- Disposição para a paternidade.
- 4- Aceitação das responsabilidades e boa vontade para trabalhar.
- 5- Afabilidade e generosidade.
- 6- Bom senso de valores, parcimônia.
- 7- Autocontrole, ausência de ciúmes.
- 8- Razoável correspondência de idade, inteligência, posição social, de raça e nacionalidade. (O Jovem Luterano, dez. 1959. p. 3).

A harmonia do casal era essencial para o matrimônio. As divergências sociais, econômicas e étnicas¹¹⁸ poderiam ser superadas, reduzidas ou controladas. No entanto, as uniões mais felizes eram aquelas em que os cônjuges tinham muitas coisas em comum, especialmente a mesma fé: "A felicidade conjugal é fortalecida e preservada quando o marido e a esposa participam juntos dos cultos divinos, se possível, com a família toda" (O Jovem Luterano, set. 1946, p. 137). Além disso, competia à Igreja a

¹¹⁸ Segundo a revista, o fato “da opinião pública ser tardia quanto a ajustar-se a tais miscigenações, faz com que homens e mulheres que casam através das barreiras de cor ou raça, sejam frequentemente, embora lastimavelmente, ridicularizados e desprezados por suas próprias raças. Isso afeta diretamente as crianças que nascem de tais casamentos” (O Jovem Luterano, dez. 1959. p.3).

missão de preservar o casamento solene, reforçando sempre que necessário a educação cristã que ambos receberam na juventude, destacando os aspectos espirituais, morais e éticos da vida matrimonial.

O casamento deveria ser “regulado pelo respeito mútuo, o marido honrando a sua esposa como a sua parceira e ajudadora e a esposa honrando e estimando o seu esposo como o chefe da família” (O Jovem Luterano, out. 1945, p. 148). Além de garantir o sustento do lar, o esposo deveria dedicar-se à esposa, tratando-a com a devida consideração, amando-a e respeitando-a, sendo ela a pessoa mais importante em sua vida. A esposa, como companheira, devia submeter-se ao esposo; entretanto, isso significava retribuir e reconhecer o amor, o cuidado e a proteção que lhe eram oferecidos, transformando o lar construído e sustentado por seu esposo em um ambiente agradável. Além do respeito mútuo e da fidelidade conjugal, fundamental para a felicidade do casal, havia a obediência dos filhos e a sinceridade e a humildade de um para com o outro. O matrimônio não era apenas sinônimo de “união física, afetiva ou espiritual, mas também de aceitação, compreensão e doação” (O Jovem Luterano, jan. 1963. p. 6).

Os casais cristãos deveriam procura evitar o rompimento do matrimônio; porém, o casamento poderia ser desfeito em casos excepcionais:

Quando maliciosamente o homem deixar a sua mulher e nunca mais voltar para sustentar a sua esposa e família. E aquela mulher que deixar o seu marido com a intenção de não viver mais em comunhão matrimonial com ele. Ou quando o homem ou a mulher cometerem adultério, com outra pessoa, rompendo destarte o laço matrimonial (O Jovem Luterano, fev. 1946. p. 21).

A falta de comprometimento do marido com o sustento da casa, sem uma justificativa como a falta de trabalho ou doença, gastando o dinheiro com vícios e ambientes questionáveis, concedia à esposa o direito de requerer a dissolução do casamento. Da mesma forma, se a esposa deixasse a casa e a família sem motivo aparente, ou não cumprisse o que havia prometido no contrato matrimonial, também permitiria ao marido desfazer o casamento. Além disso, se um dos cônjuges viesse a cometer adultério, sendo isso comprovado por testemunhas, “a parte inocente pode insistir, de acordo com Deus, que a união matrimonial seja anulada e pode se casar com outra pessoa” (O Jovem Luterano, fev. 1946. p. 21). Em resumo, a infidelidade comprovada diante de testemunhas bastava para a parte lesada solicitar a anulação do

casamento religioso, e caso quisesse obteria a bênção da Igreja para se casar novamente; enquanto a parte culpada, que cometeu o adultério, não teria esse privilégio.

A revista observa que “os adultérios e os abandonos de lar prevalecem na contagem geral como causas determinantes dessas dissoluções conjugais” (O Jovem Luterano, out. 1948. p. 159). Além disso, afirma que um cônjuge cristão não deve abandonar o outro a não ser por causa de infidelidade conjugal manifesta. Neste caso argumenta que, “conforme ensinado em Mateus 19. 9¹¹⁹. a parte culpada é que dissolve o matrimônio”, e que “o pastor se guia por este ensino e dará licença para se casar novamente apenas a parte inocente, podendo até realizar cerimônia religiosa na igreja para este fim” (O Jovem Luterano, mar./abr. 1956. p. 18).

Sendo assim, o divórcio era permitido em caso de adultério. Ou ainda em outros casos mais específicos, quando um dos cônjuges não cumpria com a promessa empenhada no contrato de casamento. Dessa forma, perante Deus e diante da comunidade religiosa, tudo poderia ser acertado, permitindo o cônjuge inocente procurar um novo casamento, caso assim desejasse (O Jovem Luterano, mar./abr. 1956). No entanto é observado que:

infelizmente as leis civis do Brasil não contém legislação sobre tais casos, especialmente porque ainda estão orientados pelo conceito romano que o matrimônio, seja um sacramento, e que mesmo entre desquitados permanece o “vínculo do matrimônio”, não podendo, portanto, casar de novo no tribunal, pelo civil, pela lei. Só no caso da morte de um dos cônjuges poderá o outro conseguir legalizar suas núpcias. (O Jovem Luterano, mar./abr. 1956. p. 18).

É importante observar que a Igreja critica a legislação brasileira, considerando-a um obstáculo para pessoas cujos casamentos foram dissolvidos devido ao adultério e desejam contrair uma nova união legitimada por Deus. Segundo eles, as leis do Brasil¹²⁰ obrigavam essas pessoas a viverem em adultério, pois não lhes concediam a liberdade de dissolver legalmente e socialmente algo que já estava dissolvido perante Deus. Sendo assim, durante uma palestra realizada no Congresso Nacional da JELB, em São

¹¹⁹ “Portanto, eu afirmo o seguinte: o homem que se separar da sua mulher, a não ser em caso de adultério, se torna adúltero se casar com outra pessoa”. (Bíblia Sagrada, Novo Testamento. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 1998. p. 26.)

¹²⁰ A lei nº 6.515, que possibilita a dissolução oficial do casamento no ordenamento jurídico, foi sancionada no Brasil somente em 26 de dezembro de 1977. Ver: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm. Acessado em 11, jun. 2024.

Paulo/SP, o Pastor Edgar Krieser teria protestado contra as leis do nosso país que proibiam terminantemente o divórcio, tendo em consideração que o divórcio em casos de adultério deveria ser admitido conforme orientado na Bíblia, permitindo que a parte inocente buscasse uma nova união matrimonial (O Jovem Luterano, jan. 1966).

No que tange às orientações para as moças, apesar de haver outros espaços na revista que abordavam a educação do feminino, uma que chama a atenção é coluna denominada “Página das moças” (Figura 26), com temas direcionados exclusivamente para meninas, com objetivo de orientá-las em questão de saúde, beleza, culinária e cuidados para com a casa. O que leva a pensar sobre como as figurações sociais se interpunham para delimitar e/ou validar a função do feminino dentro do espaço social religioso luterano.

Figura 26 – Página das moças

PÁGINA DAS MÔÇAS

ROSALINDA

BOAS MANEIRAS.

Na rua: Entre todos os povos já é reconhecido que a brevidade deve ser de rigor no que diz respeito a todas as conversações na rua. A rua não é uma sala e pertence a todos. Além disso, não se pode adivinhar o tempo de que dispõe a pessoa que casualmente encontramos. Convém não esquecer, caso se trate de um homem que use chapéu, de convidá-lo para cobrir-se. Se na rua um desconhecido lhe dirigir a palavra, galanteios ou procura acompanhá-la não dê escândalo, nem chame a atenção de todos. Responda sem grosseria e mude até de calçada, se necessário, a fim de afastar o inconveniente.

ELEGANCIA E BELEZA.

As horas de sono: Uma pessoa dos vinte aos cinquenta anos deve dormir em média de 7 a 8 horas por noite. Nem uma hora de menos para não ficar nervosa, nem uma hora a mais para não ficar entorpecida. Entretanto não basta calcular com exatidão a duração do sono: é preciso também saber como será melhor dormir para que o sono favoreça a beleza. Pense que assim que nos deitamos os músculos se relaxam: primeiro os do tórax e depois, pouco a pouco, os outros, inclusive os das pernas e dos braços. Os músculos da face são os últimos a se relaxarem. Muitas ve-

zes acontece dormir-mos com os maxilares contraídos e a testa enrugada: ao acordarmos sentimos dor de cabeça e temos o aspecto mais cansado do que antes de nos deitarmos. Por isso é necessário relaxar bem todos os músculos faciais antes de adormecer.

PARA A COZINHA.



Bêlo de queijo.

400 gr. de açúcar
300 gr. de farinha de trigo
250 gr. de manteiga
8 ovos
1 côco
300 gr. de queijo

Modo de fazer: Bate-se o açúcar com a manteiga e vai-se colocando as gemas, uma por uma, continuando sempre a bater. Coloca-se em seguida a farinha, o leite de côco (sem água), o queijo ralado e por último as claras batidas. Mistura-se bem e leva-se no forno quente, em forma untada com manteiga. Quando estiver assado cobre-se com a goiabada, previamente desmanchada no fogo com um pouco de água.

Por cima de tudo põe-se queijo ralado.

Fonte: revista “O Jovem Luterano”, mar. 1959. p. 5.

A figura acima ilustra, parcialmente, como a seção era apresentada dentro da revista. O título em caixa alta na parte superior chamava a atenção de que aquele conteúdo era dedicado para as moças. Organizada de forma semelhante, ela trazia mensalmente conselhos sobre boas maneiras, dicas de beleza, saúde e bem-estar, receitas de doces e salgados, entre outros assuntos relacionados ao público feminino, e também alguns “pensamentos”, que provavelmente eram acrescentados para completar a página uma vez que eles não são contínuos. Também a questão ilustrativa é bastante restrita, o que se pode observar é a presença de algumas ilustrações pequenas, em preto e branco, de doces e salgados.

Sandra Cristina Silva (2009a), ao observar a construção do elemento feminino entre jovens sob a perspectiva das instituições religiosas, com base em modelos sociais da primeira metade do século XX, averigua que os impressos serviram como um importante espaço de educação das mulheres no sentido de deixar explícita a suposta tendência e inclinação para o espaço vocacional da mulher de esposa, mãe e educadora. Em síntese, a autora deixa claro que a finalidade desse processo educativo por intermédio de periódicos direcionados ao público feminino não era somente o de forjar a mulher cristã católica ou protestante, mas, principalmente, moldar o comportamento feminino que a sociedade entendia como sendo o adequado para aquele gênero, que era ser boa esposa, mãe, dona de casa e zeladora pela educação dos filhos. Um lar bem dirigido era aquele onde a dona de casa ocupava boa parte do seu tempo a serviço do lar: “Principalmente a educação dos filhos cabe às mães, pois os pais quase sempre tendem a trabalhar fora de casa” (O Jovem Luterano, mai. 1947, p. 71). Essa divisão de responsabilidades era amplamente aceita e esperada, refletindo normas culturais e sociais que determinavam as funções de cada gênero dentro da estrutura familiar.

Em acordo com essa perspectiva, cabe aqui observar que mesmo antes da revista “O Jovem Luterano” criar uma página exclusiva direcionada ao aconselhamento do público feminino, ela já sinalizava daquilo que Silva (2009a) vai chamar de normatização das práticas femininas, dentro do espaço público e privado, de acordo com os códigos de boas maneiras de cada época.

A exemplo disso, em julho de 1940, a revista publica sobre a importância do trabalho no Lar (Formação da mulher), usando uma personagem fictícia de nome Amélia

que, após refletir sobre que tipo de formação iria seguir, “resolveu ficar em casa com a mãe para aprender a arte de dirigir o lar, pois pretende ser uma boa dona de casa um dia.” (O Jovem Luterano, jul. 1940, p. 107). O texto aborda a vida da jovem mulher após sua confirmação. Questiona se convém a ela continuar os estudos numa escola complementar¹²¹. Reconhece que a continuação dos estudos de Amélia, além do primário, poderia trazer benefícios à comunidade, como os de prestar serviço à escola ou auxiliar o pastor. Porém, conclui que o melhor e mais seguro para Amélia seria ficar em casa e na companhia de sua mãe, auxiliar nas tarefas da casa e assim ter uma formação para o lar.

Embora o direito à educação e à escolha de uma profissão não fosse amplamente promovido, ele não era negado às mulheres. Uma vez confirmada, se a família assim desejasse, ela poderia prosseguir com seus estudos e seguir uma carreira. No entanto, era aconselhável que ela desse prioridade à formação voltada para o ambiente doméstico.

A “Página das Moças” pode ser assim percebida, com base nos padrões sociais e institucionais da época, como um tutorial das práticas femininas. Sua motivação era “colaborar com nossas leitoras trazendo-lhes receitas, conselhos práticos para a vida e mesmo alguns conselhos de beleza e comportamento.” (O Jovem Luterano, jan. 1957, p. 12). Logo, ficam evidentes as observações de Albrecht (2019) sobre a existência de discursos e normativas socialmente construídas que entrelaçavam o espaço social e o religioso, em que a mulher era percebida como sendo a responsável pelo domínio doméstico, como aquela que zela pela educação e higiene dos filhos, pela organização e funcionamento da casa. Trata-se de “uma construção social delimitada por fatores entendidos em determinadas sociedades como atividades adequadas a cada sexo, podendo ainda ser compreendida como uma maneira de naturalizar certos comportamentos sociais” (Albrecht, 2019, p. 175).

Com relação aos deveres no casamento, a revista “O Jovem Luterano” observa que era necessário o marido prover o sustento da casa, e caberia à esposa retribuir “o cuidado e a proteção que lhe é oferecido, transformado o lar em um ambiente aprazível”

¹²¹ De acordo com a legislação do período, as escolas complementares tinham com finalidade formar professores para escolas primárias. Nelas eram desenvolvidos conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946.

(O Jovem Luterano, ago. 1958, p. 11). Complementa, ainda, que para o sucesso do matrimônio, a mulher deveria estar disposta a ser mãe: “É a vontade de Deus. Tem sobre si a responsabilidade de dar à luz aos filhos, criar e educar os mesmos” (p. 11); invocando assim os “tradicionais arranjos sociais dos gêneros” onde as características biológicas são acentuadas. Delegando ao “homem as atividades públicas [...] e as mulheres as atividades privadas, do cuidado e educação das crianças, dos serviços domésticos e da manutenção da família” (Louro, 1994. p. 36).

“O Jovem Luterano”, como argumento retórico, procurava dirigir-se às moças como alguém muito próximo, a quem estava ali para aconselhar e orientar tanto o ser como o fazer:

Amiga! Procura tirar dessas páginas o que te puder ser útil, agora ou na sua vida futura como dona de casa ou mãe. Lembre-se que é a mulher que deve dar o bom exemplo- no lar, na comunidade e na sociedade – tanto na educação como na apresentação exterior como nos modos de agir (O Jovem Luterano, nov. 1958, p. 12).

Percebida como agentes de um modelo de vida e comportamento cristão, era importante que a mulher fosse uma referência como esposa, mãe e educadora da infância dos seus filhos e moderadora da moral e dos bons costumes. A revista entendia que a moça, assim como a mulher, tinha o poder de influenciar a conduta e os hábitos das pessoas com as quais ela convivia. Assim, a dignidade feminina deveria manifestar-se em ações e influências dignas, caridosas e positivas (O Jovem Luterano, mai. 1969).

É observado, também, que para o sucesso do matrimônio a mulher deveria estar disposta a ser mãe, pois, “[...] é a vontade de Deus! A mulher, tem sobre si a responsabilidade de dar à luz aos filhos, criar e educar os mesmos” (O Jovem Luterano, ago., 1958, p.11). Todavia reconhecem que existiam “casais que não podem ter filhos, porque Deus não lhes quer dar” (Idem, p. 11). Porém, aqueles que por capricho viessem a negar a maternidade e ou a paternidade estariam desprezando uma herança de Deus. Pois os filhos, além de completarem a felicidade do lar, aproximavam o casal.

Havia, assim, uma supervalorização da maternidade que era posta como uma missão.

Se ao pai cabe assegurar as condições materiais de existência da prole, dar apoio, proteção e defesa orientar os filhos em grandes decisões e assegurar-lhes a devida instrução. À mãe compete como todos sabem, prodigalizar, nos primeiros anos, os cuidados de alimentação e higiene, o aprendizado dos primeiros hábitos sociais e, sobretudo o carinho, o afeto e a ternura de que cada pequerrucho precisa para superar sua enorme sensação de invalidez (O Jovem Luterano, mar./abr. 1966, p. 21).

Os discursos acerca da maternidade normatizavam alguns procedimentos e condutas com relação à educação dos filhos. Cabia à mãe cuidar da formação física e da transmissão de valores aos filhos. Através da conduta e dos hábitos, as mulheres iriam induzir modelos de comportamento entendidos como adequados para uma sociedade cristã.

Por se tratar de uma revista para jovens, cabe aqui observar as ponderações realizadas por Elaine Müller (2004) com relação à reprodução de certos comportamentos sociais. Para a autora, não se deve negligenciar a existência de uma construção social historicamente orquestrada com diferentes regras de comportamento para homens e mulheres. Considerando o campo das relações sociais, os jovens acabam reproduzindo um modelo tradicional de relações de gênero para poderem ser socialmente aceitos dentro desta constelação de valores e atitudes que reafirmam de forma constante que as exigências sociais são diferentes para moças e rapazes: “Espera-se que a menina tenha um cuidado redobrado com seu próprio corpo e que se comporte dentro dos padrões de conduta previstos para a futura mulher / esposa / mãe [...] andar na linha para não ficar falada” (Fraga, 2000, p. 91). Enquanto que do menino são esperadas virtudes viris pertinentes à masculinidade tradicional.

A garota perfeita para se casar seria aquela que não fosse “intelectual nem esnobe e social demais”. No entanto, ela deveria ser “[...] dócil, compreensiva, saber ser feminina e estar disposta a compartilhar sentimentos e auxiliar seu marido”. (O Jovem Luterano, out. 1969, p. 11). Resumindo, essa foi a opinião de alguns rapazes jovens quando questionados pela revista sobre qual seria a garota ideal para o casamento. Por outro lado, as jovens ponderaram que o rapaz ideal para se casar deveria ser alguém “[...] maduro, com caráter, um parceiro afetuoso, compreensivo, honesto, culto e capaz de administrar um lar” (O Jovem Luterano, nov./dez. 1969, p. 13). Neste caso, as reflexões de Müller (2004) de que as percepções de gênero são resultantes das interações constantes com seus pares são pertinentes e permitem entender que tais discursos são

produtos de uma construção social que classifica os indivíduos com base em atributos estéticos, físicos e comportamentais. As condutas corporais estão fortemente amarradas por uma construção arbitrária dos sentidos que são lapidados por um processo cultural que lhe dá a forma requerida (Fraga, 2000).

A figura a seguir trata-se do recorte de uma ilustração alusiva ao dia das mães presente na revista “O Jovem Luterano” de maio de 1955, e ilustra muito bem o tipo de comportamento estético, moral, cuidadora do lar e mãe de família ideal para os padrões sociais da época.

Figura 27 – Homenagem ao dia das mães.



Fonte - revista “O Jovem Luterano”, maio. 1955. p. 1.

A figura é fortemente influenciada pelas normas sociais e culturais da época, que valorizavam a figura feminina como responsável pelo cuidado da família, da casa e pela manutenção da moral e dos valores tradicionais. Não sendo um aspecto isolado do contexto temporal e social estudado, manifesta-se também em outras instâncias da sociedade com orientações mais conservadoras. Na revista “O Jovem Luterano”, as

mulheres eram incentivadas a desempenhar papéis específicos a elas atribuídos, que incluíam a dedicação ao lar, à educação dos filhos, ao apoio ao marido e à manutenção da ordem e da harmonia doméstica. A mãe era vista como a guardiã do lar e como a principal influência na vida emocional e espiritual dos filhos.

O comportamento socialmente desejável perpassava também por interesses ligados à saúde e à dignidade humana (Elias, 1993). Elegância estava diretamente ligada ao comportamento, logo não era errado a mulher cuidar da sua aparência visual, mas era essencial saber portar-se bem, não era a beleza natural, nem a formosura que tornariam a moça digna e sim o seu caráter (O Jovem Luterano, jan./fev. 1959); mais importante que o saber se vestir era saber se comportar. Era preciso evitar os exageros e tomar cuidado com algumas práticas corporais que poderiam vulgarizar a mulher e gerar escândalos na sociedade. A revista observa que:

A moça, bem como a mulher, é dotada de um tremendo poder de influenciar a conduta e os hábitos das pessoas com a qual ela vive e trabalha. A verdadeira dignidade feminina se manifestará em ações e influências dignas, caridosas, positivas (O Jovem Luterano, jan. 1971, p. 13).

Os discursos veiculados pela revista são repletos de recomendações e dicas de como a mulher deveria se comportar na época, exprimindo claramente uma necessidade de educar o corpo para a vida social (Teixeira, 2023). Isso incluía também as vestimentas, conforme carta circular publicada pelo arcebispo católico do estado do Ceará e reproduzido pela revista “O Jovem Luterano” em janeiro de 1941, falando sobre o “escândalo das modas”. Diz a circular:

Outrora eram as mães os anjos da guarda do pudor de suas filhas. Hoje são elas próprias que destroem esse sentimento tão feminino e tão cristão, sem o qual a mulher se torna desprezível. Os vestidinhos das meninas são hoje tão curtos, que não merecem mais o nome de vestidos. Acostumados assim a andarem sem roupa, que pudor terão mais tarde essas pobres criancinhas? (O Jovem Luterano jan. 1941, p. 15).

A republicação da carta de um arcebispo católico deixa evidente a unificação do pensamento das instituições religiosas com relação ao comportamento feminino. A mulher deveria ser um exemplo tanto no agir como no vestir. Da mulher era esperado “o recato, a reserva e a decência no andar, no vestir, no modo de se pintar, de olhar e se

comportar” (Fraga, 2000, p. 91). A moralidade feminina era vista como fundamental para a preservação da reputação e da honra da família, bem como para a transmissão de valores éticos e religiosos às gerações futuras.

Com relação às boas maneiras e regras de etiqueta na rua, a revista observa que:

A rua não é uma sala e pertence a todos [...] se na rua um desconhecido lhe dirigir a palavra, galanteios ou procurar acompanhá-la não de escândalo, nem chame a atenção de todos. Responda sem grosseria e mude até de calçada se necessário for afim de afastar o inconveniente (O Jovem Luterano, abr./mai. 1959, p. 9).

A moralidade e o comportamento estavam atrelados a ações de juízo e valor que se desvelavam nas relações de uns com os outros. Não era de bom tom a mulher fazer escândalos em público, mas a sociedade também não via com bons olhos ela ser cortejada na rua. As orientações práticas de etiqueta recaiam assim sobre o comportamento da mulher, que deveria saber se resguardar. O desenvolvimento dessas regulações comportamentais caminha, na visão de Elias (1993), entrelaçado a um processo de normas reguladoras que são culturalmente redefinidas e reavaliadas na prática cotidiana da vida em sociedade.

Nesse contexto, é possível observar que a educação dos corpos juvenis e a orientação para o casamento na revista “O Jovem Luterano” não apenas refletia os valores e as normas culturais presentes na época, mas também eram fundamentadas em princípios éticos e morais aliados a uma perspectiva cristã a respeito do corpo, do amor e do compromisso conjugal.

Diante disso, o capítulo a seguir irá discutir a relação da Igreja com o controle do corpo e das relações afetivas por intermédio da mobilização de mecanismos de sociabilidade que tinham o intuito de orientar e disciplinar as práticas corporais e afetivas dos jovens luteranos.

5 – A sociabilidade juvenil no controle do corpo e das relações sociais e afetivas

O sociólogo Norbert Elias, em sua obra "O Processo Civilizador" (1993; 2011), define sociabilidade como um processo complexo de desenvolvimento social que envolve a regulação e a internalização de normas e comportamentos coletivos. Segundo o autor, a sociabilidade refere-se à capacidade dos indivíduos de se relacionarem uns com os outros de maneira civilizada, baseada em regras de conduta, etiqueta e autocontrole. A sociabilidade é vista por ele como um processo de civilização, no qual as interações sociais são gradualmente normatizadas e uniformizadas, culminando em um refinamento e contenção dos impulsos pessoais em prol da convivência em sociedade. Isso ressalta a relevância da sociabilidade na formação das estruturas sociais e na edificação de uma ordem social mais complexa e estruturada, em que as relações interpessoais são mediadas por normas e valores compartilhados.

O tempo social seria assim, na visão de Elias (1993), orientado por uma teia configuracional de interdependência social baseada em um *habitus* que a sustenta e a organiza. Essas concepções permitem pensar a mobilização da sociabilidade juvenil luterana como um *habitus* religioso (Bourdieu, 1989) sustentado por conjunto de práticas, comportamentos e valores éticos, morais e religiosos luteranos que configuravam uma identidade luterana. No caso específico, o "*habitus religioso*" que configura essa identidade estava profundamente enraizado nos princípios teológicos e nas práticas da tradição luterana, que foram estabelecidos por Martinho Lutero e pelos reformadores protestantes no século XVI.

Assim, esta seção está focada em analisar como a juventude luterana, com o auxílio da revista "O Jovem Luterano", coordenava e direcionava a interação social de seus jovens através da organização e realização de eventos sociais, além de incentivar a prática de atividades esportivas, musicais e teatrais. O objetivo era oferecer a eles ambientes de convivência baseados em valores e princípios cristãos, promovendo o fortalecimento da identidade e integração na comunidade de fé.

Para isso, este capítulo dedica-se, primeiramente, a analisar algumas estratégias educacionais e comunitárias divulgadas na revista "O Jovem Luterano" com o objetivo de influenciar a interação social dos jovens e guiar suas experiências sociais e afetivas. Além disso, explora como essas abordagens de socialização eram articuladas pelos jovens nos espaços juvenis, assegurando uma certa liberdade sem desrespeitar as diretrizes da Igreja. Em um segundo momento, traz uma discussão de como a Igreja utilizava a música e o teatro para fomentar a interação social e comunitária entre os jovens luteranos.

5.1 – A pedagogia da sociabilidade juvenil na formação do comportamento luterano

Nascida de um acordo firmado entre o Sínodo Missouri e a *Waltherliga*, como era chamado o agrupamento dos jovens ligados à referida instituição religiosa, a revista tinha entre as suas principais motivações “oferecer instrução e entretenimento a todos os jovens” (*Waltherliga Brasilians*, dez. 1928, p. 1). Era pretensão da Igreja promover programas para instruir a juventude nos princípios da instituição e preservar os jovens das “armadilhas mundanas” (*Der Waltherliga-Bote*, abr. 1929).

Nota-se, então, que havia uma mobilização por parte da instituição em influenciar a sociabilidade dos jovens luteranos. A motivação era auxiliar os jovens a manterem o juramento de fidelidade a Deus feito no momento de sua confirmação e contribuir para que eles continuassem dentro dos muros da Igreja através de atividades recreativas e divertimentos que não ofendessem a religião e dignificassem o jovem perante Deus e a sociedade.

Para centralizar a vida da mocidade na Igreja, não bastava apenas proibi-los de acompanharem os divertimentos do mundo, era preciso oferecer a eles algo para suprir o desejo legítimo e natural da juventude de se divertir (O Jovem Luterano, set. 1946). No entanto, era indispensável oferecer aos jovens oportunidades para que socializassem no espaço da Igreja. Isto é, oportunizar o estabelecimento de redes de sociabilidade no interior da comunidade (Helfenstein, 2014). Entendia-se que as relações sociais estabelecidas dentro da esfera religiosa refletiam na vida dos jovens fora dos portões da Igreja e traziam benefícios futuros às congregações.

Compreende-se que a instituição luterana em questão tinha a pretensão de, por meio das recomendações do periódico “O Jovem Luterano”, controlar as vaidades e liberdades mundanas de seus jovens e adolescentes. E, por conseguinte, influenciar as suas relações sociais e afetivas, através de publicações direcionadas a moldar comportamentos juvenis segundo as recomendações da Igreja Cristã Luterana. Eram práticas discursivas culturalmente elaboradas e sustentadas por uma força institucional, que por sua vez orientava a reprodução cotidiana, na qual o jovem, para poder ser reconhecido como parte integrante daquela sociedade em específico, precisava se adaptar a certos padrões sociais observados como importantes para aquele grupo social. Logo, a revista “O Jovem Luterano” cumpria esse papel de modelar o jovem com base em tradições institucionalizadas, (Elias, 2011).

Dentro dessa linha de pensamento, observaram-se algumas discussões recorrentes na revista que permitem pensar o impresso como um projeto socioeducativo voltado à aprendizagem de saberes entendidos como “necessários” para as vivências sociais e coletivas da juventude luterana. A revista não se omitia em discutir temas contemporâneos à faixa etária para a qual se dirigia, porém abordava esses assuntos dentro de uma perspectiva cristã luterana.

Por exemplo, a participação dos jovens e adolescentes em atividades culturais, esportivas e recreativas era frequentemente debatida. O conteúdo do impresso não proibia que os jovens participassem dessas atividades, mas procurava orientar seu comportamento nesses eventos. No exemplar de janeiro de 1947, observa-se a seguinte orientação: “A recreação constitui, sem dúvida, uma necessidade para todo o ser humano [...], porém tudo o que o cristão participa e ou faz deve contribuir para a glória de Deus e para o bem do próximo” (O Jovem Luterano, jan. 1947, p. 4).

Dessa maneira, são perceptíveis as interlocuções construídas entre as vivências diárias dos jovens e adolescentes leitores da revista e a ética cristã luterana e seus significados. Com base em Bourdieu (2011), pode-se entender esses modos de conduta como inculcados nos indivíduos por meio de disposições internas da família, Igreja e revista, formando um filtro subjetivo para as experiências socializadoras. Essas disposições se refletem em propensões de pensamento, sentimento e ações cotidianas.

A revista buscava orientar todos os espaços de vivência dos jovens, inclusive sobre os divertimentos deste mundo. São apresentadas dicas de comportamento e de lugares propícios para serem frequentados pelos jovens luteranos, ressaltando espaços que deveriam ser evitados para que a imagem do jovem não fosse desacreditada perante a sociedade e o nome de Deus desonrado. Tal averiguação pode ser observada/corroborada no exemplar de nov./dez. de 1940, em que são apresentados “os princípios para o julgamento dos divertimentos”:

Nem um divertimento deve ofender o próximo. Nenhuma diversão é correta se prejudicar o próximo. Por essa regra o jogo de azar que traz a ruína do que perde é uma diversão pecaminosa.

Nenhum divertimento deve prejudicar o nosso corpo correndo para a sua destruição. Aqui está condenado todo o vício, a imoderação dos esportes, o alcoolismo ou outro atentado qualquer contra o nosso corpo que é o templo do espírito santo.

Nenhum divertimento deve prejudicar a nossa alma. Aqui estão condenados os prazeres imorais. As danças livres, os cabarés, as farras carnavalescas e muitos outros prazeres pecaminosos. Qualquer diversão que atente contra a alma é um pecado.

Nenhum divertimento deve ser feito com excesso. O mais puro nobre e útil divertimento, quando absorve toda a vida quando prejudica o trabalho, o estudo, quando rouba o tempo, à religião, torna-se um fanatismo uma fonte de pecado (O Jovem Luterano, nov./dez., 1940, p. 180).

Com bases nesses julgamentos em relação aos divertimentos, a revista buscava frear certas liberdades entendidas como sendo prazeres ilusórios, que poderiam até proporcionar alegrias momentâneas, porém visavam vantagens pessoais, ofendiam o próximo e satisfaziam os apetites inferiores da natureza humana. Seriam assim momentos de satisfação à custa dos males futuros. Em contrapartida, ressalta que o verdadeiro divertimento é aquele que não se transforma em mal, mas que é sempre uma fonte de felicidade (O Jovem Luterano, nov./dez., 1940).

As orientações da revista buscavam dividir os divertimentos em lícitos e ilícitos. Segundo a revista, os jovens cristãos poderiam e deveriam se divertir, pois além de ser uma ótima forma de fazer amigos, a diversão faz bem à saúde, alivia a tensão da rotina cotidiana e também poderia ser uma oportunidade de testemunhar o amor de Deus para as pessoas. Assim, observam que:

[...] podemos nos divertir com esportes, com jogos domésticos, como corridas, atletismo, ginásticas e demais divertimentos próprios para o ar livre, como

anedotas espirituosas e boas, como música, comédias, teatro saudável, leituras de bons livros e uns cem números de diversões puras. A palavra de Deus é clara quanto as diversões: tudo o que é puro, tudo o que é de boa fama, tudo o que dignifica o homem seja isso a vossa preocupação (O Jovem Luterano, nov./dez. 1940. p. 180).

É notório que a revista não condenava a diversão, mas sim algumas formas de divertimentos. As orientações observam que o jovem cristão deveria optar por diversões que agradassem a Deus, que não fossem motivo de tropeço para Ele e nem um mau testemunho para o próximo. Assim, orientavam o jovem a cercar-se de amizades que poderiam ser uma boa influência para ele:

A sociedade de jovens da igreja é o círculo de amizade que devemos procurar. A amizade dos irmãos e irmãs na igreja deve ser a causa mais desejada incondicionalmente a nossa vida é determinada por essas rodinhas de amigos que constituem o nosso círculo da vida. Assim como a escola e a família formam os hábitos e a educação, assim também a rodinha dos amigos formam em nós os nossos ideais e nos dá forte inspiração (O Jovem Luterano, ago. 1943, p. 118).

A União Juvenil era percebida pela Igreja como o espaço socializador ideal para os jovens desenvolverem uma rede de inter-relacionamentos. Além de criar possibilidades de convivência entre jovens luteranos, era também objetivo das Uniões Juvenis aprofundar as amizades entre aqueles que comungavam dos mesmos princípios religiosos.

Em tal ambiente iriam formar um círculo de amizade com pessoas que teriam as mesmas convicções religiosas, o que era visto como um fator positivo para o crescimento da instituição. Corroborando com tais observações, Perondi (2008) ressalta o potencial das amizades construídas nos grupos juvenis que, segundo ele, extrapolam os limites do institucional, tecendo relações que são para vida toda. Argumentos estes que são referendados pela narrativa da dona Iria (2023), ao que esta frisa que “a principal coisa que levo da juventude são as amizades lá construídas e que se mantiveram”.

Em concordância com tais afirmativas, a revista “O Jovem Luterano” pondera que “um amigo precisa ser escolhido com muito cuidado e vagarosamente devido a influência significativa que pode ter na nossa vida” (set, 1966, p. 16). Era preciso certificar-se de que ambos compartilhavam dos mesmos princípios e valores. Interagir com pessoas que apresentassem comportamentos e um estilo de vida desconforme com os princípios cristãos poderia levar o jovem luterano a desviar-se das suas convicções éticas, morais

e religiosas. Considerando em Elias (2011) que o comportamento é socialmente aprendido como o grupo de referência social, existia na visão da instituição provedora da revista o perigo de o jovem luterano ser inconscientemente influenciado pelo amigo que não compartilhasse das mesmas convicções. Tão logo, as publicações da revista orientam ter cautela na escolha dos amigos.

Sabia-se que a amizade é o relacionamento mais importante, simplesmente porque está presente em todos os relacionamentos, sendo a base do bem-estar mental e espiritual. Por isso em tal âmbito a revista orienta que

O homem necessita de amigos para poder gozar a vida. Uma vida sem amizades é oca e vã. Não é bom que o homem esteja só. O alto valor da amizade é universalmente reconhecido. De fato, a amizade é a única coisa que o mundo inteiro tem por útil e benéfico. [...]. Um amigo fiel vale mais do que ouro. Todo amigo ao mesmo tempo atrai e segue o amigo. O amigo entra quando todos os outros saem. A amizade possui a habilidade e a circunspeção do melhor médico, a vigilância e a prudência da melhor enfermeira, e a ternura e a paciência da melhor mãe. (O Jovem Luterano, dez. 1946, p. 179-180).

O discurso da revista não somente reconhecia o valor de uma verdadeira amizade, como ponderava que talvez fosse mais fácil experimentá-la do que descrevê-la:

As amizades se baseiam e se governam pelas emoções e para estas faltam razões e definições [...] A amizade se cria, cresce e se desenvolve. Mas deve ser cultivada para se conservar e crescer. A indiferença em pouco tempo destrói a amizade. [...] para conservar um amigo devemos defendê-lo contra o mal dizer do inimigo, nunca revelar os seus segredos a ti confiados, e perdoar de coração as suas faltas. (O Jovem Luterano, dez 1946, p. 181).

Uma amizade cristã deveria ser pautada na edificação de virtudes e valores atrelados ao caráter e respeito ao semelhante, tornando a afeição mais próxima do ideal cristão defendido biblicamente. Ressalta-se que “as amizades nunca devem impedir-nos do exercício do nosso cristianismo. Só podemos manter amizades fora da nossa igreja, quando tais amigos respeitam a nossa fé” (O Jovem Luterano, dez 1946, p. 181). Consequentemente, não era bom para o jovem luterano cultivar amizade com quem colocava obstáculos entre ele e sua fé. Por outro lado, observa-se que

Uma bela faceta do caráter de uma pessoa é a virtude da amizade. A amizade é a sublimação da compreensão da solidariedade e confiança recíprocas. De preferência ela faz sua habitação nos comportamentos mais nobres do espírito, pois amizade traduz afeição, benevolência, estímulo encorajamento, sinceridade,

constância, apreciação, reconhecimento, cooperação sadia e dedicação espontânea. Só nessa elevada esfera pode a amizade resistir à ação do tempo e sobrepujar as intempéries da existência [...] quantas pessoas escapam de fracassos na vida por encontrarem um braço amigo. (O Jovem Luterano, jan. 1962, p. 12).

Ter um amigo era visto como um estímulo para a juventude, por isso entendia-se importante selecionar o tipo de amizade que se cultivaria. Assim, o jovem luterano deveria evitar círculos de amizades que viessem a prejudicar o seu progresso na santificação e que envergonhassem o nome da sua família perante a Igreja e a sociedade. Logo, recomenda-se aos jovens que evitassem contrair amizade com pessoas adeptas à libertinagem, ao consumo de bebidas alcoólicas, que utilizassem palavreados imorais e frequentassem cabarés, pois consideravam que “as más companhias corrompem os bons costumes” (O Jovem Luterano, ago. 1943, p. 119). Segundo as orientações propostas na revista:

Ser jovem representa saborear de um modo positivo e sadio os quitutes que a vida nos oferece. Isto não significa que vamos acompanhar esta juventude histórica e fraudulenta que tenta firmar sua base de vida em princípios obscuros e pervertidos, que dia a dia levam muitos adolescentes para um viver absurdo e degenerado, que cada vez mais se imiscui nas entranhas da perversão moral. (O Jovem Luterano, ago. 1967, p. 3).

Observa-se, novamente, que a diversão deveria fazer parte da rotina dos jovens e que era preciso programar esses momentos de lazer e sociabilidade e investir neles. Porém, os jovens cristãos deveriam apresentar comportamentos que os diferenciasssem daqueles que apresentam manifestações contrárias as suas convicções e valores morais e éticos.

O texto da revista argumenta, ainda, que não estavam proibindo os jovens de fazer amizades com pessoas que não eram cristãs ou que eram de outra religião, mas que como cristãos eles deveriam seguir o ensinamento que receberam durante o ensino confirmatório, para não serem corrompidos por práticas erradas. Entendia-se que passar muito tempo com más companhias poderia levar os jovens a adquirirem maus hábitos. Dessa maneira, qualquer amizade fora do espaço de controle da Igreja era vista como uma ameaça à vida espiritual dos jovens e poderia levá-los a desviarem-se do luteranismo. Essa regulação de uma rede de relações para sociabilidade da juventude luterana caminha, na visão de Elias (2011), entrelaçada a um processo de distinção social

e de interdependência funcional mediado por uma reflexão sobre as singularidades dos hábitos de comportamento.

A revista observa que a juventude é um constante período de transformações, de mudanças no corpo, de muitas descobertas, época em que se descobre o amor, época de encontrar o(a) parceiro(a) com quem vai dividir o resto da sua vida, entre outras alegrias. Porém, ressalta que esse também é o período que muitos jovens passam por conflitos existenciais e ficam mais suscetíveis a influências externas, como alcoolismo e o tabagismo. Por isso, chama a atenção dos jovens leitores sobre como e onde buscar os seus verdadeiros amigos, e, principalmente, a evitar círculos de amizades onde está presente o consumo abusivo de bebidas alcoólicas e do tabagismo (O Jovem Luterano, fev. 1954).

[...] a embriagues que depende da quantidade de álcool que se introduz no sangue, se manifesta quando essa quantidade atinge a um décimo por cento do sangue. Com mais meio décimo por cento a coisa começa a revestir-se de gravidade e aos dois décimos os membros do ébrio dificilmente poderiam ser dominados. Aos dois e meio décimos a maioria seria incapaz de qualquer ação. E aos seis décimos todo bêbado encontra-se as portas do delírio (O Jovem Luterano, ago./set. 1953, p. 117).

Ao apresentar em porcentagens os efeitos que o consumo excessivo de bebida alcoólica exerce sobre o corpo humano, a revista chama a atenção dos jovens para que evitem o consumo de bebidas alcoólicas “para que não seja ela uma pedra de tropeço para vocês caírem na fé e gerar mau testemunho” (O Jovem Luterano, ago./set. 1953, p. 117). Logo, o comportamento social desejável para um jovem luterano perpassava também por interesses ligados à saúde e à dignidade humana (Elias, 1993). A ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, além de causar transtornos à saúde o levaria a perder a sua dignidade e o respeito das pessoas. Assim, não era de bom tom que um jovem luterano fosse visto embriagado.

Outra preocupação da revista com relação ao consumo de bebidas alcólicas é que elas geralmente eram a porta de entrada para o tabagismo e uso de outras drogas¹²². Na busca por frear a entrada de tais malefícios nas sociedades juvenis luteranas, a revista forma alianças com outras entidades ligadas à saúde, como SNES, através de artigos

¹²² Em julho 1970, a revista apresenta os principais tipos de drogas, seus efeitos e consequências para a saúde e para a sociedade (O Jovem Luterano jul., 1970).

que chamavam a atenção para os males que o consumo desses entorpecentes fazia para a saúde:

O fumo não ataca o organismo rapidamente, mas o faz aos poucos, sorrateiramente, sem que o fumante o perceba. Assim o fumo atua como um verdadeiro “agente da quinta coluna¹²³” contra a saúde. Não se fia nas aparências, combata radicalmente um dos inimigos da saúde abandonando de vez o vício de fumar (O Jovem Luterano, fev. 1954, p. 16, grifos nossos).

Os efeitos prejudiciais que o consumo de bebidas alcoólicas e o tabagismo causam à saúde dos indivíduos estavam entre os temas expostos pela revista. Muitas vezes esse consumo era associado pela revista às “más companhias!” (O Jovem Luterano, ago. 1943, p. 119). Por isso, o periódico visava cumprir dupla função: não apenas a de orientar os jovens sobre os danos que o consumo exagerado desses entorpecentes poderia causar a sua saúde física, mas principalmente a de resguardar a imagem do jovem luterano perante à sociedade. Assim, os textos alertam os jovens para que “não se deixem influenciar por pensamentos relativistas que ferem a moral cristã e os distanciam do verdadeiro Deus” (O Jovem Luterano, ago. 1943, p. 120).

O comportamento socialmente desejável para o jovem luterano era colocado pela revista como uma questão de autocontrole, fazendo com que a escolha do indivíduo resulte desse “livre arbítrio”: “A decisão última sempre permanece com cada jovem cristão individualmente. O cristão tem liberdade com responsabilidade, condicionada e dependente a vontade do seu criador”. (O Jovem Luterano, jun./jul., 1969, p. 8). Porém:

O cristão sempre deve guardar em sua memória o fato de que os outros estão observando os seus procedimentos. Também nas horas de folga tudo o que o cristão faz, deve refletir a sua fé. O mundo há de julgar a qualidade de nosso cristianismo pela recreação que procuramos (O Jovem Luterano, jan./fev. 1955, p. 2-3).

Segundo a revista, os modos de conduta do jovem luterano e os espaços de sociabilidade por ele frequentados exercem influência sobre as outras pessoas. Nesse sentido, Elias (1993) observa que existem formas particulares de entrelaçamento social

¹²³ Originalmente, a expressão “quinta coluna” teria surgido durante a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) e se referia ao grupo de indivíduos que atuava clandestinamente em favor de uma nação inimiga, traíndo a sua pátria ou sua organização. A expressão se popularizou internacionalmente durante a Segunda Guerra Mundial. Ver: FGV CPDOC. Portal eletrônico. Brasil. Online. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna. Acessado em 19 maio, 2022.

que se orientam impelidas por suas tensões pessoais no sentido de criar situações propícias às transformações sociais. Ou seja, através da conduta e dos hábitos, os jovens luteranos iriam induzir modelos de comportamento entendidos como adequados para uma sociedade cristã.

Tão logo, era preciso fugir dos desejos da mocidade. Assim, observa-se que:

A frequência do baile, onde os desejos da mocidade, os impulsos sexuais, são excitados e, em parte, satisfeitos, abraçando-se nas danças homens e mulheres, moços e moças que não o devem fazer. [...] a sensualidade de concupiscência e o apetite desordenado são o motivo profundo e real pelo qual os bailes são frequentados. E estas concupiscências carnaís combatem contra a alma, abafam a fé e sufocam a vida espiritual, como os espinhos a boa semente, arrastando os homens corporal e espiritualmente à ruína a desgraça e a perdição eterna. Muitas vezes já pela frequência do baile foi dado o primeiro passo rumo à prostituição a toda a espécie de imundícias, pecados e vícios secretos contra o sexto mandamento (O Jovem Luterano, out. 1946, p. 155-156).

Entre as “atrações mundanas”, o baile figurava como um dos principais e mais perigosos gatilhos que poderiam levar o jovem a abandonar, total ou parcialmente, a sua Juventude e os cultos. Por isso, é ressaltado no periódico que muitos jovens, por julgarem o baile um simples divertimento, acabaram caindo em sua fé se deixando levar por imagens e impressões imundas que esses espaços propiciavam. A revista observa ainda que educadores teriam constatado que:

a influência sofrida por muitos filmes é ruinosa para os jovens em épocas formativas de seu caráter. Mais desmoralizador ainda é a promiscuidade das salas de baile e das casas de jogos de azar. Onde o uso excessivo do tabaco e das bebidas inebriantes dispõem os jovens a uma vida desregrada e imoral. Entretanto os maiores estragos são causados por amigos devassos e falsos. Quantos meninos e meninas, filhos e filhas de pais honestos tem sido arrastado para o caminho da perdição pelos afagos e engodos de companheiros desleais e sedutores (O Jovem Luterano, mar./abr., 1942. p. 34).

Conforme observado no texto, existiam ambientes, situações e amizades comprometedoras que deveriam ser evitadas ou avaliadas com muito cuidado, pois favoreciam os maus pensamentos, estimulavam o consumo de entorpecentes e consequente a frouxidão moral, levando o jovem a perder a dignidade perante Deus e a sociedade. Nesse viés, os

Jovens cristãos deveriam resguardar-se cautelosamente de influências perigosas da juventude descrente. [...]. Nem se deixar empolgar por exemplos dos hippies,

beatniks, tropicalistas ou pelos conselhos dos Beatles, dos Mutantes ou do Roberto Carlos (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969, p. 5).

A revista sempre externou a preocupação da Igreja em relação aos ambientes sociais frequentados pelos jovens luteranos. Pode-se afirmar que, em razão disso, estava sempre atualizada em relação aos acontecimentos e movimentos sociais, não somente noticiando o fato como também expondo o seu parecer. Assim sendo, a efervescência cultural e social provocada pelo movimento juvenil da contracultura¹²⁴ foi abordada e criticada pela revista: “Deixa-se claro que não é contra a cultura, uma vez que ela faz parte da criação de Deus” (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969, p. 5). Buscava, assim, deixar claro o seu posicionamento contrário ao movimento juvenil liderado por jovens intelectuais, principalmente artistas, que incitavam os jovens a confrontarem os padrões sociais vigentes e institucionalizados. Em especial, julgava a ideia do amor livre, indicando que esta ia contra os valores morais e comportamentais que eram defendidos e reafirmados pela Igreja. Chamava a atenção dos jovens para não se deixarem influenciar com “certos ritmos musicais como o iê-iê-iê”, que entorpeciam os sentidos espirituais e favoreciam pensamentos carnavais (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969).

Para o jovem manter uma boa higiene mental era preciso se afastar de lugares que o levariam à impureza de pensamentos e ações como essas: “Foge do baile e das imoralidades decorrentes”, palavras proferidas por um pastor em entrevista publicada pela revista “O Jovem Luterano” em jul./ago., de 1960. “Não procuro condenar os que frequentam o baile e dançam, porém, alertar para os perigos que esse tipo de divertimento que chamam de ‘inocente’ pode provocar” (p.20). Para ele, o principal problema era o contato físico da dança, que poderia estimular pensamentos e ações indecorosas por parte dos jovens.

As memórias de boa parte dos entrevistados convergem nesse sentido, ao afirmarem terem evitado frequentar o baile por orientação do pastor. Para a entrevistada Loni (2022): “a maioria dos jovens buscava evitar ir em divertimentos não recomendados pela igreja, isso era muito condenado pelos pastores, principalmente o baile, então eu nunca fui num baile, meus pais também não deixavam”; Mario também testemunha que:

¹²⁴ A contracultura foi um movimento de contestação aos padrões culturais estabelecidos pela sociedade da época, responsável por moldar hábitos, costumes, valores e tradições, que atingiu o seu ápice no Brasil na década de 1960/70.

“Era desaconselhável o jovem ir a baile. Me lembro de jovens levando bronca de pastor quando ficou sabendo que elas tinham ido num baile” (Mario, 2023). Contudo, é importante relativizar essas afirmações, já que de acordo com Candau (2016), a maneira como desejamos nos apresentar a partir de elementos do passado sempre é moldada pela nossa situação presente ao evocar a memória.

Muitos entrevistados têm laços afetivos com pessoas ligadas à instituição religiosa em questão e/ou mantêm relações de trabalho com a Igreja, o que pode ter levado a que fizessem uma seleção de fatos do passado que considerassem relevantes para sua identidade. Mesmo que afirmem não terem frequentado bailes na juventude, isso não significa necessariamente que não tenham realmente ido, mas sim que optaram por suprimir essa memória para reforçar sua identidade luterana. Conforme notado por Hall (2014), a identidade também está ligada à maneira como os indivíduos se veem, são e desejam serem vistos no ambiente social e cultural em que estão inseridos.

Mesmo sabendo que a Igreja não via com bons olhos certos tipos de entretenimentos, o narrador Alvacir (2023) recorda ter frequentado salões de festa com a autorização dos pais. Ele conta que:

Os mais antigos ali do Passo do Vieira eram contra a ida ao baile. A Igreja e os pastores também eram contra os bailes. Depois, com o tempo, começaram a mudar, passaram a aceitar ir ao baile. Mas era assim: os pais aceitavam o jovem ir no baile, mas domingo de manhã tem que ir no culto; [...] nós todos fomos a baile, mas o pai dizia assim: “o baile é para se divertir, não é para brigar ou se embriagar”. E dizia também: “não me façam sem-vergonhice, tem que respeitar”.

Alvacir destaca que tanto a comunidade quanto a igreja a qual pertencia não aprovavam que os jovens frequentassem festas que misturavam dança, música e bebida, e reforça a vigilância dos pastores para com os fiéis. Por conseguinte, complementa que estas restrições institucionais eram passíveis de negociação e que a frequência ao baile era tolerada, desde que fossem cumpridos alguns protocolos de comportamento social, e que a participação nas atividades da igreja fosse mantida.

Então acredito que ir ao baile não é pecado, depende do teu comportamento, pode até ser uma forma de levar a palavra de Deus, vai que arruma uma namorada e acaba levando ela para a Igreja (risos). Eu mesmo conheci a minha esposa em um baile, e ela era católica e se tornou luterana pelo casamento, gosta da Igreja e se envolve no trabalho da Igreja. (Alvacir, 2023)

Alvacir não somente admite ter frequentado os bailes como apresenta argumentos que tal prática, quando feita de maneira respeitosa, poderia reverter em ganhos à comunidade luterana. Segundo o narrador, a conduta do jovem luterano no baile revelava as orientações educacionais e comportamentais recebidas na instituição religiosa. À vista disso, Alvacir é o único entre os entrevistados que encontrou a sua esposa fora do círculo social da instituição luterana, sendo atraída ao luteranismo por intermédio do matrimônio. Assim, o depoente mostra que a frequência ao baile poderia reverberar em benefício à instituição religiosa. Logo, é possível observar que o indivíduo, mesmo imerso em uma relação de poder, é capaz de atuar sobre o espaço e criar o seu cotidiano, sem necessariamente afrontar a ordem estabelecida (Certeau, 2014).

Para a narradora Darli (2023), a autoridade dos pais na época era orientada pelas normas da Igreja:

Então era muito difícil você ir em lugares que não eram agradáveis aos olhos da Igreja [...]. Papai dizia: em primeiro lugar, “era a juventude e os eventos promovidos pela Igreja”. Até permitia a gente ir nas reuniões dançantes, **para olhar**, mas antes de anoitecer já tínhamos que estar em casa. Eu não podia chegar em casa depois da entrada do sol, porque não era bem visto aos olhos da sociedade uma moça ficar até tarde na rua (grifos nossos).

Essas narrativas sintetizam as memórias da maioria dos depoentes com relação à frequência em bailes. Além de ressaltar o papel do pastor como responsável pela supervisão do comportamento social dos membros da instituição, também é importante destacar a participação dos pais no controle dos espaços de convivência de seus filhos. Na mesma direção, é interessante observar as implicações éticas e morais que a frequência ao baile poderia trazer à vida dos depoentes.

Ao relembrem situações em que jovens desafiavam as recomendações da Igreja e frequentavam bailes, em suas memórias a maioria dos depoentes procuraram seguir as diretrizes da instituição religiosa em relação a esse tipo de entretenimento. Somente o entrevistado Alvacir admitiu ter frequentado os bailes, sob argumento de que tal prática também poderia ser uma possibilidade de difundir o luteranismo. Suas memórias deixam transparecer uma hábil utilização de conjunturas passíveis de intervenção da instituição religiosa em situações favoráveis ao depoente (Certeau, 2014). Já a narradora Darli, apesar de admitir ter frequentado eventos sociais fora dos muros da Igreja, reforça a autoridade do pai no controle da sua sociabilidade.

Fica evidente a partir das averiguações que o jovem luterano deveria evitar se colocar em situações nas quais teria que travar lutas contra a sua própria sexualidade, já que quase sempre seria uma batalha perdida. A dança e o baile deveriam ser evitados, uma vez que o contato corporal promovido por eles aguçava as manifestações da carne, sendo “[...] uma oportunidade especial para excitação sensual e tentação ao pecado. E nós, [...], devemos evitar as oportunidades dá natureza dar evasão as suas paixões caruais” (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969, p. 12). O problema, assim, não era exatamente a dança, mas as reações que os movimentos interlaçados dos corpos poderiam estimular. A revista ressalta que não se tratava de estar proibindo o jovem de se expressar corporalmente, mas que:

É tremenda a acusação contra o baile; ainda assim receio que pais continuarão a ensinar suas filhas a maneira de dançarem uma valsa. A conceder-lhe a liberdade para frequentarem salão de baile e as empurra-las desta maneira, para bem dizer, para a frente no caminho do inferno. Chamou-se a valsa com razão “dança da morte”. Da maneira que hoje é dançada nos salões de baile é um mal em todos os seus movimentos. É uma arma sutil, mas muito eficiente de satanás. Na vertigem da valsa muita jovem abriu mão de todo o recato e ultrapassou da fronteira da virtude e dá vergonha. (O Jovem Luterano, nov. 1957, p. 11).

A revista observa que existiam danças que eram imorais por sua própria natureza, pela maneira como a qual exploravam a sensualidade dos corpos através de movimentos, giros e posturas que atiçavam a lesividade da pessoa. Assim, complementa que:

A igreja luterana condena por razões óbvias a dança mundana (*den weltueblichen Tanz*) Com a palavra “mundana” ela indica que distingue entre dança e dança, entre um baile público, ou de carnaval, onde qualquer pessoa tem acesso, onde se usa, às vezes roupas indecentes, bebe-se fartamente, e entre uma dança na casa dos pais, na festa familiar, sendo convidados apenas alguns amigos e conhecidos [...] é difícil, as vezes até impossível provar que alguém pecou dançando numa festa no lar. (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969, p. 12)

Pondera que as Escrituras Sagradas não condenam a dança e a música, mas o mau uso que o cristão influenciado por sua velha natureza pode fazer delas. Logo, o pecado não estava na dança e sim nas vontades que ela poderia despertar. Era preciso “fugir dos desejos da mocidade” (2 Timóteo 2: 22) para evitar tropeçar no pecado. A revista lembra o jovem de que ele tem a liberdade de escolher, mas que nem tudo convém

fazer. Assim, a música deveria expressar a alegria da alma, e os movimentos da dança deveriam estar ordenados de acordo com a moralidade, excluindo e afastando toda sensualidade, obscenidade e libertinagem de gestos que poderiam levar ao desejo carnal. Ou seja, quando a dança acontecia de maneira decorosa e honesta ela não podia ser condenada (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969).

É pertinente citar Ewald M. Plass (1984) quando este pondera que Lutero fez algumas observações notáveis com relação à dança como recreação. Conforme segue:

No entanto, deve ser lembrado que o reformador nada sabia sobre nossas danças modernas. Ele certamente teria condenado muitos delas e os direcionado de volta para os antros do vício de onde alguns delas vieram. É impossível determinar com precisão a sequência de movimentos em muitas das danças comuns nos dias de Lutero, mas devem ter sido distintamente decentes, pois o reformador condenava todo tipo de dança em que os parceiros circulavam em contato próximo. Ao mesmo tempo que o reformador não desaprovava o contrário, ele reconhecia como um dos propósitos legítimos da dança a criação de oportunidades para os casais se conhecerem sob a supervisão de acompanhantes (Plass, 1984, p. 285, tradução do autor).

O texto manifesta que a dança era usada na época de Lutero para proporcionar uma oportunidade para os jovens se conhecerem para um eventual casamento. Tão logo, Lutero não condenava a dança quando realizada de forma respeitável, quando havia interesse do casamento, porém reconhece que a dança poderia dar evasão às manifestações da natureza e despertar desejos sexuais imorais. O jovem precisaria estabelecer limites de acordo com sua consciência e evitar se colocar em situações que o levariam a pecar.

O impresso observa que para muitos jovens “a dança é o melhor pretexto e oportunidade para eu poder falar intimamente com uma moça” (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969, p. 12). Em resposta ao questionamento, a revista chama os jovens a refletirem sobre a real necessidade de uma dança para se aproximar de uma moça a fim de travar uma conversa mais particular. Se o jovem fosse um bom cavalheiro e demonstrasse sentimentos nobres e respeito pela parte interessada, não lhe faltariam oportunidades para falar com o sexo oposto. Ressalta que a própria União Juvenil oferece ocasiões para que os jovens pudessem se conhecer melhor, entre elas os momentos recreativos na juventude, os passeios, os piqueniques, acampamentos e congressos

juvenis. Sendo assim, “o jovem cristão não pode se queixar por falta de oportunidades para encontrar a sua outra metade” (O Jovem Luterano, jun./jul. 1969, p. 12).

Da mesma forma que orientava os jovens luteranos a não frequentarem determinados estabelecimentos e ou festividades mundanas, existia um trabalho de incentivo às atividades de recreação e divertimento cristão, com espaços dedicados a disseminar programas culturais como teatro, música, congressos, passeios e literatura secular e religiosa, inclusive incentivando os departamentos de jovens a constituírem bibliotecas de uso coletivo. A exemplo disso, em julho de 1935 é reforçada no impresso a relevância das uniões juvenis investirem na *Jugendbibliothek* (Biblioteca juvenil), para que os jovens pudessem ter acesso a uma leitura de qualidade (*Der Waltherliga-Bote*, jul. 1935).

A revista não somente orientava as atividades culturais, sociais e recreativas entendidas como propícias de serem praticadas e frequentadas por jovens luteranos, mas também incentivava e divulgava esses eventos através de relatórios que eram enviados, muitas vezes acompanhados de fotografias, pelos grupos juvenis de diferentes partes do país. No relatório enviado pelo distrito juvenil de Santa Rosa/RS em janeiro de 1946 é revelado que as Juventudes daquele distrito se reuniram em outubro do ano anterior para uma programação de atividades recreativas com brincadeiras e folguedos ao ar livre, esportes variados, como futebol, voleibol e atletismo, e uma noite cultural com peças teatrais sacras, folclóricas e canto.

Ainda no mesmo exemplar da revista, a Juventude de Rolante/RS relata que se reúne todos os domingos à tarde para estudar a palavra de Deus, com o auxílio do professor paroquial, e após se diverte com brincadeiras e piqueniques feitos no gramado da igreja (O Jovem Luterano, jan. 1946). A partir de tais práticas, é possível perceber as táticas juvenis sendo introduzidas, criando por conta própria oportunidades de socializar sem deixar de expressar ou sancionar a ordem dominante (Certeau, 2011). Conforme observado pelo narrador Edgar (2023), “a juventude era a tônica socializadora, a nossa vivência juvenil acontecia ali, eventualmente quando não havia reunião a gente se reunia na casa de algum jovem, para brincadeiras de roda, anel, cantar e possíveis namoriscos”.

As duas Figuras 28 e 29, a seguir, acompanham respectivamente os relatórios das Uniões Juvenis de São Paulo/SP e Capão Bonito, Canguçu/RS. São registros que

ilustram atividades e passeios organizados pelas Juventudes para além do espaço da igreja. Em particular, a Figura 28 refere-se a um acampamento que reuniu jovens de quatro uniões juvenis de São Paulo/SP, nos dias de carnaval de 1968, numa das praias do litoral paulista. Já a Figura 29 trata-se de uma fotografia tirada durante um piquenique em beira de arroio, realizado pela União Juvenil de Capão Bonito, Canguçu/RS, em janeiro de 1969.

Figura 28 – Acampamento de carnaval, União Juvenil de São Paulo/SP.



Fonte: “O Jovem Luterano”, abr. 1968, p. 5.

Figura 29 – Passeio de verão, União juvenil de Capão Bonito, Canguçu/RS.



Fonte: “O Jovem Luterano”, abr. 1969, p. 8.

Apesar de desgastadas pelo tempo, é possível observar na Figura 28 um grupo de jovens, moças e rapazes, sentados de forma descontraída em torno de uma tolha com alguns alimentos sobre ela. Ao fundo pode-se notar uma barraca e algumas tolhas estendidas.

Na Figura 29 temos uma foto posada de outro grupo de jovens, moças e rapazes em trajes de banho, sendo que alguns deles estão sentados parcialmente dentro da água e outros sobre rochas. Nota-se que no centro da fotografia a presença de uma senhora que aparenta estar com os cabelos presos e com um vestido florido.

Segundo a narradora Darli (2023), que aparece nesta última fotografia, ao lado de quem na época era seu namorado, hoje seu marido, Edgar, a senhora destacada era a dona Érika Albrecht, esposa do pastor Reinardo Albrecht: “Ela era responsável pelo grupo de jovens da comunidade, além de fazer os estudos com a juventude, ela também acompanhava os jovens durante os passeios”. Logo, é interessante considerar as

recomendações da revista de que “o jovem carece muito mais de direção pessoal do que a idade madura, por isso o pastor deve assistir a sua juventude regularmente tanto no estudo da palavra com em folguedos” (O Jovem Luterano, julho, 1945, p. 105). O texto realça que o mesmo não deve agir como um guarda civil, dizendo o que devem ou não devem fazer, e sim como um amigo, que está ali para aconselhar e consolidar relações de camaradagem. Pode-se assim dizer que a Igreja almejava se fazer presente em todos os momentos da vida dos jovens, influenciando suas emoções e vivências.

Outra coisa a ser destacada na Figura 29 é a diversidade étnica daquela juventude, sendo notória a presença de dois jovens negros na fotografia, um rapaz e uma moça. A esse respeito, a narradora Darli (2023) recorda que apesar de existirem em menor número, havia famílias negras que eram membros ativos na comunidade. Tão logo, cabe observar em Sérgio Luiz Marlow (2006) que, mesmo que de maneira tímida nas primeiras décadas, exceder as fronteiras étnicas e sociais em solo brasileiro sempre esteve entre os propósitos missionários da instituição Sínodo de Missouri. Pode-se citar como exemplo o trabalho entre Luso-brasileiros em Lagoa Vermelha/RS, iniciado em 1918, e a comunidade negra de Manoel do Rego, na localidade de Solidez, Canguçu/RS, em 1919.

Esta última, inclusive, apareceu nas páginas da revista “O Jovem Luterano” de 1941, quando a publicação chama a atenção para o programa recreativo e cultural promovido pelos jovens daquela comunidade. Dentre as atividades, segundo a jovem Maurícia Alves¹²⁵, que assina o texto, o canto em coral se destacava como uma das preferidas da juventude. Segundo ela, a música era a forma escolhida pelos jovens daquela comunidade para se comunicarem, compartilharem emoções e expressarem suas experiências e sentimentos (O Jovem Luterano, jun./jul., 1941).

Para a narradora Darli (2023), que frequentava a União Juvenil de Capão Bonito e integra o grupo da Figura 29, cujo registro ela tem guardado juntamente a outras recordações impressas do tempo da sua juventude, “Esses passeios de confraternização eram muito esperados pelos jovens, a gente passava o dia brincando e se divertindo,

¹²⁵ Maurícia era irmã do pastor João José Alves (1909 -1961), primeiro pastor negro formado pela IELB no Brasil em 1930. O Rev. João José Alves, natural de Solidez município de Canguçu-RS, iniciou a sua carreira pastoral em Porto Alegre e região metropolitana, onde trabalhou por dois anos como missionário. Em 1932 recebeu o chamado para anteder à comunidade de Manoel do Rego, em sua terra natal; anos depois, em 1942, assumiu a comunidade Redenção de Pelotas-RS, onde trabalhou como pastor e professor até 1960, quando renunciou ao cargo devido a complicações de saúde (Warth, 1979).

claro também tinha o momento de estudo”. Cabe destacar em Candau (2016) que o contexto da narrativa é um elemento importante na formação da lembrança e a fotografia teve um papel relevante para a protagonista recordar o acontecimento.

Com relação a essas atividades que se estendiam para fora do espaço da igreja, a revista “O Jovem Luterano” chama a atenção “para que o passeio cultural seja bem-sucedido, é importante que os jovens organizem a programação com antecedência e definam seus objetivos educacionais e recreativos” (jan./fev. 1956, p. 12). Longe de serem meros divertimentos, esses eventos possuíam objetivos corporativos claros de fortalecer os laços de amizade entre os jovens da organização juvenil sem deixar de levar até eles alguma atividade doutrinária e cultural que viesse agregar conhecimento aos participantes.

Para as Juventudes Paz e Concórdia, do Rio de Janeiro/RJ, os eventos esportivos, acampamentos, encontros culturais e passeios eram uma forma de confraternizar e de estreitar os laços e o senso de pertencimento a uma comunidade mais ampla. O relatório enviado por elas destaca ainda que ambas tinham o costume de organizar passeios conjuntos, além de manterem um jornalzinho impresso chamado “O Farol”, em que compartilhavam as atividades e programações das uniões juvenis cariocas, além de um departamento cultural e esportivo empenhado em promover a sociabilidade dos jovens luteranos (O Jovem Luterano, jan. 1970).

Os relatórios mensais publicados na revista dão conta do empenho e da preocupação que a Igreja tinha em influenciar a sociabilidade da juventude luterana. As atividades culturais, recreativas e esportivas recebiam uma atenção especial por intermédio de dois departamentos que trabalhavam paralelamente à revista: o departamento de cultura, encarregado de organizar peças teatrais, orientando atividades recreativas, literárias, entre outras; e o departamento de esportes, encarregado de atividades esportivas.

Com o respaldo da revista, as orientações para essas atividades chegavam até aos grupos de jovens. Conforme observa-se no exemplar de janeiro de 1956, totalmente dedicado a orientar sugestões de jogos, noites teatrais, festas, passeios, brinquedos e esportes, preocupando-se em reforçar as orientações de como organizar programações sociais, recreativas e esportivas, com dicas de planejamento, ambiente e publicidade.

Assim, as estratégias de controle da juventude envolviam também dispositivos disciplinares que orientavam a prática social do movimento juvenil, favorecendo interlocuções que acionavam regras de comportamento e sociabilidades. De acordo com Victor Andrade de Mello (2022), a educação das sensibilidades sempre esteve relacionada ao processo civilizatório da juventude. O ponto crítico a ser alcançado era a contenção dos impulsos da mocidade.

A recreação do jovem luterano nunca deveria desmentir o que ele aprendeu frequentando a reunião da juventude (O Jovem Luterano, nov. 1951). A revista observa que os jovens que assumem a incumbência de organizar os divertimentos desempenham um papel importante na União Juvenil, pois compete a eles manter zelo para que o programa social juvenil não incite os participantes a contendas, discussões banais, ou estimule a evasão das paixões carnavais.

O entrevistado Alvacir (2023) recorda que para evitar que essas orientações fossem transgredidas, na falta de um pastor ou professor para acompanhar os jovens durante as atividades de sociabilidade recorria-se ao casal de padrinhos:

A gente tinha quatro encontros por mês, e como o pastor só tinha disponibilidade de tempo para participar uma vez por mês, e então, para os outros três encontros, todos os meses um casal de padrinhos era convidado a participar das atividades da Juventude, acompanhar a reunião e as brincadeiras que a gente fazia após. Assim não tinha só a gurizada, tinha um casal mais velho para manter o respeito e o pessoal não poder falar e assim evitar as desconfianças da comunidade (Alvacir, 2023).

A narrativa deixa transparecer que além das orientações da Igreja havia uma preocupação moral por parte da comunidade, que se encarregava pela fiscalização das regras de sociabilidade juvenil. Assim, os jovens eram levados a fazer uso de algumas táticas, como convidar um casal de padrinhos para serem os olhos da Igreja e da comunidade durante as atividades recreativas da juventude. Dessa maneira, os jovens transformavam uma possível intervenção em uma situação favorável, assegurando com isso as continuidades e permanências das convenções religiosas e sociais (Certeau, 2014).

A revista “O Jovem Luterano” corrobora com as informações de que o apadrinhamento das juventudes era uma estratégia adotada por algumas comunidades luteranas. Um exemplo disso é a União Juvenil São Paulo de Novo Hamburgo/RS, que

comunicou sua medida de “seleção mensal de dois casais da comunidade para participarem ativamente das atividades da união juvenil” (O Jovem Luterano, jul. 1970, p. 14). Tal ação tinha o objetivo de assegurar que os jovens não viessem a infringir a moralidade e os bons costumes, além de evitar possíveis atritos ou mal-entendidos. A União Juvenil em questão enfatiza que a iniciativa obteve resultados além do esperado e, por isso, é recomendada como uma solução a ser adotada por outras juventudes que enfrentam problemas semelhantes.

Subentende-se, assim, que as proposições da revista com relação à sociabilidade da juventude luterana postulam a necessidade da existência de sujeitos empreendidos por uma relação de forças, “[...] capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (Certeau, 2011, p. 46). Jovens com “qualidades intelectuais, que tenham boas relações sociais, caráter e disposição” (O Jovem Luterano, jan./fev. 1956, p. 7) deveriam ser estrategicamente escolhidos para organizar e zelar para que as atividades sociais, esportivas e demais divertimentos, fossem moralmente bem-sucedidos.

Conforme observado, a diversão era incentivada pela revista, porém era preciso escolher divertimentos agradáveis a Deus. Segundo a revista, a recreação, além de constituir uma parte muito importante na vida dos jovens cristãos, era uma excelente oportunidade de praticar ações de cortesia:

Os jovens da igreja devem ter ocasião de reunir-se para divertimentos e atividades recreativas e para o convívio cristão, a formação de amizades e para chegarem a conhecer-se melhor uns aos outros. A União Juvenil não é uma agência matrimonial, mas em todo o caso é um lugar muito bom onde encontrar sua noiva, seu noivo (O Jovem Luterano, set. 1946, p. 137).

As atividades recreativas tinham um importante papel socializador no sentido de aproximar os jovens luteranos para fins matrimoniais. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Palh (2003), ao estudar as mudanças provocadas por jovens cristãos na história cultural dos Estados Unidos, observou que:

ao longo de sua história, a Walther League funcionou como um lugar para os jovens experimentarem papéis e relações de gênero. Rapazes e moças misturavam-se com bastante liberdade nas reuniões locais e nacionais, e as moças, especialmente, se beneficiavam das oportunidades de exercer liderança (Palh, 2003, p. 16).

De acordo com o autor, a promoção da convivência entre jovens de ambos os sexos era um aspecto importante da juventude luterana, apesar de nem sempre estar em consonância com as autoridades mais conservadoras. Os jovens tinham a consciência de que a *Walther League* funcionava como uma “agência de casamentos”, com o objetivo de fomentar o matrimônio entre jovens luteranos (Palh, 2003).

Neste contexto fica evidente o elemento em comum que congrega o Sínodo de Missouri em nível global, visto que tanto nos Estados Unidos como no Brasil as atividades socializadoras promovidas pela juventude luterana tinham por finalidade estimular a união matrimonial entre os jovens luteranos.

Em consonância com tais apontamentos, o entrevistado Mario (2023) reitera que a União Juvenil era um ótimo espaço para o aprendizado e para a convivência da juventude. Então:

a gente ia lá para estudar, mas a gente ia na Juventude principalmente por causa das gurias (risos). As gurias estavam lá e a gente ia atrás das gurias, o resto era consequência, a atração pelo outro, é a época do jovem, e que bom que a gente procurava na Juventude da Igreja. [...] . Aí o jovem arrumava uma namorada na Juventude, aliás, que era muito salutar, era o máximo da juventude, inclusive eu conheci a minha esposa em uma reunião da Juventude.

A União Juvenil era, desse modo, o lugar ideal para o jovem buscar o futuro cônjuge. Pois a probabilidade de “um casamento entre jovens que professam a mesma fé, a mesma doutrina e a mesma religião, tende a ser bem-sucedido” (O Jovem Luterano, mai. 1966, p. 12). Desta maneira, ressalta “a função socializadora” da União Juvenil; Segundo a revista, o jovem tinha muitas oportunidades para buscar o seu cônjuge entre os da mesma fé. A exemplo disso, “nas reuniões dos jovens, nos congressos distritais e gerais e outros ambientes de convívio e sociabilidade cristã” (O Jovem Luterano, mai. 1966, p.12); assim, o jovem não precisava procurar o futuro cônjuge em espaços não compatíveis com a crenças e os valores cristãos.

Outrossim, o entrevistado Luiz (2023) observa que a intensa programação de eventos e atividades juvenis promovidas no espaço da instituição religiosa “[...] fazia com que a sociabilidade dos jovens luteranos ficasse restrita dentro da igreja, aí a gente fica muito circulando ali naquele espaço. E você acabava procurando a namorada naquele meio, já que não se saia muito daquele circuito”. Além disso, destaca também que esse

cuidado em evitar uma convivência maior com jovens de outras denominações religiosas não era uma exclusividade da IELB. Luiz lembra que “[...] essa restrição acontecia de todos os lados, tanto os católicos como os da igreja livre¹²⁶ tinha medo de perder os seus jovens para outras denominações religiosas”.

Pode-se assim dizer que os eventos direcionados para jovens são estrategicamente planejados pelas instituições religiosas com o intuito de envolver a juventude e proporcionar a oportunidade de contato e interação entre eles, estabelecendo uma rede de sociabilidade comum entre os participantes. Dessa forma, além de satisfazer às necessidades dos jovens de interagir com pessoas da mesma faixa etária, promovia-se uma identificação religiosa, levando os jovens a incorporarem práticas e atitudes que se alinhavam às normas éticas, sociais e religiosas estabelecidas pela instituição; garantindo, assim, sua continuidade.

Para a entrevistada Darli (2023), ao falar sobre a sociabilidade da juventude luterana é importante considerar que:

todo o nosso divertimento girava em torno das brincadeiras de roda, que não era somente uma dança de ficar rodando, eram jogos de aproximação. [...] me lembro de muitas dessas brincadeiras, das músicas de roda, esses dias ainda achei uma folha com essas cantigas. Beii, era muita música que a gente cantava, era tudo decorado, né?! E todo mundo cantava e rodava e **dava as mãos de par em par** e ia trocando conforme o desenrolar da música. Terminava aquela estrofe e **trocava o par**. Então pegava na mão do outro e aquilo era o máximo que a gente podia fazer. [...] **aquilo tudo era o máximo para nós, poder agarrar na mão de um rapaz** (grifos nossos)

Já Luiz (2023) recorda que a iniciativa das “tradicionais brincadeiras de roda” era uma oportunidade de tentar fazer um primeiro contato com a pessoa pela qual você nutria certo interesse. Por exemplo, “passar o anel, já ouviu falar? o interessante é que no passar o anel muitas vezes se começava um namoro. Muitas vezes, quando já tinha o interesse, se aproveitava aquele momento de passar o anel para tentar passar o recado”. Outra brincadeira que segundo Luiz resultava em namoro era o “túnel humano”. “De um lado ficavam os rapazes e do outro as moças, aí sempre formava um casal, que se davam as mãos formando um arco [...] o casal vinha do fim da fila passando por dentro do túnel e paravam na frente da fila”. Assim, o entrevistado não apenas relembra a dinâmica

¹²⁶ Nome pejorativo referido às Igrejas Luteranas autônomas ou chamadas independentes, sem vínculo institucional com a IECLB e IELB. Para saber mais sobre ver: Oswald (2014).

organizacional da atividade de lazer em si, mas também a possibilidade de futuros relacionamentos que surgiam a partir dela.

Em colaboração com as afirmativas acima, a narradora Loni (2022) reforça que as atividades sociais eram muito esperadas pelos jovens, principalmente as brincadeiras de roda. Em tal prática muitos jovens teriam dado o primeiro passo em direção a um relacionamento conjugal:

Tinha a brincadeira do “fogo na canjica”, essa era mais para arrumar namorado. Essa brincadeira era muito feita nos congressos, então se fazia uma roda grande, sempre em forma de par, aí se ficava rodeando, cantando, aí a pessoa batia na mão da moça que estava ao lado do rapaz que você estava interessado e dizia “fogo na canjica”, aí aquela moça tinha que trocar de lugar contigo, para você poder pegar na mão daquele rapaz que você estava interessado. Dessa brincadeira que eu falei, “fogo na canjica”, **dali saíram muitos casamentos** (Loni, 2022, grifos nossos).

A narradora ressalta ainda que “essas brincadeiras eram desenvolvidas nos congressos e também nos encontros locais, justamente para promover casamentos entre luteranos”. Trata-se, mais uma vez, de uma estratégia para unir em matrimônio jovens da mesma comunidade de fé, fazendo com que esses jovens permanecessem ligados à instituição religiosa por professarem a mesma fé luterana. Por conseguinte, eles constituiriam ali a sua família e, conseqüentemente, isso refletiria no aumento do número de fiéis da instituição luterana em questão. Conforme reforça Joana Bahia (2011), ser luterano era uma condição determinante na escolha do cônjuge, pois se manteria a mesma fé, evitando contestações quanto ao credo religioso, o que facilitaria a criação dos filhos e a manutenção de laços parentais.

As Figuras 30 e 31, elencadas na sequência da narrativa, dão uma ideia de como funcionavam as tradicionais brincadeiras de roda tão recorrentes no mosaico de memórias apresentadas pelos entrevistados. São imagens que acionam lembranças coletivas vivenciadas pelos narradores, ressaltando a ligação que possuem por serem sujeitos oriundos de um mesmo círculo social e religioso. São, portanto, registros que evocam o acervo de lembranças compartilhadas por laços de convivência que formam o quadro social da memória (Halbwachs, 1990).

Figura 30 – Brincadeira de roda.



Figura 31 – Brincadeira do Túnel.



Fonte: Rev. "O Jovem Luterano", ago. 1965. p.14.

Fonte: Rev. "O Jovem Luterano", jun./jul. 1952. p.78.

Conforme Chartier (1991), a representação visual é a própria instrumentalização da força, pela potência que tem em constituir aquele que a olha na qualidade de sujeito que direciona o olhar. Para o autor, ela funciona como "instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é" (Chartier, 1991, p. 184). Trazer esses elementos fotográficos presentes na revista "O Jovem Luterano" faz-se necessário porque são percebidas pelo entrevistado Alvacir (2003) como condutores da sua leitura. Para o narrador, que não tinha o domínio da leitura devido à pouca escolarização, "a figura, a imagem que tinha ali já explicava muita coisa, já dava para a gente ter uma ideia do como era e sobre o que se tratava" (Alvacir, 2023). Suas memórias reforçam a importância da leitura visual para sujeitos com pouca escolarização, por esta oferecer acesso à informação e ao conhecimento sem requerer que o leitor domine o escrito. Portanto, a leitura visual desempenhava um papel eficaz na comunicação de ideias e expressão de sentimentos entre jovens luteranos com baixa escolarização.

Como vem se argumentando, as diferentes abordagens da revista ressaltam a preocupação e o cuidado do impresso em influenciar todos os espaços da vida dos jovens. Um dos muitos exemplos disso que cabe neste momento são as orientações para a escolha do futuro cônjuge. Conforme segue:

Os princípios para uma boa escolha

- 1- Escolher uma pessoa que tenha a mesma religião;
- 2- Escolher uma pessoa que tenha um caráter reto, puro, verdadeiro e nobre;
- 3- Escolher uma pessoa que tenha uma boa família;

- 4- Escolher um moço ou uma moça que tenha boa saúde;
- 5- Escolher uma pessoa que seja do mesmo meio social;
- 6- Escolher uma pessoa que goste de crianças.

Erros que os jovens devem evitar na sua escolha.

- 1- Não devem procurar a companhia de pessoas de outra fé;
- 2- Não devem encetar um namoro promiscuo no cinema ou até na sala de baile, como é o costume do mundo;
- 3- Não devem basear suas escolhas em interesses baixos, tão somente na formosura, na riqueza ou na posição social;
- 4- Não devem comprometer-se antes de verem a possibilidade de contratarem de fato o casamento;
- 5- Não devem contratar casamento sem antes pedirem o conselho dos pais e invocar a benção de Deus sobre a sua escolha (O Jovem Luterano, ago. 1940, p. 125, grifos nossos).

Desta maneira, o incentivo aos eventos culturais, sociais e esportivos, além de afastar os jovens dos divertimentos mundanos, era também uma estratégia para promover encontros de jovens que professavam uma mesma fé, o que se tornaria um facilitador para a promoção de casamentos entre luteranos. Pode-se exemplificar essa estratégia por meio do relatório do XI Congresso da juventude luterana do Paraná, realizado na cidade de Imbituva. Tal relatório observa que durante os dois dias de convívio da mocidade cristã “não faltaram no congresso os tradicionais namoros. Disto talvez resultem alguns casamentos; assim esperamos. Bem fazem aqueles que escolhem os seus companheiros nos ambientes onde todos somos irmãos” (O Jovem Luterano, nov./dez., 1961, p. 14). Compreendia-se, como demonstram as evidências, que ter uma base comum de fé poderia contribuir para fortalecer a conexão emocional e espiritual do casal, pois a compatibilidade de crenças e valores tornaria o relacionamento mais harmonioso, facilitando a comunicação e o entendimento mútuo, além de reduzir potenciais conflitos resultantes de divergências culturais e religiosas.

Para reforçar as observações feitas pela revista no que diz respeito aos contatos de namoro realizados em eventos sociais da juventude luterana, os estudos de Helfenstein (2014) contribuem para essa discussão. A autora, ao estudar a história dos arranjos nupciais em uma comunidade étnico-religioso ligada à IELB, na cidade de Imbituva, no estado do Paraná, nas décadas 1940/50, observou que o fenômeno social e cultural da manutenção da endogamia teuto-brasileira ocorria muito mais em função de uma identidade baseada na religião luterana do que por questões étnicas, que era a sua hipótese inicial. Segundo ela, a confessionalidade luterana mostrou-se ser o filtro para as

escolhas sociais e afetivas dos jovens adeptos a essa religiosidade, principalmente na escolha do futuro cônjuge, uma vez que:

O principal espaço de sociabilidade se dava mesmo nos cultos ou nas atividades proporcionadas pela Igreja, como, por exemplo, as reuniões da Juventude Luterana que, além de encontros voltados para os estudos bíblicos, também organizava jogos e festas para os moços e moças da comunidade” (Helfenstein, 2014, p. 74).

Assim, a maioria das uniões matrimoniais étnico-religiosas por ela analisadas teria acontecido sob o prisma da Igreja Luterana, que propiciava a promoção de casamento entre luteranos. Tão logo, nota-se que “uma estrutura social determina, uma forma particular de entrelaçamento social [...] movido por uma rede de relacionamentos” (Elias, 1993, p. 195). Para o narrador Edgar (2023), tanto os pais como a Igreja incentivavam o casamento entre luteranos e “a União Juvenil era o potencializador das uniões matrimoniais”. Segundo ele:

[...] a união juvenil fazia esse meio caminho, ela era forte nesse sentido, principalmente os congressos juvenis onde aconteciam as coisas, lá fulana encontrava com ciclano, começava a paquera, a primeira aproximação, depois as trocas de cartas, e partir dali as coisas se encaminhavam para um namoro e posteriormente um casamento (Edgar, 2023).

O Congresso, um evento dentro da igreja, reunia e mobilizava os jovens luteranos. Tinha como objetivo trabalhar e fortalecer a parte espiritual e doutrinária dos jovens, bem como promover o partilhamento de experiências recreativas e socializadoras, estimulando, assim, os laços de amizade e frutificando o protagonismo juvenil junto à instituição. Contestações estas que são referendadas pela narradora Loni (2022), ao afirmar que “os congressos também serviam para os jovens de diferentes localidades se conhecerem pessoalmente”. Segundo ela, “muitos relacionamentos se formavam a partir desses encontros”. O evento era, assim, o ápice socializador da juventude luterana. Participar dos congressos significava uma oportunidade para os jovens de ampliar a sua rede de sociabilidade dentro da esfera do luteranismo. Portanto, é evidente que as relações sociais estabelecidas dentro do circuito comunitário luterano desempenhariam um papel relevante na escolha do futuro cônjuge, tanto em termos religiosos quanto sociais.

Segundo a revista “O Jovem Luterano”, a união matrimonial, apesar de não ser considerada um sacramento para os luteranos como é para a Igreja Católica, trata-se de uma instituição divina, porém originada em um acordo civil e temporal (O Jovem Luterano, dez. 1959). Logo, se a união estivesse de acordo com a lei dos homens, estaria também de acordo com a lei divina (Koehler, 2002). Assim, além da questão religiosa, era importante observar a conduta do futuro cônjuge, da família e do meio social, entre outros requisitos, como saúde e disposição para paternidade, considerando que para igreja cristã baseada no criacionismo, a finalidade do casamento é a procriação.

A revista observa também que “o matrimônio é um estado de parentesco pessoal permanente e dessa maneira não pode ser dissolvido à vontade e ao bel prazer das pessoas interessadas” (O Jovem Luterano, dez. 1959, p. 2). Logo, ressalta a importância do namoro. Os jovens tinham que “ter a oportunidade de conhecer uma pessoa sociável, com que não encontrará dificuldade de se sentir bem junto a pessoa ‘escolhida’ e não lhe será difícil fazer com que ela se sinta bem na sua ‘companhia’” (O Jovem Luterano, jun. 1962, p. 7). Por isso, o jovem não deveria ter pressa para contrair núpcias, pois “a tendência que temos em valorizar as pessoas por aquilo que é exterior. Admiramos, a beleza física, o porte do corpo, a conversa, a posição social, a simpatia que o sexo oposto desperta em nós” (p. 7).

Embora não deixassem de ser fatores importantes para a escolha de um cônjuge, a revista reconhece que tais precedentes não eram o suficiente para contratação de um casamento. Segundo ela, “um namoro que é motivado acima de tudo pela atração sexual, não tem grandes probabilidades de levar a um matrimônio equilibrado” (O Jovem Luterano, jun. 1962, p. 14). Era importante adquirir o máximo de sociabilidade, aprender sobre convivência humana, fazer amizades com moças e rapazes de outras juventudes da IELB. Quanto maior fosse a sociabilidade, maior seria a chance de fazer uma boa escolha.

A revista apresenta, também, recomendações para todas as etapas da escolha do futuro cônjuge, que vão desde dicas sobre onde procurar o par ideal, passando pela fase do namoro, noivado, vida matrimonial e o papel do homem e da mulher no casamento. Bem como orienta sobre lugares onde os jovens não deveriam procurar um

relacionamento para a vida. A exemplo, disso compara a busca por um futuro cônjuge como a procura de um sócio para abrir um negócio:

[...] um homem quer abrir um negócio e busca um sócio para este empreendimento, por acaso irá esse homem a um bar, ao baile, ao cinema ou qualquer outra festa libertina procurar por um rosto bonito ou porte elegante? Certo que não. Ele vai escolher uma pessoa de bom caráter e de integridade moral, e não vai ser nesses espaços que ele irá encontra. [...] muito mais importante do que a escolha de um sócio para uma loja, é a escolha do companheiro/a para a vida toda. Não convém tomar esse cuidado? [...] Namoros por passatempo em espaços duvidosos nunca proporcionaram felicidade. Muitas vidas se entregaram por galanteios e namorices ociosos (O Jovem Luterano, mai., 1951, p. 67).

As orientações revelam a importância de observar os espaços em que buscavam parceiros e os requisitos nos quais os/as jovens não deveriam basear a suas escolhas, pois, a depender, poderiam se tornar uma barreira para uma vida conjugal harmoniosa. Tão logo, são pertinentes as observações feitas por Bahia (2011), com relação ao peso que a identidade étnica e religiosa, entre outros fatores, ocupa na escolha do futuro cônjuge entre as famílias pomeranas por ela estudadas. Segundo a autora, pertencer a mesma comunidade religiosa, no caso, o luteranismo, condicionava a escolha do parceiro(a) de casamento. O casamento inter-étnico, em última instância, era tolerado desde que o cônjuge se convertesse à religião luterana. A religião, por sua vez, “era um forte fator de oposição dos pais aos namoros e casamentos dos filhos [...]”. “Casar com alguém de fora da religião que define a sua identidade é uma ameaça a reprodução da comunidade”, (Bahia, 2011, p. 191). Sendo assim, era importante que o jovem tivesse o aval da família e da comunidade, levando em conta que, dentro das configurações do luteranismo “o matrimônio pode ser considerado como uma instituição social que envolve, além dos noivos, suas famílias e a comunidade que os cerca” (Helfenstein, 2014, p. 52).

De acordo com Ana Silvia V. Scott e Maria Sílvia Bassanezi (2022, p. 174), o matrimônio entre as comunidades imigrantes sempre esteve “cercado de tradições e costumes, bem como submetido a fortes pressões familiares, que jogavam um papel importante na escolha do parceiro conjugal”. Poucos eram os jovens que ousavam transgredir as regras do grupo.

A tendência geral era as pessoas escolherem seus parceiros nos locais que frequentavam (clubes, associações, igrejas) ajudava na manutenção da

endogamia (casamentos entre iguais) entre jovens imigrantes e seus descendentes, tanto nas áreas rurais como nas cidades. (Scott; Bassanezi, 2022, p. 175).

Apesar de não estarem se referindo a um grupo étnico-religioso específico, as observações feitas pelas autoras concordam com as prerrogativas matrimoniais ancoradas na revista “O Jovem Luterano” e fazem transparecer a influência que o contexto e a bagagem cultural exerciam nas escolhas dos nubentes.

Existiam recomendações para evitar casamentos com jovens de outras denominações religiosas, sendo também uma forma de manter a nova família ligada ao luteranismo. Nesse sentido, observam que:

Um casamento misto põe em risco o bem-estar espiritual do cônjuge crente. Quando o cônjuge não é cristão ou não pertencente a igreja, é indiferente, mesmo contrário a religião cristã, sua atitude tem um efeito deprimente sobre a vida religiosa da família (O Jovem Luterano, dez. 1959, p. 4).

Assim, no exemplar de abril de 1965 alerta-se para os dilemas de um casamento convencionalmente misto, entre eles a fé no qual os filhos do casal seriam batizados e instruídos. Por conseguinte, o combate ao casamento misto também pode ser percebido como uma estratégia para manter a nova família ligada ao luteranismo.

Para o Sínodo era importante que o casamento ocorresse entre jovens luteranos, considerando que além de ser um assunto recorrente na revista, a escolha da companheira/o da vida era também tema de palestras em eventos juvenis. Lê-se em edição de fevereiro de 1967:

A mais importante e significativa das decisões do jovem é justamente a de casar e com quem casar. O jovem muitas vezes se encanta com o rosto bonito da moça e essa com os encantos do jovem, esquecendo ambos do caráter e da responsabilidade, em quando estes são descobertos talvez já seja tarde (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967, p. 5).

A constituição da família e todas as implicações que daí derivam faziam parte das páginas da revista, portanto. Dentro deste campo são recorrentes as proposições relacionadas a planejamento familiar, sexo, adultério e divórcio, entre outros temas, com abordagens e perspectivas matrimoniais debatidas em eventos organizados para a juventude e refletidos pela revista.

Promover relacionamentos entre jovens luteranos era uma prática incentivada pelo Sínodo, por conseguinte, com o respaldo da revista, que publicava mensalmente contratos de noivado e casamentos entre jovens luteranos, conforme ilustra a figura a seguir.

Figura 32 – anúncios de contratos de casamento.



Fonte: O jovem luterano fev./mar. 1940, p. 46.

Essa seção dos contratos de noivado e de casamento foi um dos poucos espaços que se iniciou nos primeiros anos da revista – para ser mais exato janeiro de 1933, quando ela ainda era editada em língua alemã – e que se manteve durante todo o período em que a publicação circulou.

Para além disso, havia também uma coluna dedicada ao aconselhamento, à qual os jovens esporadicamente escreviam de forma anônima, geralmente pedindo conselhos sobre relacionamentos, e tinham sua resposta publicada. A exemplo disso, em junho de 1965, “O Jovem Luterano” aconselha uma moça sobre a não aceitação do término do namoro por parte do seu ex-namorado. A revista observa que não há nada de errado em ela terminar o namoro se ela foi honesta com o rapaz e nunca lhe prometeu nada além da amizade. Conforme segue o texto:

O namoro é o tempo que deve servir para que dois jovens, o rapaz e a moça, se conheçam melhor, é o tempo em que uma amizade se pode fundar, e, se a atração mútua crescer, inspirar pouco a pouco amor e respeito recíprocos, terminará num noivado agradável a Deus e aos homens, se ambos se conservam

puros, e finalmente num matrimônio feliz. Por isso nenhum dos dois deveria assumir qualquer compromisso durante o namoro, e, ao ver que nunca teriam um casamento feliz, cada um dos dois tem o direito de terminar o namoro. (O Jovem Luterano, jun. 1965, p. 11).

Ao tranquilizar a moça, apesar de não conhecer as circunstâncias que levaram ao término do namoro, a revista expõe que ela está no seu direito e que cabe ao rapaz aceitar sua decisão. Porém, observa que se ela foi leviana com o rapaz e alimentou as suas esperanças para um futuro noivado, ela deveria pedir perdão a ele por quebrar a sua promessa. Mas não necessariamente retomar o namoro, visto que ambos têm o direito de interrompê-lo quando perceberem que a pessoa não é o par ideal para dividir uma vida toda (O Jovem Luterano, jun. 1965). Cabe salientar que a fase do namoro é tida pela Igreja como um período onde não há envolvimento carnal. Assim, ambos poderiam terminar um namoro sem haver prejuízos a sua integridade física e moral.

Em outro momento, a revista aconselha um rapaz que relata namorar uma moça que “possui boas qualidades: é cristã, sincera, madura, calma. Mas pretendo deixá-la por causa da conduta dos seus familiares. Justifica-se a minha intenção.?” (O Jovem Luterano, jun. 1966, p. 5). Em resposta, a revista observa que:

Não se pode negar que num certo sentido o rapaz não casa apenas com a moça, nem a moça apenas com o rapaz, mas também com a respectiva família. Mas pensas ser possível achar uma companheira melhor do que está descrita na tua carta, melhor do que está que tu observaste, com os olhos abertos, durante mais de dois anos sem notar qualquer defeito no seu caráter? Se ela ficou firme e trilhou o caminho bom durante todo esse tempo, vivendo entre os seus familiares, não seria mais fácil ainda para ela, quando casada contigo e morando afastada da sua família? Se ela fosse de caráter vacilante, pendendo hoje para o seu marido e dando ouvidos amanhã aos seus familiares, o caso seria diferente. Pede a Deus que te de muita sabedoria do alto. De lembranças a sua namorada (O Jovem Luterano, jun. 1966, p. 5).

Apesar de reconhecer a preocupação do rapaz com relação à família de sua namorada, o texto ressalta as qualidades e a conduta da moça em contraponto a da família e sugere que ele não deveria colocar isso como um empecilho a um possível matrimônio. Pondera que se após o casamento a moça passar a viver com o rapaz e não der ouvidos a sua família, as implicações são favoráveis para que o casal tenha um matrimônio bem-sucedido.

De forma análoga, a seção “cantinho dos namorados” orientava o comportamento dos jovens entre o namoro e o casamento. A exemplo disso, a revista observa que:

O namoro deve ser funcional em relação ao matrimônio e não uma - exploração carnal -. Namorar por passa tempo -, por brincadeira -, para gozar, ou para mostrar aos amigos que também se é -homem-(?), e que sabe pegar na mão de uma garota, e desfilá-la, é sinal de imaturidade. O namoro imaturo só pensa em - receber, tirar, sugar- a companheira. O amor é **bi-dimensional**, é dar e receber (O Jovem Luterano, ago., 1969, p. 5, grifos nossos).

Assim, a publicação chama o(a) leitor(a) a fazer um autoexame do seu comportamento com relação àquele com a(o) qual pretende iniciar um relacionamento. Observa que “amar não é apoderar-se do outro, amar é respeitar o tempo do outro” (idem, p. 5). Ressalta que:

O namoro maduro, orientado pelo respeito, honestidade recíproca e pureza, será sem dúvida um dos mais belos e felizes tempos da vida. Por outro lado, o próprio namoro amadurece, enriquece, torna o rapaz mais viril, mais homem, e a moça mais mulher, mais feminina (O Jovem Luterano, ago., 1969, p. 5).

Em resumo, o convívio na experiência amorosa se fazia necessário, porém era preciso respeitar o seu parceiro(a): “Uma ciência bem orientada saberá reconhecer os limites dos carinhos” (Idem, p. 5). Namoro era, assim, um tempo para se conhecer as reações psíquicas, emocionais e até mesmo sensuais do seu futuro cônjuge. O namoro era visto como um tempo necessário para o jovem poder avaliar e decidir se viver a sua vida toda junto daquela pessoa era a melhor escolha. E se por motivos alheios o(a) jovem não se tenha convencido de que o(a) namorado (a) seja a pessoa adequada, designada por Deus, para contrair núpcias, poderia terminar o namoro sem prejuízos morais para ambos. O texto ainda aduz que “Namoro não é posse, mas escolha. Não se quer fomentar uma traição amorosa, mas defender a liberdade de escolha que é um direito que pertence a todos os jovens enamorados” (O Jovem Luterano, mai. 1969, p. 8). Por isso, não era bom que os jovens tivessem um envolvimento carnal antes do casamento.

Entre outros incentivos, havia a coluna “Meu cantinho”, criada na década de 1960 para incentivar a troca de correspondências entre jovens luteranos, para a qual os jovens mandavam os seus dados pessoais e endereços para correspondência, conforme observa a citação a seguir:

L. L. P.¹²⁷, de Santo Amaro da Imperatriz, SC., escreve que gostaria de corresponder-se com um jovem luterano e que seja de idade igual e superior a ela. Ela gosta de jovens gaúchos. ‘Sou loira de olhos azuis, 22 anos, professora normalista, cabelos longos 1,63 de altura’ (O Jovem Luterano, mar. 1970, p. 11, grifos nossos).

A troca de correspondências era uma prática socializadora bastante incentivada pela revista. O entrevistado Luiz (2023), ainda mantém em sua memória as páginas onde tais anúncios eram publicados na revista:

Na última página da revista tinha os anúncios de casamento e os endereços para troca de correspondências. Pessoal botava o nome lá para receber correspondência. Eu acho que não cheguei a trocar correspondência, mas o tempo da carta era uma coisa impressionante, né, por isso que dava esses casamentos com pessoas de longe, começavam a se corresponder a partir dali e quando vê engatavam namoro. Aqui na região sul, meus irmãos mesmo casaram com moças, a gente morava na Florida (interior de Canguçu/RS), eles casaram com moças aqui do Morro Redondo/RS, que eles conheceram através dos congressos e do intercâmbio de correspondência. Uma coisa vinha seguida da outra, aí tinha os congressos, os encontros de jovens (Luiz, 2023, grifos nossos).

Embora não se lembre de ter trocado cartas com outros jovens, o entrevistado admite a relevância e o potencial que a correspondência tinha naquela época. Além de aproximar jovens luteranos que estavam distantes geograficamente, ela era fundamental para a manutenção de relacionamentos à longa distância.

A troca de correspondência não se dava somente por interesses conjugais, mas também para estreitar laços de amizade entre os jovens das mais longínquas regiões do Brasil. Conforme observado em relatório pela União Juvenil Paz do Rio de Janeiro/RJ, ressaltando que se sentem “agraciados por manter o intercâmbio com as demais juventudes luteranas do Brasil através da revista e das correspondências” (O Jovem Luterano, jan. 1970, p. 15). E complementam dizendo que gostariam de intensificar essas trocas postais com um maior número de jovens interessados em estabelecer intercâmbios via correspondência.

Para a narradora Loni (2022), a troca de correspondências com jovens de outros departamentos era uma praxe:

A gente gostava bastante daquela parte que promovia a troca de correspondência com jovens de outros departamentos. Então a gente escrevia

¹²⁷ Por questões éticas, optou-se em usar somente as iniciais e ocultar o nome do sujeito na citação.

carta, buscava lá fulano(a) de tal, que mora em tal lugar, quer se corresponder com moças ou rapazes; daí dizia ali suas preferências, então a gente escrevia, trocava correspondências, ideias, até sobre o que cada União Juvenil fazia, e também buscava se conhecer, coisas da gente mesmo (Loni, 2022).

Corroborando as afirmações acima, o narrador Mario (2023) alega que apesar de não haver um conteúdo da revista que ele gostasse mais, havia um que chamava a sua atenção em especial, que era “o espaço chamado meu cantinho”. Segundo ele:

Naquele tempo não tinha outros meios de comunicação, então a gente usava aquele espaço para poder se conhecer e se corresponder, se quisesse. Eu cheguei a escrever para uma moça, ela até era aqui dessa região de Novo Hamburgo. Eu escrevi, ela me respondeu, acho que a gente trocou umas duas ou três cartas. [...] O meu cantinho era a rede social daquele tempo [risos] (Mario, 2023, grifos nossos).

De acordo com Candau (2014), a memória é influenciada pelas ações do presente, pelas evocações do passado e pelas projeções do futuro. Essas ponderações do autor dão indícios de que o atual engajamento das redes sociais, de algum modo, impulsionou as memórias que os depoentes têm sobre os meios de comunicação do tempo em quem eles eram jovens. Isso fez com que eles ressignificassem um espaço da revista que em outros momentos poderia não ter tido o mesmo engajamento por parte dos narradores. Suas memórias projetam um novo significado para o espaço que o periódico disponibilizava para fomentar a troca de correspondências e possíveis relacionamentos entre jovens luteranos.

Conforme se pode observar, a revista buscava suprir todas as necessidades e os anseios da juventude, oferecendo diversas possibilidades de busca, além de informações sobre as atividades e os conteúdos focados em orientar o cotidiano da comunidade leitora. A prática de correspondência mostra o investimento da revista na intervenção cultural e social da juventude luterana. Não se tratava apenas da constituição de um pensamento coletivo, mas também uma estratégia de perpetuação da instituição religiosa através das coisas que ela produzia.

Em contrapartida, a disponibilidade desses espaços a fim de que os jovens encontrassem possíveis correspondentes, apresentassem suas características, qualidades, preferências e gostos a seus possíveis interlocutores, não se tratava propriamente de uma prática exclusiva da revista “O Jovem Luterano”, e sim uma prática comum em revistas direcionadas ao público jovem na época. De acordo com as

explicações de Melo (2013), a promoção da troca de correspondências por meio de revistas era uma estratégia para atrair mais leitores, uma vez que ela oferecia a eles a possibilidade de conhecer e trocar correspondências com outros potenciais leitores do impresso, formando uma comunidade.

Isto posto, o controle da sociabilidade da juventude luterana não se dava apenas através da consciência ou da ideologia religiosa e da sociabilidade, mas também por intermédio do corpo. A expressão corporal precisava refletir os ensinamentos aprendidos dentro da instituição: “A prática de esportes e jogos bem como os programas de noites recreativas, devem desenvolver-se num elevado nível de moral, a fim de não se ofender a Deus nem causar escândalo às almas fracas” (O Jovem Luterano, mar. 1959, p. 11). Segundo Mello (2002), a educação corporal tem sido um elemento crucial no processo civilizatório da juventude, contribuindo para a formação intelectual e moral dos jovens, sendo compreendida desde tempos remotos como “feramente disciplinar, estratégia para modular características consideradas ideias forjadas sobre esse período” (Mello, 2022, p. 208).

A partir dessas observações, pode-se inferir que a prática esportiva em espaços religiosos pode ser entendida como uma dinâmica de adequação às normas vigentes. Constituído por padrões de movimentos e ações corporais orientados, o esporte era utilizado, como em qualquer outro estabelecimento de ensino, para o disciplinamento dos corpos, tornando-os dóceis, reprimidos e instrumentalizados em benefício da instituição. Afinal, “as vivências, comportamentos e atitudes dos jovens luteranos deveriam refletir os ensinamentos da igreja”, conforme mencionado pela narradora Iria (2023). É nesse sentido que Bourdieu (2004, p. 220) diz que a maioria das organizações institucionais, entre elas a igreja, “dão tanto espaço as disciplinas corporais, é porque, em grande parte, a obediência é a crença, e porque a crença é o corpo admite mesmo quando o espírito diz não”. Assim, a prática do esporte como uma manipulação regrada do corpo é para essas entidades um instrumento por excelência para delinear posturas condizentes com a proposta ética e moral da organização proponente, neste caso a igreja luterana.

Baseado na SNES, reforça-se que o esporte deveria enfatizar a saúde e o aprimoramento dos valores morais e sociais dos jovens luteranos. Além de promover um estilo de vida mais saudável, a prática esportiva deveria cultivar nesses jovens um

comportamento social exemplar que pudesse ser inspiração para a sociedade: “A recreação do jovem luterano jamais deveria ofender os bons costumes cristãos” (O Jovem Luterano, jan./ 1955, p. 2).

Com relação à prática de esportes, a revista observa com base na SNES que:

A educação física não deve somente desenvolver apenas o físico, tornando o homem somente um animal forte, deve ser antes “a educação pelo físico”, destinado a melhorar moral e socialmente o cidadão. A prática da educação física feita sem essa finalidade, desenvolve nos indivíduos o instinto de agressividade. Nos jogos desportivos o corpo e o espírito devem ajudar-se mutuamente em benefício da saúde física e mental do cidadão (O Jovem Luterano, set./out., 1958, p. 10).

A educação sanitária no contexto da época permeava diversos ambientes de sociabilidade, visando o ajustamento dos indivíduos às suas próprias necessidades, ações e atitudes, criando hábitos que facilitariam o jogo das reações individuais aos agentes físicos, biológicos e sociais que atuavam sobre o indivíduo (Souza, 2012). Já a revista “O Jovem Luterano” observava esses princípios educacionais e sanitários, e a eles somava as premissas do cristianismo de que o jovem cristão sempre deve guardar em sua memória o fato de que os outros estão observando os seus procedimentos. Inclusive nas horas de folga, a sua diversão deveria refletir a sua fé, e a qualidade do seu cristianismo seria julgada pela recreação que ele procurava (O Jovem Luterano, jan./fev., 1955).

Conforme a revista “O Jovem Luterano”, as iniciativas desportivas jamais deveriam ser desprestigiadas, pois esses eventos, além de possibilitarem uma interação entre os jovens, eram uma ótima maneira de cuidar da saúde física e mental:

Os exercícios rítmicos, lançamento de peso, dardo, corridas, saltos, puxar corda, jogos, de vôlei, futebol e basquetebol. São divertimentos que tem razão de ser, pois que valor tem um homem de ideias, novidades e mensagens importantes tanto para o corpo como para a alma, se este homem é um doente que não se pode locomover, que não pode ir lá onde estão aqueles a quem ele tem a dizer alguma coisa. Devemos procurar possuir uma mentalidade sã em um corpo sã, porque, faltando ou aquela ou esta, praticamente temos o valor reduzido (O Jovem Luterano, dez., 1945, p. 187).

Havia um incentivo para a prática de atividades esportivas e culturais, pensadas para o bem-estar físico do jovem luterano e também como um espaço de sociabilidade entre jovens que professassem uma mesma fé religiosa. Assim, observa-se que “os

jovens não devem ver no esporte uma luta entre a vida e a morte, mas antes uma transmissão de personalidade, uma transmissão em público do nosso caráter” (O Jovem Luterano, dez., 1962, p. 2). O periódico ressalta que “as atividades esportivas ocupam um lugar importante na vida da juventude, porém no esporte como em tudo, é necessário ter a devida precaução” (O Jovem Luterano, mar./abr. 1942. p. 35). Era preciso evitar o excesso e praticá-las como uma atividade útil de lazer e regeneração tanto da mente quanto do corpo.

Por outro lado, a prática do esporte poderia ser usada como um meio de missão para atrair novos jovens para a juventude e, conseqüentemente, para a Igreja. Segundo a revista, os grupos juvenis poderiam organizar torneios esportivos internos, porém era preciso ter cuidado para não transformar a União Juvenil em um clube recreativo (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967). O esporte poderia ser o meio utilizado para aproximar os jovens da Igreja, mas jamais deveria ser a finalidade única da Juventude, uma vez que “a recreação por si só não pode salvar as almas, mas estas atividades podem criar um ambiente agradável para os jovens estreitar laços de amizade” (O Jovem Luterano, out. 1949, p. 148). Assim, a prática esportiva como um ambiente de convivência social poderia proporcionar conexões e vínculos entre os jovens luteranos.

Em face disso, os relatórios das atividades juvenis trazem um apanhado de como essa prática reverberava nas Uniões juvenis. No exemplar de mai. de 1955, p. 4, pode-se observar que houve “um torneio de vôlei realizado entre as juventudes de Porto Alegre, Novo Hamburgo e São Leopoldo”. Destaca-se que o mesmo ocorreu em clima de cordialidade e que atraiu um significativo número de jovens. Em outro momento, observa-se também que “os estudantes do nosso seminário realizaram, no dia 15 de novembro uma festa esportiva onde efetuaram-se jogos de vôlei, basquetebol e futebol” (O Jovem Luterano, set./out. 1958, p. 2). Ressalta-se, por fim, que iniciativas como estas não devem ser desprestigiadas, por que a prática do esporte além de ser um excelente passatempo, trazia ótimos benefícios para a saúde física e mental dos jovens.

A recreação e a prática de exercícios físicos se faziam necessário para os jovens não ficarem com o corpo deformado e doente em um curto espaço de tempo (O Jovem Luterano, nov. 1943). Como instrumento educativo, o esporte poderia auxiliar a disciplinar o corpo e também o comportamento, na medida em que o corpo se move por gestos

aprendidos, absorvendo códigos, práticas, repressões e liberdades (Soares, 2006). A prática esportiva preparava o corpo para uma nova forma de sociabilidade, tornava-o mais obediente; as regras do esporte impediam a pulsão e os instintos naturais do ser humano. Assim, as práticas esportivas serviriam como instrumento de intervenção pedagógica intrinsecamente relacionada ao controle social e à forma como as pessoas lidavam com as emoções (Elias, 2011).

As práticas esportivas mobilizadas por intermédio da União Juvenil tinham uma função relevante no processo de socialização da juventude luterana. Conforme observa a revista:

Em virtude de os jogos desempenharem papel tão importante na vida recreativa cristã, convém sejam examinados devidamente os jogos que formam o programa das tardes juvenis. O jogo nunca deve incitar os participantes a contendas, discussões banais ou logro. O jogo deve despertar alegria sem tomar em conta quem sai vencedor. (O Jovem Luterano, set. 1948. p. 131).

A prática esportiva deveria ser pensada num sentido agregador, em que os jovens pudessem tomar parte. O texto observa que a competição integra o esporte, porém não deveria ser o objetivo final da Juventude, e sim o de promover o divertimento, a socialização, o respeito e a integração dos jovens. Nesse sentido, Mello (2022) reforça que as práticas desportivas se estruturaram articuladas com o mercado do entretenimento. O autor atribuiu às práticas corporais um propósito que ultrapassava a diversão e a questão dos comportamentos, podendo serem vistas como uma celebração da sociedade.

Fica constante que o esporte e o lazer se configuravam como um importante atrativo para a juventude, pois se configuravam em uma possibilidade de diálogo e evangelização. Para a narradora Iria (2023), “muitos jovens vinham para a juventude atraídos pelos divertimentos que aconteciam depois das reuniões”. Segundo ela, muitos daqueles jovens acabavam se filiando à sociedade juvenil para poderem participar das atividades da juventude, e aos poucos iam criando vínculos permanentes com a comunidade. A esse respeito, a revista chama a atenção para o papel missionário que o esporte poderia operar na juventude como chamariz para atrair novos jovens (O Jovem Luterano, jan./fev. 1967). Desta maneira, a narrativa de Edgar (2023), de que “as atividades esportivas, ao lado daqueles interessados em possíveis namoriscos era o que

mais trazia jovens de fora para a igreja”, vem a confirmar os propósitos missionários imbricados no incentivo à promoção de práticas recreativas junto às Uniões Juvenis da instituição luterana.

Estas atividades desportivas e recreativas eram, em um primeiro momento, pensadas para a sociabilidade dos jovens da Igreja, e oportunamente utilizadas para aqueles jovens que não faziam parte da sociedade juvenil ressignificassem aquilo que o meio social disponibilizava (Certeau, 2011); e assim, buscar alternativas para se integrarem no grupo juvenil. Então, “muitos jovens vieram para a igreja por causa da juventude e os atrativos que ela oferecia, as brincadeiras, o esporte, o teatro, os congressos e outros eventos que chamavam a atenção do pessoal de fora” (Darli, 2023).

As práticas desportivas deveriam ser mobilizadas com o objetivo de atrair e manter os jovens na Igreja. Porém, era preciso utilizar a ocasião para promover os interesses doutrinários e sociais da instituição. Assim, no momento em que a revista se propõe a registrar e dar visibilidade às atividades desportivas e sociais promovidas pela juventude, ela materializa estas informações e as dissemina como um modelo de sociabilidade para jovens cristãos. Tão logo os jovens eram incentivados a fazer estes registros e anexar aos relatórios juvenis que eram publicizados pela revista, conforme pode-se observar na figura a seguir, que ilustra uma partida de voleibol masculino realizada durante o Congresso da Juventude Evangélica Luterana do Distrito Planalto/RS.

Figura 33 – Partida de voleibol masculino.



Fonte: Revista “O Jovem Luterano”, mar. 1971, p. 13.

As fotografias publicadas pela revista constituem-se como um tipo de legitimação das práticas esportivas e socializadoras promovidas pela instituição religiosa. Nelas é possível observar que estes eventos esportivos atraíam um grande número de jovens. Muito mais que uma atividade socializadora, o esporte tinha como função promover a identificação social e religiosa entre os jovens e ensiná-los a serem disciplinados. O incentivo das práticas esportivas pode ser considerado como um método utilizado pela instituição religiosa para orientar a sensibilidade dos jovens em direção a mudanças nas estruturas comportamentais e de personalidade, atuando principalmente na regulação emocional (Elias, 1993).

O esporte ocupava um lugar importante na vida dos jovens e promover a modelação do comportamento da juventude por intermédio das atividades esportivas era uma iniciativa que não deveria ser desprestigiada: “Todos nos devíamos ser verdadeiros desportistas. Não devíamos ver no esporte uma luta entre a vida e a morte, mas antes uma transmissão de personalidade, uma transmissão em público do nosso caráter” (O Jovem Luterano, dez. 1962, p. 2).

De acordo com o conjunto de regras pré-estabelecidas, o jovem luterano deveria aprender a controlar a suas pulsões emocionais. A sobriedade deveria ser a primeira prerrogativa em seu passatempo, pois a sociedade haveria de julgar o seu comportamento nesses momentos. Em diálogo com isso, para Carmen Lúcia Soares (2006, p. 110),

Os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra com face polissêmica e se processa de forma singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem.

Os comportamentos socialmente desejados são mobilizados por esforços pedagógicos civilizadores (Elias, 2011). No caso da instituição religiosa Sínodo de Missouri, o esporte e toda a parte recreativa eram mobilizados no sentido de aprimorar a racionalização do corpo pela fé, o que envolvia gestos, posturas e condutas; afinal, o jovem Luterano deveria dar o exemplo de austeridade e bom comportamento (O Jovem Luterano, abr. 1940). Logo, Elias (2011, p. 140) sublinha que:

O círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes que os jovens só têm uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da “vida decente”.

Na visão do autor, a moldagem dos padrões de comportamento ocorre com base em uma rede de interdependência. Ele destaca, assim, a importância dos relacionamentos sociais na constituição do indivíduo. Logo, pode-se afirmar que comportamentos são socialmente construídos com perspectivas em configurações sociais específicas que se responsabilizam pela moldagem dos sujeitos que se reconhecem como pertencentes a uma mesma comunidade.

Por conseguinte, o Sínodo fazia uso da rede de sociabilidade juvenil para dar suporte à educação moral sem deixar de dar atenção ao corpo e à mente do jovem. A disciplina era provocada por meio da religião, que atuava como mediadora dos padrões físicos e comportamentais desejados, pois, “convém mencionar que uma das finalidades do esporte é auxiliar o jovem a manter uma mente sã e o corpo saudável” (O Jovem Luterano, nov. 1943, p. 164). Para Denise A. Goulart (2010), as ações assistencialistas voltadas à educação de jovens por intermédio de mobilizações esportivas promovidas por instituições religiosas possibilitam aos jovens se expressarem, ao mesmo tempo em que potencializam a disseminação dos discursos religiosos.

Poucos seriam os lugares que poderiam oferecer à juventude uma recreação voltada tanto para a formação física como para o controle das emoções. Havia uma mobilização por parte da Igreja no sentido de sensibilizar as comunidades a investirem na construção de espaços onde os jovens de ambos os sexos pudessem desenvolver atividades educativas e recreativas. Além de uma “oportunidade para atrair os jovens para a igreja, as atividades educativas e recreativas desenvolvidas nestes espaços cooperam para a formação do jovem cristão” (O Jovem Luterano, out. 1949, p. 148).

A exemplo disso, a União Juvenil de Getúlio Vargas/RS dirige-se à revista para comunicar que no corrente ano:

fundamos também o nosso centro educativo e recreativo, onde a par de sadios passatempos nos adestramos nos valiosos ensinamentos de Jesus. No decorrer do ano um regular número de visitantes associou-se à nossa alegria o que nos desenha uma perspectiva de progresso, uma vez que diversos destes mesmos

que ainda não sejam luteranos, participam dos nossos cultos e atividades juvenis (O Jovem Luterano, jun. 1951, p. 91).

O esporte ocupava, assim, um papel importante na vida recreativa dos jovens luteranos. Os relatórios juvenis dão uma dimensão de como este incentivo às competições esportivas reverberavam entre os jovens, sendo uma atividade que não se restringia ao público masculino, conforme as Figuras 34 e 35, que se referem a registros de competições esportivas femininas publicadas pela revista “O Jovem Luterano”.

Figura 34 – Corrida feminina, promovida pela juventude de Serro Azul.



Figura 35 – Equipe feminina de voleibol de Videira, junto com o técnico.



Fonte: revista “O Jovem Luterano”, abr. 1940, p. 55. Fonte: revista “O Jovem Luterano”, abr. 1964, p. 13.

A Figura 34 refere-se a uma corrida feminina realizada em um encontro esportivo promovido pela juventude de Serro Azul/PR. Nela é possível observar moças correndo de vestido e chapéu, e a presença de rapazes que provavelmente estão organizando a atividade; ao fundo há um grupo de pessoas assistindo à competição.

Já a Figura 35 trata-se de uma fotografia posada da equipe feminina de voleibol de Videira/SC junto com o técnico, durante o encontro da amizade das Uniãoes Juvenis de Videira e Joaçaba/SC. De maneira semelhante à fotografia anterior, as moças estão de vestido, e também se percebe a presença da figura masculina no controle da equipe. Isso deixa evidente que mesmo a prática esportiva estando presente no cotidiano das mulheres, ela se deu sob e gestão e regulação masculina. A este respeito, Melo (2022) externa que mesmo enfrentado restrições no que tange à participação feminina no esporte, ele foi um dos primeiros espaços de maior participação social para moças.

Outrossim, o entrevistado Luiz (2023) recorda que as os eventos esportivos promovidos pelas Uniãoes Juvenis abrangiam tanto as modalidades masculinas quanto

femininas: “Então se [...] tinha a corrida das moças, o futebol das moças, o voleibol das moças, o futebol de vassouras e tudo dentro da competição valendo ponto para a juventude. Tinha os jogos de mesa, ping-pong¹²⁸, knips¹²⁹, moças também jogavam”.

A observância desses registros permite ainda o engajamento de diferentes problematizações, entre elas a de como a Igreja percebia a prática esportiva entre mulheres, bem como as vestimentas e a feminização do corpo da mulher. O que se sabe com base em Ana Júlia Pinto Pacheco (1998) é que o início da participação feminina em eventos esportivos no Brasil data as décadas de 1930/40. Nesse período, o controle dos corpos das mulheres teria se tornado uma preocupação da medicina e dos meios militares, que passaram a orientar algumas modalidades esportivas adequando às especificidades biológicas da mulher com base em um discurso higienista-eugenista. As atividades físicas a elas proporcionadas deveriam preservar os estereótipos femininos e transformá-las em um elemento sadio de procriação. Era preciso tomar cuidado para não masculinizar a mulher e preservar o componente central da identidade feminina: a maternidade (Pacheco, 1998).

Não se sabe se a Instituição luterana chegou a se orientar por critérios de “saúde pública”. No entanto, a citação de artigos e recomendações da SNES, instituição responsável pelo gerenciamento da educação e saúde pública naquele período, é evidência de que a revista estava alinhada com as diretrizes dos órgãos de apoio à saúde pública. Entretanto, o que se pode comprovar com base em registros efetuados pela revista “O Jovem Luterano” é que a prática esportiva entre mulheres era uma realidade entre a juventude luterana. Assim como é perceptível também a preocupação em preservar as características do feminino por intermédio das vestimentas.

Contudo, as entrevistadas Loni e Darli ressaltaram que existiam esportes preferíveis pelas mulheres, entre eles o voleibol e o futsal de vassouras, conforme mostra a Figura 35: “Tinha até algumas moças que jogavam futebol (Darli, 2023); mas “futebol era coisa de rapaz, as gurias jogavam vôlei, jogavam muito bem” (Loni, 2022). Suas memórias concordam, assim, com o processo de naturalização das características biológicas da mulher, em concordância com a sociedade da época, que acreditava que

¹²⁸ Também conhecido como tênis de mesa.

¹²⁹ Um jogo de botão jogado em um tabuleiro de 1 x 1 m², contendo quatro caçapas, uma em cada canto do tabuleiro, geralmente jogado por duas duplas.

certos esportes eram incompatíveis com as condições da natureza feminina (Pacheco, 1998). Essas percepções e expectativas em relação à natureza da mulher refletiam as estruturas patriarcais e conservadoras da época, que limitavam a liberdade e a expressão das mulheres, reforçando estereótipos de gênero e restringindo suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

Dito isso, é preciso lembrar que a juventude das narradoras supracitadas coincide com o período em que a prática do futsal feminino estava proibida no Brasil¹³⁰, por ser considerado um esporte incompatível com as condições da natureza das mulheres. Nesse sentido, é interessante observar as ponderações de Giovana Capucim Silva (2015), quando diz que existia, na época, uma pressão social de resistência à prática do futsal feminino, sustentada por discursos moralistas que desqualificavam a mulher como pessoa devido à prática esportiva do futebol. Porém, a autora observa que contrariando as orientações legais, as mulheres nunca abandonaram totalmente a prática do futebol. O que teria acontecido, na verdade, é que a imprensa, ao não dar visibilidade ao futsal feminino, jogou a atividade esportiva na clandestinidade (Silva, 2015).

Logo, as memórias das entrevistadas acima citadas vêm ao encontro das observações feitas pela autora, de que a prática do futebol como atividade de lazer nunca foi totalmente abandonada pelas mulheres, e sim silenciada pela imprensa da época, que também teria sido a principal disseminadora dos discursos sobre a prática do futebol estar atrelada a virilidade masculina. A exemplo disso, não há na revista “O Jovem Luterano” nenhum registro escrito e/ou fotográfico relacionado ao futebol feminino. Confirma-se, assim, as colocações de Silva (2015, p. 115) de que “a imprensa se apresentou como porta-voz dos discursos hegemônicos, requalificando o imaginário sobre a mulher a fim de manter o seu papel social tal como submissa, subalterna, dependente e, de alguma maneira inferior ao homem”.

Conforme mencionado anteriormente, estes registros se constituem como uma espécie de comprovação sobre práticas esportivas e socializadoras promovidas pelas União Juvenis em temporalidades específicas. Ao dar visibilidade às atividades

¹³⁰ Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Art. 54 – “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm. Acessado 22 ago. 2023.

promovidas pela juventude, a revista buscava estimular o protagonismo do jovem que era convidado a compartilhar suas experiências em eventos esportivos, culturais e religiosos que aconteciam junto à instituição religiosa. Como exemplo, as Figuras 36 e 37, a seguir, fazem menção a duas atividades esportivas promovidas nas/pelas uniões juvenis.

Figura 36 – Equipe feminina de futsal de vassoura da Vila progresso-Santa Cruz- RS.



Figura 37 – Equipe de futsal masculino de Novo Hamburgo – RS.



Fonte: Rev. “O Jovem Luterano”, abr. 1969, p.12. Fonte: Rev. “O Jovem Luterano”, nov./dez 1971, p.12.

A Figura 36 é uma fotografia pousada da equipe feminina de futsal de vassoura da União Juvenil de Vila Progresso, Santa Cruz- RS. Em tal imagem pode-se observar um grupo de moças de vassoura na mão em um campo gramado e uma bola à frente delas. O texto que acompanha a fotografia faz uma homenagem às jovens daquela juventude por terem “introduzido oficialmente em nossos círculos juvenis o novo esporte do futebol de vassouras e atesta que as moças, tem interesse por esse tipo de esporte” (O Jovem Luterano, abr. 1969, p. 12). A modalidade esportiva havia caído nas graças dos jovens como uma das atividades esportivas preferidas das moças, sendo assim incluída nos eventos oficiais da Juventude Luterana.

Para a entrevista Loni (2022), o futsal de vassouras se tornou uma das modalidades esportivas mais esperadas e prestigiadas nos congressos: “todos queriam assistir as meninas jogarem”. Por conseguinte, observa-se, com base em relatos de moças praticantes, que “a modalidade esportiva deveria se restringir as moças porque quando os rapazes se metem dá cabo de vassoura quebrado que é um pavor” (O Jovem

Luterano, abr. 1969, p. 12). A narrativa é um demonstrativo daquilo que Silva (2015) chama de incompatibilidade de gênero criada pelo imaginário social, em que o corpo feminino é associado à ideia de beleza, fragilidade, delicadeza e maternidade, enquanto que do homem é exigido força e resistência física, entre outros elementos percebidos como masculinos. Nas palavras de Silva (2015), isso funcionava como um eixo argumentativo, conferindo sustentabilidade à leitura social de que a prática de futebol, à medida que envolvia contato físico, força e resistência, era uma modalidade viril.

Apesar da modalidade esportiva do futsal de vassouras ganhar visibilidade na década de 1960, o mesmo já vinha sendo praticado há muito mais tempo. Sendo que em janeiro de 1941 a Juventude de Novo Hamburgo/RS informou em relatório que eram adeptos ao “futsal de vassouras que sempre arranca boas gargalhadas da juventude” (p. 13). Tanto aqui como na narrativa anterior é possível perceber uma conotação pejorativa em relação ao futsal de vassouras, como sendo o esporte que trazia diversão para aqueles que assistiam à modalidade esportiva. Além disso, conforme colocado pela narradora Loni, era uma prática esportiva associada à mulher, pois ela tinha mais sensibilidade com o manuseio da vassoura. O que nos leva a perceber que havia uma adaptação simbólica envolvida na modalidade esportiva que colocava as mulheres a jogarem com uma vassoura na mão, um objeto doméstico, com o qual a sociedade entendia estarem familiarizadas.

A Figura 37 refere-se a uma fotografia posada da equipe de futsal masculino da União Juvenil de Novo Hamburgo/RS. Nela é possível observar um grupo de rapazes uniformizados (short e camiseta) em um campo gramado, e uma bola à frente deles. A fotografia foi realizada durante o “Encontro da Amizade”, um evento que ocorria todos os anos em várias regiões do Brasil, normalmente durante o mês de maio – por essa razão era chamado também de “Mês da Amizade” –, quando jovens se reuniam dentro de cada distrito para confraternizar e praticar esportes. Conforme observado pela revista “O Jovem Luterano”, o encontro tinha por finalidade “proporcionar aos jovens diversões sadias e oportunidades de formar novas amizades, rever amigos e fortalecer aquelas já existentes, para juntos se divertir e crescer na fé Cristã” (abr. 1964, p. 13).

Segundo o entrevistado Luiz (2023), o futebol se encontrava em primeiro lugar entre as atividades integrativas para jovens: “Já se fazia torneios entre os jovens, muitas

Juventudes participavam, faziam festas, torneios, e o pessoal se envolvia no futebol de salão”. Na visão do entrevistado, esses torneios esportivos, além de estabelecerem relações de convívio entre jovens de diferentes Uniões Juvenis Luteranas, contribuíam na integração e na vivência da fé entre luteranos. Ou seja, a prática do futebol entre jovens luteranos proporcionava um senso de comunidade e pertencimento.

Várias eram as oportunidades para os jovens luteranos socializarem com aqueles que comungavam da mesma fé, e, nesse sentido, assimilar hábitos, normas e costumes semelhantes. Pode-se assim dizer que a instituição religiosa, ao forjar um sistema de sociabilidade inter-luterano, estabelecia a construção de um *habitus* religioso (Bourdieu, 1989) sustentado por valores culturais e referências identitárias que configuravam em uma identidade luterana.

Mediante o exposto, pode-se observar que era por intermédio de atividades e programas específicos voltados para os jovens, como grupos de jovens, encontros, retiros, acampamentos e eventos sociais e esportivos, que a Igreja promovia a socialização e a integração dos jovens na comunidade de fé. Esses locais permitiam que os jovens se encontrassem, compartilhassem experiências, desenvolvessem amizades e estabelecessem laços afetivos e matrimoniais entre si.

Essas observações são reforçadas no próximo tópico, no qual serão discutidas algumas mobilizações culturais relacionadas à música e ao teatro com o objetivo de fomentar a socialização e a integração dos jovens na vida da Igreja. Importante ressaltar que a música e o teatro desempenham papéis significativos no contexto do luteranismo, sendo considerados meios de educação, adoração, comunicação e celebração, desempenhando diversas funções essenciais na experiência da fé e na prática religiosa dos luteranos.

5. 2 – A arte a serviço da sociabilidade: harmonizando vozes, palcos e identidade luterana

Inerente a essa proposta de sociabilidade inter-luterana estava a diversificação de atividades culturais e esportivas, entre outros espaços que oportunizavam aos jovens se envolverem em programas socioculturais e educativos promovidos pela própria instituição religiosa. A exemplo disso, a música e o teatro, os quais, de acordo com o entrevistado Luiz (2023), eram apresentações bem estruturadas pelos jovens que se dedicavam à arte de cantar e atuar. Ele recorda que "o canto era o destaque principal, mas a juventude também era habilidosa e criativa na produção teatral".

Segundo a revista "O Jovem Luterano", era responsabilidade do Departamento Cultural promover e incentivar o planejamento e a realização de projetos relacionados à área da cultura. Tinha como incumbência oportunizar a realização de atividades culturais em eventos juvenis luteranos, tanto no campo teatral como musical (jan./fev. 1959). Encarregado de levar a cultura até os jovens, o trabalho do departamento cultural atuava na "produção e fornecimento de peças teatrais sacras, comédias, dramas e pantomimas e material de canto sacro e popular, aos coros de nossas comunidades principalmente os juvenis" (O Jovem Luterano, jan./fev. 1965).

A concepção artística musical luterana estava estritamente ligada à prática de ensino. Como herdeiros da Reforma, o fato de ter Lutero manifestado que "gostaria de ver as artes a serviço de Deus" (Lutero, 1984), particularmente a música, fez esta ocupar um lugar de suma importância na divulgação dos princípios luteranos. Conforme Mônica Isabel Lucas (2010), na esfera luterana a música ocupa uma posição privilegiada no campo do conhecimento, sendo superada apenas pela Teologia. Para a autora, a percepção de aspectos moralizantes na música levou Lutero a recomendar essa disciplina para a educação dos jovens.

A música, assim, desempenhava um papel tanto disciplinador quanto educativo, e, portanto, a juventude deveria ser habituada a essa forma de arte, pois ela contribuiria para desenvolver as sensibilidades e habilidades dos jovens (Lucas, 2010). Assim como a musicalidade era capaz de conectar os membros de uma casa despertando neles a

alegria de viver, poderia também ser utilizada como instrumento de formação e unificação das comunidades (*Der Walther-Liga-Bote*, dez. 1936).

Para Lucas (2010), o fundador do movimento protestante reconheceu o poder da música como um meio de transmitir a mensagem religiosa de forma acessível e emocionalmente envolvente. Dessa maneira, a relação da Igreja Luterana com a música, principalmente a erudita, é profunda e significativa. Bem valorizada, desde sua fundação no século XVI, como uma forma de adoração e expressão espiritual. Além disso, a música erudita na tradição luterana também desempenha um papel educativo e formativo. Ela é uma forma de ensinar e transmitir a teologia e a fé luterana. Os hinos e corais, por exemplo, são frequentemente utilizados para ensinar doutrinas e princípios teológicos aos fiéis.

Compositores renomados como Johann Sebastian Bach (1675-1750)¹³¹, Nikolaus Selnecker (1530-1592)¹³² e Heinrich Schütz (1585-672)¹³³, que foram influenciados pela teologia luterana e criaram obras musicais que se tornaram parte integrante do repertório litúrgico luterano, têm seus trabalhos referenciados pela revista “O Jovem Luterano”. A respeito da musicalidade de Bach, a revista observa que o mesmo escreveu:

O pequeno livro para órgão, dando as diretrizes para os principiantes, ensinando-os o seu método para aprender a tocar música de corais[...] dando-lhes a possibilidade de se especializarem no estudo do pedal e de maneira especial na música coral (O Jovem Luterano, out. 1950, p. 134-135).

A publicação observa ainda que Bach considerava “Lutero o grande senhor das notas e que ele enquanto músico era apenas um instrumento das suas notas” (O Jovem Luterano, out. 1950, p. 134).

Além destes, outros grandes músicos são representados nas páginas da revista pela sua importância e contribuição para o campo da musicalidade, podendo-se citar: Georg Friedrich Handel (1685- 1759); Joseph Haydn (1732- 1809); Wolfgang Mozart (1756- 1791); Ludwig Beethoven (1770-1827); Franz Schubert (1797-1828); Richard Strauss (1864-1949); Gustav Mahler (1860- 1911); Max Reger (1873-1916); Richard

¹³¹ Revista “O Jovem Luterano”, out. 1948; dez. 1949; jul., ago./set., out. 1950; set. 1964.

¹³² Revista “O Jovem Luterano”, dez. 1948.

¹³³ Revista “O Jovem Luterano” set. 1948.

Wagner (1813- 1983) e Frederico Chopin (1810- 1849) como alguns vultos da música erudita destacados.

A música desempenha um papel importante nos cultos e celebrações da Igreja Luterana. Frequentemente associada aos corais polifônicos, hinos e cantatas. Suas composições são baseadas em textos bíblicos e hinos congregacionais, e são executadas com instrumentos como órgão, orquestra e coro. O jovem, por sua vez percebido como um potencial em formação, além de ser estimulado por intermédio da música, era orientado a aprender a cantar e/ou tocar algum instrumento musical que viesse a somar à liturgia da congregação luterana em si. A música, então, era vista como uma forma de louvor a Deus e de comunicação da mensagem cristã (O Jovem Luterano, mai., 1969). Através da música, os jovens luteranos eram convidados a refletir sobre a Palavra de Deus, a expressar suas emoções e a se conectar com o divino.

Orientados pelo pensamento musical reformador, desde muito cedo os jovens luteranos eram disciplinados na musicalidade, conforme observado por Weiduschadt (2012); a música ocupava um lugar importante na educação e doutrinação das crianças. Em acordo com essa interlocução, a prática do canto está presente nas narrativas de todos os entrevistados como um elemento significativo da sua juventude:

Cantar fazia parte da juventude, a gente cantava nas reuniões, tinha o canto coral, o canto juvenil fazia parte das brincadeiras de roda, [...] o nosso divertimento era cantar, e fora da juventude a gente se reunia nos domingos a tarde na casa de alguém e ficava horas cantando. A música estava presente em tudo o que a gente fazia, nossa brincadeira era aprender a cantar (Edgar, 2023).

A música fazia parte do cotidiano juvenil, estava presente em todas as atividades, oferecendo suporte tanto na aprendizagem quanto na sociabilidade, ensinando valores morais e éticos, entre outras funções relacionadas a ela, considerando as rotinas desenvolvidas pelos jovens. Com relação a isso, o periódico "O Jovem Luterano" (nov. 1954) ressalta que a música desempenha um papel reflexivo e social na sociedade. De acordo com a revista, a melodia musical sempre teve como objetivo sensibilizar as pessoas por meio de expressões significativas em diferentes épocas históricas da humanidade.

A musicalidade, além de ajudar na aquisição e no aprimoramento do conhecimento, guiava as relações juvenis sendo um importante meio de integração

social, oferecendo aos jovens a oportunidade de estreitar seus laços interpessoais. Conforme observado pela entrevistada Darli (2023):

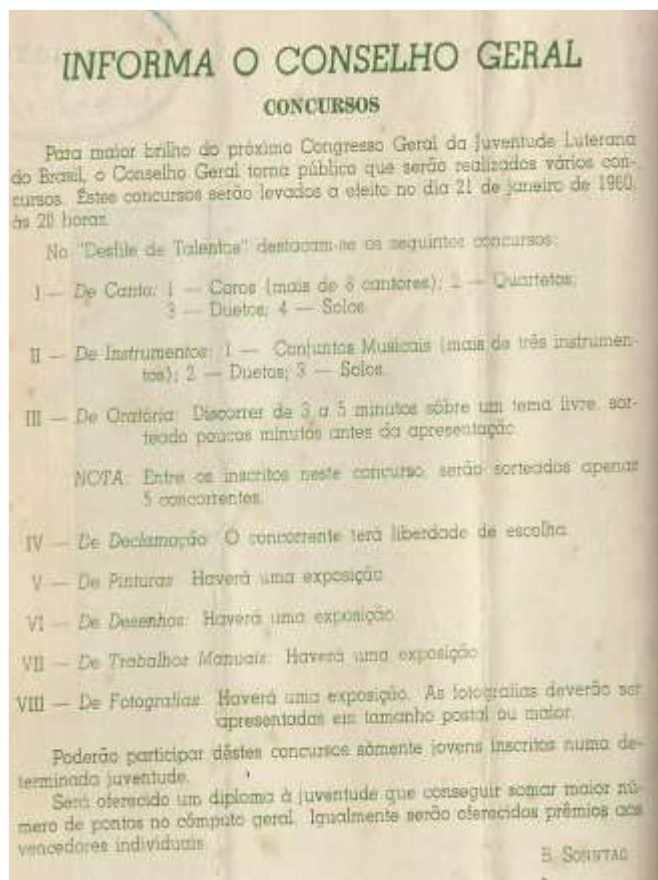
As cantorias atraíam muitas pessoas, a gente cantava muito, tinha um repertório diversificado, fazia muita noite recreativa e isso juntava muita gente. Então, a gente divulgava com antecedência e o pessoal se organizava para vir prestigiar. A gente montava um palco na rua com bancos para as pessoas sentarem e quem tinha algum dom apresentava, poesia, piada, canto, teatro, o Edgar mesmo tocava pistão. [...] vinha muita gente era muito lindo. E isso agradava muito, porque não tinha outros divertimentos.

A narrativa chama a atenção para as oportunidades de socialização desencadeadas por esses eventos culturais, vistos pela entrevistada como locais e momentos propícios para interações sociais. Em acordo com estas afirmativas, o entrevistado Luiz (2023) recorda que os eventos culturais não mobilizavam apenas a juventude, mas “a comunidade em geral vinha prestigiar as apresentações artístico-musicais, ficavam horas assistindo [...] sendo que muitas eram aplaudidas de pé, tamanha a qualidade da apresentação”. O narrador atesta, assim, a sensibilidade da comunidade com relação às manifestações culturais juvenis. O engajamento da comunidade em prestigiar essas manifestações culturais pode estar relacionado ao desejo de preservar e enaltecer sua própria identidade cultural luterana. Isso ocorre devido ao fato de que as expressões culturais de uma sociedade refletem suas tradições, valores e crenças (Woodward, 2014).

Oferecer aos jovens uma programação diversificada era um meio de tornar a união juvenil mais atraente. A revista observa que as manifestações intelectuais e artísticas deveriam integrar o programa juvenil (O Jovem Luterano, set./out. 1961). Para tanto, a Liga Juvenil, por intermédio do seu departamento cultural, fomentava a promoção de eventos culturais a nível local, distrital e nacional.

A figura a seguir, trata-se de um anúncio sobre uma promoção artístico-cultural que fazia parte do programa do Congresso Geral da JELB, programado para janeiro de 1960. Na publicação são enumeradas uma sequência de atividades artísticas voltadas para a promoção dos talentos juvenis, tanto individuais como coletivos.

Figura 38 – Anúncio de concurso cultural.



Fonte: Revista "O Jovem Luterano", ago. 1959, p. 1.

Ao analisar o anúncio, fica evidente que grande parte das atividades propostas para o evento deveriam ser planejadas com antecedência, de forma a serem apresentadas e expostas durante o Congresso, onde as melhores apresentações seriam selecionadas e premiadas. É bem provável que essas promoções artísticas e culturais fossem divulgadas meses antes, de modo que os jovens tivessem tempo para preparar suas apresentações dentro de suas associações juvenis. Vale ressaltar também que apenas os jovens inscritos em uma associação juvenil poderiam participar da atividade. Isso leva a refletir sobre o quanto essas restrições de participação eram, na verdade, estratégias para atrair mais jovens para a instituição, uma vez que muitos jovens que não faziam parte de algum departamento juvenil poderiam enxergar naquela oportunidade uma chance de ter seu talento reconhecido, e para tanto se filiavam a uma instituição de jovens luteranos.

As programações culturais eram assim necessárias para que o jovem luterano pudesse ter a oportunidade de se expressar culturalmente respeitando a moralidade e os valores cristãos. Sendo assim, considerando a relação estreita entre luteranismo e musicalidade em consonância com a doutrina professada, uma das práticas mais disseminadas entre os jovens era o canto coral, tido pelos luteranos como “instrumento didático pedagógico no ensino do canto à comunidade” (Dreher, 2000b, p. 480).

A fotografia a seguir encontra-se na revista “O Jovem Luterano” e faz referência ao coral dos jovens de Porto Alegre. Foi mobilizada, aqui, para representar as inúmeras representações de grupos de canto juvenil veiculadas pelo periódico.

Figura 39 – Coral da juventude de Porto Alegre.



Fonte: Revista “O Jovem Luterano”, out. 1971, p. 8.

A fotografia vem acompanhada de um texto onde é observado que: “no primeiro e segundo fins de semana do mês de outubro de cada ano já se tornou tradicional para o público porto-alegrense aplaudir a muitos corais e seus destacados regentes” (O Jovem Luterano, out. 1971, p. 8). A sequência da publicação observa ainda que o evento já vem sendo realizado há mais de uma década, tendo iniciado apenas com grupos de corais gaúchos e que “devido o crescente interesse da plateia pela arte e pela cultura musical” (p. 8), a associação que coordena o festival resolveu expandir o conclave, transformando-o em um evento nacional e pan-americano.

Feitas as apresentações do festival, o texto chama a atenção para o conagraçamento da juventude da Igreja Luterana em torno da música coral. Segundo consta, vinham obtendo ótimos colocações nos últimos anos, “alcançando o primeiro

lugar no festival nacional de 1969, e ficando entre os finalistas do pan-americano de música coral em 1970, que reuniu corais do Brasil, México, Peru, Argentina e Chile onde ficou em terceiro lugar” (O Jovem Luterano, out. 1971, p. 8).

Para o entrevistado Edgar (2023), foi durante a juventude que “aprendi a cantar ensaiar coral, tocar trompete, eu tocava nas noites culturais da juventude, tocava muito bem o harmônio e depois o teclado, órgão né, ariscava no violão”. O autor da narrativa, que chegou a trabalhar como regente de coral, ressalta que o contato que teve com a musicalidade durante a sua juventude influenciou na sua formação profissional. O relato também chama a atenção para a introdução de instrumentos musicais como o trompete e o violão no contexto da instituição religiosa luterana. A revista “O Jovem Luterano” de abril de 1967 deixa transparecer que a introdução de instrumentos musicais tidos como não convencionais para o contexto da época enfrentou resistência das alas mais conservadoras da instituição religiosa. Sendo, inclusive, o tema debatido em congressos com apresentação de teses favoráveis e contrárias à introdução de instrumentos musicais “não convencionais” nas atividades da instituição religiosa.

Apesar da resistência inicial por parte de algumas congregações e jovens mais conservadores, logo perceberam os benefícios que a sonoridade dos instrumentos musicais poderia trazer para o canto da comunidade. Conforme relato da jovem que escreve à revista para falar a respeito das suas impressões com relação a introdução de instrumentos musicais na liturgia da igreja:

A princípio eu era contra essa experiência, mas a alegria que senti hoje na igreja me mostrou novos horizontes. A música foi feita com o violão e órgão. O violão as vezes parecia imitar as harpas do Velho Testamento. O uso dos novos instrumentos musicais no culto provou ser mesmo dignificante e solene (O Jovem Luterano, set. 1969, p.10).

Assim, é interessante observar as potencialidades dos jovens no campo da religiosidade institucionalizada, percebidos como agentes de mudanças e continuidades. Pode-se observar que os jovens, mesmo que de maneira discreta, assumem certo protagonismo na reelaboração de significados, rituais e princípios oferecidos pelos diferentes sistemas religiosos. Para Wellington Cardoso de Oliveira (2017), que em sua tese discutiu as transformações que o movimento pentecostal vem sofrendo nas últimas décadas, os jovens se apresentam como os potenciais agentes dessa mudança dentro

das instituições religiosas. Segundo ele, os jovens encontram-se em um período de transição, entre a fase infantil e a fase adulta, o que faz deles uma força propulsora de transformações, mas também de potenciais conservadorismos, levando a conflitos geracionais entre aqueles que desejam e querem mudanças e aqueles que lutam pela manutenção da tradição. A juventude é considerada por Oliveira (2017) o principal agente do processo de reconfiguração do discurso e das práticas religiosas, principalmente por mostrarem-se mais abertos a debater assuntos do cotidiano sem se prender a estereótipos religiosos, o que mostra a sua aproximação com uma visão de mundo diferente daquela construída apenas no espaço religioso.

As duas figuras a seguir são destaques da capa da revista “O Jovem Luterano” e chamam a atenção para dois momentos diferentes em que a Juventude Luterana faz uso dos instrumentos musicais mostrando as suas potencialidades artísticas e litúrgicas.

Figura 40 – Grupo Teatral e Musical da juventude de Ijuí/RS.



Fonte: Rev. “O Jovem Luterano”, out. 1959, capa.

Figura 41 – Canto Litúrgico: Emir Lemke e Magda Kunstmann, Juventude de Porto Alegre/RS.



Fonte: Rev. “O Jovem Luterano”, mai. 1969, capa.

A primeira imagem é uma foto posada do grupo teatral e musical da Juventude de Ijuí/RS, com seus respectivos instrumentos musicais, uma gaita e um violão, utilizados em sua apresentação no congresso distrital missioneiro ocorrido em Ibirubá/RS, conforme informado em nota que acompanha a fotografia. O texto acentua as potencialidades artísticas da referida Juventude e salienta que os mesmos:

Apresentam-se como fortes concorrentes aos concursos artísticos que serão levados a efeito durante os dias do próximo Congresso Geral da Juventude Luterana do Brasil que se realizará em Porto Alegre nos dias 20 a 24 de janeiro de 1960. (O Jovem Luterano, out. 1959, capa).

Ao destacar a performance musical do grupo juvenil de Ijuí/RS, o texto chama a atenção dos jovens para o concurso artístico nacional, incentivando-os a prepararem excelentes apresentações para o evento.

A Figura 41 retrata um momento de adoração juvenil realizado em Porto Alegre/RS, quando dois jovens, com o auxílio de um violão, entoam um cântico religioso. A imagem dos jovens cantando traz consigo alguns questionamentos intrigantes: "Energia? Sim! Onde aproveitá-la? Uma força que não se deve perder" (O Jovem Luterano, mai. 1969, capa). O propósito conjunto do texto e da fotografia é evidenciar como a instituição religiosa pode se beneficiar da energia e da musicalidade juvenil dentro do espaço religioso. Era fundamental que a Igreja se mantivesse de portas abertas e acolhesse as contribuições dos jovens no âmbito musical. Ao reconhecer e absorver a musicalidade e a energia da juventude no espaço religioso, a Igreja estabelecia um ambiente mais inclusivo, atrativo e pertinente aos jovens, fazendo com que eles se sentissem participantes ativos na comunidade.

A constatação de que a música era uma excelente aliada na promoção da sociabilidade entre os jovens no âmbito religioso e que muitos deles poderiam ser atraídos para a organização juvenil e, conseqüentemente, para a instituição religiosa por meio da música, incentivou o Conselho Geral da juventude a criar "um departamento de música cujo objetivo era fornecer material de canto sacro e popular para os coros das nossas comunidades, especialmente os juvenis" (O Jovem Luterano, maio de 1965, p.13). O investimento se fazia necessário "devido às grandes dificuldades enfrentadas pelos coros juvenis para obter material autenticamente luterano, tanto em termos musicais quanto em texto" (O Jovem Luterano, jan./fev. 1959, p. 24).

Nem todas as músicas religiosas poderiam ser utilizadas pelos jovens luteranos, razão pela qual havia a preocupação em preparar um material que estivesse alinhado com as orientações doutrinárias da instituição luterana, tanto no aspecto textual quanto melódico. A preservação da moralidade e dos valores cristãos luteranos também se

estendia às manifestações intelectuais e artísticas. Por essa razão, havia cuidado na produção cultural teatral e musical destinada aos jovens.

O relatório do distrito Paranaense publicado em março de 1954 é um exemplo de que havia uma carência de material impresso para a promoção de atividades culturais. O texto observa que o distrito organizou uma noite cultural com o objetivo de arrecadar fundos para a “compra de um mimeógrafo, tão indispensável para a reprodução de peças teatrais, canções, poemas e outras materiais necessários” (O Jovem Luterano, mar. 1954, p. 7). O texto ressalta que:

A receita de CR\$ 1.010 testificou o grande interesse que se mostrou em torno do teatro cristão apresentado no armazém da cooperativa de Imituva/PR [...] o programa foi de primeira qualidade [...] no auditório hora havia lágrimas, hora um riso incontido. Houve jovens que, mercê do seu desempenho excepcional se destacaram dentre todos, mas todos renderem o máximo esforço gentil e generoso que não regatou aplausos e gritos de bis (O Jovem Luterano, mar. 1954, p. 8).

Descriminadas as motivações, o texto destaca o interesse da sociedade paranaense pelo teatro cristão e o empenho da juventude para com a cultura do entretenimento cristão popular.

A demanda por material teatral e musical era constante nas páginas da revista “O Jovem Luterano”. Em janeiro/fevereiro de 1959, p. 1, o periódico anuncia que para atender a grande procura por material de entretenimento cultural “o Conselho Geral elaborou um plano de trabalho conjunto dos departamentos, cultural, teatral e musical para intensificar a produção de material de cunho artístico musical”. Periodicamente eram disponibilizadas “[...] peças teatrais, sacras, comédias, dramas, ao custo de 100 Cr\$ a peça, [...] partituras de músicas, cópias do hino da juventude estudos bíblicos” (O Jovem Luterano, ago. 1965, p. 13), cópias e partituras de músicas para coros, religiosos e populares (O Jovem Luterano, jun./jul. 1967, p. 13).

Apesar desses materiais terem um custo para as Uniãos Juvenis, os dados dão conta de que os jovens buscavam por estes materiais junto à organização juvenil: “Muitas vezes a gente solicitava material de estudo e recreação, a igreja fornecia isso” (Iria, 2023). A narradora ressalta que esse material era imprescindível para que o desenvolvimento do trabalho na Juventude ocorresse de maneira estruturada, respeitando os princípios éticos e morais defendidos pela instituição religiosa. Ao obter o material fornecido pela

Igreja, eles contavam com a garantia de que não estavam violando as normas da instituição.

Entre outras manifestações culturais, o teatro e a música eram parte integrante do programa juvenil. Os relatórios juvenis trazem vestígios de uma intensa programação cultural que mobilizava a sociedade juvenil luterana. A exemplo disso, os jovens da região de Porto Alegre comunicam que:

Como parte do encerramento do encontro do mês da amizade, levou-se a efeito esse ano a V Olimpíada Cultural. Deu-se no dia 29 de maio no Salão de atos da PUC, um dos maiores salões de espetáculo de Porto Alegre. Assistido por aproximadamente 800 pessoas, foram ali apresentados conjuntos instrumentais e vocais, solos instrumentais e vocais, oratória, declamação, coros, teatros, folclores, etc. das sete uniões juvenis que compõe o distrito Porto Alegrense sagrou-se vencedora a U. J. Concórdia (O Jovem Luterano, jun. 1965, p. 14).

Já a juventude de Ijuí/RS informa que todos os anos promovem uma “festa cultural e uma noite recreativa, composta de canções sacras e folclóricas, apresentações teatrais sacras e comédias, além de diálogos e poesias” (O Jovem Luterano, ago. 1948, p. 124). O relatório destaca ainda a participação de outras Uniãoes Juvenis e a presença da comunidade que “assistiu entusiasmada as belíssimas apresentações” (p. 124). As programações culturais eram assim diversificadas e mobilizavam um grande número de jovens e pessoas da comunidade que iam prestigiar esses eventos.

Para a juventude de Rolante/RS, as noites recreativas consistiam em momentos de encontro e diversão para toda a comunidade. Essas atividades eram “organizadas pelos jovens locais, que se empenhavam em um programa teatral composto por músicas, duetos e peças teatrais, todas apresentadas por membros da própria juventude” (O Jovem Luterano, mar. 1941, p. 13). Essas informações corroboram a narrativa de Alvacir (2023) sobre o grupo juvenil ao qual pertencia, que, segundo ele, também “mantinha um grupo de teatro e coral ensaiado por um professor”. No entanto, eles nunca chegaram a se apresentar em congressos, realizando “apenas apresentações para a comunidade local e em colônias vizinhas (Alvacir, 2023)”. Portanto, para muitos jovens, a cultura artística musical era vista como um momento de socialização comunitária, no qual eles desempenhavam um papel importante no lazer das comunidades, proporcionando oportunidades de distração e convívio social.

Essas mobilizações artísticas e culturais se estendiam para além do espaço comunitário do grupo juvenil. Eventos culturais eram estrategicamente organizados por regiões geográficas para possibilitar a promoção da sociabilidade juvenil luterana. Para a narradora Iria (2023), a Olimpíada Cultural não se resumia a uma noite de apresentação, visto que:

Para poder fazer uma boa apresentação, a gente se mobilizava com antecedência, primeiro era preciso decidir o que apresentar, as músicas, a peça de teatro, alguma poesia, distribuir o material, quem vai fazer o que? Depois a gente se reunia semanalmente no templo da igreja em encontros de aproximadamente de uma a duas horas para os ensaios.

Segundo a entrevistada, os jovens se mobilizavam com relação a figurino, decoração do texto, ensaios de palco envolvendo o posicionamento dos atores, suas expressões faciais e vocais, “para poder fazer bonito no dia da apresentação” (Iria, 2023). O entrevistado Luiz (2023) explica que “gostava muito da função de ensaiar o teatro e depois apresentar no palco”. Ambos recordam que eram atividades que exigiam dedicação, pois além de memorizar o texto os jovens precisavam organizar toda a apresentação.

Essas observações deixam evidente o envolvimento dos jovens com as atividades culturais que a instituição religiosa proporcionava. Ponderações que também foram observadas pela juventude de Manoel do Rego de Canguçu/RS, que informa em relatório realizar dois encontros semanais:

Todos os domingos à tarde realizamos a nossa reunião e nos divertimos com brincadeiras e cantorias ao ar livre, muitas vezes essas atividades ocorrem na casa dos membros [...] às quartas-feiras a noite nos reunimos para o ensaio de canto, pois constituímos um cântico, que apesar de ser ainda imperfeito por falta de soprano e tenor, canta com coragem e prazer. Isto é bem outra vida do que tiveram os nossos antepassados nesse lugar¹³⁴ (O Jovem Luterano, jun./jul. 1941, p. 96, grifos nossos).

¹³⁴ Dentro do contexto histórico e social do Brasil, é muito provável que a jovem autora do relatório juvenil estivesse se referindo ao passado escravagista que marcou profundamente a história do país, ao afirmar que “Isto é bem outra vida do que tiveram os nossos antepassados neste lugar”. Essa afirmação indica uma percepção de ruptura ou transformação em relação às condições de vida e aos padrões de relações sociais enfrentados pelos seus ancestrais. A expressão “outra vida” sugere que os seus antepassados enfrentaram uma realidade de opressão, exploração e marginalização, em contraste com a atual situação, caracterizada por mudanças sociais, políticas e culturais que possibilitam novas formas de existência e identificação. Ao mencionar “os nossos antepassados neste lugar”, a jovem evoca a memória coletiva e a herança histórica dos descendentes de africanos escravizados no Brasil, apontando para a necessidade

Nessa perspectiva, é importante notar que Valberth Veras da Silva (2009b) evidencia que para tornar a Igreja mais atrativa para os jovens, é muito mais eficaz promover projetos que envolvam a participação deles do que simplesmente realizar algo em benefício deles. Em outras palavras, é fundamental oferecer aos jovens a oportunidade de estabelecer conexões dentro do contexto religioso. Tudo sugere que essa era também a estratégia adotada pelo Sínodo de Missouri para envolver os jovens no trabalho na e pela Igreja.

A programação cultural das uniões juvenis estava, assim, recheada de música, teatro, danças, eventos, exposições e outras manifestações artísticas. A Figura 42 é uma representação desse envolvimento da juventude luterana com a cultura do entretenimento.

Figura 42 – Conjunto folclórico da juventude de Novo Hamburgo/RS.



Fonte: Revista "O Jovem Luterano", jul. 1970, p. 14.

A fotografia foi tirada durante uma apresentação de dança folclórica da União Juvenil de Novo Hamburgo/RS. O texto que acompanha a imagem não informa qual modalidade de dança foi representada. Porém, baseado em Márcio Monticelli Albani (2014), é bem provável que se tratasse de uma dança típica da cultura alemã, devido a

de reconhecer e refletir sobre as injustiças, as desigualdades e as violências que marcaram o passado escravagista e que ainda reverberam nas estruturas sociais e nas relações raciais contemporâneas. Portanto, a frase sugere uma reflexão sobre as transformações sociais e culturais ocorridas ao longo da história, destacando a importância de reconhecer e reavaliar as heranças do passado escravagista na construção de identidades individuais e coletivas no presente.

algumas questões étnicas da cultura germânica expressas na vestimenta¹³⁵ do grupo folclórico, também conhecida por *Tracht* (traje). E considerando a influência da imigração alemã na formação da cidade de Novo Hamburgo, é preciso ponderar que “a imagem não é uma simples representação, mas conduz “[...] uma forma de ver e de pensar, ou ainda, uma maneira de ver e estar no mundo” (Muniz, 2010, p. 128). Em outras palavras, a encenação era uma representação política e cultural criada por esse grupo social para reproduzir comportamentos e costumes já estabelecidos.

Outrossim, é importante observar que a instituição luterana Sínodo de Missouri não promovia a identidade germânica. Portanto, a reprodução da fotografia era meramente ilustrativa e provavelmente escolhida pela própria União Juvenil, já que vem acompanhada de um texto comemorativo alusivo aos 50 anos da referida Juventude.

No texto, é informado que a União Juvenil São Paulo de Novo Hamburgo/RS é uma das primeiras Uniões Juvenis a surgir no Brasil e, como espaço de convivência, “durante esses cinquenta anos de trabalho, proporcionou muita alegria aos jovens, estabelecendo muitas amizades locais e pelo país afora” (O Jovem Luterano, jul. 1970, p. 14). A publicação destaca ainda a alta frequência semanal das atividades dessa Juventude, que conta com uma “participação média de setenta jovens por encontro, que, de forma conjunta, se dedicam ao estudo das escrituras sagradas e se relacionam de maneira cristã” (p. 14).

Cientes de que os jovens precisavam de momentos de descontração, a revista "O Jovem Luterano" destaca a importância de a Juventude ser um lugar de convivência social. A União Juvenil deveria oferecer um programa recreativo variado e realizar atividades culturais e sociais para a diversão dos jovens. Como elemento que promove e dissemina práticas de sociabilidade cultural, os jovens de Três Coroas/RS mencionam que “possuem um grupo musical e de canto folclórico e tradicionalista que se reúne

¹³⁵ Segundo Albani (2014), tais vestimentas eram trajes típicos do reino da Baviera, e no contexto alemão do século XIX tinham uma função de diferenciação social. Sendo que os trajes culturalmente reproduzidos aqui no Brasil são equivalentes aos utilizados pelos plebeus germânicos daquela época, que adotavam este tipo de vestimenta para facilitar o trabalho, o avental servindo para secar o suor do rosto da mulher e a calça curta proporcionando aos homens maior mobilidade no serviço do campo, além de facilitar a limpeza da roupa para o uso no dia seguinte. Já o chapéu com a pena significava que o homem tinha algum status e poder.

semanalmente para ensaios envolvendo um grande número de jovens que se dedicam a arte de cantar e dançar” (O Jovem Luterano, abr. 1958, p. 15).

Por sua vez, a narradora Loni (2022) recorda que a juventude a qual frequentava mantinha um grupo de canto “que se reuniam semanalmente para ensaiar músicas, muitas vezes ensaiadas em quatro vozes pelo pastor”. O relatório em conjunto com a narrativa chama a atenção para a formação musical oferecida aos jovens no âmbito da instituição religiosa, que se mostrava interessada em aprimorar as habilidades musicais dos seus jovens, por intermédio de treinamentos vocais orientados.

As manifestações folclóricas estavam presentes tanto no canto quanto na arte de representar. Observa-se que a cultura folclórica ganhou popularidade “entre o público e os jovens que se aventuram a estudar diferentes culturas para poder representá-las no palco”. (O Jovem Luterano, jul. 1968, p. 13). O texto enfatiza que as influências que moldaram a cultura brasileira, como o folclore gaúcho, português, indígena e africano, são especialmente apreciadas pela juventude luterana; como demonstrado na imagem abaixo, que retrata uma peça teatral baseada na corte portuguesa, apresentada durante o Congresso Nacional da JELB em São Paulo/SP.

Figura 43 – Peça teatral A Corte Portuguesa.



Fonte: Revista “O Jovem Luterano”, ago. 1970, p. 6.

Embora não haja um texto que descreva a cena retratada, é perceptível o empenho dos jovens em relação ao figurino, à caracterização dos personagens e à composição

dos cenários, com o intuito de conferir à encenação as características da época e do contexto representado. Isso evidencia o envolvimento dos jovens na construção da história representada, demonstrando claramente o processo educacional numa perspectiva de transmissão cultural de geração a geração, conforme Bourdieu (1989). Desse modo, por intermédio das encenações teatrais os jovens eram convidados a refletir sobre as interações entre os contextos sociais externos e as subjetividades dos indivíduos.

O interesse pela cultura de outros países era também tema para a promoção de festas temáticas promovidas pelas Juventudes de Pelotas/RS, conforme pode ser observado na fotografia a seguir, tirada durante a segunda festa temática promovida pela União Juvenil Redenção de Pelotas/RS cujo tema era “Uma viagem pelo Mundo”. O texto observa que o objetivo da festa era “representar características culturais de diferentes países do mundo entre eles Alemanha, China, França, Holanda, Brasil, Portugal e México” (O Jovem Luterano, fev. 1970. p. 8).

A publicação observa ainda que foi realizado um estudo sobre a vestimenta e a culinária típica de cada país. E que foram organizadas no salão da congregação estantes temáticas em que jovens, devidamente caracterizados, representavam cada um desses países. Assim o público tinha a oportunidade de “visitar cada uma das casas temáticas conhecer um pouco da história do lugar e provar um prato típico daquele país” (O Jovem Luterano, fev. 1970. p. 8).

Figura 44 – Festa temática da Juventude Redenção de Pelotas/RS.



Fonte: Revista “O Jovem Luterano”, fev. 1970, p. 8.

Estimular as expressões culturais juvenis no âmbito do luteranismo se apresentava como uma maneira de conservar os jovens nos domínios da Igreja, respeitando e propagando sua fé, crenças, valores e tradições. Além de intensificar o sentimento de pertencimento a um coletivo que compartilha das mesmas convicções religiosas, promover eventos culturais também significava evitar que os jovens fossem corrompidos por “entretenimentos oferecidos por uma sociedade corrupta [...] que quando não interessada em deturpar a moral cristã busca deformar a mentalidade dos jovens com diversões¹³⁶ que exploram o sexo e a violência (O Jovem Luterano, jan./fev. 1969, p. 4).

O incentivo para a realização de eventos culturais no espaço religioso era percebido como um meio necessário para manter os jovens vinculados às suas convicções religiosas. Afinal, o espaço juvenil era “o melhor elo entre o jovem e a igreja, lugar onde ele encontra ensinamento e diversão” (O Jovem Luterano, jan./fev. 1969, p. 5). Como um espaço de interferência religiosa, a Juventude seria o ambiente ideal para o jovem explorar a sua criatividade teatral e musical. Contudo, o teatro e a música, percebidos como instrumentos educacionais, oportunizavam a formação e a capacitação dos jovens, principalmente no canto coral e no teatro religioso, fortemente guiados por um propósito evangelizador. Conforme excerto abaixo:

¹³⁶ Crítica ao cinema, teatro, televisão, clubes, associações e outros meios de comunicação e sociabilidades (O Jovem Luterano, jan./fev. 1969).

O teatro, jovens amigos é além de tudo escola de educação. A apresentação no palco é um grande espelho de muitos exemplos da nossa vida. Como na pregação da palavra de Deus, uma peça teatral de conteúdo cristão, poderá realizar idênticos efeitos. Poderá ajudar a transformar uma vida, convertendo-a a Jesus (O Jovem Luterano, mai. 1969, p. 5).

Com isso, além da perspectiva socializadora, o teatro, como espaço de educação, era praticado com base em uma abordagem doutrinária. As apresentações eram percebidas como instrumentos de reflexão e tinham como objetivo mostrar a crença dos jovens luteranos em Deus, além de proporcionar ao espectador a oportunidade de refletir sobre sua própria existência como ser humano e as implicações resultantes de suas escolhas e atitudes.

No que diz respeito ao trabalho educacional relacionado às apresentações teatrais, é evidente a preocupação da instituição religiosa em garantir a transmissão de valores sociais e morais aos jovens e ao público que assistia às atrações teatrais. Para isso, exigiam de seus jovens um comportamento social coerente com a doutrina defendida pela Igreja Luterana (O Jovem Luterano, jan./fev. 1964). Portanto, a vida social de seus jovens não poderia se afastar do que era pregado por meio de suas encenações.

Em suma, a música e o teatro eram recursos valiosos que ajudavam a transmitir valores, promover a reflexão espiritual e fortalecer os laços de comunhão entre os jovens e a Igreja. Essas manifestações artísticas eram mobilizadas como ferramentas educativas e de socialização dos jovens, proporcionando oportunidades para que eles se envolvessem ativamente no aprendizado dos ensinamentos cristãos e na integração na comunidade de fé, promovendo assim a formação integral da juventude luterana, tanto em âmbito educacional doutrinário como no social e comunitário.

No próximo capítulo será explorada, inicialmente, a formação de uma comunidade de leitores a partir da revista "O Jovem Luterano" e os desdobramentos literários por ele orientados, visto que o periódico é considerado, neste contexto, como um importante mediador das leituras dos jovens luteranos. Posteriormente, sob um olhar transnacional, serão examinadas as relações entre diversas experiências juvenis luteranas que iam além das fronteiras nacionais, revelando trocas, transferências e disseminação de ideias e pessoas.

6 – A revista na formação de uma rede de leitura e controle juvenil

Para Chartier (1996; 1999), a formação de uma comunidade de leitores não se restringe apenas ao ato individual de ler, mas se estende à troca de experiências, à interpretação coletiva dos textos, às discussões e debates em torno das leituras realizadas. Para o autor, a comunidade de leitores é construída a partir das interações e conexões estabelecidas entre os indivíduos que compartilham interesses, valores e práticas de leitura comuns. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico e interativo no qual as práticas de leitura, as relações sociais e culturais, e as mediações culturais se entrelaçam para criar um espaço de intercâmbio, reflexão e construção de significados em torno dos textos lidos.

Mediante a isso, a abordagem deste capítulo está centrada, inicialmente, na discussão sobre a constituição de uma rede de leitores da revista “O Jovem Luterano” dentro do espaço comunitário da Igreja sob a perspectiva de homogeneizar a formação cultural, educativa e moral das Uniãoes Juvenis. E, em um segundo momento, na existência de um provável intercâmbio cultural entre jovens luteranos, sendo que são perceptíveis algumas ações de corporação e socialização de ideias e pessoas que ultrapassam os limites físicos das fronteiras de seus territórios de origem. O periódico, como uma estratégia da instituição religiosa luterana para orientar a formação de uma juventude alinhada com os princípios religiosos, morais e sociais do Sínodo de Missouri, foi responsável por mediar a interlocução e as conexões de diferentes realidades juvenis luteranas.

6.1 – Estratégias de gerenciamento de leitura e supervisão juvenil

Segundo Chartier (1999), a história das práticas de leitura dos sujeitos comuns encontra-se entrelaçada com a regulação e intervenção exercida pela Igreja ao longo dos séculos no mundo ocidental. Dito isso, a revista “O Jovem Luterano” tinha como proposta

orientar a vida social e religiosa da juventude luterana, isso incluía também o campo da leitura. Encarregada pela circulação de um modelo cultural (Chartier, 1990), a revista visava disciplinar as condutas juvenis com base nas orientações da ética cristã luterana, ao mesmo tempo que autoriza “usos próprios, livres e autônomos”, porém não deixando de ser uma leitura condicionada, uma vez que ela orientava o que merecia ser lido, qual tipo de literatura era boa ou má e que tipo de livro ou revista o jovem poderia ler.

A formação de uma rede de leitores da revista dentro do espaço comunitário da Igreja, dirigida ao público juvenil ao qual pretendia atender, era uma das estratégias da instituição religiosa luterana para manter e/ou reaproximar os jovens e adolescentes da instituição eclesial e das demais atividades religiosas. O objetivo era (in)formar, educar, doutrinar e influenciar a índole da juventude luterana. Assim estaria propagando os ideários da instituição luterana e garantindo a formação de uma juventude alinhada com os princípios religiosos, morais e sociais do Sínodo de Missouri.

Enraizada em experiências religiosas e comunitárias, a revista “O Jovem Luterano” considerava as características sociais dos consumidores e os interesses do Sínodo de Missouri para com seus jovens. Ela explorava as afinidades entre o público leitor e suas pré-disposições religiosas e sociais com as normativas éticas da instituição provedora do periódico. Nesse sentido, Chartier (1996) observa que o que predispõe o sujeito a ler alguma coisa e ser influenciado por uma leitura são as afinidades entre as disposições do leitor e as disposições do autor. Nesse caso, as afinidades que ligariam os dois agentes seriam muito mais sociais do que intelectuais. As narrativas textuais e visuais da revista eram estrategicamente pensadas para contemplar o contexto em que o destinatário estava inserido, fazendo com que ele se percebesse, reconhecesse e o atualizasse.

A narrativa de Loni (2022) credencia as observações feitas por Chartier (1996) de que os textos são pensados com o objetivo de fazer o leitor se reconhecer como parte integrante da história:

Através da revista aprendi muita coisa, [...] ela era uma revista fácil de compreender, sua leitura, o conteúdo, as mensagens eram de fácil compreensão, ela falava a língua dos jovens. Então, para mim, aquilo foi muito importante, eu aprendi e cresci muito com aquilo. Principalmente com as mensagens. Claro a gente gostava também daqueles assuntos do cotidiano, porque era, assim, uma coisa que deixava a gente alegre. Mas o mais importante para mim sempre foram as abordagens religiosas. [...] a gente

gostava muito de ler os relatórios e saber o que as outras Juventudes estavam fazendo. [...] eu buscava seguir as orientações da revista e acredito que os demais jovens que tinham a revista também buscavam seguir as suas orientações. Porque muitas vezes a gente comentava sobre o conteúdo, os fatos, os acontecimentos que a revista trazia! [...]. Eu e as minhas primas, a gente comentava muito sobre a revista, como a gente tinha mais convivência, então, a revista era um dos assuntos (Loni, 2022).

A leitora não somente se apropriava do conteúdo da revista, como também buscava seguir suas orientações, ressignificando-a em sua vida cotidiana, inclusive em suas rodas de conversa. A esse respeito, Chartier (1990) enfatiza que as concepções que a sociedade constrói acerca da realidade são refletidas nas práticas de leitura e representações, e de como tal realidade é dada a ler.

Como qualquer outro periódico, a revista “O Jovem Luterano” apelava para sensibilidade dos jovens leitores. Seu objetivo era conduzir uma reflexão guiada sobre a vida em sociedade da juventude luterana, orientar suas escolhas, influenciar suas atitudes e moldar o seu comportamento. O jovem luterano precisava se diferenciar perante à sociedade e ler a revista o auxiliava nesse processo.

A esse respeito, a Juventude de Porto Alegre/RS, em relatório publicado em fevereiro de 1948, observa que os artigos publicados mensalmente na revista “O Jovem Luterano” formam a base para as discussões nos encontros da Juventude, que busca seguir as suas orientações. Para a Juventude de Dois Irmãos/RS, “o jovem luterano fornece muito material para estudo. Seus artigos, assuntos e atividades são amplamente discutidos e aceitos pelos jovens que encontram nela leitura e orientação” (O Jovem Luterano, set. 1951, p. 133). Tem-se aqui resquícios daquilo que Chartier (1994, p. 216) conceitua como comunidade de leitores, que são “aquelas comunidades interpretativas, cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação”. Esses jovens, ao compartilharem suas leituras, vão construindo um entendimento coletivo e adquirindo condições para avaliar e selecionar maneiras de ressignificar o conteúdo da leitura em suas práticas diárias, estabelecendo uma relação cada vez mais ampla e intensa com a revista.

Planejada para dar seguimento a formação educativa religiosa luterana, iniciada ainda na infância na escola paroquial e seguindo durante o ensino confirmatório, que consistia no ato de preparar os jovens para o ingresso na vida social e religiosa, a revista “O Jovem Luterano” tinha um caráter pedagógico de relacionar os saberes religiosos com

a vivência cotidiana e, por conseguinte, influenciar as escolhas e a sociabilidade dos seus leitores, o que a torna um objeto de ensino e formador de mentalidades. Ela buscava dialogar com o seu leitor fazendo com que este se percebesse parte integrante do seu conteúdo, tornando a leitura uma mediação necessária à constituição e a compreensão de si mesmo dentro de um determinado espaço. Nesse sentido, Scalzo (2020) observa que as revistas cumprem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias:

A revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece por um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a compor a personalidade, isto é, estabelece identificações, dando a sensação de pertencer a um determinado grupo (Scalzo, 2020, p. 12).

Muito mais que proporcionar uma experiência de leitura, a revista “O Jovem Luterano” compartilhava construções linguísticas e formas de representações intersubjetivas à comunidade luterana, envolvendo um processo circular de transmissão, recepção, leitura, apropriação e ressignificação. Perspectiva esta endossada por alguns dos narradores desta pesquisa, ao afirmarem que buscavam orientações cotidianas a partir da leitura da revista. Segundo a entrevistada Darli (2023), tratava-se de uma época em que havia uma limitação maior aos meios de informação e comunicação: “Então o conhecimento que vinha até nós, vinha pela igreja. E tudo que a gente via na revista e achava que podia aplicar em nossa juventude e no nosso dia a dia, a gente fazia”. Por conseguinte, a narradora Loni (2022) compartilha dessa mesma perspectiva ao afirmar que os assuntos abordados na revista eram tema de debate entre ela e suas primas, com as quais convivia mais.

Dado que uma das metas do periódico era se relacionar com as experiências pessoais de seus leitores, não é surpreendente que a leitura dessa publicação possibilitasse a criação de conexões com suas próprias experiências de vida como jovens. Os temas, personagens ou situações descritas no periódico, de alguma forma dialogavam com os eventos, situações e emoções que eles vivenciavam, o que permitia trazer um novo significado e compreensão para suas vivências cotidianas. De algum modo, a julgar pelo que se lê, a Igreja fazia da revista um meio para “mostrar ao jovem o mundo como um espelho, ensinar o que devia ser evitado e o que era conducente a uma

vida tranquila” (Elias, 2011, p. 169). A leitura da revista levava os jovens a reavaliarem suas atitudes, intenções e ações, e, dessa forma, se aproximarem do que a Igreja considerava como o comportamento ideal de um jovem cristão luterano.

Com objetivo de oferecer aos jovens uma experiência completa de leitura, combinando informações relevantes com mensagens inspiradoras de fé, a revista “O Jovem Luterano” proporcionava aos seus leitores uma variedade de artigos que abrangiam tanto conhecimentos gerais como entretenimento cristão. Essa combinação de conhecimentos gerais e entretenimento cristão permitia que os leitores tivessem uma experiência completa de leitura, podendo expandir seus horizontes intelectuais ao mesmo tempo que eram nutridos espiritualmente.

Os artigos de conhecimentos gerais presentes na revista abordam uma ampla gama de temas, como ciência, tecnologia, história, cultura, meio ambiente, esportes e atualidades. Esses artigos tinham como objetivo ampliar o conhecimento dos leitores sobre o mundo ao seu redor, apresentando informações atualizadas e curiosidades interessantes. Dessa forma, os jovens tinham a oportunidade de se manterem informados sobre os acontecimentos da atualidade e também conhecerem um pouco da história do Brasil e do mundo.

Com o intuito de proporcionar um equilíbrio saudável entre informação, entretenimento e ensinamentos religiosos, a revista “O Jovem Luterano” utilizava as novelas cívico-religiosas como parte de seu conteúdo. Essas novelas se estendiam por meses, e até mesmo anos, como o “O amor permanece”, uma narrativa histórica juvenil que se passava no século XVII, no contexto das guerras cívicas na Inglaterra, cuja história começa a ser narrada pela revista em abril de 1942 e se estende até janeiro de 1948. Outro enredo que teve uma longa duração foi “A busca”, que versou sobre a história de três pastores e a procura pelo Messias prometido, que se estendeu de março de 1960 a agosto de 1961. Essas novelas, como eram chamadas, tinham como objetivo de envolver os leitores em tramas emocionantes e, ao mesmo tempo, transmitir valores cívicos e religiosos.

Através dessas novelas, os leitores eram levados a mergulhar em histórias cativantes que tinham uma função educativa, pois traziam à tona temas relacionados à cidadania, valores morais e espirituais. Repletas de personagens envolventes e enredos

intrigantes, a cada edição, novos capítulos eram apresentados, mantendo o interesse do público e fazendo com que eles aguardassem ansiosamente pela próxima parte da história. Conforme relato do entrevistado Luiz (2023), “tinham aquelas histórias continuadas na revista que a gente gostava muito de ler e ficava na expectativa da continuidade, e geralmente elas eram relacionadas à Igreja”. Em corroboração com essas afirmativas, a entrevistada Iria (2023) aduz que:

As novelas cívico-religiosas era um dos temas que a minha mãe mais gostava, a mãe gostava muito dessas novelas de revista. [...] ela gostava dessas histórias continuadas, onde volume da revista “O Jovem Luterano” trazia uma parte. E ela gostava que a gente lesse para ela. [...] uma das histórias preferidas da minha mãe tinha como tema e “O amor permanece”. Era a história de dois jovens, que se passava no contexto das Guerras cívicas na Inglaterra.

Ao longo dos meses e anos em que essas novelas se desenrolavam, os leitores acompanhavam o desenvolvimento dos personagens, seus desafios e aprendizados. Isso criava uma conexão emocional com a história, fazendo com que os valores e mensagens transmitidos fossem absorvidos de maneira mais efetiva. Além de proporcionar entretenimento, essas novelas tinham uma função educativa, transmitindo valores cívicos e religiosos aos leitores. Porém, quando questionada se a revista “O Jovem Luterano” teve influência em sua formação, Iria (2023) coloca que não tem essa percepção de que “ela tenha me influenciado, ela era um hábito de leitura de minha mãe que passou o gosto da leitura da revista para mim”.

Nesse sentido, cabe observar em Chartier (1996) que o hábito da leitura, além das interações individuais e coletivas com os textos, é moldado por fatores como contexto histórico, condições sociais e tecnológicas, e desempenha um papel fundamental na formação de identidades, conhecimento e participação social. Ou seja, mesmo que a narradora não tenha a percepção de que as suas leituras reverberam em sua vida cotidiana, é possível afirmar, com base em Chartier, que a leitura tem o potencial de influenciar os leitores, afetando suas percepções, pensamentos e identidades. No entanto, é importante considerar que a influência da leitura é mediada pelas experiências individuais, conhecimentos prévios e interações sociais.

Como um veículo de comunicação e leitura, a revista “O Jovem Luterano”, além de apresentar um conteúdo diversificado, explorava diferentes possibilidades de usos e

apropriação, expandindo a leitura para além das páginas da revista. Entre essas possibilidades estava a promoção de atividades de estudo promovidas por intermédio de um jogo de perguntas e respostas denominado pela revista como *quis*. Nesse jogo havia atividades que versavam sobre conhecimentos bíblicos, catequéticos e gerais, palavras cruzadas, entre outros, organizados para serem utilizados nos encontros de jovens, bem como em leituras individuais. Tais atividades, além de servirem como estímulo a mais para os jovens lerem – pois, para responder os questionários e quebra-cabeças eles precisavam pesquisar outros materiais religiosos e seculares –, eram pensadas, também, para enriquecer e aumentar o conhecimento bíblico e geral dos leitores, conforme evidenciado no capítulo quatro, no qual se pôde observar as estratégias pedagógicas empregadas por essas atividades educativas.

Sobre essas atividades, é interessante observar na narrativa de Loni (2022) a atuação do professor paroquial, que, segundo ela, intermediava a realização das atividades de estudo e pesquisa promovidas pela revista:

O professor Schmidt fazia muitas coisas a partir da revista, ele fazia gincanas bíblicas e de conhecimentos gerais, organizava os jovens em grupos, rapazes contra moças, para ver quem ganhava. Era muito bom! A gente se divertia e aprendia muita coisa. [...] ele usava aquelas brincadeiras, os questionários sobre conhecimentos bíblicos, aquelas perguntas do que é o que é? e outras atividades de perguntas e resposta, que tinha muito na revista. Tinha as de conhecimentos gerais, e a gente usava aquelas também. Tinha sobre vários fatos e acontecimentos que era importante a gente saber. No final ele sempre comentava sobre o assunto (Loni, 2022).

A fala de Loni (2022) deixa transparecer duas importantes questões: o uso da revista como material didático alternativo para a educação religiosa e social dos jovens luteranos, e a atuação do professor como mediador na propagação de conhecimentos. Segundo a narradora, “[...] por ser mais didática, o professor usava a revista com mais propriedade do que o pastor”. Por conseguinte, ressalta que como “o professor não tinha aquele conhecimento aprofundado da Bíblia, ele optava pelo uso da revista por apresentar uma linguagem mais fácil” (Loni, 2002). A revista era, portanto, a base e o meio utilizado pelo professor para conduzir as atividades de ensino e aprendizagem dentro de um espaço onde a influência religiosa figurava no centro do processo de transmissão de conhecimentos.

Em corroboração a narrativa de Loni (2002), os relatórios das atividades dos grupos juvenis publicados pela revista “O Jovem Luterano” dão conta da atuação do professor(a) paroquial como mediador da leitura e do estudo do periódico em questão. Em um relatório da União Juvenil da localidade de Linha 15 de Novembro de Santa Rosa/RS são publicadas as atividades promovidas por aquele grupo juvenil ressaltando o empenho do “querido professor Albano Zimmer, sempre muito dedicado nos explica o jovem luterano, facilitando assim a leitura e o entendimento”, (O Jovem Luterano jul. 1944, p. 112). Semelhantemente, a Juventude Redentor, da localidade de Solidez, Canguçu/RS, comunica em seu relatório que:

as reuniões de jovens são coordenadas pela professora Paulina Lange e pelo estudante de teologia Nelson Gueths, ambos fazem uso dos artigos das revistas O Jovem Luterano e *Nostra Vitta*, para conduzirem os estudos de reflexão e outros conhecimentos (O Jovem Luterano, mai. 1954, p. 4).

A exemplo destes o/a professor/a é citado em dezenas de outros relatórios como mediador da leitura e facilitador do entendimento. Seu papel era estabelecer relações dialógicas entre os jovens e a revista e contribuir para construção de conexões éticas/religiosas, que seriam estabelecidas através dos questionamentos dos próprios jovens, a partir da leitura da revista, conforme observado em relatório da Juventude de Sertão, município de Mata/RS, no qual destacam que “entre as atividades propostas para cada reunião de jovens temos uma conferência intermediada pelo pastor ou pelo professor sobre um artigo publicado pelo o jovem luterano” (O Jovem Luterano, out. 1951, p. 152).

Por conseguinte, a revista estimulava os jovens a criarem o hábito da leitura:

Cada grupo de jovens luteranos deve esforçar-se por organizar um curso de leitura. Já falamos sobre o valor da leitura da Bíblia, dos livros religiosos, das revistas da igreja e outras leituras edificantes. Onde os jovens não puderem de modo algum conseguir um professor para lhes dar instrução, sempre podem comprar um bom livro para estudar o seu conteúdo em conjunto, pedindo para os mais adiantados para que lhes explique as cousas que não compreenderam (O Jovem Luterano, mar. 1943, p. 35).

A intenção de formar uma rede de leitores não somente pela revista “O Jovem Luterano”, mas também de uma literatura secular e religiosa por ela recomendada, incluía diversas atividades de leitura, formação continuada e adicional. Ao mesmo tempo que

oferecia leituras de cunho religioso, explorava outras possibilidades de leitura e aquisição de conhecimentos seculares, como história, cultura e entretenimento, além de estimular a escrita através de um espaço dedicado ao leitor.

Para a revista:

Ler é aprender. Nosso subconsciente sempre retém algo do que lemos. Se lermos banalidades, ficarão retidas banalidades, se lermos algo sólido e substancial, ficarão retidos ensinamentos, conselhos. Apenas estes nos serão úteis para a vida. Assim recomendamos nesta coluna, a leitura leve, agradável, objetiva e educativa. (O Jovem Luterano, maio, 1969. p. 10).

Como já mencionado, uma das práticas bastante estimuladas pela revista era a produção para publicação de relatórios de autoria das Uniãos Juvenis, repercutidos mensalmente nas páginas do periódico. O jovem era estimulado a isso através do espaço do leitor, em que ele era convidado a participar e compartilhar suas experiências, divulgar as atividades desenvolvidas pelos jovens em suas comunidades, como eventos religiosos, culturais e esportivos que aconteciam em diferentes espaços do Brasil, como um *feedback* à Igreja sobre como o trabalho da liga de jovens estava sendo desenvolvido. Tal evidência pode ser observada na revista, quando esta discorre sobre as finalidades do espaço dedicado às publicações enviadas pelos leitores:

Estas páginas estão à disposição de quem quiser utilizar-se dela, para troca de ideias, relatos de acontecimentos na vida da União Juvenil, contribuições literárias ou de poesias, sugestões práticas para a administração do trabalho juvenil entre nós, fotografias de eventos e atividades das Uniãos Juvenis, perguntas, etc, etc (O Jovem Luterano, ago. 1952, p. 114).

A interlocução com a rede de leitores pode ser considerada, com base em Certeau (2011), uma ação calculada para o aproveitamento de uma ocasião com a finalidade de elucidar a apropriação e as maneiras como os grupos recebem e ressignificam a incidência das ações propostas pela revista. Os relatórios elaborados pelas Juventudes e destinados à redação da revista para serem publicados dão conta de como os assuntos e as atividades propostas pela revista repercutiam dentro das Uniãos Juvenis.

Essa prática de cooperação entre editor e leitor teve seu início em junho de 1929 e manteve-se ao longo de todo o período de circulação da revista, noticiando e repercutindo não somente o uso da revista “O Jovem Luterano”, mas também todas as

atividades religiosas, recreativas e sociais nas quais os grupos juvenis se envolviam. As abordagens da revista eram assim guiadas por um ambiente cultural e religioso que cercava o objeto literário, em um cenário onde a figura do leitor era essencial para o editor conduzir o processo de produção da revista, de forma que suas ideias fizessem sentido para aqueles que dela se apropriavam (Chartier, 1999). Portanto, mesmo levando em conta as orientações religiosas, o interesse do público-alvo era também considerado. O conteúdo, a linguagem, o tom e o estilo de escrita eram adaptados às necessidades e expectativas dos leitores, levando em conta seu nível de conhecimento e interesse no assunto.

Havia o cuidado para que a condução da escrita fizesse sentido ao leitor. Sendo assim, era importante que os jovens enviassem seu *feedback* e sugestões de publicações para a revista. O intuito era proporcionar uma experiência de leitura agradável e de fácil compreensão, transmitindo de maneira efetiva as ideias e os posicionamentos da instituição religiosa em relação aos temas abordados. Pois, de acordo com a observação, "a revista trabalha em estreita colaboração entre autor, editor e os jovens leitores para assegurar que o texto seja claro, coerente, acessível e adequado ao público-alvo" (O Jovem Luterano, nov. 1950, p. 177).

Por trás de todas as atividades que eram realizadas estava a proposta da constituição de uma comunidade de leitores, que compartilhavam a construção de significados (Chartier, 1999). Conforme observa a leitora Loni (2022), que por muitas vezes ocupou o cargo de secretária da União Juvenil que frequentava, a leitura da revista se fazia necessária. Pois, como secretária "[...] precisava se integrar dos assuntos que estavam em pauta na juventude, bem como enviar relatórios das atividades que eram promovidas na nossa juventude" (Loni, 2022). Ressalta, ainda, que a revista era popular entre os integrantes da Juventude da qual fazia parte, e que os mesmos comentavam suas leituras, emitiam opiniões, selecionavam e socializavam aquilo que mais gostavam, além de sugerirem leituras.

Assim, cabe refletir sobre a contribuição da União Juvenil não somente na formação do leitor, mas nas relações que se estabeleceram com o universo literário a partir desse contexto, que, ao fim e ao cabo, responsabilizava-se pela formação do jovem luterano e tinha na revista "O Jovem Luterano" o seu principal aliado. A revista observa

que como órgão oficial da Comissão Pró-Juventude ela se constitui um elo entre todas as Uniãoes Juvenis Luteranas e:

[...] faz parte integral do trabalho entre os jovens no seio da nossa igreja e contribui, de sua parte para que seja fomentado entre os jovens o estudo bíblico, a educação e a sociabilidade cristã. [...]. O jovem luterano é a nossa revista, escrita por nós para nós, e contém muitas coisas uteis para a nossa juventude e para os leitores individuais que nos acompanham em nossos estudos bíblicos, na apresentação e solução de problemas de jovens cristãos e nos passeios por informações uteis, necessárias e produtivas de bem. [...]. E neste sentido também ajuda aos pastores e professores, fornecendo-lhe matéria para discussão e leitura (O Jovem Luterano, nov. 1949, p. 167).

A revista se propunha também a intermediar a aquisição de literaturas seculares, estimulava a formação de bibliotecas nos departamentos juvenis e promovia concursos literários, além de abrir um espaço para que os jovens pudessem socializar o seu cep, e uma breve biografia para trocar correspondências e/ou socializar contratos de casamentos e noivados – conforme observado no capítulo anterior, em que se discutiu práticas de sociabilidade da juventude luterana.

Para assegurar as condições institucionais de fomento à leitura e promover condições para que todas as Uniãoes Juvenis pudessem formar uma biblioteca, e/ou pelo menos adquirir livros a preços reduzidos, a revista notifica a criação de um “Clube do livro”:

O Clube Luterano do livro é um órgão oficial do Conselho Geral da Juventude Evangélica Luterana do Brasil, destinado a fomentar a criação de boas bibliotecas, especialmente entre os departamentos juvenis, que lhes são filiados. Para isso está agremiação indicará, inicialmente, a cada mês, uma obra literária, a ser adquirida pelos seus associados. Esta obra será previamente indicada e comentada através do Jovem Luterano. [...]. Todos os interessados, uniões juvenis e membros dessas uniões, moços, moças e velhos, todos poderão associar-se ao Clube Luterano do Livro, mediante o pagamento de uma taxa de inscrição de Cr\$ 100,00. Esta taxa destinar-se-á a criação de um fundo de reserva para o Clube. Os livros indicados pelo Clube terão o desconto de 20% a 30% sobre os preços que as respectivas obras estão sendo comercializadas. [...]. Além destas atividades, o Clube Luterano do Livro, manterá vida ativa, organizando cursos literários, conferências, audições, debates, etc. Incentivando desta forma, e mesmo criando entre os jovens o gosto pelas artes, e, em especial pela boa leitura. (O Jovem Luterano, abr. 1958, p. 2).

Entendia-se que a literatura possuía o poder de estabelecer um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre a experiência vivida e o que ainda estava por conhecer, ao mesmo tempo que contribuía para o desenvolvimento de um pensamento crítico, rápido

e criativo. Ao dar prioridade ao que a revista chamava de “Movimento Literário”, ela publicava mensalmente sugestões de livros que poderiam ser solicitados ao Conselho Geral, que se encarregava de enviá-los ao endereço informado no pedido (O Jovem Luterano, jul. 1959).

O texto da revista aduz, ainda, que a participação no clube do livro poderia ser uma alternativa para os jovens pertencentes a comunidades que não tinham uma União Juvenil formada. Tinha-se a convicção de que promover e nutrir o hábito da leitura entre os jovens era de suma importância, pois isso contribuiria para ampliar seus conhecimentos e compreender o mundo ao seu redor, além de auxiliar o jovem a enriquecer o seu vocabulário, aprimorar suas habilidades de leitura e escrita, e a desenvolver uma comunicação mais eficaz. Outrossim, havia também plena consciência de que a leitura poderia corromper as convicções religiosas do jovem luterano, por isso era essencial garantir que os jovens tivessem acesso apenas a livros e gêneros literários que estivessem alinhados com os ensinamentos recebidos durante sua formação inicial. Dessa maneira, estímulo e controle da leitura andavam juntos, com o subsídio da mediação literária.

Por essa razão, “O Jovem Luterano” informa, em maio de 1969, que o Conselho Geral da juventude estava expandindo a publicidade do “Clube do Livro” nas demais revistas da Igreja.

Tudo isso no sentido de que o jovem tome consciência da importância da leitura. Na verdade, a existência de algum empecilho não dificultara o plano, porque mensalmente serão sugeridos livros pelo O Jovem Luterano. Assim o alcance de bons livros, estará à disposição de todos. Pois o movimento literário tem a incumbência de criar bibliotecas nas sedes juvenis (p. 8).

Uma das etapas do processo de incentivo à leitura era a propaganda de livros que poderiam compor a biblioteca das juventudes e contribuir na aquisição de conhecimentos relacionados à história das sociedades civis, bem como à cultura e ao folclore brasileiro. Entre estes, livros de autores conhecidos da literatura brasileira da época como “Ubirajara”, de José de Alencar, um romance que tem como tema central um indígena brasileiro que ainda não se corrompeu perante a cultura europeia, cujo resumo é apresentado no exemplar de novembro de 1957; O livro “O tronco do ipê”, também do autor supracitado; “Helena”, de Machado de Assis; “A namoradinha”, de Manoel de

Macedo; “Dom quixote”, de Miguel de Cervantes; “Os poemas”, de Castro Alves; além de outras obras literárias e romances de autores renomados na literatura brasileira.

Outro livro bastante recomendado nas páginas do impresso foi a obra “Contos e lendas”, de Simões Lopes Neto, um dos grandes nomes da literatura sul-rio-grandense, cujas contribuições se estende à literatura brasileira:

Jovens amigas e amigos. É interessante e importante conhecer mais de perto o regionalismo brasileiro. Tão fecundo! Tão belo! E lendo os contos e lendas de Simões Lopes Neto, lereis beleza e vais saber mais sobre regionalismo tanto gaúcho quanto brasileiro (O Jovem Luterano, mar. 1959, p. 6).

A revista se encarregava, também, de fazer uma introdução no universo da história ou assunto sobre o qual o livro tratava. Entende-se que ao trazer resumos dos livros, a revista estimulava os jovens a quererem saber mais sobre o tema, instigando-os dessa maneira a se mobilizarem para a formação das bibliotecas juvenis.

E não demorou muito para as juventudes aderirem a essa proposta. A Juventude Concórdia de São Paulo/SP, informa que, no corrente ano, deu início à formação da sua biblioteca, “que conta já com considerável número de volumes, sendo a nossa intenção de aumentar muito mais ainda” (O Jovem Luterano, nov. 1951, p. 170). Já a juventude de Arroio do Meio/RS comunica que “os Jovens resolveram criar uma caixinha para angariar contribuições espontâneas destinadas para a compra de livros instrutivos para a formação da nossa biblioteca” (O Jovem Luterano, dez. 1951, p. 195).

Por conseguinte, a Juventude Concórdia de Porto Alegre/RS revela em relatório publicado em julho de 1952, p. 56, o lançamento entre os jovens da campanha: “doe um livro para a biblioteca da juventude no mês do seu aniversário”. Observam que a mesma está surtindo efeito, sendo que a biblioteca está aumentando um pouco a cada mês, e que receberam de “uma amiga da juventude a doação de 23 livros para compor a biblioteca juvenil”. Essas atividades mostram a mobilização dos departamentos juvenis em direção ao que era proposto pela Liga Juvenil Nacional por intermédio da revista. Expressando com isso, mecanismos de articulação das relações de poder promovidos por intermédio de micro-ações oportunas reveladas em práticas cotidianas (Certeau, 2011).

Em outro relato publicado meses antes, a Juventude de Imbituva/PR pontua em seu relatório que:

Como nem todos os jovens tem condições para manter uma assinatura da revista, resolvemos que revista o jovem luterano integrará a biblioteca da juventude que apesar de ainda pequena fornece-nos bons livros e como muitas vezes, mais jovens querem retirar o mesmo livro é necessário recorrer a paciência e esperar até que todos se sintam satisfeitos (O Jovem Luterano, set. 1951, p. 136).

Já o Distrito Sulino relata que no congresso distrital, realizado em fevereiro de 1953 na localidade Solidez/Canguçu/RS, foi debatido sobre a importância de os jovens luteranos terem acesso a uma boa literatura, com conteúdo e informações úteis para a vida. Ressalta que tratou sobre a instalação de bibliotecas nas Uniões Juvenis do distrito e que ficou decidido que “a secretária fará o envio de uma carta ao conselho Geral solicitando uma lista de livros aconselháveis a todas as uniões juvenis, a fim de começarem o quanto antes com a respectiva biblioteca” (O Jovem Luterano, abr./mai. 1953, p. 49).

Esses relatórios, produzidos pelos jovens e socializados pela revista, dão uma ideia de como funcionava o processo intervenção, recepção e apropriação da leitura. Não se tratava apenas da montagem de uma biblioteca, com opções de uma leitura qualquer, mas sim de um agenciamento literário estratégico condicionado por um modelo cultural, social e institucional (Chartier, 1990). Percebe-se que não se tratava necessariamente de uma literatura reflexiva sobre a estrutura social como um todo, mas de um tipo de leitura escolhida com base em referências estéticas e modelos de representações culturais submetidas às exigências de censura da instituição mobilizadora e da identidade cultural do público ao qual ela se dirigia.

Apresentar os livros era uma das etapas do processo de incentivo à leitura, mas isso não era o suficiente, era preciso oferecer os livros, disponibilizar as leituras, aproximar os leitores, ou seja, tornar os livros acessíveis para a leitura. No exemplar de junho de 1948, é possível observar a atuação de um comitê da Juventude Luterana do Brasil atuando na “organização de uma lista de livros que se recomenda aos nossos jovens e que servirão para ser integrados nas bibliotecas que estão sendo formadas [...] os interessados, se dirijam a redação” (O Jovem Luterano, jun. 1948, p. 94). Desse modo, ela se colocava como mediadora de leitura, além de estimular o hábito de ler,

selecionando leituras que iriam agregar conhecimentos variados, sem desviar os jovens dos propósitos religiosos e sociais pré-estabelecidos. Como se lê:

É nosso objetivo, com a criação deste setor do jovem, despertar na mocidade luterana o interesse pela leitura de bons livros e de oferecer-lhe também, por assim dizer, um catálogo, onde poderão encontrar motivos para ótimos presentes. Peço, portanto, aos jovens que se interessem por esta coluna e procurem adquirir e ler livros que aqui recomendamos. (O Jovem Luterano, set. 1957, p. 9).

Ao fornecer orientações acerca dos livros que estavam conscientes com a fé dos luteranos e quais deveriam ser evitados, a Igreja buscava salvaguardar os seus fiéis de “influências negativas” e promover uma educação e um crescimento espiritual e cultural saudável, de acordo com os seus preceitos. Com base nisso, pode-se afirmar que a indicação de literatura secular aos jovens era realizada com discernimento e responsabilidade. Além da qualidade literária, era levada em consideração a adesão aos princípios cristãos e a relevância para o contexto social e juvenil em questão.

Na ilustração abaixo é possível observar a listagem de indicações de leituras, tais como obras religiosas, históricas, literárias e folclóricas regionais, seguida pelos valores unitários de cada obra, bem como pelo valor total de todos os volumes ofertados. São ainda apresentadas sugestões de como a juventude poderia reaver o valor investido através do empréstimo desses livros.

Figura 45 – Lista de livros.

Biblioteca para Uniãoes de Juventude		
Aquisição: A		
Volumes: 20		
Importância: Cr\$ 246,00		
P. E. Buyers	Nos tempos de Jesus	Cr\$ 28,00
H. Rohden	Alegorias	" 5,00
Franz Treller	O filho do gaúcho	" 7,00
J. W. v. Goethe	Clavigo	" 15,00
Mark Twain	As aventuras de Tom Sawyer	" 30,00
P. Grabein	No braseiro dos trópicos	" 25,00
C. Fouquet	O prisioneiro de Ubatuba	" 25,00
R. Eger	No continente negro	" 20,00
F. Salten	Florian	" 20,00
E. Karstner	Três homens na neve	" 25,00
Biblioteca das Moças		
21	A sogra	" 12,00
122	Herança inesperada	" 10,00
136	Amor incompreendido	" 12,00
Visc. de Taunay	Em Mato Grosso invadido	" 6,00
	O Visconde do Rio Branco	" 6,00
TOTAL: Cr\$ 246,00		
A despesa causada pela aquisição destes livros será compensada, se, à razão de Cr\$ 0,50 pelo empréstimo de um livro, cada livro for procurado 25 vezes.		

Fonte: Revista "O Jovem Luterano", ano XI, jun./jul. 1950, p. 76.

Cientes da importância da leitura na formação dos sujeitos, a revista "O Jovem Luterano", além de socializar resumos de obras literárias, buscava tornar os livros acessíveis para a leitura através de iniciativas para a formação de bibliotecas comunitárias alocadas junto às Uniãoes Juvenis, como já mencionado. Era, portanto, uma das estratégias de ações educacionais e culturais que contemplava o projeto socioeducativo da instituição de formar jovens luteranos que se diferenciasssem culturalmente perante à sociedade. Considerando que a construção da identidade encontra-se culturalmente, entre outros fatores, entrelaçada com ideais religiosos e costumes (Elias, 2011), pode-se dizer que ela é fruto de um processo de construção, adequação e qualificação de certos comportamentos aceitos adequados por determinados círculos sociais. Daí o empenho da instituição religiosa em fomentar uma literatura para a educação no "conhecimento moral" da juventude.

Ao tomar como argumento o Movimento Literário, o periódico expõe que "Lutero soube que a mais poderosa arma contra a ignorância é EDUCAR o povo à LEITURA" (O

Jovem Luterano, março, 1969, p. 7). Por isso sentiam a necessidade de despertar a juventude para a leitura, pois tinham a compreensão de que “a ausência de leitura e a ignorância bíblica são a causa principal da ruína espiritual de muitos cristãos, (Idem p. 7).

Por conseguinte, orientavam aos jovens a evitarem “certas literaturas”, consideradas por eles como impróprias para um jovem cristão luterano:

A campanha contra a má leitura não se revestira de perseguição aos livros e revistas inconvenientes, mas de orientação contra a sua compra e leitura. Citando-lhes os nomes criticando-lhe o conteúdo e advertindo contra os seus perigos. Livros, revistas, jornais e propagandas sem vestígios de pudicícia e desprezando a castidade devem ser evitados, pois nada acrescentam a vida do cristão (O Jovem Luterano, jan. 1960, p. 2).

O periódico exerce o poder de controle da leitura, considerando o livro como convite para a imaginação. Assim era necessário esclarecer os jovens sobre os perigos da literatura de “moral duvidosa” para a integridade do jovem cristão. Salienta que era preciso que os jovens tivessem acesso a “materiais de leitura de qualidade para a formação do seu caráter e para desenvolverem o conhecimento orientado em Cristo” (O Jovem Luterano, nov./dez. 1964, p. 15), e evitassem as literaturas de moral questionável adquiridas nas bancas de jornal, pois, segundo a visão da publicação, tais materiais não contribuíam em nada para a formação do caráter de um jovem cristão. Ao mesmo tempo, era preciso estimular na juventude luterana o gosto pela boa literatura, tão logo:

A Campanha a favor da boa leitura busca selecionar livros e revistas que não oferecem perigos aos jovens e sua difusão consiste principalmente na produção e circulação de revistas e outras publicações que exponham o ponto de vista cristão das coisas. (O Jovem Luterano, fev. 1971, p. 12).

Interessa, aqui, problematizar a constituição de uma comunidade de leitores que se organizava em torno da manutenção de valores oficialmente sancionados e culturalmente aceitos quanto ao que deveria ser uma leitura apropriada para um jovem luterano. Tratava-se, portanto, de um agenciamento literário estratégico, cuja intencionalidade era subsidiar a formação do conhecimento do jovem luterano pelo crivo da moralidade e da religiosidade, e assim fomentar uma unidade luterana em pensamentos, palavras e ações. É nesse sentido que Chartier (1999) diz que as experiências literárias individuais estão sempre orientadas por modelos e normas compartilhados pela sociedade no qual o sujeito está inserido. Segundo ele, por mais que

o leitor faça uma leitura singular, “está singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade (Chartier, 1999, p. 92).

O jovem luterano precisava criar o gosto pela leitura, para tanto ele precisava de um bom material de leitura que pudesse servir de auxílio na formação do seu caráter no amor, no temor a Deus e no conhecimento Cristão (O Jovem Luterano, nov. 1954). “O Jovem Luterano” era considerado o material ideal, pois se tratava de “uma publicação da igreja para os jovens que oferece leitura, instrução, espírito sadio e cristão e intercâmbio de ideias no setor do trabalho juvenil” (O Jovem Luterano, ago./set. 1953, p. 100). Os artigos do periódico, examinados a luz da Igreja, eram indispensáveis e de grande utilidade para o desenvolvimento da juventude luterana:

A revista é construtiva e de boa leitura o estilo e sua linguagem é simples e se adapta aos jovens, trata de assuntos de interesse para os jovens, oferecendo também soluções para os problemas que defrontam os jovens de hoje, sejam problemas pessoais ou da vida social. (podes tomar certo que tudo nela combina com as verdades bíblicas) (O Jovem Luterano, jul. 1945, p. 104).

O impresso seria a base dessa cultura literária juvenil, pois ele sistematizava todas as outras práticas de leitura e escrita. Como agente de leitura e formador de opinião, “O Jovem Luterano” estimulava nos jovens o hábito da leitura mostrando ao leitor o ponto de vista da instituição luterana. Nesse sentido, é importante notar, de acordo com Luca (2008), que não há neutralidade em um texto escrito, uma vez que ele contém particularidades e intenções; assim sendo, sua compreensão constitui uma verdade que precisa ser entendida no contexto histórico em que foi produzido.

Era do conhecimento da instituição luterana os benefícios que o estímulo à leitura e à escrita poderia trazer ao jovem, assim como à sociedade na qual estava inserido. Não era somente uma forma de lazer, e sim uma possibilidade para a aquisição de conhecimentos, enriquecimento cultural, expansão das condições de convivência social e interação juvenil.

Para a narradora Darli (2023), a revista “O Jovem Luterano” teve um papel importante na sistematização da sua escrita e também como material informativo: “Como eu era secretária da juventude, tinha que tomar nota de tudo o que acontecia e fazer pelo menos um relatório anual, que a gente apresentava no congresso e enviava para a

revista”. E como o seu vocabulário era limitado, ela lembra que a leitura do impresso favorecia a sua escrita: “Sempre que eu tinha dúvida de como fazer o relatório, eu olhava na revista. Eu também tinha que estar a par do que estava acontecendo nas outras juventudes do Brasil, e ela tinha essas informações e outras notícias pertinentes”. Lembra também que gostava muito de interagir com a revista, e sempre que tinha oportunidade escrevia para o folhetim:

Eu me lembro, também, que eu mandava umas poesias que as vezes a gente achava nos mensageiros mais antigos, copiava, algumas adaptava e enviava para lá, e eles publicavam. Eu tenho algumas publicadas. Eu gostava muito daquela parte das poesias na revista, não escrevia muito, mas gostava de ler. Então, sempre que eu achava uma legal eu copiava e enviava, geralmente eles publicavam. É muito interessante! Muito interessante (Darli, 2023).

Além de favorecer a escrita, a narradora expõe que a leitura da revista estimulava a sua criatividade, capacitando-a a refletir sobre algo. O que dá entender que a sua aprendizagem se dava pela leitura. Fato que a apropriação e as interpretações que fazia dos textos refletiam na condução da sua escrita e na sua leitura do mundo (Chartier, 2002).

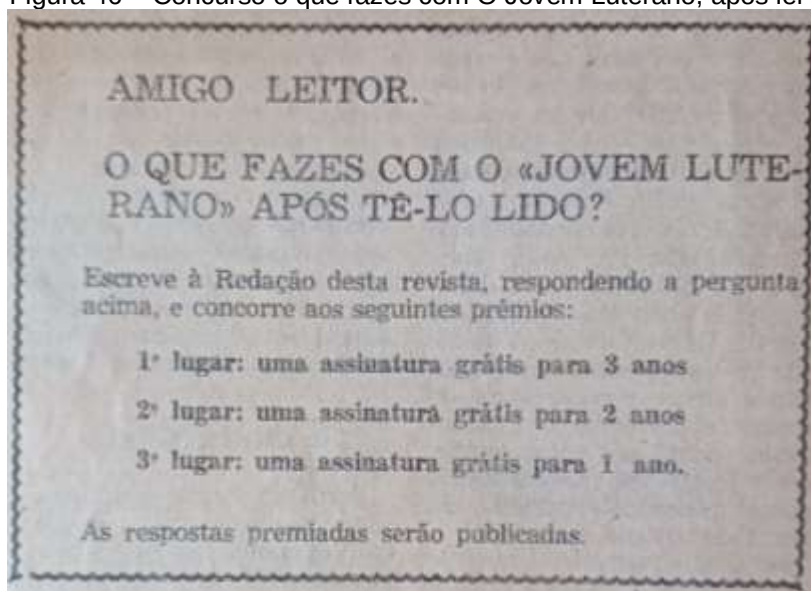
A maioria dos entrevistados observa que em algum momento escreveram para a revista. Para o entrevistado Mario (2023), “o Conselho Geral incentivava os jovens a assinarem e escreverem para O Jovem Luterano, [...] aí, de vez enquanto, alguém se inspirava e mandava algum conteúdo, história, poesia ou informação para ser publicado”. Indo ao encontro da narrativa, o periódico observa que seria importante que todas as Uniões Juvenis nomeassem um jovem como correspondente para a revista: “O mesmo seria um elo de ligação entre a União Juvenil e a redação” (O Jovem Luterano, jan. 1970, p. 18). O mesmo atuaria como repórter, registrando os fatos importantes e as atividades das Uniões Juvenis e as encaminharia para a redação da revista. Esta reforça que qualquer jovem poderia enviar conteúdo, como “[...] contos, poesias, artigos, fotografias, para uma revista elas são indispensáveis, além de críticas e sugestões para serem publicados na revista” (O Jovem Luterano, mar. 1971, p. 15).

Apesar desse apelo da redação por envio de material para publicação, é preciso considerar que o mesmo era submetido ao crivo da instituição religiosa e que nem tudo o que recebiam era publicado. Porém, o que se quer evidenciar é que a redação da

revista valorizava a interação com os seus leitores e criava mecanismos de interlocução com a comunidade leitora. Expõe-se que intencionavam “organizar um concurso de contos entre todos os jovens do Brasil para assim, despertar o interesse pela leitura e descobrir novos talentos” (O Jovem Luterano, jul. 1951, p. 96). Como uma forma de incentivo, os melhores textos seriam publicados no periódico “O Jovem Luterano” e os três melhores colocados receberiam uma anuidade da revista.

Assim, ao mesmo tempo que criavam mecanismos de interação com o público leitor, fazendo com que ele escrevesse para a revista, a revista usava como estratégia as premiações. Tais premiações, geralmente, eram de cunho literário, por exemplo, a assinatura do próprio periódico por um certo período de tempo. A figura a seguir é um encarte da revista “O Jovem Luterano” de julho de 1954, p. 10, anunciando o lançamento do mais novo concurso promovido pelo folhetim: “Amigo Leitor. O que fazes com O Jovem Luterano, após ler?”.

Figura 46 – Concurso o que fazes com O Jovem Luterano, após ler?



Fonte: Revista “O Jovem Luterano”, julho. 1954, p. 10.

Conforme o anúncio, os jovens deveriam escrever para a redação da revista respondendo à pergunta do encarte. Logo abaixo, tem-se o detalhamento da premiação para os três primeiros colocados, que respectivamente iriam receber 3, 2 e 1 ano de assinatura da revista, além de terem as suas respostas publicadas no periódico.

A fim de atrair o jovem para participar do concurso, era necessário oferecer um prêmio. A chance de ganhar até três anos de assinatura da revista e também se tornar conhecido por ter um texto publicado no folhetim incentivava os jovens a se dedicarem à escrita na esperança de serem reconhecidos. Normalmente, os concursos promovidos pela revista "O Jovem Luterano" tinham uma duração média de seis meses, e este não foi exceção. No exemplar de jan./fev. de 1955 a revista notifica o encerramento do concurso, que, segundo ela:

contou com um grande número de participantes e as cartas choveram às centenas, dificultado o trabalho da comissão julgadora, que, entretanto, com prazer se dedicou à tarefa de entre uma dezena de ótimas repostas, avaliar as três melhores. (O Jovem Luterano, jan./fev. 1955, p. 22).

Dadas as formalidades envolvidas no concurso, a revista informa que a comissão julgadora encontrou dificuldades na avaliação das produções textuais devido à quantidade e à qualidade das respostas; provavelmente, tinha por interesse a valorização da escrita dos jovens e mantê-los motivados em relação à revista.

Assim, ao finalizar os protocolos, tendo em vistas as promessas inseridas, ela traz na íntegra a publicação das três melhores repostas e seus respectivos autores:

1ª Lugar: Guido Klich, Ijuí/RS

[...] recebo a revista com ansiedade prazer e alegria, como quanto se espera receber um amigo. Dou-lhe um lugar destacado na minha casa. Ouço-a com atenção, interesse e com muita curiosidade. Aceito seus conselhos e procuro enquadrar e aproveitar seus ensinamentos em situações oportunas. **Apresento-a a amigos e conhecidos e a outras pessoas. Permito que ela faça visita a outros na certeza que ela firmará mais um amigo.** [...].

2ª Lugar: Maria Fanni Oliveira Mota, Canguçu/RS

O que faço com a revista "O Jovem Luterano" após tê-lo lido, é guardar na memória o seu conteúdo e **apresentar esta bela revista aos amigos**, pois assim ajudo o ministro a semear a palavra de Deus. [...].

3ª Lugar: Harry Laiter, Quatro Irmãos/RS

Com a **propaganda** que fiz com a revista, no ano passado consegui 3 novos assinantes. Alguns **mandei para o Paraná**, para meu primo que ainda não é assinante. Até **para católicos** tenho mandado "O Jovem Luterano" sem receber objeção alguma. [...]. (O Jovem Luterano, jan./fev. 1955, p. 23-24, grifos nossos).

O que se quer destacar na transcrição dos excertos é o que as três respostas têm em comum, que é a promoção da circulação da revista com o objetivo de ganhar novos leitores. Dessa forma, ao mesmo tempo em que estimulava a interlocução com os seus

leitores, realizava uma propaganda evangelizadora, motivando os jovens a promoverem a disseminação do periódico, com a oportunidade de conquistar novos leitores e difundir a doutrina luterana.

É importante salientar que, embora a apropriação seja individualizada, conforme mencionado pelos leitores citados acima, os textos, conforme Chartier (1990), não foram escritos para serem lidos isoladamente. De acordo com o autor, eles possuem funções, propósitos e usos coletivos, e como objetos de informação precisam ser compartilhados para alcançarem o que se propõem disseminar, e a revista tinha como objetivo inequívoco atingir a maior quantidade viável de leitores, visando tornar os propósitos educacionais, sociais e religiosos da instituição religiosa conhecidos cada vez mais pelo público jovem.

Um exemplo disso é a promoção da identidade luterana por intermédio do concurso “Porque sou Luterano”, proposto em junho de 1955. Promovido com moldes e premiações semelhantes ao concurso anterior, este tinha por diferencial o poder de síntese na escrita do jovem. O texto deveria ter “no mínimo 20 palavras e no máximo 100 palavras” (p. 13). Nele, o jovem deveria expressar com veemência a sua identificação com o luteranismo. Assim, em jan./fev. de 1956 traz a publicação das duas respostas vencedoras:

1ª Lugar: Lorena Götter, Cacequi, RS

Sou luterana porque foi nessa igreja que encontrei e continuo a encontrar todo o conforto de que necessito em minha vida espiritual. Mesmo fazendo uma análise minuciosa da literatura e opiniões contrárias, as conclusões que cheguei é a de que **os princípios da nossa Igreja se baseiam nos verdadeiros ensinamentos** de Cristo e considero os mesmos essenciais para alcançarmos o fim almejado por todo o cristão que é: a vida eterna.

2ª Lugar: Seilia Stolte, Carazinho, RS

Porque creio firmemente que **os ensinamentos da Igreja Luterana** são os mesmos pregados pelo Filho de Deus e restaurados pelo reformador Martinho Lutero. Em sua doutrina encontro, paz, fé e consolo que necessito no espírito e também porque fui batizada por vontade dos meus pais e confirmada por minha própria vontade, tornando-me membro definitivo da Igreja Luterana e prometi jamais renegá-la. (O Jovem Luterano, jan./fev., 1956, p. 16, grifos nossos).

Não se sabe quem eram os avaliadores desses escritos juvenis. Pressupõe-se que eram pastores e professores da Igreja, mas essas informações não foram disponibilizadas pela revista, assim não há como afirmar quais os critérios utilizados na escolha dos textos. No entanto, de forma similar ao concurso anterior – em que os textos

escolhidos tinham em comum a circulação da revista –, estes têm em comum os ensinamentos da Igreja Luterana. O que nos dá a entender que os textos eram avaliados segundo critérios que enfatizavam e promoviam com maior ênfase os objetivos da instituição religiosa. Neste caso, os ensinamentos do luteranismo eram apresentados como a escolha acertada para os jovens que seguiam o luteranismo. Com isso, a revista dava credibilidade ao discurso da Igreja entre os jovens fazendo com que estes se movessem no sentido de absorver e propagar tais ensinamentos (Certeau, 2011).

Outra estratégia de produção e circulação de informação incentivada pela revista “O Jovem Luterano” era a confecção dos jornaizinhos internos das Uniões Juvenis. Tinham por finalidade “incentivar a capacidade literária dos nossos jovens, bem como meios de intercâmbio e circulação de material informativo” (O Jovem Luterano, out. 1967, p.6). A revista observa que a produção dos folhetins das Uniões Juvenis era uma ótima oportunidade de estimular os jovens a criarem o gosto pela escrita. Por conseguinte, os pequenos jornais internos poderiam ser encaminhados à equipe editorial da revista “O Jovem Luterano” para serem compartilhados na revista oficial da juventude luterana, substituindo os tradicionais relatórios.

O jornalzinho, como era denominado, tratava-se de um cooperado da revista “O Jovem Luterano”, conforme por ele observado:

Os jornaizinhos das Uniões Juvenis, servirão de estágio de treinamento dos futuros e presentes cooperadores do O Jovem Luterano. É ali no seu ambiente que o jovem começa a conhecer e a viver o espírito juvenil, que também está dentro dele e quer sair- quer expressar-se como todo adolescente normal. [...] O Jovem precisa de uma reformulação nesse sentido. Precisa descobrir o maior número possível de jovens que desejam escrever. Atualmente o jovem vai dirigir-se aos conhecidos jornaizinhos e boletins existente, em particular àqueles dos quais nos chegam exemplares às mãos e dele extrair conteúdo de cunho informativo, literário, fotografias e outros artigos para serem socializados pela nossa revista oficial, (O Jovem Luterano, jul. 1968, p. 3 - 4).

Mobilizar os jovens a produzirem material a partir das experiências vivenciadas pelas próprias Uniões Juvenis não somente impulsionava o crescimento intelectual dos jovens luteranos, mas também beneficiava a instituição religiosa e a juventude envolvida no processo de confecção dos jornaizinhos, como eram carinhosamente chamados.

Segundo o entrevistado Luiz (2023), que afirma ter trabalhado na confecção de um impresso juvenil denominado “Arauto¹³⁷” na Juventude por ele frequentada, recorda que:

A produção dos jornaizinhos era uma recomendação da revista “O Jovem Luterano” e a gente resolveu aderir. Nossa revistinha, normalmente, era 8 páginas, 4 folhas dobradas, imagina tu fazer no mimeógrafo um jornalzinho com folha dobrada, a gente fazia na máquina de escrever e depois passava no mimeógrafo. Era uma mecânica bem complicada para aquele tempo. Então, a gente tinha a primeira página, alguém fazia um desenho, depois seguia uma mensagem, notícias, relatórios das juventudes, relatório de caixa, algum conto. Inclusive algumas mensagens que a gente colocava no nosso jornalzinho, tirávamos da revista “O Jovem Luterano”, e outras do mensageiro, e repassava para a Juventude. Apesar de ser assim, bem rústico, artesanal, não era muito fácil de fazer, envolvia um bom número de jovens, cada um fazia uma coisa e depois a gente montava, passava no mimeógrafo e distribuía. Hoje, com um pouco de criatividade e dinheiro tu faz uma revista, mas naquela época não era assim, demandava tempo, técnica, tinha que ser criativo, escrever e montar o material de forma manual, nem todos conseguiam. [...] Era preciso ter uma dedicação muito maior para isso. Porque se tu não tivesses persistência e dedicação, tu não fazias [...] eu me lembro que na época eu trabalhava na cooperativa desse senhor que me trouxe lá de fora, e lá tinha a máquina de escrever da cooperativa, e nós tínhamos o mimeógrafo que compramos, e ele ficava comigo, então eu ia até tarde da noite digitando o material que os demais colaboradores levantavam, montando e fazendo o jornalzinho, para depois a gente distribuir entre os jovens.

A produção de um jornal necessariamente iria mobilizar um número razoável de jovens. A confecção dos impressos juvenis era, assim, uma estratégia eficaz para engajar os jovens no trabalho da Igreja. Envolvê-los no processo de criação e adaptação dos materiais aos interesses locais de cada departamento juvenil iria incentivá-los a se tornarem participantes ativos na juventude e na comunidade religiosa.

Além disso, o engajamento na produção destes impressos locais tinha a intencionalidade de descobrir e arregimentar possíveis colaboradores para a revista “O Jovem Luterano”. Neste contexto, importa destacar o papel formativo que o processo de produção desses impressos tivera na vida dos jovens envolvidos, tendo em vista que esses jovens necessitavam se dedicar à combinação de diferentes tipos de gêneros textuais, era necessário estudar, compreender a realidade, ler muito, para poder escrever, além de adquirir habilidades em composição, diagramação e distribuição. Isso conforme discutido por Vieira (2014) em sua pesquisa sobre publicações católicas juvenis

¹³⁷ Em termos teológicos, a palavra “Arauto” é empregada para designar o “missionário do anúncio de uma boa nova”. Já o Dicionário Online Português define arauto como “Mensageiro, porta-voz, encarregado de fazer ouvir”.

feitas de maneira artesanal, em que chama a atenção para natureza educativa da aquisição de conhecimento, aprendizado e competências implícitas à prática da produção de impressos.

Entretanto, a produção desses impressos também pode ser percebida, de acordo com Certeau (2011), como uma estratégia de monitoramento e interferência, visto que ao submeterem o informativo interno à apreciação do Conselho Geral da juventude, com o objetivo de ter o seu conteúdo compartilhado no periódico oficial da juventude, automaticamente estavam mantendo a Igreja atualizada sobre o dia a dia da respectiva União Juvenil.

Ao investigar os significados atribuídos às práticas específicas de produção de impressos criados por organizações juvenis, Vieira (2014) observa que, mesmo sendo supervisionados por instituições religiosas, é necessário levar em conta as especificidades das culturas juvenis manifestas nas páginas dessas publicações. De acordo com a autora, tais impressos expressam representações e significados que os próprios indivíduos têm de si mesmos, da comunidade em que estão inseridos e do mundo ao seu redor. Portanto, é importante considerar a subjetividade presente na produção desses impressos, que, segundo Chartier (1999), são sempre mais do que simples publicações.

Com base nessas considerações, é interessante observar que nas memórias do entrevistado Luiz (2023) o caráter artesanal do impresso juvenil produzido pela Juventude da qual ele fazia parte é reforçado: "Tudo era feito manualmente, desde o desenho da capa até a digitação de cada texto, e então montávamos um por um e distribuíamos", afirma ele. O narrador destaca, dessa forma, o envolvimento dos jovens em todas as etapas da produção do folhetim, desde a escolha do conteúdo, passando pela escrita do texto até a distribuição do impresso.

É provável que a instituição religiosa tutora da revista "O Jovem Luterano", mesmo trabalhando no sentido de homogeneizar uma cultura juvenil luterana, tivesse pleno conhecimento destas singularidades juvenis, e que este tenha sido um elemento motivador para a promoção de concursos que escolhiam e premiavam as melhores revistas produzidas pelas juventudes. A exemplo disso, em abril de 1969, "O Jovem Luterano" notifica que: "o conselho solicitou na primeira circular as UU. JJ. que enviassem

suas revistinhas – este pedido já está sendo atendido. Já recebemos diversas. E elas são de tirar o chapéu. O zelo e a disposição de artigos que apresentam são respeitáveis, (p.5)”. Já em maio de 1971, “O Jovem Luterano” chama a atenção para a qualidade do “Pedras preciosas”, jornalzinho mensal da União Juvenil Bom Pastor, de Belo Horizonte/MG. Observa que o mesmo “após sofrer remodelação impressiona pela impressão e qualidade do seu conteúdo, recebendo elogios inclusive de pastores de outras denominações religiosas” (p. 14).

Diferente dos outros concursos, a escolha da melhor “revistinha juvenil”, como eram chamadas, tinha seus critérios avaliativos e avaliadores anunciados na revista. Conforme podemos observar:

[...] foi estabelecido como critério de avaliação: 1 – Estética, grafia e ilustrações – 30 pontos – 2 - Variedades de assuntos -20 pontos – 3 – Conteúdo (Objetivo) – 40 pontos – 4- Número de páginas- 10 -pontos. [...] Comissão Julgadora: Os membros do CG e o Rev. Martinho Sonntag do Conselho Orientador. (O Jovem Luterano, mai. 1970, p. 15).

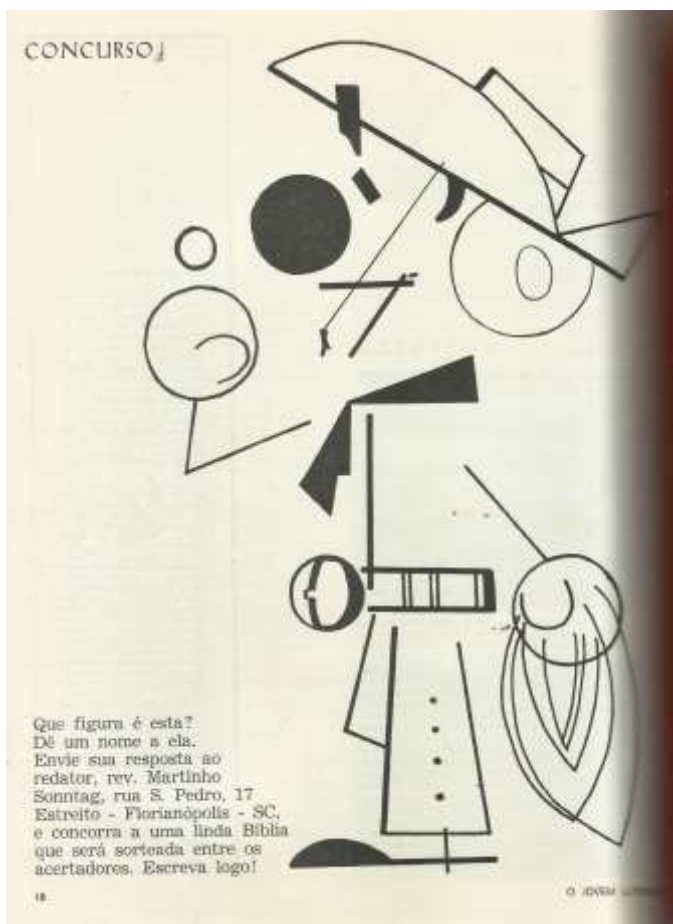
Estabelecidos os protocolos avaliativos, entre 33 publicações submetidas por União Juvenis de vários estados brasileiros¹³⁸, “O Jovem Luterano” destaca as 5 revistas mais bem classificadas, consagrando-se campeã “a revista ESTAFETA, órgão oficial da juventude Cristo de Porto Alegre, RS alcançou o 1º lugar com 81 pontos”, (mai. 1970, p. 15). A promoção da produção dos folhetins juvenis não deixava de ser um processo educativo sujeito à avaliação. Era também um meio de ocupar os jovens em atividades relacionadas ao campo religioso e de mobilizá-los a expressarem-se por intermédio de algum gênero textual sobre o qual tinham maior afinidade.

Considerando que nem todos os jovens tinham habilidades em um mesmo gênero textual no caso a escrita, “O Jovem Luterano” oferecia possibilidades de os jovens interagirem com a revista através dos concursos de desenho como o de melhor flâmula e distintivo (set/out, 1966), em que o jovem era convidado a exercer seus dotes artísticos criando uma pequena bandeira ou emblema que caracterizasse a sua Juventude. O importante era estimular o jovem a interagir com a revista, oferecendo a ele múltiplas

¹³⁸ Rio Grande do Sul; Paraná; Minas Gerais; São Paulo; Rio de Janeiro (O Jovem Luterano, jan. 1970).

possibilidades de interlocução com o periódico. Um exemplo foi o concurso para adivinhar o significado de figuras inacabadas, conforme mostra a ilustração a seguir:

Figura 47 – Concurso “Que Figura é esta?”



Fonte: Revista O Jovem Luterano, abril, 1971, p. 16.

Segundo a revista, doze jovens haviam acertado que a figura inacabada se tratava de uma representação do gaúcho (O Jovem Luterano, jul. 1971). Entre os acertadores notificados no periódico estava o entrevistado Edgar (2023), que recorda ter ganhado uma Bíblia como premiação, e que não teve dificuldades em reconhecer a figura devido à representatividade que gravura tinha no contexto social onde vivia. A narrativa revela o quanto as lembranças são culturalmente mediadas por instrumentos socialmente compartilhados. De acordo com o narrador, viver no Rio Grande do Sul teve um papel importante na compreensão da imagem.

Conforme abordado no capítulo quatro, em que se discutiu a formação doutrinária, religiosa e secular do jovem luterano, a promoção de múltiplas atividades em formato de jogo tinha como objetivo despertar a juventude luterana para o exercício da leitura e da escrita. Entedia-se que a prática era fundamental para a compreensão, assim estimulava-se os jovens a produzirem, por intermédio dos concursos, seus próprios textos, escritos e imagéticos, buscando incutir neles o gosto da leitura e da escrita. Além disso, essas atividades proporcionavam aos jovens testarem os seus conhecimentos de forma divertida e desafiadora, assim como estimulavam a interação social e o trabalho em equipe.

A formação de uma comunidade de leitores de “O Jovem Luterano” perpassava também pela preocupação em manter e fomentar a unidade confessional da ortodoxia luterana, alinhada com as proposições do Livro de Concórdia, que reúne os escritos confessionais das igrejas luteranas. Como órgão oficial da Juventude Evangélica Luterana do Brasil, a revista também se empenhava em fomentar projetos e programas de incentivo à leitura desenvolvidos por jovens luteranos norte-americanos. Como, por exemplo, o plano de leitura sistemática do Novo Testamento que a *Liga Walter* nos EUA, (Juventude Evangélica Luterana dos Estados Unidos) estava organizando e sugerindo a todos os jovens luteranos do mundo, que teve ampla repercussão na revista “O Jovem Luterano”. Tal fato pode ser observado no subcapítulo a seguir, onde se discutirá um provável intercâmbio cultural entre jovens luteranos ligados ao Sínodo de Missouri em diferentes países do mundo.

6.2 – Circulação e conexões transnacionais promovidas pelo impresso juvenil

Partindo do pressuposto de que a instituição religiosa do Sínodo de Missouri se constituiu por um sistema de pensamento que teve como fundamentação teológica os escritos de Martinho Lutero, pode-se perceber o expansionismo religioso de tal instituição reverberado em ações no sentido de romper o isolamento das fronteiras culturais, especialmente entre as comunidades étnicas. Por meio dessa perspectiva expansionista, o Sínodo pôde estabelecer relacionamentos entre diferentes culturas e promover conexões culturais de seus ideais religiosos. Tais conexões possibilitaram

entrelaçamentos e diversos recruzamentos; sendo relacionais, portanto, não são fixas as relações, ou seja, os grupos estudados se modificam ao estabelecer conexões e cruzamentos (Werner; Zimmermann, 2003).

Poder-se-ia pensar que haveria homogeneidade em relação ao ressoar das práticas em diferentes contextos, porque isso abarcaria ideários religiosos idênticos, assim como o sentido de comunidade estabelecido nos diferentes lugares. Mas ao observar as diferentes práticas intercambiantes, pode-se observar que algumas singularidades surgem.

Como órgão oficial da Juventude Evangélica Luterana do Brasil, a revista, meio utilizado para conectar ideias e princípios, empenhava-se em fomentar projetos e programas de incentivo à leitura desenvolvidos por jovens luteranos norte-americanos. Por isso, aborda-se aqui algumas práticas discorridas no referido período que convergem para evidenciar esse empenho. As práticas demonstradas, na maioria das vezes, são organizadas pela revista, e outras práticas são somente publicadas para repercutir e cobrar participação e engajamento dos leitores luteranos brasileiros.

A revista, sendo religiosa, teve como objetivo formar e moldar comportamentos morais e doutrinários do meio juvenil. Foi responsável por mediar a comunicação e estabelecer conexões entre diferentes realidades juvenis luteranas. De acordo com a criação da revista, promover a interconexão entre os jovens luteranos deveria ser um dos seus objetivos. Isso porque a *Walther League* na América do Norte “decidiu solicitar ao conselho de administração que explorasse maneiras e meios para melhorar o relacionamento com grupos de jovens de outras partes do mundo” (*Waltherliga Brasilians*, 1928, p. 5). O texto menciona também o recebimento de várias cartas, possivelmente enviadas por jovens norte-americanos, solicitando aos jovens brasileiros que oferecessem sugestões sobre esse intercâmbio. E conclui dizendo que “gostaríamos de satisfazer esses desejos expressos. Certamente seria extremamente gratificante se uma colaboração vantajosa com a *Walther League* na América do Norte ou com grupos de jovens na Alemanha fosse possível” (*Waltherliga Brasilians*, 1928, p. 5).

Assim, o que se quer destacar é o diferencial e a formação de redes transnacionais da revista “O Jovem Luterano” em diferentes contextos, com participação, propostas e conexões. Para melhor visualizar a potencialidade de conexão em diferentes contextos,

abaixo apresenta-se um quadro para compreender a relação do impresso “O Jovem Luterano” em diferentes países e as respectivas práticas utilizadas.

Quadro 7 – Relação dos países, situação e das práticas veiculadas pela revista “O Jovem Luterano”.

País	Situação	Práticas: plano de leituras, círculo de amizade e viagens de jovens.	
		Proposta	Participação
Brasil	Fundação pelo <i>Sínodo de Missouri</i> - 1900. Edição da revista “O Jovem Luterano”. Editou e publicou as notícias.	Círculo de amizades; Viagens de jovens para outros países.	Plano de leitura; Viagens de jovens; Círculo de amizades.
Estados Unidos	Sede da igreja-mãe, fundada em 1847. Sede da primeira União Juvenil da instituição.	Plano de leitura.	Viagem de jovens ao Brasil.
Austrália	Fundação pelo <i>Sínodo de Missouri</i> - EUA- 1880.	-----	Plano de leitura; Círculos de amizade.
Japão	Missionários militares luteranos do <i>Sínodo de Missouri</i> - 1948.	-----	Plano de leitura.
Argentina	Comunidade de imigração, fundada em 1905 pelo Brasil.	-----	Círculos de amizade; Viagem de jovens.
Portugal	Missão brasileira – final dos anos 1960.	-----	Círculos de amizade; Viagens de jovens.
Índia	Fundada em 1894.	-----	Plano de leitura.
África	Missionários do <i>Sínodo de Missouri</i> – 1936 – Nigéria.	-----	Círculo de amizade; Viagem de jovens.
Finlândia	Não tem dado da fundação.	-----	Círculo de amizade.
Alemanha	Não se tinha igreja oficial do Sínodo, mas aproximações com outras instituições luteranas.	-----	Círculo de amizade; Plano de leituras; Viagem de jovens.
França	Fundação: Comitê de Missões Europeias do <i>Sínodo do Missouri</i> , na década de 1930.	-----	Viagem de jovens.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base em informações da revista “O Jovem Luterano”.

Os dados mostram a conexão mais estreita com alguns lugares, como Estados Unidos, Alemanha, Portugal, Argentina, e alguns países da África pelas viagens de jovens, pelo efetivo intercâmbio. Provavelmente isso tenha ocorrido porque nesses locais as comunidades étnicas estariam mais fortalecidas e teriam maior aproximação. Nos demais lugares, com exceção da Austrália, que contava com uma comunidade étnica, o Sínodo se expandiu de forma missionária, não mais étnica; mas em alguma medida, é provável que os jovens participantes oriundos de tais lugares tivessem alguma forma de aproximação linguística com o inglês.

Os planos de leitura, como são descritos no quadro, foram propostos pela juventude dos Estados Unidos, e parecem ter sido uma prática recorrente em muitos países relacionados com o Sínodo. Mesmo que para esta análise não se tenha encontrado um levantamento total, no “O Jovem Luterano” a apresentação da proposta mostra o esforço em universalizar tal orientação.

A ilustração abaixo mostra um modelo de como o esquema de leitura da Bíblia foi estruturado, de forma que, ao longo de três anos, todos os participantes do programa pudessem realizar a leitura simultânea dos livros da Bíblia dentro do prazo determinado para cada um.

Figura 48 – Plano de leitura da Bíblia

<u>Plano</u>	1951	
	7 fevereiro — 24 março	Ev. Marcos
	26 março — 13 maio	Ev. Mateus
<u>de</u>	14 maio — 8 julho	Atos
	9 julho — 3 setembro	Romanos
	4 setembro — 2 dezembro	I e II Coríntios
<u>Leitura</u>	3 dezembro —	
	1952	
	— 26 fevereiro	Ev. Lucas
<u>Bíblica</u>	27 fevereiro — 13 abril	Epístolas de Tiago, Pedro, João, Judas.
	14 abril — 1 julho	Apocalipse
	2 julho — 30 novembro	As Epístolas a Timóteo, Tito, Filemon e aos Hebreus.
	1 dezembro —	
	1953	
	18 fevereiro —	Ev. João
	19 fevereiro — 23 maio	As Epístolas aos Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses.

Fonte: Revista O Jovem Luterano, agosto, 1951, p. 114

O plano de leitura apresentava de forma sistemática a leitura do Novo Testamento. Foi proposto pela *Walther League* /EUA, sugerindo que fosse expandido “a todos os jovens luteranos do mundo”, tendo ampla repercussão na revista “O Jovem Luterano”, conforme segue:

O Congresso Geral da Juventude Luterana reunida em Porto Alegre nos dias 19 20 e 21 de janeiro, aceitou entusiasticamente o plano de leitura sistemática da Bíblia, sugerido pela Liga Walther nos EE.UU¹³⁹. O plano visa fazer os jovens luteranos de todo o mundo comungar na mesma leitura e assim estreitar os laços que nossa unem. Ainda mais que os jovens Luteranos dos EEUU, estão dispostos a fornecer os novos testamentos para esta leitura (O Jovem Luterano, 1951, mar., p. 37).

¹³⁹ Abreviatura utilizada para se referir aos Estados Unidos na época.

A proposta era promover uma leitura organizada do Novo Testamento da Bíblia e realizar um intercâmbio de ideias entre os jovens do mundo com os jovens norte-americanos, conforme segue:

Nos EE. UU, cada jovem luterano contribuirá com um dólar para receber o Novo Testamento em 11 pequenos volumes e com estes ainda um pequeno estojo de couro dentro do qual poderá levar consigo um volume onde quer que esteja. O mesmo dólar pagará também por mais um Novo Testamento para um amigo num campo de missão que o doador indicará ou um nome enviado pelos missionários. Assim o trabalho de missão estará incluído na oferta e os amigos da missão em toda a parte estarão lendo e estudando com o doador os mesmos trechos do Novo Testamento. Nas Américas, na Austrália, na Ásia na Europa e na África participarão desta grande comunhão de leitura da Bíblia. Quantos benefícios não poderão nascer desse grande empreendimento? (O Jovem Luterano, 1950, jan./fev. p. 5).

Para tanto, os jovens brasileiros interessados em participar do plano de leitura e em receber uma Bíblia doada por jovens norte-americanos deveriam organizar listas com nomes e endereços e encaminhar para o conselho geral da Juventude Luterana, que se encarregaria de encaminhá-las à *Walther League* norte-americana. Depois, os jovens iriam receber no endereço indicado uma Bíblia com o nome e o endereço do doador. Assim os jovens poderiam se corresponder com aqueles que lhe doaram o Novo Testamento em tempo oportuno (O Jovem Luterano, mar. 1951).

Não surpreende que uma instituição norte-americana que se direciona a lugares com projetos de expansão tenha essa necessidade de realizar interlocuções e estabelecimento de vínculos, seria uma forma de “transferir” princípios e valores em outro território na tentativa de homogeneizar os preceitos religiosos e doutrinários. O que salta aos olhos são as formas sistemáticas e estratégicas para realizar tal empreitada. Organiza-se uma forma de trabalho a nível internacional, partindo da igreja-mãe¹⁴⁰, localizada nos Estados Unidos, que segue propondo/impondo aos lugares subordinados as devidas interlocuções. Sabe-se que cada realidade a ser atingida não seguiria de forma similar a proposta inicial, é provável que tenha sido preciso promover adaptações; portanto, são os pontos de contato e conexões que se pretende observar. São processos que atravessaram fronteiras, não somente a fronteira geográfica, mas também a social,

¹⁴⁰ Adota-se tal expressão porque foi nos Estados Unidos que a instituição Sínodo de Missouri se formou e de onde organizou a sua expansão religiosa para outros países.

a cultural e a educativa. Mais do que atravessar, o sentido do transfronteiriço é visto como um modelo dinâmico e permeado por entrelaçamento (*Verpflechtung*) (Schriewer; Caruso, 2005).

Abre-se a possibilidade, também, de discorrer sobre outros aspectos relacionados aos da transnacionalidade e das histórias cruzadas, como o dos “espaços culturais”, em que a criação de novos mapas mentais dos lugares onde os sujeitos de análise vivem não está assentada na nacionalidade ou no território, mas em lugares e redes de intercâmbio cultural (Ossembach, Pozo, 2011). Por exemplo, os espaços de ideias e de formação educativa representados pela organização de escolas, formação de professores e, especialmente, neste caso, pela circulação de imprensa específica, mostram como a veiculação de estratégias pode visibilizar um determinado ideário, a saber aqui, o institucional religioso. As propostas mediadas pelo impresso tinham sentido em interligar e conectar um tipo de pensamento que formaria essa juventude, ao mesmo tempo que as intersecções não seriam previsíveis, haveriam mudanças e adaptações.

Na já referida edição de março de 1951, a revista “O Jovem Luterano” reitera que o plano traçado pela *Walther League* dos EUA era fazer os jovens luteranos “em todo mundo” comungarem da mesma leitura e também corresponderem-se para assim se conhecerem mutuamente e estreitarem os laços de amizade a fim de haver aceitação do referido plano:

A Liga Walther League em Chicago relata que o plano encontrou aceitação em toda parte do mundo, sim, que entusiasmou todos quanto dele tiveram conhecimento. Os nomes dos “amigos da missão”¹⁴¹ estão chegando de todos os continentes. Nunca antes disto teve um plano dos jovens alcançando tais proporções e atingindo a tantos corações como esta realização evangelizadora. (O Jovem Luterano, 1951, mar. p. 37).

É perceptível a confiança que a instituição tinha no sentido do desejo de homogeneizar os diferentes grupos juvenis em contextos e países diferenciados. Para eles, a religiosidade institucionalizada apagaria diferenças entre a realidade norte-americana, a latino-americana, a africana e/ou a asiática. Eles apostaram na ideia de intercâmbio por meio desse mecanismo da circulação de impressos juvenis para integrar,

¹⁴¹ É provável que neste período, década de 1950, houvesse a necessidade de a instituição realizar essa missão, indo a comunidades, como as da África e Finlândia, que não seriam as étnicas alemãs. Os grupos étnicos, na metade do século XX, haviam se estabilizado, sem perspectivas da formação de novos núcleos.

estimular e promover relações compartilhadas entre jovens que partilhavam de pensamentos semelhantes, fomentando assim as trocas e transferências entre grupos afins (Werner; Zimmermann, 2003).

Para a concretização desse projeto a revista convoca os jovens brasileiros a “[...] começar o quanto antes o intercâmbio de ideias entre os jovens dali e jovens daqui” (O Jovem Luterano, 1951, mar. p. 37). Conforme o periódico, o intercâmbio de jovens de diferentes partes do mundo é uma ótima oportunidade de apresentar a eles a cultura brasileira, assim como conhecer os costumes de outros lugares.

No exemplar de abr./mai. de 1952, p. 50, é mencionado que “todos os jovens luteranos do mundo têm o desejo de conhecer os jovens de outros países e de entrar em comunhão mais estreita com eles”. A revista ressalta, ainda, que:

Este projeto de intercâmbio de ideias visa unir a mocidade luterana de todas as partes do mundo para um trabalho ainda mais eficiente em que todos podem compartilhar dos benefícios. Assim será fomentado o intercâmbio de ideias e de materiais que se prestam para serem integrados no programa dos jovens em todas as partes do mundo. É o desejo de reunir uma vez representantes da Juventude de todos os campos de atividade da igreja luterana em todo o mundo, para estabelecer o contato, para cimentar ainda mais as relações amistosas já existentes e para conjuntamente planejar o futuro (O Jovem Luterano, 1952, abr./mai. p. 51).

Com base em Certeau (2011), toda essa mobilização pode ser pensada como uma articulação estratégica do Sínodo de Missouri no sentido de condicionar as relações sociais aos propósitos da instituição religiosa. Uma vez que ao promover uma leitura intencionalmente organizada, em que jovens de diferentes lugares do mundo estavam fazendo reflexões sistêmicas acerca de um mesmo texto da Bíblia, o Sínodo reforçava os seus propósitos educacionais, sociais e religiosos e alinhava a unidade confessional luterana, além de facilitar a criação de laços de amizade entre os jovens luteranos em diferentes lugares do mundo.

Em agosto de 1952, a revista “O Jovem Luterano” traz uma parcial de que até aquele momento 14.882 jovens haviam aderido ao projeto no mundo e recebido uma Bíblia de um amigo norte-americano. Para estimular os jovens brasileiros que ainda não haviam aderido ao projeto de leitura, a revista apresenta um ranque dos cinco países que mais aceitaram o programa, destacando que o Brasil se encontra na quinta posição, com a adesão de 1.326 jovens, atrás da Alemanha, com 1.537; Índia com 1.696; Austrália,

com 2.523 e Japão, que estava em primeiro lugar, com 4.112 jovens participando da leitura sistematizada da Bíblia (O Jovem Luterano, ago. 1952). A revista ressalta, também, que o projeto ainda está vigente e que os jovens brasileiros ainda têm a oportunidade de aderirem ao programa de leitura e receberem de presente uma Bíblia.

O fato do Japão, da Austrália e da Índia, até então percebidos como países com pouca tradição no luteranismo, serem os territórios com maior adesão ao projeto causa espanto e surpresa. Instigou- a saber o porquê de os jovens desses territórios estarem liderando o plano de leitura da Bíblia. Sabe-se que o trabalho missionário do Sínodo de Missouri no Japão teve início durante a Segunda Guerra Mundial, por meio dos capelães do Exército dos EUA afiliados à *Lutheran Church Missouri Synod* (LCMS). Em 1948, o LCMS instalou o primeiro missionário no Japão. Em 1950, oficializou o trabalho missionário naquele país. Um ano depois, em 1951, o programa de rádio *Lutheran Hour* começou a ser transmitido no Japão. Em 1953, o Sínodo foi oficialmente reconhecido como um corpo religioso no Japão (Strege, 1953). Assim, provavelmente, a grande adesão dos jovens japoneses ao plano de leitura da Bíblia teve a influência do trabalho missionário. Cabe destacar que tal espírito missionário não pode ser confundido com proselitismo, sempre se instituiu a formalidade e o seguimento dos preceitos doutrinários da igreja-mãe (Strege, 1953).

Em relação à atuação da Igreja Luterana no Japão, cabe ainda observar a entrevista concedida à revista “O Jovem Luterano” pelo professor do *Instituto Sat Luiz/EUA* William Danker, na qual ele fala sobre a sua viagem ao Japão, que teve como objetivo acompanhar o trabalho do Sínodo de Missouri entre os japoneses e estudar sobre as religiões japonesas para a sua cadeira de “Missão e Religiões Comparativas”, a qual lecionava no *Instituto Sat Luiz/EUA*. Ao ser questionado sobre a existência de algum trabalho entre os jovens no Japão, salientou que “há um bom trabalho juvenil na igreja do Japão. De fato, se poderia quase dizer que a Igreja Luterana do Japão é essencialmente um movimento juvenil, já que a maioria dos seus membros são jovens” (O Jovem Luterano, 1969, ago. p. 7).

A partir de 1950, a Walther League iniciou um programa conhecido como Bible Reading League. Através deste projeto, os membros da Walther League de todos os Estados Unidos e Canadá contribuíram com um dólar cada, para o qual cada um recebeu um Novo Testamento em doze pequenos panfletos. Um Novo

Testamento semelhante foi enviado a um "amigo da missão" em alguma terra estrangeira. Os nomes desses amigos da missão foram reunidos e enviados a Chicago por missionários de todo o mundo. Na Convenção da International Walther League em St. Louis, Missouri, de 8 a 12 de julho de 1951, foi relatado que mil e quinhentos nomes de amigos missionários haviam sido recebidos do Japão (Strege, 1953, p. 98-99, tradução livre).

Desse modo, a comunidade no Japão se forma pelas ideias divulgadas no periódico, mas não por meio de uma comunidade étnica alemã. É no período da Segunda Guerra que se torna possível a conexão dessas duas realidades. O país asiático era considerado exótico, pelo distanciamento linguístico e religioso, então ter penetração nesse local mostraria a força que o Sínodo tinha, em especial com a faixa etária juvenil. Cabe destacar que a apresentação e relação com o Japão se mostra sem tensões e embates, o que certamente não ocorreu; foi preciso fazer adaptações para o luteranismo ser aceito no Japão e, da mesma forma, os jovens naquele contexto também tiveram suas resistências e adaptações.

Em relação à Austrália, foi possível perceber que a formação da Igreja Luterana daquele país ocorreu de maneira semelhante à *Lutheran Church Missouri Synod* (LCMS) EUA. Constituiu-se a partir de imigrantes alemães, que assim como aqueles que imigraram para os EUA também se recusaram a aderir à União Prussiana e migraram para a Austrália em dois momentos distintos. A aproximação com o Sínodo de Missouri teria ocorrido a partir da década de 1880, através da busca de pastores junto ao Sínodo de Missouri nos Estados Unidos. Em 1904 parte dela tornou-se um distrito desse Sínodo. Assim, com o luteranismo ortodoxo estruturado, a revista "O Jovem Luterano" observa que em 1951, ano que teve início o plano de leitura da Bíblia, a liga de jovens da Austrália comemorava o seu 25^a aniversário, mobilizando a juventude australiana para as atividades e festividades alusivas à data (O Jovem Luterano, abr./mai., 1952), influenciando os jovens luteranos daquele país a aderirem ao projeto da *Walther League*.

Anos antes, em ago./set. de 1950, "O Jovem Luterano" acusa o recebimento do "Monitor", publicação oficial da juventude luterana da Austrália e Nova Zelândia. É observado que "o periódico possui 16 páginas, sendo metade delas dedicadas aos relatórios das Uniões Juvenis" (p. 112). Segundo o relato, na Austrália isso não era visto com problemas. Os autores acrescentam que, com exceção do grande número de relatórios que demonstravam o comprometimento dos jovens australianos e

neozelandeses em manter a revista atualizada sobre as atividades de suas juventudes, “as ações dos jovens luteranos da Austrália e Nova Zelândia não diferem do que é feito aqui (p. 112). Esses apontamentos visam não apenas incentivar os jovens brasileiros a enviarem relatórios com mais regularidade para serem publicados na revista “O Jovem Luterano”, uma vez que nem todos o faziam com a frequência desejada. Eles também demonstram que as revistas juvenis luteranas ao redor do mundo apresentavam uma uniformidade em seus conteúdos, espelhando os valores, princípios e interesses compartilhados pela juventude luterana ligada ao Sínodo de Missouri em escala global.

Por outro lado, contradizendo com a expectativa inicial, a presença do luteranismo ortodoxo entre os hindus é anterior à do Brasil. Segundo a revista “O Jovem Luterano”, o trabalho missionário do Sínodo de Missouri entre os hindus teve início em 1894, em Krishnagiri, no distrito de Salem, na província de Madras. No ano de 1948 a Igreja Evangélica Luterana da Índia contava com cerca de dezoito mil almas, trinta e seis missionários, entre pastores e professores, e cinco diaconisas (O Jovem Luterano, jan. 1948). Já em 1953, eram quarenta e dois missionários, cinco diaconisas, trinta quatro jovens teólogos formados no seminário da instituição em Nagercoil, e quinhentos e cinquenta obreiros nativos da Índia, trabalhando em trezentos e trinta e seis estações e comunidades. Além de um hospital equipado ao cuidado de dois médicos (O Jovem Luterano, ago. 1953). Ainda, a título de informação, em junho de 1955, p.5, “O Jovem Luterano”, traz uma informação publicada pelo Concílio Cristão Nacional em Nagpur, de que entre uma população de 361.934.581 indianos, 8. 1666.255, se declaravam cristãos, destes mais de 100.000¹⁴² eram luteranos.

A Índia, já no século XIX, foi atendida pelo Sínodo de Missouri, por pastores norte-americanos que se deslocaram para tal lugar, segundo James Arthur Fergin (1958):

O missionário Elmer E. Griesse apresentou uma tese para a Universidade de Washington, St. Louis, sobre a história da Missão Evangélica Luterana de Missouri na Índia (MELIM) desde o início do trabalho em 1895 até 1944. Esta presente tese nos levará ao final de uma era - pois a Missão tornou-se uma igreja irmã do Sínodo de Missouri. Em 8 de janeiro de 1950, a Igreja Evangélica

¹⁴² Outras três denominações religiosas cristãs que aparecem com mais de 100.000 comungantes são os Batistas, os Metodistas e os Anglicanos. O mesmo texto informa também a respeito da circulação de 234 periódicos editados em 20 línguas indianas sob domínio cristão, além 43 escolas mais hospitais, leprosários e centros de formação teológica (O Jovem Luterano, jun. 1955. P. 5).

Luterana da Índia (IELC) declarou-se capaz de autogoverno” (Fergin, 1958, p. 1, tradução do autor).

Para reforçar as observações de Fergin (1958) sobre a existência de uma autonomia administrativa da Igreja Luterana indiana em relação à igreja-mãe nos EUA em meados da década de 1950 “O Jovem Luterano” reproduz em abril de 1950 uma carta enviada à redação da revista pelo então secretário da organização juvenil na Índia, B. H. Jackayya, da cidade de Baugalore, informando acerca de atividades promovidas pelos jovens daquele país e requisitando o envio de exemplares de periódicos da juventude brasileira. Conforme segue:

Desde de a época em que enviei o último relatório sobre o nosso trabalho juvenil já realizaram-se duas convenções regionais em diferentes lugares. [...] além de promover convenções regionais estamos trabalhando na organização do primeiro congresso de jovens na cidade de Ambur. [...] mediante esse congresso esperamos os nossos jovens a empreenderem um trabalho coordenado em conjunto. [...]. Também queria pedir alguns exemplares de revistas publicadas por uniões juvenis brasileiras para melhor ver como se procede na publicação de uma revista. [...] cumpre frisar que estamos recebendo muitas revistas e todos os impressos da Walther League dos Estados Unidos, para aproveitar o que eles têm e o que por sua vasta experiencia aprenderam”. (O Jovem Luterano, abr. 1950, p. 54).

Em resposta à solicitação do envio de folhetins juvenis brasileiros, a revista “O Jovem Luterano” informa que enviaram exemplares do seu periódico “para ao menos verem como o trabalho juvenil vai por aqui. E que a partir de agora, manteremos o intercâmbio de ideias com os irmãos luteranos além do Equador” (O Jovem Luterano, abr. 1950, p. 59).

Então, no período do mencionado plano de leitura, na Índia, já havia certa autonomia em relação aos Estados Unidos, mas se tratava de autonomia administrativa, não de desvinculação religiosa e doutrinária. Interessante notar a necessidade da revista brasileira, orientada pela organização juvenil da matriz nos Estados Unidos, de fazer questão de salientar o trabalho missionário em países com pouca tradição luterana, como o Japão, Austrália e Índia. A necessidade do engajamento da juventude seria para dar certa universalidade no pensamento da doutrina luterana e legitimidade na organização juvenil. Ainda, reforça que se em países mais distantes do conhecimento luterano este estavam prosperando, era preciso que no Brasil fosse intensificado o trabalho com os jovens.

Em 1953, a revista realiza um fechamento do projeto agradecendo aos jovens brasileiros que aderiram, destacando que, conforme informado pela “*Walther League/EUA*”, mais de 17.000 cópias do Novo Testamento foram enviadas para 75 diferentes países em 41 línguas” (O Jovem Luterano, jun./jul. 1953, p. 70), mostrando assim a mobilização internacional gerada através do projeto.

Tal prática não somente mostra que a juventude Luterana no mundo estava envolvida em um mesmo programa de leitura, mas também que existia a intencionalidade de um projeto de expansão do Sínodo de Missouri de levar o luteranismo ortodoxo a lugares onde havia comunidades religiosas que se identificavam com a práxis luterana, como também em comunidades não tão alinhadas ao perfil étnico luterano. A juventude era percebida como um campo fértil para semear e frutificar essa semente, que simbolizava a continuação do trabalho da Igreja. O jovem era, para o Sínodo, uma força renovadora, os fiéis da igreja luterana do amanhã, conforme artigo publicado na revista “O Jovem Luterano” de fevereiro de 1947, que em resumo fala sobre a importância do trabalho do Sínodo de Missouri entre os jovens.

Não se sabe ao certo se a proposta de intercâmbio de ideias e culturas deu resultados para a proliferação da instituição. No caso do Brasil, as barreiras linguísticas eram grandes por não haver amplo domínio da língua inglesa, e no período, década de 1950, os jovens ainda não haviam passado por escolas étnicas alemãs, devido à proibição da política estadonovista.

Outra estratégia de intercâmbio em que se exigiria muito das habilidades linguísticas foi o projeto denominado “Círculo de Amizade”, amplamente divulgado pela revista “O Jovem Luterano”. Tratava-se de uma iniciativa da juventude luterana brasileira para promover correspondência entre jovens e/ou grupos juvenis de outros países, tendo como objetivo trocas de experiências e conhecimento do trabalho desenvolvido pelos jovens luteranos em diferentes partes do mundo.

Algumas dessas correspondências ganhavam grande espaço nas páginas da revista, outras eram somente citadas. Por exemplo, em fevereiro de 1966 a revista informa o recebimento de uma carta vinda da Nigéria/África e outra enviada por jovens da Finlândia, na qual escrevem sobre a sua satisfação em poderem se corresponder com

jovens brasileiros através do “Círculo de Amizade”. Conforme exceto da carta publicada na revista “O Jovem Luterano”:

[...] informamos que a Juventude Luterana da Finlândia está progredindo muito bem. [...]. Gostaríamos de ficar em contato com vocês! e gostaríamos de nos corresponder para aprender a respeito das vossas atividades e da vossa pátria tão distante, para fundir mais o sentimento de unidade dos seguidores de Jesus. Estamos gratos em poder nos comunicar com vocês (juventude da Finlândia) (O Jovem Luterano, 1966, fev. p. 6).

Não se tratava, assim, apenas de uma troca de correspondências entre jovens de diferentes países. Conforme o texto da carta acima citada, é notável a existência de um intercâmbio cultural, em que os jovens se faziam valer dessas correspondências para conhecer a realidade e os costumes de outros países. Na edição de mar./abr. de 1966 também é reproduzida uma carta enviada por jovens da Austrália acusando o recebimento da carta enviada pelos jovens de Porto Alegre/RS e agradecendo a flâmula¹⁴³ e o postal nela contidos. Informam que ficaram felizes em conhecer um pouco sobre a cultura gaúcha e brasileira. A carta ressalta, ainda, a existência de um grande departamento juvenil na Austrália e que este estaria providenciando o envio de uma flâmula e de um postal para retribuir o presente enviado pelos jovens porto-alegrenses. Exprime também que é desejo “fortalecer cada vez mais o elo da associação cristã unindo os vossos jovens do Brasil, com os jovens da Austrália” (O Jovem Luterano, 1966, mar./abr. p. 10).

A carta, provavelmente traduzida, é publicada para demonstrar que jovens de diferentes lugares se organizam de forma similar, e busca reforçar conexões e contatos por meio de símbolos que representavam a União Juvenil.

Da mesma forma, havia contato com a Juventude de Lisboa/Portugal, com a qual os jovens luteranos brasileiros mantinham uma estreita relação de troca de experiência e apoio missionário, conforme relato de correspondência publicado pela revista:

É com o coração pulsando de alegria que estamos escrevendo para agradecer a UJ de Niterói. Ficamos maravilhados com as ofertas que nos enviaram [...] provando assim que na fé não há distancias que possam separar os servos do senhor [...] como nosso departamento ainda se encontra em fase de evolução inicial, não temos ainda como retribuir as vossas bonitas ofertas como merecem

¹⁴³ Uma espécie de distintivo ou emblema que identifica um grupo de pessoas e/ou seguimento.

[...]. Porém para que não fiquem dessa vez sem uma pequena lembrança nossa, junto enviamos duas fotografias do nosso grupo de jovens e um cartão postal. Nosso desejo é enviar em um futuro próximo uma recordação alusiva ao folclore português [...]. Durante os domingos estamos fazendo uma campanha de Evangelização em Lisboa, fazendo visitas e distribuindo literatura cristã [...]. Agora queria pedir-vos um favor: se nos podiam enviar o endereço ou mesmo uma revista do “Jovem Luterano” cremos que é assim que se chama, para através dele pedir a todos os centros juvenis luteranos do Brasil que nos escrevam, que nós de bom grado lhes responderemos, para desta forma se propagar em maior escala este Círculo de Amizade (Albino Pereira Carvalho) (O Jovem Luterano, 1966. Jul., p. 8).

O relato da carta mostra que existia uma aproximação mais estreita entre os jovens desses dois países, provavelmente a questão linguística contribuía para isso. Apesar dos indícios, não há como afirmar que o fator linguístico tenha sido um ponto importante para aproximar ou afastar os campos missionários. Porém, em dezembro 1963, p. 9, a revista “O Jovem Luterano” informa que “A jovem congregação Luterana de Portugal [...], após avaliação doutrinal, passará a ser um membro do Distrito Brasileiro e com isso da igreja Luterana”, diferentemente dos outros países com os quais os jovens luteranos brasileiros mantinham a troca de correspondência, onde já havia um luteranismo estruturado. Em Portugal o trabalho estava se iniciando e o Brasil era o principal responsável por esse trabalho missionário.

Em entrevista à revista “O Jovem Luterano”, o estudante Décio Dalke, então tesoureiro do Conselho Geral da JELB, ressaltou a importância de os jovens brasileiros se relacionarem com a juventude portuguesa. Lembrou que:

Os jovens de Portugal ficariam muito satisfeitos em receber cartas das juventudes do Brasil. A juventude luterana de Portugal, bem como a igreja luterana, está em formação e o interesse demonstrado por nós brasileiros seria um grande incentivo para eles, (O Jovem Lutero, jul. 1965, p. 15).

Ainda segundo ele, “o intercâmbio epistolar entre as uniões juvenis não deveria ser negligenciado, mas cada juventude deveria ter pelo menos uma pessoa encarregada da correspondência da entidade” (O Jovem Lutero, jul. 1965, p. 15). Para Décio, manter relações com entidades de outros países, além de ser interessante, era uma experiência intercultural enriquecedora pelos conhecimentos compartilhados. As trocas de correspondências tinham, assim, o potencial de proporcionar um intercâmbio que ia além do religioso, instigava os jovens à busca pelo conhecimento além das fronteiras nacionais (Werner, Zimmermann, 2003). Não só para estabelecer contato com a vivência de jovens

luteranos em diversas partes do Brasil e do mundo, a troca de experiências durante o intercâmbio permitia também o compartilhamento de saberes acerca de diferentes culturas.

O intercâmbio evidenciava uma perspectiva de colaboração cultural entre as entidades envolvidas. À vista disso, em relatório enviado ao “O Jovem Luterano” pela Juventude Luterana de Queluz/Portugal, em outubro de 1969, é informado que “nossos jovens querem conhecer mais sobre os jovens e a juventude luterana do Brasil. Para tanto pedem correspondências com os jovens luteranos do Brasil” (p. 4). Na sequência, o texto informa ainda o nome, a idade e o endereço dos jovens portugueses interessados em se corresponderem com jovens brasileiros.

Em abril de 1968, o pastor de Portugal Paulo Jung¹⁴⁴ escreve especialmente para “O Jovem Luterano” agradecendo aos luteranos brasileiros pelo apoio financeiro e material para o trabalho em Lisboa e Queluz, local onde a Igreja Luterana tem encontros semanais com cultos, estudos bíblicos, escola dominical e departamento de servas¹⁴⁵. Destaca que à época estavam trabalhando na organização de departamentos de jovens em Queluz e em Lisboa. (O Jovem Luterano, abr. 1968).

Cabia à Igreja Evangélica Luterana do Brasil assistir e orientar as comunidades luteranas de Portugal. Para tanto, ela contava com a força e o entusiasmo da Juventude Luterana brasileira, que estava engajada nesse trabalho principalmente colocando-se à disposição a sua revista, que era uma forma de aproximar os jovens portugueses e socializar com eles, afinal integravam o distrito brasileiro. Assim, em jan./fev. de 1969 o pastor de Portugal Paulo Jung escreve à revista “O Jovem Luterano” para agradecer o envio de uma coleção da mesma, correspondente ao ano de 1968, ressaltando que por meio do impresso foi possível conhecer a dinâmica das Uniões Juvenis, congressos distritais e acontecimentos do círculo juvenil do Brasil. Revela que lá os recursos são escassos e que conta com a colaboração dos jovens do Brasil com envio de qualquer material que possa auxiliar no trabalho com jovens e crianças naquele país. Reforça que

¹⁴⁴ 1º pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil em Portugal.

¹⁴⁵ Tais atividades foram sempre organizadas nas instituições luteranas que, além dos cultos, promoviam estudos bíblicos, reuniões mais informais para estudar a Bíblia. De modo especial, a escola dominical era uma prática destinada às crianças com aprendizado doutrinário na linguagem infantil, e o departamento de servas, destinado à reunião de mulheres, em geral, para o público feminino casado.

a Igreja Evangélica Luterana de Portugal já possui a Escola Dominical, que conta com uma frequência regular de 20 a 30 crianças, e dois grupos de jovens. Um deles com 15 jovens que se reúnem quinzenalmente em Lisboa, sendo um deles natural da Angola, província portuguesa ultramarina; e outro grupo com 8 jovens que se reúnem semanalmente em Queluz (O Jovem Luterano, jan./fev. 1969).

As conexões e trocas podem ser percebidas, também, pelos relatos de viagens de jovens brasileiros que se deslocaram para conhecer a realidade da juventude luterana em diferentes países. Como é o caso de um estudante brasileiro de nome Paulo M. Otten, que participou do Congresso da Juventude Luterana na Alemanha, tendo sido “convidado a falar da nossa pátria, [...] da nossa igreja e principalmente da juventude”. (O Jovem Luterano, set./out. 1958, p. 16). Ele pondera que depois de escutá-lo sobre a maneira com a juventude luterana brasileira se organiza, resolveram fazer algo semelhante. Em seu relato observa que teve a oportunidade de experimentar e compartilhar atividades no contexto alemão e pôde conhecer algumas organizações juvenis alemãs. Ele opinou, inclusive, que tais jovens se encontravam muito mais atrasados em relação à Juventude do Brasil (O Jovem Luterano, set./out, 1958). Diante disso, pode-se perceber que as conexões podem não ser apenas transferências mecânicas de conhecimento, abrindo-se à possibilidade de escolhas e julgamentos do que seria mais adequado a cada contexto. Lamenta-se que nas páginas do impresso não se aprofunde sobre os motivos desse “atraso”, mas pressupõe-se que não havia uma organização tão sistematizada, como encontros regulares e atividades que envolviam praticamente todo o cotidiano de lazer dos jovens.

Essas viagens exploratórias realizadas por jovens brasileiros com a finalidade de conhecer o trabalho da Igreja Luterana em outros países tinham o respaldo da revista “O Jovem Luterano”. Ao mesmo tempo em que revista era promovida, tornando-a conhecida em diferentes países, também era recolhido material de cunho religioso, cultural e histórico das nações visitadas, sendo transformados tais materiais em artigos para o periódico. A exemplo disso, o exemplar de março de 1970 apresenta um artigo em que uma jovem de nome Beatriz Warth escreve a respeito da sua experiência de viagem realizada a Lisboa/Portugal para conhecer o trabalho da Igreja Luterana naquele lugar. Entre outras observações históricas, culturais e geográficas relacionadas ao país

visitado, ela apresenta as suas impressões com relação à Igreja Luterana, que “está realizando um trabalho maravilhoso entre o povo português, a capela da Igreja Luterana de Lisboa é simples, mas muito acolhedora e bem arrumadinha e o que é mais importante é muito bem frequentada” (O Jovem Luterano, mar. 1970, p. 13). E conclui dizendo que apesar de ter uma juventude pequena “ela é bastante acolhedora e amiga”, e que a mesma pediu para que transmitisse aos leitores de “O Jovem Luterano” um cordial convite para visitá-los na primeira oportunidade (p. 13).

Em outro momento, Beatriz Warth escreve ao “O Jovem Luterano” trazendo o relato de outra viagem, esta realizada a Paris/França. Segundo a jovem, mesmo com a dificuldade linguística por ela enfrentada, pois dominava apenas o português, o alemão e o inglês, tendo pouco conhecimento da língua francesa, pôde conhecer com o auxílio de um jovem teólogo os principais pontos turísticos da cidade de Paris. Afirma ter ficado “encantada pela arte e cultura do lugar” e que “o luteranismo ainda é um campo relativamente novo” sendo que “existem apenas oito congregações na França” (O Jovem Luterano, jul. 1970, p. 5). Porém, menciona que “a nossa igreja já tem na França um pequeno seminário com quatro estudantes, [...] e está planejando abrir novos campos de missão para colocarem os jovens pastores que irão se formar em breve” (p. 5).

Essas averiguações possibilitam observar a existência de um cruzamento de informações (Werner, Zimmernan, 2003). Os jovens, ao viajarem para conhecer as diferentes realidades na qual a Igreja Luterana estava inserida, compartilham com os nativos referências religiosas, culturais e sociais brasileiras, e trazendo para o Brasil apreciações dos países visitados que eram compartilhadas entre os leitores da revista “O Jovem Luterano”.

Assim como jovens brasileiros viajavam para conhecer a realidade da juventude luterana em outros países, a revista registra também a circulação do periódico juvenil produzido no Brasil em diferentes nações. Em junho de 1958, a revista “O Jovem Luterano” registra o relato de um jovem de nome Adolpho H. Loestscher¹⁴⁶, que escreve

¹⁴⁶ Conforme a revista “O Jovem Luterano”, além de Adolpho H. Loestscher, da comunidade Pax do Rio de Janeiro, atuavam como missionários no Egito os jovens “Floriano Scheneider da nossa igreja no Espírito Santo; Euclides Schüller da nossa igreja em Santa Catarina e Carlos Gomes que embora não sendo membro filiado a igreja luterana é assíduo frequentador dos cultos e da juventude (set. 1958, p.16).

ao periódico acusando o recebimento de exemplares do referido folhetim no Egito. Conforme exceto abaixo:

Tenho a honra de comunicar-vos o recebimento dos exemplares mensais de “O Jovem Luterano”, sendo que a primeira remessa, contendo os números de janeiro, fevereiro e março, recebi em 21/3/58, e o número de abril em 20/05/58. Devo esclarecer que é com alegria e satisfação que recebo “O Jovem Luterano” aqui no Egito, (p. 13).

Ao dar seguimento ao texto, o jovem esclarece atuar como missionário naquele país e conta que além dele existem outros jovens desempenhando a missão de semear a palavra de Deus segundo a doutrina luterana. Ressalta, ainda, que tem “feito muitos apontamentos de nossa vida cotidiana, pois tenho em mente de escrever futuramente um artigo para O Jovem Luterano” (O Jovem Luterano, jun. 1958, p. 13). Em contrapartida, a revista agradece ao jovem por fazer circular o conteúdo doutrinário por ela publicado entre os jovens daquele país e afirma que aguarda com interesse o artigo que pretende enviar. São, portanto, interações socioculturais que resultavam, mesmo que genericamente, em transferências entre as duas culturas postas em contato (Werner, Zimmermann, 2003).

A revista era utilizada no Egito para fins missionários e em contrapartida trazia aos seus leitores, em sua maioria jovens brasileiros, um conhecimento sintetizado a respeito da cultura e da história daquele país. A exemplo disso, “O Jovem Luterano” apresenta entre jan./fev. de 1950 e jan./fev. de 1952 dezoito artigos publicados com abordagens variadas relacionadas ao continente Africano. Enfatiza que os leitores “nunca leram conteúdo tão vivido, interessante e útil em relação ao povo africano” (O Jovem Luterano, jan./fev. 1950, p.2). Não se tem como afirmar se além da questão missionária e da troca de correspondências entre jovens brasileiros e nigerianos, conforme observado no exemplar de julho de 1966, houve outros tipos de intercâmbio. Porém, é perceptível a disseminação pela revista “O Jovem Luterano” de conhecimento no que diz respeito às sociedades africanas a partir de textos produzidos por jovens missionários.

A revista “O Jovem Luterano” mostra que esse intercâmbio da juventude luterana brasileira com jovens de diferentes nacionalidades era constante e se dava de várias maneiras. Ainda em 1950 é possível observar a publicação de uma carta enviada pela *Walter League* dos EUA aos jovens luteranos do Brasil, saudando-os pelo congresso

constituente de reorganização da antiga Liga Walther do Brasil com o nome de Juventude Luterana do Brasil (O Jovem Luterano, jan./fev. 1950). O envio dessa carta evidencia que as Juventudes Luteranas no mundo não estavam isoladas, que havia uma comunicação entre elas. Ressalta-se também essa liderança que a *Walther League* norte-americana exercia sobre as demais, percebida pela revista como uma referência, conforme se observa no exemplar de jan./fev. de 1955, no momento em que noticiam o trabalho que vem sendo desenvolvido pelos jovens luteranos daquele país.

A observância no que diz respeito à liderança exercida pela *Walther League* dos EUA pode ser observada no exemplar de junho de 1952, p. 2, em que “O Jovem Luterano” notícia a realização da “Convenção Internacional da *Walther League* em Oxford, estado de Ohio. EE.UU” em agosto daquele ano. Observa que “jovens de diversos pontos do globo se farão representar” e que a ocasião costumava reunir de três a quatro mil jovens, sendo que o Brasil enviaria representantes. Essas convocações deixam evidente a existência de uma rede de relacionamento juvenil de abrangência mundial coordenada pela *Walther League* dos EUA. Esta, por sua vez, como organização juvenil primeira era também a principal responsável por disseminar os interesses do Sínodo de Missouri para com os jovens pelo mundo.

Assim como a Juventude Luterana brasileira deveria se inspirar no modelo juvenil luterano norte-americano, os jovens dos EUA também buscavam saber sobre o trabalho desenvolvido pelos jovens luteranos do Brasil. Em jul./ago. de 1957, a revista “O Jovem Luterano” comunica que, a pedido da *Walther League* dos EUA, foi realizada uma reportagem especial sobre o Congresso de jovens brasileiros, para ser publicada na revista luterana juvenil daquele país. Já no mês seguinte, a revista “O Jovem Luterano” anuncia que:

O Jovem Luterano e a juventude luterana do Brasil passarão a ter um contato mais íntimo com a revista dos nossos irmãos estadunidenses “The Walther League Messenger”¹⁴⁷ com a nomeação do pastor Reimnitz como o nosso correspondente para os Estados Unidos (O Jovem Luterano, 1957, set. p. 2).

¹⁴⁷ *Walther League Messenger* começou a publicar sob esse título principal em 1918, sucedendo *Vereinsbote*, uma publicação bilíngüe em alemão e inglês cujas edições posteriores foram legendadas como *Walther League Messenger*. A revista continuou a numeração do volume da publicação anterior. Nenhuma edição ou renovação de direitos autorais de contribuição foi encontrada para esta série. Foi substituído por Arena em 1963. Ver mais em: <https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=waltherleaguem>

Dessa maneira, não restam dúvidas de que existia uma circulação de informações entre os jovens brasileiros e norte-americanos por intermédio das suas revistas.

As trocas e conexões são visíveis a partir da revista, mas fica também claro que não há domínio total de transferências da organização juvenil da igreja-mãe; ela tenta instaurar diretrizes e preceitos, mas acontecem adaptações de tais diretrizes e preceitos na realidade brasileira.

De acordo com o estudo de Gabriela Ossenbach e María del Pozo (2011) acerca dos modelos pós-coloniais ocorridos da Península Ibérica em direção à América Latina, os autores tentam desconstruir a relação de centro e periferia, como se os considerados mais adiantados dominassem e aculturassem totalmente a região periférica. O trabalho provoca as pesquisas que levam em conta a categoria da transnacionalidade e das histórias cruzadas ou interconectadas ao questionar se realmente a considerada periferia seria tão dominada assim pelo centro. Com isso, é perceptível que as tentativas de organização educativa tinham o propósito de unir os grupos fora do país e adequá-los à instituição que buscavam orientar. Mas os grupos aqui instalados, apesar de parecerem dominados, conseguiam resistir e impor também a sua própria organização e adaptação. Não é somente o Brasil que precisa conhecer os Estados Unidos, a necessidade de aprender a cultura da América do Sul também é visível.

Em 1964, a redação de “O Jovem Luterano” comunica que recebeu carta do Pastor W. Dorre, conselheiro da igreja-mãe (Sínodo de Missouri) (O Jovem Luterano, mai./jun. 1964). A carta evidencia o interesse das crianças e adolescentes norte-americanos em conhecer a cultura brasileira. Ao mesmo tempo que a revista “O Jovem Luterano” aproveita para “incentivar os adolescentes brasileiros a praticar o seu inglês trocando cartas com os amiguinhos dos Estados Unidos. Terão muito o que contar e com certeza aprenderão muito sobre lá” (O Jovem Luterano, mai./jun. 1964, p. 23). A troca de correspondências com irmãos na fé nos Estados Unidos era apresentada como uma oportunidade para o aprendizado linguístico, mas também para o conhecimento geral e cultural, uma vez que a proposta era o intercâmbio de informações.

As trocas de correspondências com os jovens norte-americanos seriam, na visão da revista “O Jovem Luterano”, uma maneira de se mostrar aberto às oportunidades.

Desta maneira, chama a atenção para “a importância destas correspondências para a formação intelectual e psíquica do jovem” (O Jovem Luterano, jul. 1964, p. 6).

[...] Em particular pesamos que a troca de cartas com jovens de outros países nos rasga largos horizontes. [...]. por mais esclarecidos que nos tornemos dentro do meio em que vivemos, [...], aprenderemos também algo sobre outros modos de vida, se nos mantivemos abertos a essa oportunidade. [...] veremos como eles trabalham ou estudam, como eles se ativam na união juvenil ou na escola dominical e muito podemos aprender. Então com o auxílio de um professor ou de uma pessoa capacitada, vamos praticar a língua inglesa. Vamos aprender e distrair-nos escrevendo cartas, vamos trocar ideias, com quem em métodos de trabalho na igreja, está mais adiantado que nós. Vamos trocar selos, postais, flamulas, cartas... Que perspectiva magnífica de troca de conhecimento e cultura.

A esse respeito, o presidente mundial do Sínodo de Missouri, na época Jacob Preus, em entrevista concedida à revista “O Jovem Luterano” observa que “a melhor estratégia para a juventude brasileira introduzir novas ideias em seu trabalho e ter mais contato com os irmãos na fé de outros países é o intercâmbio entre os jovens” (O Jovem Luterano, out, 1969, p. 6).

Ao mesmo tempo que havia essa circulação de ideias e correspondências entre jovens luteranos brasileiros e americanos, a revista “O Jovem Luterano” de ago./set. de 1967 registra a visita de um grupo de 28 jovens luteranos norte-americanos, que, reunindo o útil ao agradável, teriam vindo ao Brasil para visitar algumas Juventudes e conhecer as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre, participando ainda de um Congresso Juvenil na última. Segundo a revista:

Os americanos levaram uma boa impressão dos jovens luteranos brasileiros. A caravana de luteranos dos Estados Unidos foi muito bem recepcionada pelos jovens de todos os estados visitados, recebendo muito carinho dos jovens brasileiros que lhes apresentaram aspectos do tradicionalismo brasileiro. (O Jovem Luterano, 1967, ago./set. p. 4).

Novamente a cultura brasileira é citada como um dos assuntos de interesse dos jovens norte-americanos.

Outro intercâmbio bastante presente nas páginas da revista é a relação de amizade entre os jovens luteranos do Brasil e da Argentina¹⁴⁸, que pode ser observada nas páginas da revista “O Jovem Luterano” durante todo o período analisado.

Em setembro de 1930, o *Der Waltherliga-Bote* traz uma publicação enviada por um jovem argentino de nome L. Martin, em que se noticia algumas atividades promovidas entre os jovens na Argentina. No texto, o jovem expressa gratidão pelo interesse da *Waltherliga Brasilians* no trabalho com jovens na Argentina e destaca que a Juventude Luterana naquele país ainda é relativamente nova, mas que tem tudo para prosperar. Observa-se que até aquela época existiam três associações juvenis na Argentina, “nas cidades de Crespo, Entre Rios, onde também foi construído o nosso colégio para formação de professores e preparação de pregadores, e no extremo sul da província de Buenos Aires” (*Der Waltherliga-Bote* set. 1930, p. 95). O mesmo informa ainda que estão empenhados em formar uma organização juvenil semelhante à do Brasil: “Leem o *Waltherliga-bote* com grande interesse”, e esperam “ver muitos relatórios das uniões juvenis, pois é sempre enriquecedor aprender com grupos individuais” (idem. p. 95). Além disso, conforme o relato, era de interesse dos jovens argentinos manter um contato próximo com a juventude brasileira por intermédio da revista, e sempre que possível enviar relatórios para a *Waltherliga* acompanhar o trabalho realizado entre os jovens daquele país.

Já em setembro de 1932, observa-se a exposição de um texto enviado em nome da Associação dos Jovens Luteranos da Argentina (ALA). O relato informa o expressivo aumento das Uniões Juvenis do distrito argentino. E tomando como referência as associações juvenis de países como o Brasil e Estados Unidos, em que grupos de jovens se unem em torno de um objetivo comum, comunicam que estão em processo de consolidação de sua organização juvenil, visto que é muito mais vantajoso para os jovens luteranos trabalhar em conjunto. Informam, ainda, que o trabalho das referidas organizações juvenis é acompanhado pela circulação de seus periódicos entre os jovens argentinos (*Der Waltherliga-Bote*, set. 1932).

¹⁴⁸ Segundo Ricardo Willy Rieth (2009), a instituição começou na Argentina em 1905, sendo fomentada pela igreja do Brasil. Foi também expandida pelo meio comunitário étnico, ou seja, em comunidades germânicas já instaladas no território argentino.

Para o então presidente da ALA, Alexander Schneider, “é sempre uma alegria para nós quando lemos o *Waltherliga-Bote* e vemos que o nosso trabalho é acompanhado pela revista” (*Der Waltherliga-Bote*, set. 1934, p. 108). E ressalta que o periódico da *Waltherliga Brasiliens* é de grande estímulo para os jovens argentinos. Ao mesmo tempo, expõe sua gratidão pelo interesse dos jovens brasileiros para com o trabalho entre jovens luteranos da Argentina, que ainda se encontram em estágio inicial de experimentação do esforço coletivo, havendo com isso uma oscilação na adesão das juventudes à organização juvenil.

A circulação da revista “O Jovem Luterano” entre jovens argentinos e, por conseguinte, o interesse destes pela leitura do periódico é expresso em relatórios enviados por juventudes argentinas e publicados no folhetim juvenil. A exemplo disso, a Juventude de Alba Posse, Misiones, Argentina, informa que “todo mês aguardamos ansiosos a vinda do *Waltherliga-Bote* que nos traz novas notícias das uniões juvenis do Brasil” (*Der Waltherliga-Bote*, out. 1938, p. 177). No texto, explicam que assim como acompanham as Juventudes Brasileiras pelas páginas da revista, era de desejo levar ao conhecimento dos jovens brasileiros um pouco do trabalho realizado pelos jovens de Alba Posse. Essas incidências de conexões juvenis envolvendo jovens luteranos brasileiros e argentinos repercutidas pela revista “O Jovem Luterano” evidenciam um caráter não somente ativo, mas interativo em termos de relações e circulação de conhecimento entre os dois distritos juvenis, conforme observado em Werner e Zimmermann (2003). Ou seja, havia o estabelecimento de uma rede de relacionamentos cujas conexões eram estabelecidas pela revista “O Jovem Luterano”.

É bem provável que a circulação do *Der Waltherliga-Bote* em solo argentino tenha ocorrido devido à presença de um grupo de pessoas de ascendência alemã no país, que se encontrava unida à comunidade teuto-brasileira não somente por um vínculo de fé e pertencimento à comunidade luterana, mas também pela familiaridade cultural. A língua alemã era um elemento central da herança e identidade, tanto para jovens dos teuto-brasileiros quanto para aqueles dos teuto-argentinos. Logo, a proximidade geográfica e o fato da revista ser produzida em língua alemã facilitaram a compreensão e a identificação dos jovens luteranos argentinos com os brasileiros, tornando-se uma ponte de conexão e comunicação entre os jovens luteranos de ambas comunidades.

Em diversos momentos é possível observar a organização de caravanas de jovens brasileiros para participar do Congresso Geral da Juventude Luterana da Argentina. Na edição de mai./jun. de 1956, a revista “O Jovem Luterano” apresenta uma reportagem especial falando sobre a participação de 5 departamentos juvenis do Brasil no II Congresso Geral de Jovens em Buenos Aires, na Argentina. Na reportagem, os jovens falam sobre a experiência de participar de um conclave juvenil em outro país. De maneira semelhante, a revista, em diferentes momentos, registra a presença de jovens argentinos em congressos brasileiros. A exemplo disso, em junho de 1951 a revista noticia que o “Congresso Juvenil da Zona Missioneira realizado em Ijuí/RS contou com a presença de jovens da nossa vizinha república Argentina”. (O Jovem Luterano, jun. 1951, p. 86). É bem provável, assim, que a proximidade geográfica tenha propiciado uma maior interação entre jovens luteranos brasileiros e argentinos.

Esse relacionamento próximo entre as juventudes vizinhas fazia com que eventos organizados pelos jovens argentinos fossem amplamente divulgados pela revista “O Jovem Luterano”. Ao mesmo tempo, esses mesmos jovens expunham a sua ansiedade em participar de eventos em solo brasileiro, conforme carta enviada ao periódico em fev./mar. de 1957. Nela, a ALA escreve que aguarda com sumo interesse a programação do Congresso Geral da Juventude Luterana do Brasil, que irá se realizar em Porto Alegre/RS. Ressalta que estão seguros de que os dias que passarão na companhia dos jovens brasileiros irão influenciar positivamente os ânimos da juventude da Argentina. Ainda um mês antes, a revista “O Jovem Luterano” noticiava com satisfação a confirmação de que mais uma vez a juventude luterana da Argentina enviaria representantes ao Congresso Geral da Juventude Luterana do Brasil, e ressalta: “estreitamos, assim, cada vez mais os laços de amizade e intercâmbio espiritual com nossos irmãos argentinos” (O Jovem Luterano, 1957, jan. p.1).

Ainda em junho de 1957, p. 8, “para estimular os jovens a se inscrever na caravana que irá se deslocar para o conclave da juventude argentina a realizar-se em fevereiro de 1958 em Buenos Aires”, a revista “O Jovem Luterano” traz a publicação da carta-convite enviada pela ALA, convidando os jovens brasileiros a participarem do seu congresso, trazendo na íntegra a programação do evento. Nos meses subsequentes foi possível observar detalhes da organização da caravana que iria partir de Porto Alegre/RS, onde

os jovens inscritos deveriam se concentrar. Nela são detalhadas o custo do ônibus e do Vapor que os levaria de Montevideu a Buenos Aires, num total de Cr\$ 2.300, 000, não incluindo despesas de hotel e alimentação (O Jovem Luterano, set. 1957). Não se sabe precisar a valorização exata da moeda da época, porém tudo indica que nem todos os jovens tinham condições financeiras para participar destes eventos internacionais.

Com a proximidade geográfica entre o estado do Rio Grande do Sul e Argentina, foi possível intensificar as relações e intercâmbios por meio de reuniões culturais e esportivas. Para isso, eram realizadas visitas e encontros com trocas e fortalecimentos dos grupos com os mesmos interesses e vinculações doutrinárias. A exemplo disso, “O Jovem Luterano” noticia a participação de uma caravana com 33 jovens brasileiros que haviam se dirigido “ao Prata para participar do Congresso da ALA e assim frutificar esse intercâmbio entre o distrito Brasileiro e Argentino” (mai./jun. 1961, p. 13). Destaca que os jovens brasileiros tiveram uma coparticipação no congresso “com uma noite recreativa reservada a participação dos jovens brasileiros (Noitada brasileira)” (p.17). E que a confraternização entre os jovens dos dois países contou ainda com uma partida de futebol Brasil x Argentina que terminou empatada em 8 x 8, e outra de basquetebol na qual os jovens brasileiros se consagraram campeões sobre os argentinos por um placar de 25 x 17 (O Jovem Luterano, mai./jun.1961).

Em outra publicação, em setembro de 1964, “O Jovem luterano” registra novamente a participação de jovens brasileiros no congresso da ALA. Notificam que: “os argentinos mostraram grande interesse pelas nossas coisas. Ao jovem Elmer Flor foi dada a oportunidade de falar sobre o Brasil e nossas atividades na igreja e juventude. Inclusive uma das devoções esteve a cargo da juventude brasileira” (p.18). Concluem, ainda, dizendo que foram dias de muita alegria e crescimento espiritual e em conhecimento.

O intercâmbio dos jovens brasileiros e argentinos frutificava de diversas maneiras e muitas vezes os Congressos potencializavam essa interlocução. À vista disso, o jovem Werner Peter Gade, de Teófilo Ôtoni/MG, que integrou a caravana para o Congresso da ALA, escreve ao “O Jovem Luterano” relatando sua experiência de viagem e das amizades dela resultantes. Segundo ele, “desde fev./61 troquei cartas com 11 jovens de Porto Alegre e Buenos Aires que conheci durante a participação no 4ª Congresso da ALA”

(O Jovem Luterano, jul. 1962, p. 8). Conclui com base em sua experiência de viagem que: “seria ideal o encontro de jovens de várias procedências por ocasião do Congresso Geral” (p. 8). São, portanto, relatos que dão sustentabilidade à existência de uma rede de relacionamentos interfronteiriços que se originam a partir de um vínculo comum – Juventude Luterana – principal articuladora dos pontos de inter-relação (Werner, Zimmermann, 2003).

O estreitamento das relações entre jovens brasileiros e argentinos foi tema de entrevista arrolada pela revista “O Jovem Luterano” em agosto de 1970. Na ocasião, o entrevistado foi um jovem argentino de nome Reinaldo Antônio Blanco. O jovem dizia estar entusiasmado em poder participar de mais um congresso da JELB, que iria acontecer em janeiro de 1971 em São Paulo/SP. Por conseguinte, chama a atenção à organização da JELB, que na sua opinião, apesar da semelhança com o modo como a ALA se organiza, tem mais iniciativa e interesses em promover o trabalho da Igreja. E traz como exemplo “a Olimpíada Cultural do DIPA (Distrito Porto Alegrense) a qual tive a oportunidade de assistir e notar o quanto a Juventude Luterana Brasileira é ativa” (O Jovem Luterano, ago. 1970, p.10). Para ele, os jovens argentinos deveriam se inspirar nos jovens brasileiros e diversificar as suas atividades culturais, por serem excelentes oportunidades para evangelizar.

Na visão dele, a relação de intercâmbio entre jovens brasileiros e argentinos já foi mais intensa em décadas passadas, e “isso fez com que existisse grande amizade entre ambos. Por outro lado, os jovens brasileiros gozam de bons conceitos entre os argentinos” (O Jovem Luterano, ago. 1970, p.10). Assim, ainda segundo ele, mesmo havendo diminuído a intensidade do convívio entre os jovens dos dois países, as relações se mantêm vivas e ativas. Diz ainda manter um bom relacionamento com jovens oriundos de diferentes Uniãoes Juvenis brasileiras, mas, “todavia, tenho uma maior aproximação e simpatia com a U. J. Cruz de Petrópolis, PA” (p. 10). E:

Pessoalmente sou leitor do Jovem Luterano há muitos anos. Acho que de fato o novo formato é uma revista para a nossa juventude. O conteúdo, acima de tudo se adapta aos argentinos como aos brasileiros. Agora fala-se até na Argentina em começar com uma revista (O Jovem Luterano, ago. 1970, p.10).

O excerto do texto sinaliza que havia uma circulação do periódico da Juventude Luterana brasileira entre os jovens do país vizinho, e que estes por sua vez absorviam e ressignificavam o conteúdo da revista. Logo, é possível inferir que a circulação de informação entre as Juventudes dos dois países desencadeava um processo de interação juvenil em que fica perceptível uma certa influência exercida pela JELB e sua revista em relação aos jovens luteranos da Argentina, que tinham a juventude brasileira como um modelo a ser seguido.

O que se percebe nessas estratégias foi a possibilidade de organizar atividades e um imaginário de congregamento e unidade atravessado por fronteiras transnacionais, ligados e relacionados pelo impresso da organização juvenil. Ao promover o encontro e a troca de experiências entre jovens de diferentes países e contextos culturais, o intercâmbio contribuiu para o fortalecimento da identidade luterana global, para a ampliação do horizonte cultural dos participantes e para a construção de uma rede de solidariedade e fraternidade que transcendeu fronteiras geográficas e culturais.

Considerações finais

Durante qualquer pesquisa, chega-se a um momento crucial em que é necessário interromper a investigação e tecer algumas considerações sobre o que foi apurado durante o estudo. Ao contrário de algumas crenças, essa pausa não indica o esgotamento da temática empreendida, pois os resultados sempre abrem caminho para novas problematizações. Assim, os resultados apresentados nesta tese são frutos de um longo processo de pesquisa, que envolveu diversas leituras, reflexões, investigações, debates com colegas pesquisadores e, sobretudo, de análise minuciosa da revista "O Jovem Luterano" e das memórias dos leitores desse periódico. Um dos objetivos foi contribuir para os estudos no âmbito da História da Educação no Brasil, sobretudo, no que diz respeito à história da educação juvenil não escolar promovida por instituições religiosas luteranas, como um elemento educacional complementar e integrador em face das demandas que marcam os contextos de inserção dos jovens nas dinâmicas sociais preestabelecidas (Severo, 2015).

A trajetória de construção desta investigação possibilitou explorar uma gama de pressupostos teóricos que auxiliaram na elaboração de um discurso coerente com as interpretações feitas a partir das fontes. Os autores mobilizados neste estudo colaboraram para a composição de um conjunto de ideias a respeito do contexto e do objeto investigativo, por meio da leitura, análise e compreensão da revista, bem como das memórias compartilhadas pelos leitores que participaram ativamente na problematização dos temas abordados. Ao compartilharem suas experiências de leitura, usos e apropriações, eles destacaram aspectos emocionais, éticos e práticos relacionados aos assuntos abordados na publicação. Isso permitiu uma reflexão mais colaborativa e contextualizada, alinhada às vivências pessoais dos leitores do periódico.

A investigação historiográfica realizada revelou que o conceito de juventude ultrapassa a simples definição de uma determinada faixa etária caracterizada por transformações físicas, conforme esclarece Silva (2006). Trata-se, na verdade, de uma

noção cultural complexa e diversificada que varia conforme o período, o local e o contexto social em que o jovem está inserido. Muito mais que um período de transição, marcado por mudanças físicas, abrange questões emocionais, sociais e culturais, orientadas por um conjunto de práticas, valores, símbolos e comportamentos compartilhados que influenciam na formação da identidade e integração social do jovem (Elias, 1993). Isto posto, a definição de juventude varia de acordo com sociedades e épocas distintas, sendo moldada por elementos como idade, gênero, classe social, etnia, religião, entre outros elementos culturais. Por conseguinte, entender a juventude como uma construção cultural implica não somente em considerar aspectos simbólicos e subjetivos, mas também levar em conta as dimensões estruturais e contextuais que influenciam as vivências e os caminhos dos grupos considerados jovens.

As ideias sobre juventude também são influenciadas por aspectos educacionais. Nesse sentido, as pesquisas no âmbito da História da Educação têm mostrado que imprensa educacional e religiosa é uma importante fonte para pesquisadores que desejam explorar, por meio de periódicos, revistas, jornais e outras publicações religiosas e educacionais, não apenas os aspectos curriculares e de ensino, mas também os contextos sociais, culturais e religiosos em que as práticas educativas se desenvolvem ao longo do tempo. Através desses veículos de comunicação, é possível ter acesso a discursos, debates, ideias e concepções pedagógicas que estavam em circulação em determinado período histórico, além de acompanhar as visões sobre infância e juventude que foram disseminadas e discutidas em diferentes momentos e contextos sociais. A imprensa periódica tem, conforme Bastos (2002), desempenhado um papel significativo no avanço dos estudos sobre a história da educação.

Nessa direção, os impressos vinculados a organizações religiosas e comunidades de fé têm se mostrado uma fonte amplamente relevante para estudos na área da História da Educação dos jovens, proporcionando valiosas percepções sobre as práticas educacionais, valores, crenças e influências culturais que moldaram a educação da juventude ao longo do tempo. Através dos periódicos e publicações religiosas é viável analisar os discursos, valores e as metodologias educacionais adotadas por organizações religiosas, possibilitando a compreensão do papel que elas vêm ocupando na transmissão de saberes, valores éticos, morais e crenças religiosas no contexto

juvenil. Ao explorar essas fontes, os estudiosos expandem seu entendimento sobre a complexa relação entre educação, juventude, cultura e religião, colaborando para uma compreensão mais abrangente e aprofundada acerca da história da educação de jovens nos mais diversos cenários.

Estudar a imprensa educacional e religiosa voltada à educação de jovens pela compreensão do contexto institucional e social em que a revista “O Jovem Luterano” circulou foi fundamental para o aprofundamento do papel e da influência do periódico na formação e na vivência dos jovens luteranos. De acordo com os princípios educativos do luteranismo (Lutero, 2011), a revista “O Jovem Luterano” adotava uma postura fortemente confessional em relação à doutrina luterana. Tais propósitos consistiam em promover o desenvolvimento completo dos jovens leitores, contemplando aspectos espirituais, intelectuais, emocionais e sociais, com o intuito de difundir os princípios e valores cristãos em todas as áreas do conhecimento. Dessa forma, além de contribuir para a educação religiosa e para o fortalecimento da identidade luterana dos jovens, a revista incentivava o envolvimento social na comunidade de fé, assim como a disseminação dos valores e princípios do luteranismo. Como impresso religioso “O Jovem Luterano” influenciava tanto a subjetividade quanto o pertencimento da juventude luterana (Hall, 2014).

O Sínodo de Missouri, desde a sua fundação percebeu que seria importante investir na juventude, pois tal grupo seria o futuro fiel na Igreja (Warth, 1979). Era preciso oferecer educação religiosa, moral e momentos de sociabilidade. Uma das estratégias encontradas foi a constituição de associações juvenis luteranas a fim de concorrer com outras associações cristãs e trabalhadoras, colocando em circulação periódicos que pudessem mediar a interlocução entre os interesses da igreja-mãe, nos Estados Unidos, com outros lugares. Neste estudo, o foco foi a realidade brasileira, que também se mostrou desde cedo preocupada com os jovens, publicando a revista juvenil “O Jovem Luterano”, impresso que organizou, orientou e fomentou atividades educativas, de sociabilidade e culturais para a formação do grupo desses jovens.

Os propósitos educacionais, doutrinários e sociais envolvidos na constituição da Juventude Evangélica Luterana do Brasil (JELB) como um departamento dentro do Sínodo objetivou proporcionar espaços de aprendizagem, de diálogo e de convivência

entre jovens luteranos (*Waltherliga Brasiliens*, 1928). A insistência na organização de grupo de jovens e na promoção de atividades sociais, culturais e esportivas se deve ao fato que a instituição luterana sabia que a convivência com os pares permitia que os jovens incorporassem atributos gerais defendidos e aceitos pelo grupo. Ou seja, almejava-se organizar um circuito de socialização de jovens em um contexto específico, com regras e modelos de convivência pré-estabelecidos. Conforme Silva (2014), as referências identitárias são forjadas entre pares, grupo social e familiar, daí a necessidade de a instituição religiosa promover a socialização dos jovens por meio de uma organização juvenil que se coloca como corresponsável pela transmissão de modelos de conduta às novas gerações. Dessa maneira, estaria o jovem luterano inserido em um contexto sociocultural e histórico que iria fornecer as narrativas identitárias para sua constituição como pertencente àquele grupo social, configurando-se um apoio para que também as futuras gerações de jovens interiorizem aquele modelo de organização social e comportamental como parte integrante de sua identidade.

A criação da revista "O Jovem Luterano", inicialmente chamada de *Der-WaltherLiga-Bote*, como órgão oficial de comunicação da JELB significou uma busca por dar sustentabilidade a essa engrenagem juvenil, criada pelo Sínodo de Missouri, para preservar os jovens das mazelas cotidianas e conectá-los por meio de laços fraternos de amizade no ambiente da instituição religiosa. A missão do periódico era ensinar aos jovens como conviver coletivamente no seio da Igreja, e servir como veículo de comunicação e aproximação entre os jovens de diferentes regiões do país. A revista desempenhou um papel fundamental na promoção e no fortalecimento da identidade luterana entre os jovens, sendo uma valiosa ferramenta para disseminar os valores educacionais, doutrinários e sociais mobilizados pela instituição religiosa em questão. Além de auxiliar nos encontros juvenis, a revista desempenhou um papel essencial na propagação do itinerário luterano entre os leitores da revista.

Com sua comunicação destinada a atender às necessidades e interesses específicos da juventude, a revista "O Jovem Luterano" procurou oferecer conteúdos relevantes e atrativos que dialogavam diretamente com esse grupo etário, estabelecendo um canal de comunicação eficaz e direcionado ao público jovem. O periódico contribuiu para a educação religiosa dos jovens estimulando a reflexão sobre os valores, princípios

e ensinamentos da fé luterana no que diz respeito à vida e à espiritualidade. Promoveu a interação, o engajamento e a troca de experiências juvenis possibilitando a construção de uma rede de apoio e diálogo entre os leitores, que se identificavam e se relacionavam por intermédio de suas páginas.

Além de fomentar a sociabilidade juvenil por meio de atividades esportivas, a revista também incentivou a expressão artística e cultural dos jovens através da música e do teatro e pela produção de conteúdos criativos, como poesias, artes visuais e textos literários que expressavam a fé e a identidade luterana. Levando em conta que, de acordo com Woodward (2014), a representação é um componente importante na construção da identidade, a publicação estimulava o protagonismo, a criatividade e a participação ativa dos jovens na igreja e na sociedade, preparando futuros líderes comprometidos com a missão e os valores luteranos. Portanto, a existência da revista “O Jovem Luterano” estava intimamente ligada à promoção da sustentabilidade e ao apoio às atividades desenvolvidas nos departamentos juvenis da Igreja Luterana, oferecendo um suporte fundamental para as ações direcionadas aos jovens.

Por ser um condutor de intencionalidades, a materialidade, apresentação e organização da revista “O Jovem Luterano” revelou-se de suma importância para a compreensão não apenas do conteúdo textual e visual da publicação, mas também da forma como a informação foi transmitida e recebida pelos leitores. As configurações materiais do impresso contribuíram para estabelecer relações entre a estrutura do escrito e o pensamento refletido (Chartier, 1990). A materialidade da revista permitiu compreender como a Igreja Luterana escolheu representar visualmente mensagem e valores, ou seja, compreender a estética adotada, como as imagens e os elementos gráficos que contribuíram para a construção da identidade da publicação e como esses aspectos influenciaram a percepção dos leitores sobre o conteúdo abordado, e a maneira como a revista se posicionava e se relacionava com seu público-alvo.

A organização dos temas e a hierarquização das informações revelaram os propósitos e objetivos da revista, suas prioridades editoriais, as ênfases temáticas e o público-alvo pretendido. Os aspectos físicos e visuais, contextualizados com os propósitos educacionais e sociais pretendidos pela instituição provedora do periódico, contribuíram para uma compreensão mais aprofundada do papel e da influência da

revista na formação e na vivência dos jovens luteranos, assim como sua contribuição para a educação religiosa, a identidade comunitária e o engajamento social dentro da tradição luterana. Isso considerando que tanto as condições sociais quanto materiais têm impacto significativo na construção da identidade dos sujeitos, influenciando suas experiências, percepções e práticas identitárias (Woodward 2014).

Alguns aspectos da materialidade da revista trouxeram à tona os enfrentamentos da nacionalização do ensino (Seyferth, 1997) refletidos em suas páginas; não somente na forma como era produzida, mas na maneira como os temas relacionados à nacionalização foram abordados, debatidos e interpretados pelos leitores, refletindo as dinâmicas de identidade, pertencimento e diversidade presentes na comunidade luterana naquele período histórico em que os teuto-brasileiros eram o principal público leitor da revista “O Jovem Luterano”. Foi preciso haver resistência ao processo, necessitando a instituição religiosa intervir com adaptações linguísticas e ações de convencimento e formação.

Embora tenha demonstrado esforço em despertar o interesse dos jovens pelas pela realidade nacional, é preciso considerar que mediante a instabilidade política e as restrições à liberdade de expressão, a instituição religiosa acabou adotando estratégias para garantir a continuidade e o alcance da publicação junto ao público-alvo e evitar possíveis censuras ou perseguições. No entanto, é importante ressaltar que essa interpretação é uma possibilidade e que a motivação por trás das ações da instituição religiosa pode envolver uma combinação de diferentes fatores, incluindo o compromisso com a educação religiosa e a formação dos jovens, assim como a manutenção do engajamento dos leitores e a ampliação da base de assinantes da revista.

No que se refere à formação da juventude luterana, foi observado que a doutrina luterana era ensinada ao lado das práticas religiosas e da exploração de conhecimentos seculares. O objetivo do periódico era possibilitar que os jovens desenvolvessem seu projeto de vida com base em princípios cristãos luteranos. Tratava-se de um processo educacional direcionado aos interesses e necessidades dos participantes (Gohn, 2016). Além de promover a identidade e as predileções da instituição religiosa Sínodo de Missouri, as atividades educativas tinham como objetivo inspirar os jovens a refletir sobre questões éticas e morais sob a perspectiva da fé luterana, bem como proporcionar uma

formação ampla em conhecimentos gerais, desenvolvimento espiritual e autoconhecimento, além de uma compreensão das emoções e dinâmicas sociais e interpessoais aplicadas à vida diária. Em suma, as motivações educacionais e doutrinárias da revista “O Jovem Luterano” tinha como foco a formação integral dos jovens, preparando-os para uma vida cristã comprometida e ativa.

Como um instrumento de poder, a revista “O Jovem Luterano” assegurava a disseminação dos interesses religiosos e contribuía com a formação secular do leitor oferecendo a ele informação, orientação e estímulo através de ações educativas que, em alguma proporção, manifestavam um caráter instrutivo e pedagógico com a finalidade de suprir as necessidades contextuais dos jovens em suas comunidades. As múltiplas possibilidades formativas observadas no periódico permitem afirmar que se tratava de um veículo de comunicação, ensino e doutrinação que tinha por finalidade tutelar os saberes e os interesses da juventude luterana.

Com relação às diretrizes comportamentais, éticas e sociais destinadas à educação corporal e preparação dos jovens para o casamento, a revista buscava promover uma visão positiva e respeitosa do corpo, dos relacionamentos e do casamento, encorajando os jovens a estabelecerem vínculos afetivos fundamentados no amor construído, na convivência e no respeito. O casamento deveria ser planejado, com as diferentes fases do relacionamento respeitadas, e as características físicas não deveriam ser critérios para a união matrimonial. A preparação religiosa pré-nupcial abordava questões ligadas à sexualidade no casamento, planejamento familiar, aspectos patrimoniais, realçando a importância da comunicação e cumplicidade para a construção de um casamento sólido e duradouro. Dessa forma, a revista “O Jovem Luterano” se configurava como uma ferramenta significativa na formação dos jovens, preparando-os para vivenciarem o casamento de forma equilibrada, saudável e harmoniosa.

Considerando a perspectiva religiosa da revista “O Jovem Luterano”, foi possível notar, a partir do folhetim, certa liberdade orientada com base em modelos religiosos, sociais e comportamentais de cada época. Tais orientações dessa revista juvenil eram direcionadas para que as moças e os rapazes pudessem se preparar para os papéis socialmente a eles atribuídos dentro daquele contexto social. A mulher era vista como a guardiã do lar, responsável pelas tarefas domésticas, pela criação dos filhos, pela

organização da casa e pelo suporte emocional da família. Seu papel era valorizado pela dedicação e pelo cuidado com o bem-estar dos membros da família, sendo considerado fundamental para a harmonia e o funcionamento do lar. Por outro lado, ao homem era atribuída a responsabilidade de prover o sustento da família, sendo esperado que ele trabalhasse fora de casa para garantir o sustento financeiro do lar. Sua identidade e valor muitas vezes estavam associados à sua capacidade de ser o provedor da família, assumindo um papel de autoridade e liderança no ambiente doméstico. Não se pode deixar de considerar que os textos continham elementos moralizadores da conduta masculina e feminina, tendo especial atenção para a orientação sobre a importância dos cuidados com a aparência e o comportamento das mulheres. Dessa forma, eram reforçados discursos e valores historicamente estabelecidos e culturalmente sedimentados, conforme esclarece Fraga (2000).

Na forma de projeto socioeducativo voltado à aprendizagem de saberes entendidos como “necessários” para as vivências sociais e afetivas da juventude luterana, o impresso desempenhou um papel essencial na formação do comportamento luterano. Disciplinou, de acordo com Chartier (2002), os corpos, as práticas sociais e influenciou, por meio da organização regrada dos espaços, as condutas e os pensamentos dos jovens luteranos. A diversidade de publicações relacionadas às diferentes áreas de sociabilidade dos jovens luteranos não deixa dúvidas de que a instituição tinha por objetivo influenciar os modos de ser, viver e pensar dos leitores do periódico, e assim se aproximar de um modelo comportamental entendido como ideal para um jovem cristão luterano. Em resumo, quanto às diretrizes comportamentais divulgadas pela revista, pode-se concluir que “O Jovem Luterano” operava como um tutorial das práticas luteranas da vertente ielbiana. Seu propósito era regulamentar as vaidades e liberdades terrenas a fim de guiar os jovens e adolescentes atendendo às aspirações e demandas específicas da juventude luterana.

A sociabilidade juvenil desempenhou um papel significativo no controle do corpo na regulação das relações sociais e afetivas dos jovens. Ao participarem em atividades de socialização promovidas pela instituição religiosa, os jovens eram imersos no contexto da comunidade e expostos a normas, valores e expectativas que moldavam sua percepção sobre o corpo, os relacionamentos interpessoais e afetivos. Ao serem

envolvidos em encontros, retiros, congressos e outros programas comunitários esportivos e artísticos, os jovens tinham a oportunidade de vivenciar na prática os ensinamentos da Igreja Luterana no que diz respeito ao comportamento social considerado apropriado para uma sociedade cristã luterana. Eram ações educativas impulsionadas por iniciativas pedagógicas que visavam à civilidade (Elias, 2011), com o propósito de atender às demandas específicas dos jovens luteranos e promover condutas socialmente adequadas e valorizadas em sua comunidade de fé.

Como instrumento de intervenção pedagógica intrinsecamente ligada ao controle social, a participação em atividades esportivas, musicais e teatrais representava uma maneira pela qual a juventude luterana organizava e orientava a sociabilidade entre seus membros de modo a promover a identificação social e religiosa dos jovens luteranos como sujeitos pertencentes a uma cultura compartilhada (Chartier, 2022). Uma vez que os indivíduos de uma mesma cultura se identificam uns com os outros por meio da sua interação, participação e adesão às dinâmicas culturais e sociais do grupo, compartilhando valores, crenças, práticas, tradições e símbolos culturais em comum, constroem assim uma identidade cultural e um senso de pertencimento coletivo que os une em torno de uma mesma cultura compartilhada, conforme esclarece Hall (2014).

O esporte, como uma dessas dinâmicas, proporcionava não apenas a prática de atividades físicas e o desenvolvimento de habilidades motoras, mas também estimulava a cooperação, o trabalho em equipe e a disciplina, que era provocada por meio da religião, que atuava como mediadora dos padrões físicos e comportamentais desejados. Dessa forma, considerando que o corpo se move por gestos aprendidos (Soares, 2006), a prática esportiva preparava o jovem para um novo estilo de sociabilidade, tornando-o mais dócil, uma vez que as regras do esporte coíbiam os impulsos e instintos naturais do ser humano. A prática esportiva permitia que os indivíduos canalizassem suas energias e emoções de forma socialmente aceitável, contribuindo para a pacificação e a civilização dos comportamentos considerados violentos ou disruptivos (Elias, 2011). Além de favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais, o estabelecimento de laços de solidariedade e o fortalecimento da coesão social entre os jovens pertencentes à comunidade, as práticas esportivas refletiam normas, padrões e representações sociais

presentes na sociedade luterana de vertente ielbiana, favorecendo o desenvolvimento de uma identificação social e um pertencimento religioso (Hall, 2014).

A música e o teatro, por sua vez, proporcionavam aos jovens a oportunidade de se comunicar, se expressar, se desenvolver pessoalmente e se integrar com a comunidade, sendo eficazes na transmissão de valores, ensinamentos e princípios da fé luterana. Como herdeiros da Reforma Luterana, consideravam que a música e arte, se aliadas à doutrina Luterana, representavam ferramentas eficazes para o aprendizado dos jovens (Lutero, 2011). A música, além de facilitar a formação e a capacitação dos jovens luteranos, especialmente no canto coral, que era uma ferramenta importante para expressar a fé cristã e proclamar a palavra de Deus, fortalecia a identidade luterana e promovia a integração comunitária. O teatro, por sua vez, oportunizava o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas, como o trabalho em equipe, empatia, autoconfiança, expressão corporal e verbal, e a resolução de conflitos. A prática teatral permitia que os jovens experimentassem de maneira prática os valores e ensinamentos da igreja luterana, estimulando a reflexão sobre questões éticas, morais e espirituais de forma lúdica e dinâmica.

Por outro lado, a revista “O Jovem Luterano” valorizava a leitura como uma prática de formação pessoal, espiritual e cultural, incentivando aos jovens a cultivar o gosto pela leitura e pela escrita, e a explorar novos horizontes literários, ampliando o repertório cultural e intelectual dos mesmos. Acreditava-se na importância da leitura para a educação dos jovens luteranos, pois além de ajudar a expandir seus conhecimentos e compreender melhor o mundo à sua volta, ela era um estímulo ao desenvolvimento das habilidades de escrita, da linguagem e da comunicação. Tinha-se plena convicção da sua responsabilidade na formação do jovem luterano, por isso o estímulo e controle da leitura andavam lado a lado. Essa abordagem combinada visava garantir que a leitura e a escrita dos jovens fossem orientadas de forma educativa, formativa e edificante, sem desviar os jovens dos propósitos religiosos e sociais preestabelecidos, a fim mantê-los neste espaço de referência na circulação de conhecimento religioso e secular, fazendo com que o jovem não dispersasse com outras leituras.

A promoção de uma comunidade de leitores e a mediação literária exercida pela revista “O Jovem Luterano”, por intermédio da seleção criteriosa dos conteúdos literários

seculares e religiosos sugeridos, tinha por finalidade garantir coerência e a fidelidade aos valores e princípios da Igreja Luterana, para evitar a disseminação de informações ou ideias que fossem contrárias aos ensinamentos da instituição e que pudessem influenciar negativamente a formação ética e moral dos jovens luteranos. Desta maneira, a interlocução com a rede de leitores pode ser entendida como um mecanismo de orientação e supervisão das ações e posturas dos jovens dentro do ambiente eclesiástico, com o propósito de estimular comportamentos e mentalidades alinhados com os princípios e valores da instituição luterana.

Não restam dúvidas de que a revista “O Jovem Luterano” desempenhou um papel importante na formação e no fortalecimento de redes de sociabilidade entre os jovens luteranos, proporcionando um espaço de encontro, comunicação e interação que se estenderam para além das fronteiras nacionais (Werner, Zimmermann, 2003). As práticas demonstradas no periódico evidenciaram a existência de um intercâmbio cultural entre jovens luteranos ligados ao Sínodo de Missouri em diferentes países do mundo. Essa conexão transnacional de ideias e sujeitos vinculados na revista permitiu perceber não somente o expansionismo religioso de tal instituição reverberado em ações no sentido de romper o isolamento das fronteiras culturais, mas também que conexões e inter-relações podem ser realizadas por instituições religiosas que buscam em estratégias educativas moldar e formar determinados comportamentos.

O intercâmbio cultural entre jovens de diferentes países era incentivado pela instituição religiosa, pois sabiam que essa experiência de convivência poderia trazer inúmeros benefícios para os participantes, contribuindo para a construção de uma rede global de solidariedade e apoio mútuo entre os jovens luteranos. Esta iniciativa mediada pela revista servia como um canal de comunicação e de aproximação, além de ser uma oportunidade única para a troca de experiências, vivências e conhecimentos, permitindo aos jovens ampliação da compreensão sobre questões sociais, culturais e religiosas, contribuindo significativamente para fortalecer a identificação religiosa mundial dos jovens luteranos.

É provável que a interconexão e atuação dessas ideias tenha reverberado em diferentes partes do mundo em que a Igreja Luterana do Missouri tinha pontos de expansão, com organização de grupos de jovens e produção de impressos. No decorrer

da pesquisa foi possível mobilizar alguns dos métodos mais profícuos que por meio do periódico buscavam intensificar essas conexões (Werner, Zimmermann, 2003). A saber, os planos de leituras do Novo Testamento instituído pela igreja-mãe; os círculos de amizades, com trocas de correspondência a nível internacional; os relatos de viagens de jovens brasileiros; bem como recepção de jovens estrangeiros vindos ao Brasil. Em relação aos planos de leitura, foram publicadas as propostas e a adesão de diferentes países, mostrando assim formas de conhecer outras realidades e contextos.

A publicação da falta do protagonismo do Brasil na campanha, evidenciada pelo ranqueamento em que o Brasil figurava atrás de países como Japão e Índia, foi uma das formas de chamar atenção para o fato de que se deveria fortalecer a Juventude brasileira. Os círculos de amizades mostravam e propagandeavam conexões e ligações de jovens estrangeiros com os brasileiros, em especial, coordenados pela igreja-mãe nos Estados Unidos, mas com possibilidades de se comunicar com outros países. Visualiza-se, assim, que a instituição buscava homogeneizar as organizações juvenis pelo alinhamento doutrinário e de práticas consideradas cristãs, como divertimentos aceitos somente no seio da Igreja.

Por fim, destacou-se ainda as viagens e a recepção de jovens estrangeiros, que mostraram a tentativa de formar uma identidade juvenil luterana que transcendeu fronteiras, sendo que os conceitos de transnacionalidade (Schwriewer, Caruso, 2005) e das histórias cruzadas (Werner, Zimmermann, 2003) ajudaram a problematizar essas interconexões entre realidades juvenis luteranas. Apesar disso, ainda faltam elementos a considerar para esmiuçar melhor os encontros e as conexões; a exemplo: como cada lugar se adaptava ao que vinha sendo proposto? E até que ponto se tinha aceitação total das propostas hierárquicas da igreja? Pode-se afirmar que foi a instituição luterana em questão que buscou dar um sentido universalizante do que seria uma organização juvenil representante da vertente do luteranismo do Sínodo de Missouri, sendo necessário reforçar tal pensamento por meio dessas práticas mediadas no impresso “O Jovem Luterano”. Mas, certamente, essas práticas foram recebidas e adaptadas de acordo com o contexto local.

Assim, conclui-se esse trabalho afirmando que as finalidades educativas, doutrinárias e socializadoras da revista “O Jovem Luterano” refletiam o compromisso da

publicação em promover a formação integral dos jovens, aliando a educação, a fé e a convivência comunitária como pilares fundamentais para o crescimento e a maturidade dos leitores. Através da revista, os jovens luteranos tiveram a oportunidade de se conectarem, compartilharem experiências, trocarem informações e fortalecerem os laços de solidariedade e fraternidade que os unia como membros de uma mesma tradição religiosa.

Em suma, a experiência de escrever a tese sobre a revista "O Jovem Luterano" foi não apenas um exercício acadêmico, mas também uma jornada de autoconhecimento, reflexão e engajamento com minha herança cultural, minha identidade religiosa e meu papel como cidadão e intelectual na sociedade contemporânea. Através desse processo, pude fortalecer minha conexão com a tradição luterana, ampliar minha compreensão sobre a importância da educação e da formação na construção de identidades e valores, e consolidar meu compromisso com a busca do conhecimento e da verdade em prol do bem comum.

Fontes documentais

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, abr. 1929.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, mai. 1929.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, jun. 1929.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, out. 1929.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, jan. 1930.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, abr./mai. 1930.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, set. 1930.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, nov. 1930.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, jan. 1932.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, set. 1932.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, mar. 1933.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, set. 1933.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, nov./dez. 1933.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, jan./fev. 1934.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, mar. 1934.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, abr. 1934.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, set. 1934.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, set. 1935.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, jan. 1936.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ago. 1936.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, dez. 1936.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, nov. 1937.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, jun. 1938.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, jul. 1938.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, out. 1938.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, mai. 1939.

DER WALTHERLIGA-BOTE. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, set. 1939.

ESTATUTOS E REGIMENTOS da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, ed. 1998.

JUVENTUDE EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL (JELB). **Estatuto**: Cacoal – RO. 2015.

JUVENTUDE EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL (JELB). **Regimento**: Cacoal – RO. 2015.

MAACK, Hans. “**Protokolle der Watlher-Liga von Süd-Amerika, Soli Deo Gloria**”. Hartzpikade, 31 mai. 1925.

MENSAGEIRO LUTERANO. Porto Alegre. Casa Publicadora Concórdia. Jan./fev.1980.

MENSAGEIRO LUTERANO. Os desafios mundiais do luteranismo confessional. Porto Alegre. Editora Concórdia. fev., 2021.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, jan. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, fev./mar. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, abr. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, mai. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, jun. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, jul. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, ago. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, set. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano I, nov./dez. 1940.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano II, jan. 1941.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano II, fev. 1941.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano II, mar. 1941.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano II, abr./mai. 1941.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano II, jun./jul. 1941.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano II, dez. 1941.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano III, jan./fev. 1942.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano III, mar./abr. 1942.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano III, jul./ago. 1942.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano III, nov./dez. 1942.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IV, jan. 1943.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IV, fev. 1943.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IV, mar. 1943.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IV, ago. 1943.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IV, nov. 1943.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IV, dez. 1943.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano V, mar. 1944.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano V, mai. 1944.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano V, jul. 1944.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VI, fev./mar. 1945.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VI, jun. 1945.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VI, jul. 1945.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VI, out. 1945.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VI, dez. 1945.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VII, jan. 1946.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VII, fev. 1946.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VII, set. 1946.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VII, out. 1946.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VII, dez. 1946.

- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, jan. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, fev. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, mar. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, mai. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, jun. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, ago. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, set. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano VIII, nov./dez. 1947.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, jan. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, fev. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, mar. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, abr. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, mai. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, ago. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, set. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano IX, out. 1948.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano X, mar. 1949.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano X, out. 1949.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano X, nov. 1949.
- O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano X, dez. 1949.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XI, jan./fev. 1950.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XI, abr. 1950.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XI, mai. 1950.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XI, jun./jul. 1950.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XI, ago./set. 1950.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XI, out. 1950.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XI, nov. 1950.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, mar. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, mai. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, jun. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, jul. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, ago. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, set. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, nov. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XII, dez. 1951.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIII, jan./fev., 1952.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIII, abr./maio, 1952.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIII, jun. 1952.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIII, jul. 1952.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIII, ago. 1952.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIII, dez. 1952.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIV, mar. 1953.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIV, abr./mai. 1953.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIV, jun./jul. 1953.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIV, ago./set. 1953.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XV, fev. 1954.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XV, mar. 1954.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XV, maio. 1954.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XV, jun. 1954.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XV, jul. 1954.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XV, nov. 1954.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XV, dez. 1954.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVI, jan./fev. 1955.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVI, mai. 1955.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVI, jun. 1955.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVII, jan./fev. 1956.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVII, mar./abr. 1956.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVII, nov./dez. 1956.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVII, mai./jun. 1956.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVIII, jan. 1957.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVIII, fev./mar. 1957.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVIII, jun. 1957.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVIII, jul./ago. 1957.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVIII, set. 1957.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XVIII, nov. 1957.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, jan./fev. 1958.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, abr. 1958.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, jun. 1958.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, jul. 1958.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, ago. 1958.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, set./out. 1958.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XIX, dez. 1958.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, jan./fev. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, mar. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, abr./mai. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, jun. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, jul. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, ago. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, set./out. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, nov. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XX, dez. 1959.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXI, jan. 1960.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXI, jun. 1960.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXI, jul./ago. 1960.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXII, mar./abr. 1961.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXII, mai./jun. 1961.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXII, jul./ago. 1961.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXII, set./out. 1961.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXII, nov./dez. 1961.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIII, jan. 1962.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIII, abr.1962.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIII, jun.1962.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIII, jul.1962.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIII, dez.1962.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIV, jan.1963.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIV, dez. 1963.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXV, jan./fev. 1964.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXV, abr. 1964.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXV, mai./jun. 1964.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXV, jul. 1964.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXV, set. 1964.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVI, jan./fev. 1965.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVI, abr.1965.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVI, mai. 1965.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVI, jun.1965.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVI, jul. 1965.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVI, ago. 1965.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVI, set.1965.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVII, jan. 1966.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVII, fev. 1966.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVII, mar./abr. 1966.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVII, mai. 1966.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVII, jul. 1966.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVII, set./out. 1966.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVIII, jan./fev. 1967.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVIII, jun./jul. 1967.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXVIII, ago./set. 1967.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIX, out.1967.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIX, abr. 1968.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIX, jul. 1968.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIX, ago. 1968.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXIX, set. 1968.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, jan./fev. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, mar. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, abr. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, mai. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, jun./jul. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, ago. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, set./out. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, out. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXX, nov./dez. 1969.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, jan. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, fev. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, mar. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, mai. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, jun. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, jul. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, ago. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXI, out. 1970.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, jan.1971.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, fev. 1971.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, mar. 1971.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, abr. 1971.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, mai. 1971.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, jun. 1971.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, out. 1971.

O JOVEM LUTERANO. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, ano XXXII, nov./dez. 1971.

WALTHERLIGA BRASILIANS. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia, dez. 1928.

Fontes orais

ALMEIDA, Mario Tailor. Entrevista [abril. 2023]. Entrevistador: Elias K. Albrecht, 2023, Canguçu - RS. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

MANKE, Alvacir Gustavo. Entrevisto [abril. 2023]. Entrevistador: Elias K. Albrecht, 2023, Morro Redondo - RS. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

QUANDT, Darli Müller. Entrevista [janeiro. 2023]. Entrevistador: Elias K. Albrecht, 2023, Canguçu - RS. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

QUANDT, Edgar Wille. Entrevista [janeiro. 2023]. Entrevistador: Elias K. Albrecht, 2023, Canguçu - RS. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

REDISS, Iria Albrecht. Entrevista [fevereiro. 2023]. Entrevistador: Elias K. Albrecht, 2023, Canguçu - RS. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

WEIDUSCHADT, Loni Neunfeld. Entrevista [janeiro. 2022]. Entrevistador: Elias K. Albrecht, 2022, Canguçu - RS. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

WILLE, Luiz Seyfert. Entrevista [dezembro. 2023]. Entrevistador: Elias K. Albrecht, 2023, Pelotas - RS. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

Referências

ABRAMOVAY, Mirian. **Juventude e Juventudes na realidade do Brasil**. Goiânia: 2006. Disponível em: <http://www.anchietanum.com.br/semana1/julho/segunda/apresentmiriam.ppt>. Acessado: 25 set. 2021.

ABRAMOVAY, Mirian; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília. **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**; Unesco 2007. Disponível online em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume27_juventude_outros_olhares_sobre_a_diversidade.pdf. Acessado: 09 out. 2021.

ALBANI, Márcio Monticelli. Os Trajes Típicos Alemães de Nova Petrópolis –RS: Leituras e Percepções. In: COLÓQUIO DE MODA, 10º / EDIÇÃO INTERNACIONAL, 7ª / CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA, Caxias do Sul/RS. **Anais...** Caxias do Sul: 2014, p. 1-10. Disponível online em: [www.coloquiomoda.com.br/.../GT-6-Os-Trajes-Tipicos-Alemaes-de-Nova-Petropolis....](http://www.coloquiomoda.com.br/.../GT-6-Os-Trajes-Tipicos-Alemaes-de-Nova-Petropolis...) Acessado: 15 out. 2023.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBRECHT, Elias Kruger. **Entre textos e imagens: o processo de ensino-aprendizagem em cartilhas alemãs produzidas para escolas sinodais**. 2017. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (História licenciatura) – Universidade Federal de Pelotas/ UFPEL, Pelotas/RS, 2017.

ALBRECHT, Elias Kruger. **Cartilhas em língua alemã produzidas pelos Sínodos Luteranos no Rio Grande do Sul: usos e memórias (1923-1945)**. 2019. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas/ UFPEL, Pelotas/RS, 2019.

ALBRECHT, Aline Gehm Koller, et al: **Regimento; Estatuto; Código de ética pastoral; Administração**. Porto Alegre: Editora concórdia, 2017.

ALVES, Maria de Fátima Paz. **Um/Uma jovem separado no mundo**: igreja juventude e sexualidade na perspectiva de jovens da assembleia de Deus em Recife- PE. 2009, 315 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco/ UFPE, Recife /PE, 2009.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Fernanda Maria Arruda dos Santos. **Identidade e Religião**: uma análise da construção da identidade religiosa juvenil. 2008. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco/UCP, Recife /PE, 2008.

ANTUNES, Celso. Jogos para estimulação de múltiplas inteligências. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ARENDT, Isabel Cristina. **Representações de Germanidade, escola e professor no Allgemeine Lehrerzeitug für Rio Grande do Sul [Jornal Geral para o Professor no Rio Grande do Sul] 2005**. 242 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Vale do Rio do Sinos/Unisinos. São Leopoldo/RS, 2005.

BAHIA, Joana. **O tiro da Bruxa**: identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BLANK, Clóvis Renato Leitzke. **A proposta de ensino do catecismo menor nas Escolas Paroquiais do Sínodo de Missouri no Brasil a partir da Revista Igreja Luterana (1940-1954)**. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2020.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BARRETO, Márcio Nilander Ávila; WEIDUSCHADT, Patrícia. Fases de produção e circulação do impresso O Amigo das Crianças. IN: RAHMEIER, Andrea H. Petry; *et al* (Org.). **Migrações, Educação e Desenvolvimento**, v. 3, Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

BARRETO, Márcio Nilander Ávila. **Apropriação de professores-leitores do impresso O amigo das Crianças utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960 -1990)**. 2023, 197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2023.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Pilippe. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de Papel: a imprensa e a história da educação. IN: SOUZA, José Carlos Araújo e GATTI, Décio Júnior. **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, Autores Associados, 2002.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**, 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.

BECK, Nestor. **Igreja, Sociedade & Educação**: estudos em torno de Lutero. Porto Alegre: Concórdia, 1988.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel, Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. "Programa para uma Sociologia do Esporte". In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983. p. 112-121.

BUSS, Paulo Wille. **Um grão de mostarda**: A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. vol. 2. Porto Alegre: Concórdia, 2006.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CAPELATO, Maria Rolim. **Multidões em cena**: Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CARDOSO, Brunna Dias. **Religião, juventude e sexualidade**: a recepção dos discursos papais no grupo de oração semeador. 2017, 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia/GO, 2017.

CARDOSO, Rafael. O Início do Design de Livros no Brasil. In: CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro, antes do design**: Aspecto da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosacnaify, 2005, p. 160-197.

CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.) **Educação em revista**: a imprensa e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 17 ed. Petrópolis/RJ, Vozes, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLÉGIO CONCÓRDIA/PA, memorial: 115 anos da instituição (2017). Disponível online em: <http://colegioconcordia.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Historia-Colegio-Concordia-Porto-Alegre.pdf>. Acessado: 29 nov. 2021.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto; (org). **Em Busca de um Sonho: a História da Juventude Evangélica Luterana do Brasil**. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p.173-191, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acessado: 15 dez. 2022.

CHARTIER. Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia. **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras; ALB; FAPESP, 1999.

CHARTIER, Roger. Do Livro à Leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

CHARTIER, Roger. **A leitura, uma prática cultural**: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996, p. 231-254.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro**: do leitor ao navegador. 5ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

DECIO, **Dicionário Aurélio online português**. Portal eletrônico, Brasil. Especiais. Acessado em 05 mai. 2022, Online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ethos/>.

DONNER, Sandra Cristina. **Os jovens luteranos e a "Revolução Brasileira". Um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960**. 2001, 145.f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia/EST, São Leopoldo/RS, 2001.

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre: EST, 1984.

DREHER, Martin Norberto. Notas para uma História da Educação Protestante no Brasil. **Estudos Leopoldenses**. vol. 4, nº 6, jan./jun. 2000a, p.133-150.

DREHER, Martin Norberto. Prefácio aos Hinários. In: LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**- Vida em comunidade: Comunidade, ministério, culto, sacramentos, visitação, catecismo, hinos. v. 7. Comissão Interluterana de Literatura Sinodal, São Leopoldo/RS 2000b. p. 480.

DREHER, Martin Norberto. **Wilhelm Rotermond**: seu tempo – suas obras. 2. ed, São Leopoldo: Oikos, 2014.

DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos J.. **Imigração e Imprensa**. Porto Alegre: EST, 2004.

DROOGERES, André. Religião, identidade e segurança, entre imigrantes Luteranos da Pomerânia no Espírito Santo (1880-2005). **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p.13-41, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n1/a02v28n1.pdf>. Acessado: 05 mai. 2022.

ECO, Umberto. O Leitor-Modelo. In: ECO, Umberto. **Leitor in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 35-45.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos costumes. v.1, 2ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Formação do Estado e Civilização. v.2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FAROFA, Renato Rodrigues. Espaço dos mortos, sepulturas dos vivos. Uma análise sobre práticas em edificações tumulares nos cemitérios luteranos de Canguçu – RS. In: ARENDT, Isabel Cristina; CUNHA, Jorge Luiz da; SANTOS, Rodrigo Luís dos. (Org.). **Migrações - perspectivas e avanços teórico-metodológicos**. 1ªed. São Leopoldo: Oikos, 2018, v. 1, p. 438 - 453.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, Campinas; v.16, n. 1, p. 87-102, jan./abr. 2005. Disponível on-line em: <https://www.fe.unicamp.br/pffe/46-dossie-felgueirasml.pdf>. Acessado: 16 nov. 2023.

FERGIN, James Arthur, "**History of the India Mission of the Lutheran Church--Missouri Synod 1945-1957**". Faculty. of Concordia Seminary, St. Louis, Department of Historical Theology Bachelor of Divinity. 1958. <https://scholar.csl.edu/bdiv/579>. Acessado em 20 de janeiro de 2023.

FONSECA, Maria Angela Peter da. **Deutsche Schulen urbanas no Pampa ou o Pampa dentro de Deutsche Schulen? Cultura Escolar Conforme: Collegio Allemão de Pelotas e Collegio Rio Grandense do Rio Grande (1912-1936)**. 2017. 269 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas/RS, 2017.

FUCHS, Eckhardt. History of Education beyond the Nation? Trends in Historical and Educational Scholarship. In: BAGCHI, Barnita; FUCHS, Eckhardt and ROUSMANIERE, Kate. **Connecting histories of education: transnational and cross-cultural exchanges in (post)colonial education**, New York, Oxford, Berghahn, 2017, p. 11-26.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

FREITAS, Sandro Soares Ramos de. **“Saber ser homem”**: a construção da masculinidade entre jovens Presbiterianos / Sandro Soares Ramos de Freitas. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife /PE, 2016.

FGV CPDOC: Portal eletrônico. Brasil. Online. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3745/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>. Acessado: 23 mar. 2022.

GERTZ, René E. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos J. (org.). **Imigração e Imprensa**. Porto Alegre: EST, 2004. p. 100-122.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOULART, Denise Alessandra. **Religião Juventude e trabalho social**: processos identitários na agência missionária evangélica Jocum. 2010, 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista/ UESP. Marília/ SP, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível online em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt>. Acessado: 25 nov. 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível online em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615/2053>. Acessado: 04 jun. 2021.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia; GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin: revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. In. 31^a ANPED. Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu: 2008, p. 1-14. Disponível online em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf>. Acessado: 28 set. 2021.

GROPPO, Luís Antônio, **Juventude**: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, Luís Antônio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**. v.13, n. 25, p. 9 - 22, dez. 2004. Disponível online em: www.metodista.br/revistas/revistascogeime/index.php/COGEIME/article/view/629/58. Acessado: 04 jun. 2021.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n.2, jul./dez., 1997. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acessado: 12 ago. 2021.

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferenças**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103 – 133.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HELFENSTEIN, Janaina Cristiane da Silva. **Entre a vida comunitária e a vida conjugal**: a composição das famílias luteranas de Imbituva, Paraná. ,2014, 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná/UFPR, Curitiba/PR, 2014.

HISTÓRIA DO MUNDO. **Invenção da Imprensa**. Portal eletrônico, Brasil. Especiais. Acessado em 16 jan. 2019, Online. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/invencao-imprensa.htm>.

INVIVO FIOCRUZ: **Serviço Nacional de Educação Sanitária – o estreito vínculo entre educação e saúde**. Portal eletrônico. Brasil. Especiais. Acessado em 23 mar. 2022, Online. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=922&sid=7>.

IELB. **Estrutura administrativa**. Igreja Evangélica Luterana do Brasil. 2021.

JAGNOW, Dieter joel. **O Jovem Cristão**. 3ª ed. Porto Alegre. Concórdia, 2003.

JARDILINO, José Rubens Lima. **Lutero & a Educação**. Belo Horizonte. Autêntica, 2009.

KARNOPP, David. **A dinâmica do culto cristão**. Porto Alegre: Concórdia. 2003.

KOEHLER, Edward W. A. **Sumário da Doutrina Cristã**. Porto Alegre: Concórdia, 2002.

KOLLING, Nilo Bidone. **Educação e escolas em contextos de imigração pomerana no sul do Rio Grande do Sul-Brasil**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas/RS, 2000.

KUHN, Malcus Cassiano; BAYER, Arno. A matemática no periódico pedagógico *Unsere Schule*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-21, 2018. Disponível online em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017005014103. Acessado em 24 ago. 2021.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

KREUTZ, Lúcio. Muito empenho pelas escolas. In: FISCHER, Luís; GERTZ, René. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p.145-150.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista brasileira de educação**, n.15, p. 159-176. Set/Dez, 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a10>. Acessado: 11 jan. 2022.

KREUTZ, Lúcio; KREUTZ, Sophya. Impressos pedagógicos, afirmações do projeto republicano e contraposições (1870 -1920). **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.11, p. 97-116, abril, 2002.

KREUTZ, Lúcio. **O Professor Paroquial: magistério e imigração alemã**. Pelotas, Seiva, 2004.

KREUTZ, Lúcio. Periódicos na Literatura Educacional dos Imigrantes Alemães no RS (1900 - 1939). In. 30ª ANPED. Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu: 2007, p. 1-13. Disponível online em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT02-3019--Int.pdf>. Acessado: 22 dez. 2022.

KREUTZ, Lúcio. Igreja, Estado e processos educativos na imigração de língua alemã, no RS. In: MUGGE, Miquéias Henrique et al. **Construindo Diálogos. História, educação e ecumenismo**. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 265-278.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**: conversas com Jean-Maurice de Montremy. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Uma Leitura Histórica Sob a Perspectiva de Gênero. **Projeto História**. São Paulo, n.11, nov. p.31-46, 1994. Disponível online em: revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11412/8317. Acessado: 15 ago. 2023.

LUCA, Tânia Regina de. História dos nós, e por meio dos periódicos. In: PÍNSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**, 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

LUCAS, Mônica Isabel. Música e palavra na música poética e no pensamento luterano dos séculos XVII e XVIII. **Música Hodie**, Goiânia/GO: vol. 10, nº 2, 2010, p. 29-46. Disponível online em: revistas.ufg.br/musica/article/view/15939. Acessado: 05 out. 2023.

LEON, Adriana Duarte. Os impressos católicos como uma possibilidade de análise do debate educacional da década de 1930 no RS. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. **Anais...** Rio Grande: 2012, p. 297-309. Disponível online em: http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/18/1343684719_ARQUIVO_textoanpuh.pdf. Acessado: 11 dez. 2019.

LEMKE, Marli Dockhorn. **OS princípios da educação cristã luterana e a gestão de escolas confessionárias no contexto das ideias pedagógicas no sul do Brasil (1824-1997)**. Canoas: ULBRA, 2001.

LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo**: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia Ed. Ltda/Ed. Sinodal, 1984.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas- Ética**: fundamentos; oração. Sexualidade, educação e economia v. 5. Trad Marthin N. Dreher, Comissão Interluterana de Literatura Sinodal, São Leopoldo/RS 2011.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas-** o programa da Reforma, escritos de 1520. v. 2 Comissão Interluterana de Literatura Sinodal, São Leopoldo/RS 2011.

MAURO, Suzeli. **Uma história da matemática escolar desenvolvida por Comunidades de origem alemã no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX**. 2005. 251 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista/UNESP, Rio Claro/SP, 2005.

MALTZAHN, Gislaíne Maria. **Família, ritual e ciclos de vida**: Estudo Etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS). 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

MANSKE, George Saliba. **Um currículo para formação de lideranças Juvenis na associação crista de moços de Porto Alegre**. 2006. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2006.

MARLOW, Sérgio Luiz. **Nacionalismo e Igreja: A Igreja Luterana** – Sínodo de Missouri nos “porões” do Estado Novo. 2006, 173 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória/ES, 2006.

MARQUARDT, Rony Ricardo. **Crônicas da Igreja**. Edição ampliada. Porto Alegre: Concórdia, 2006.

MELO, Juliana Ferreira de. **Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação**: a revista Grande Hotel e seus (supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961). 2013, 435 f. Tese (Doutorado Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Belo Horizonte/MG. 2013

MELLO, Victor Andrade de. Esporte: coisa de mocidade, coisa de juventude. In: DEL PRIORE, Mary (orgs). **História dos jovens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 207- 233.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed. 3. reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades Traduzidas. Cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul RS: EDUNISC, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos Pessoais no Espaço Público. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206. Acessado: 22 abr. 2021.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. 217 f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. São Paulo/SP, 1997.

MÜLLER, Elaine. Juventude e algumas questões e relações de gênero. **Mneme**. Rio Grande do Norte: v. 05. n. 11, jul./set. p. 214-244, 2004. Disponível online em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/231/211>. Acessado: 16 ago. 2023.

MUNIZ, Nancy a Campos. O Símbolo e a construção imaginária de uma instituição. In: MANINI Miriam Paula et al. **Imagem memória e informação**. Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2010. p. 125-146.

NÓVOA, António. “A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português.” In: BASTOS, Maria Helena Câmara. CATANI, Denise Barbara. (Org.) **Educação em revista**: a imprensa e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.11-31.

NORA, Pierre. Entre memória e História: A problemática dos lugares. **Projeto História**, são Paulo; v.10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível on-line em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acessado: 10 jun. 2024.

NUNES, César. **A pedagogia Luterana**: dois olhares. Porto Alegre: Concórdia, 2018.

OSSENBACH, Gabriela e POZO, María del Mar del. Postcolonial models, cultural transfers and transnational perspectives in Latin America: a research agenda. **Paedagogica Historica**. Vol. 47, No. 5, October 2011, 579–600. Disponível online em: <https://doi.org/10.1080/00309230.2011.606787>. Acessado: 29 jul. 2022.

OLIVEIRA, Luciana de; VIEIRA, Vanrochris Helbert. Nas tramas do discurso: sociabilidade comunicação cultura poder. **Intexto**, n. 33, p. 46-63, maio/ago. 2015. Disponível online em: [://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/52445](http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/52445). Acessado: 18 out, 2021.

OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. **Juventude, religião e conflitos geracionais**: entre o discurso institucional e a prática religiosa de jovens pentecostais da assembleia de Deus em Goiânia. 2017, 248 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia/GO, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Juventude no Brasil**. Portal eletrônico. Disponível online em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/youth-brasil>. Acessado: 04 out. 2021.

ORTHODOXIA LUTHERANA: Portal eletrônico. Brasil. Online. Disponível em: <https://orthodoxialutherana1054.wordpress.com/>. Acessado: 28 fev. 2022.

OSVALD, Tamara. **As igrejas Evangélicas Livres e independentes em São Lourenço do Sul**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2014.

PAIS, José Machado: A construção sociológica da juventude -alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, p. 139-165, 1990. Disponível online em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acessado: 30 set. 2021.

PACHECO, Ana Júlia Pinto. Educação física feminina: uma abordagem de gênero sobre as décadas de 1930 e 1940. **Revista da Educação Física/ UEM**, v.9, n.1, p. 45-52, 1998. Disponível online em: [//www.researchgate.net/publication/277165394_educacao_fisica_feminina_uma_abordagem_de_genero_sobre_as_decadas_de_1930_e_1940](http://www.researchgate.net/publication/277165394_educacao_fisica_feminina_uma_abordagem_de_genero_sobre_as_decadas_de_1930_e_1940). Acessado: 18 jul. 2023.

PAHL, Jon. Recriando a América: Ministério da Juventude e mudança social, 1930-1999. **A enciclopédia da educação informal**. 2003. Disponível online em: www.infed.org/christianyouthwork/recreating_america.htm. Acessado: 30 set. 2021.

PAHL, Jon. **Hopes and Dreams of All**: The International Walther League and Lutheran Youth in America Culture, 1893-1993. Eugene, Oregon, Wipf & Stock, 2006.

PARRA, Jorge Barrientos. O Estatuto da Juventude Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 41 n. 163, jul./set. 2004. Disponível online em: <https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/28336-28347-1-PB.pdf>. Acessado: 23 mai. 2024.

PASSOS, Mauro. **A presença e o discurso da Igreja na formação da classe trabalhadora em Belo Horizonte (1890 - 1930)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte/BH, 1986.

PERONDI, Mauricio. **Jovens da Pastoral da Juventude**: aprendizados na experiência. 2008, 164 f. Dissertação (Mestrado em educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ UFRGS, Porto Alegre/RS, 2008.

PINHEIRO, Viviane Potenza. **Integração e regulação de valores e sentimentos nos projetos de vida de jovens**: um estudo na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento. 2013, 384 f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade de São Paulo/USP, São Paulo/SP, 2013.

PIRES, Daiane. **Lutero muito além da religião**. (org.) HEINECK, Paulo; SCHÜNEMANN, Werner. Porto Alegre: Concórdia. 2017.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo, n. 15, abr./1997. Disponível online em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223>. Acessado: 02 jul. 2021.

Plass, Ewald M. **This Is Luther**: A Character Study. 2. ed. St. Louis: Concordia Publishing house, 1984.

PREFEITURA DE LAGOA VERMELHA. **Memorial, pós morte**: Martinho Lutero Hasse, Portal eletrônico, Brasil. Especiais. Acessado em 29 nov. 2021, Online. Disponível online em: <http://www.martinholutherohasse.com/home.php>.

RAMBO, Arthur Blásio. A igreja dos Imigrantes. IN: DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. São Leopoldo, EST, 2002, p. 57-73.

RAMBO, Arthur Basílio. A história da imprensa teuto-brasileira. In CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angélica (org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem e educação**. Santa Maria, 2003, p. 59-79.

REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda**: A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. v.1. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

REIMNITZ, Elmer. As fontes de energia do Sínodo de Missouri. Igreja Luterana: **Revista Técnica para Pastores e Professores da Igreja Luterana**. Porto Alegre, jan./fev., 1947, nº 1 e 2, p. 12-17.

REZENDE, Bruno de Avelar. **“Se alguém está em cristo, nova criatura é”**: a espiritualidade que brota da Formação bíblica para jovens. 2004, 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás/ PUC-GO, Goiânia/GO, 2004.

RIETH, Ricardo Willy. Raízes históricas e identidade da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). **Estudos Teológicos**. São Leopoldo v. 49 n. 2 p. 207-221 jul./dez. 2009.

ROCHA, Rita de Cassia Luiz da. **Manuais de Civilidade e Educação**: “A Conduta da juventude feminina” de Sophie Christ. 2018, 159 f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba/SP, 2018.

ROMIG, Karen Laiz Krause. **O rito da confirmação luterana e o processo escolar dos pomeranos na Serra dos Tapes – RS (1938-1971)**. 2021. 226 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2021.

RUSSO, Bárbara Ferreira. **Os impactos da reforma protestante na educação**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. 158 f. Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas/SP: 2012.

SALLAS, Ana Luiza; BEGA, Maria Tarcisa Silva. Por uma Sociologia da Juventude – releituras contemporâneas. **Política & Sociedade**, n.8, p. 31-58, abril, 2006. Disponível

online em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1803/1562>.
Acessado: 14 set. 2021.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SANTOS, Ana Luzia. **Educação na imprensa católica**: as representações do jornal A Defesa sobre a formação da juventude (1961-1969). 2006, 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe/UFS, São Cristóvão/SE, 2006.

SANTOS, Marco Antônio Gonçalves dos. **O conceito de sociabilidade e Georg Simmel**: contribuições a sociologia da infância. 2021. 131 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos/ SP. 2021.

SALTURI, Luiz Afonso. Um panorama da obra de Geog Simmel: teoria sociológica e teoria da cultura. **Movimentação**. v. 3, n. 4, p. 162 -172, jul. 2016. Disponível online em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/5127>. Acessado: 14 out. 2021.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. **Revista Brasileira de Educação** v. 14, n. 41, p. 296- 307, maio/ago. 2009. Disponível online em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/44MPvYzxwG4bGb8bYTVmXJw/abstract/?lang=pt>.
Acessado:18 out. 2021.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015. Disponível online em:
<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/SgHzCz9mYprkCV6RtTR368v/?lang=pt>. Acessado: 11 out. 2021. Acessado: 11 out. 2021.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes com a questão nacional. **Mana**. Rio de Janeiro: v.3, n.1, p. 95-131, 1997. Disponível online em:
www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acessado: 03 mai. 2022.

SILVA, Cristiane Gonçalves da. **Sexualidade, conjugalidade e direitos entre jovens religiosos da região metropolitana de São Paulo**. 2010, 2016 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo/USP, São Paulo/SP, 2010.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941 -1983).** 144 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2015.

SILVA, Haike Roselane Kleber da; ARENDT, Isabel Cristina. **Representações do discurso Teuto-católico e a construção de identidades.** EST, 2000.

SILVA, Lourival Rodrigues da. **Juventude, religião e a utopia da "civilização do amor": estudo de caso das pastorais da juventude do Brasil.** 2006, 175 f. Dissertação (Mestrado e Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás/ PUC-GO, Goiânia/GO, 2006.

SILVA, Sandra Cristina. **Educação de papel: impressoras protestantes educação de mulheres.** 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco/UFP, Pernambuco/CE, 2009a.

SILVA, Valberth Veras da. **Religiosidade Juvenil em Movimento: Um estudo de caso Batista regular.** 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará/UFC, Fortaleza/CE, 2009b.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen L. (org.) **Corpo e História.** 3º ed. Campinas/SP. 2006. p.109- 129.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Jovens e movimento: o processo de formação da pastoral da juventude no Brasil.** 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado Sociologia da Religião) – Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, 2004.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os jovens carismáticos.** 2009, 210 f. Tese (Doutorado Em Sociologia) –Universidade de São Paulo/USP, São Paulo/SP, 2009.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. **Política & Sociedade**, Florianópolis: v. 5 n. 8. p. 9-30, abril 2006. Disponível online em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1802>. Acessado: 21 set. 2021.

SOUZA, Carmen Zeli Vargas Gil de. **No tecer da vida, a juventude; no tecer da juventude, a vida: práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha, em grupos de música e religião.** 2003. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, 2003.

SOUZA, Érica Mello de. **Educação sanitária**: orientações e práticas federais desde o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária ao Serviço Nacional de Educação Sanitária (1920-1940). 2012, 115 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro/RJ, 2012.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v.20, n.2, p. 71-99. jul./dez, 1995. Disponível online em: seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667. Acessado: 15 maio 2021.

SCOTT, Ana Silvia Volpi; BASSANEZI, Maria Sílvia C. B..In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História dos jovens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 153 - 186.

SCHAFFER, Schirlei Conceição Barth. **Descrição Fonética e Fonológica do Pomerano falado no Espírito Santo**. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória/ES, 2012.

SCHAWRCZ, Lília Moritz; Starling, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHRIEWER, Jürgen; CARUSO, Marcelo. Globale Diffusionsdynamik und kontextspezifische Aneignung. Konzepte und Ansätze historischer Internationalisierungsforschung. IN: SCHRIEWER, Jürgen e CARUSO, Marcelo. **Nationalerziehung und Universalmethode**: Frühe Formen schulorganisatorischer Globalisierung. Leipzig, Leipziger Universitätsverlag, 2005. p. 7-31.

SCHWARZBOLD, Karin Christine; Weiduschadt, Patrícia. Juventude enquanto categoria de análise. In. 26ª ASPHE. Pelotas/RS. **Anais...** Pelotas: 2022. Disponível online em: <https://wp.ufpel.edu.br/asphe25anos/files/2022/05/Anais-26-Encontro-Asphe-2021.pdf>. Acessado: 14 ago. 2022

STEYER, Walter Otomar. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo**: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense, 1900-1904. Porto Alegre: Singularart, 1999.

STEYER, Walter Otomar. A implantação do luteranismo confessional e as populações protestantes teutas. IN: Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja. Porto Alegre, São Leopoldo, EST/Sinodal, 1998, p. 268-280.

STREGE, Arthur. **A History of Missouri Synod Work in Japan**. 1953. 155 f. Tese (Mestrado em Teologia) - Concordia Seminary, St. Louis. Missouri/ EUA, 1953. Disponível online em: [://scholar.csl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1099&context=stm](http://scholar.csl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1099&context=stm). Acessado: 25 mar. 2022.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: As comunidades- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul**. 1996. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia/EST, São Leopoldo/RS, 1996.

TEIXEIRA, Carmem Lucia. **O grupo de jovens: espaço de formação da identidade política**. 2006, 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião) -Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-GO, Goiânia, 2006.

TEIXEIRA, Tânia Nair Alvares. **A revista “O Cruzeiro”**: os discursos sobre a educação do corpo feminino e as memórias das leitoras pelotenses nas décadas de 1950 e 1960. 2023, 225 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2023.

The Online Books Page presents serial archive listings for Walther League Messenger. In: <https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=waltherleaguem>. Acessado em 06 fev.de 2023.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA; Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei: v.11, n.2, jul./dez. 2016. Disponível online em: [//www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1747](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/1747). Acessado: 21 set. 2021.

TREINTA, Fernanda Tavares; et al. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. **Production**, v. 24, n. 3, p. 508-520, jul./set. 2014. Disponível online em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132013005000078&script=sci_arttext&tlng=pt. Acessado:19 maio 2021.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: **A educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. ARANTES, Valéria Amorim (org.). São Paulo: Sumos, 2008, p.15-58.

VIDAL, Elisa da Silva. **Os valores religiosos e seus desdobramentos no cotidiano dos jovens**. 2016, 116 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo/SP, 2016.

VIEIRA, Patrícia Machado. **Psiu Fermento! Pastoral da juventude e imprensa estudantil nos anos 1980-1890**. 2014, 108 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ UFRGS, Porto Alegre/RS, 2014.

VICTORIA, Claudio Gomes Da. **Comunidade, escola e juventude**: navegando pela história oral de vida de jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas. 2015 162 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas/ Unicamp, Campinas/SP, 2015.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v.22, n.44, ago/dez. 2014. p. 203-220. Disponível <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acessado: 17 set. 2023.

WARTH, Carlos Henrique. **Crônicas da Igreja**: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900- 1974). Porto Alegre, Concórdia S. A., 1979.

WARTH, Martim Carlos. **A ética de cada dia**. Canoas, ULBRA, 2002.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: Identidade e cultura escolar**. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas/RS, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista "O Pequeno Luterano" e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas - RS (1931 - 1966)**. 2012. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2012.

WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. **Textos de História**, vol. 11, nº. 1/2,2003, p. 89-127. Disponível online: [//periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27853](http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27853). Acessado: 31 julho 2023.

WILLE, Leopoldo. **Pomeranos no Sul do Rio Grande do Sul: Trajetória, mitos, cultura**. Canoas: Editora da Ulbra, 2011.

WOODWARD, Kathryn: Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferenças**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

Anexo 1

Quadro 8: lista de teses e dissertações encontradas com base nos descritores “juventude e religiosidade” e “juventude e luteranismo”, organizadas em ordem cronológica, indicando a instituição religiosa pesquisada.

Dissertações e Tese	Instituição Religiosa
DONNER, Sandra Cristina. Os jovens luteranos e a "Revolução Brasileira" . Um estudo histórico da Congregação dos Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960. 2001. Dissertação (Mestrado em Teologia).	Luterana
SOUZA, Carmen Zeli de Vargas Gil de. No tecer da vida, a juventude; no tecer da juventude, a vida : práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha, em grupos de música e religião. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação).	Católica
SOFIATI, Flávio Munhoz. Jovens e movimento : o processo de formação da pastoral da juventude no Brasil. 2004. Dissertação (Mestrado Sociologia da Religião).	Católica
REZENDE, Bruno de Avelar. “Se alguém está em Cristo, nova criatura é” : a espiritualidade que brota da Formação bíblica para jovens. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião).	Católica
MANSKE, George Saliba. Um currículo para formação de lideranças Juvenis na associação crista de moços de Porto Alegre . 2006. Dissertação (Mestrado em Educação).	Sem definição
SILVA, Lourival Rodrigues Da. Juventude, religião e a utopia da "civilização do amor" : estudo de caso das pastorais da juventude do Brasil. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião).	Católica
SANTOS, Ana Luzia. Educação na imprensa católica : as representações do jornal A Defesa sobre a formação da juventude (1961-1969). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação).	Católica
TEIXEIRA, Carmem Lucia. O grupo de jovens : espaço de formação da identidade política. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião).	Católica

PERONDI, Mauricio. Jovens da Pastoral da Juventude : aprendizados na experiência. 2008. Dissertação (Mestrado em educação).	Católica
ALVES, Maria de Fátima Paz. Um/Uma jovem separado no mundo : igreja juventude e sexualidade na perspectiva de jovens da assembleia de Deus em Recife- PE. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia).	Evangélica
ANDRADE, Fernanda Maria Arruda dos Santos. Identidade e Religião: uma análise da construção da identidade religiosa juvenil. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião).	Mista
SILVA, Valberth Veras Da. Religiosidade Juvenil em Movimento : Um estudo de caso Batista regular. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais),	Evangélica
SOFIATI, Flávio Munhoz. Religião e juventude : os jovens carismáticos. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia)	Católica
SILVA, Sandra Cristina. Educação de papel : impressoras protestantes educação de mulheres. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação).	Evangélica
SILVA, Cristiane Gonçalves Da. Sexualidade, conjugalidade e direitos entre jovens religiosos da região metropolitana de São Paulo . 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Social).	Mista
GOULART, Denise Alessandra. Religião Juventude e trabalho social : processos identitários na agência missionária evangélica Jocum. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).	Evangélica
PINHEIRO, Viviane Potenza. Integração e regulação de valores e sentimentos nos projetos de vida de jovens : um estudo na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento. 2013. Tese (Doutorado em Educação).	Sem definição
HELFENSTEIN, Janaina Cristiane da Silva. Entre a vida comunitária e a vida conjugal : a composição das famílias luteranas de Imbituva, Paraná., 2014. Dissertação (Mestrado em História).	Luterana
VIEIRA, Patrícia Machado. Psiu Fermento! Pastoral da juventude e imprensa estudantil nos anos 1980-1890. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação).	Católica
VICTORIA, Claudio Gomes Da. Comunidade, escola e juventude : navegando pela História oral de vida de jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas. 2015. Tese (Doutorado em Educação).	Mista
FREITAS, Sandro Soares Ramos de. “Saber ser homem” : a construção da masculinidade entre jovens Presbiterianos / Sandro Soares Ramos de Freitas. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia).	Evangélica
VIDAL, Elisa da Silva. Os valores religiosos e seus desdobramentos no cotidiano dos jovens . 2016. Dissertação (Mestrado em Serviço Social).	Mista

OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. Juventude, religião e conflitos geracionais : entre o discurso institucional e a prática religiosa de jovens pentecostais da assembleia de Deus em Goiânia. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais).	Evangélica
CARDOSO, Brunna Dias. Religião, juventude e sexualidade : a recepção dos discursos papais no grupo de oração semeador. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).	Católica
ROCHA, Rita de Cassia Luiz Da. Manuais de Civilidade e Educação : “A Conduta da juventude feminina” de Sophie Christ. 2018. Tese (Doutorado em Educação)	Católica

Quadro elaborado pelo autor.

Anexo 2

Roteiro da entrevista sobre o uso da revista “O jovem Luterano”.

Entrevistado (a): _____

Idade: _____

Endereço: _____

01) Fale um pouco sobre a sua origem;

- a) Família;
- b) Quando e onde nasceu;
- c) Onde foi batizado?
- d) Onde estudou? escola confessional ou pública?
- e) Quando e onde se confirmou?

02) Você participou de alguma União Juvenil?

- a) Ocupou algum cargo na diretoria da Juventude?
- b) Quais tipos de atividades eram desenvolvidos em sua juventude?
- c) Quais materiais eram utilizados?

03) Sobre a revista o “jovem Luterano”:

- a) Você assinava a revista?
- b) Em que momento você lia a revista?
- c) O que você mais gostava na revista?
- d) Você buscava seguir as orientações da revista?

05) A revista era utilizada nas reuniões de jovens?

- a) Como ela era usada?
- b) As atividades propostas pela revista eram realizadas em reunião?
- c) Os jovens seguiam as orientações da revista?

06) Com relação aos relatórios das atividades das Uniões Juvenis que eram publicados na revista:

- a) Sua juventude enviava?
- b) Como ele era feito?
- c) O que vocês priorizavam colocar no relatório?
- d) Havia acontecimentos que eram omitidos?

07) Sobre os divertimentos:

- a) Os jovens da sua juventude seguiam as orientações da revista sobre os divertimentos?
- b) De que tipos de atividades recreativas e sociais você costumava participar?
- c) Existiam jovens da sua juventude que frequentavam eventos sociais não recomendados pela Igreja segundo orientações da revista?

08) Onde você conheceu o seu cônjuge?

09) Qual a importância que a União Juvenil teve para a sua formação?

10) A Revista O Jovem Luterano teve alguma influência na sua formação? Em que sentido?

11) Tens alguma consideração complementar?